1954

AGOSTO - N. 447

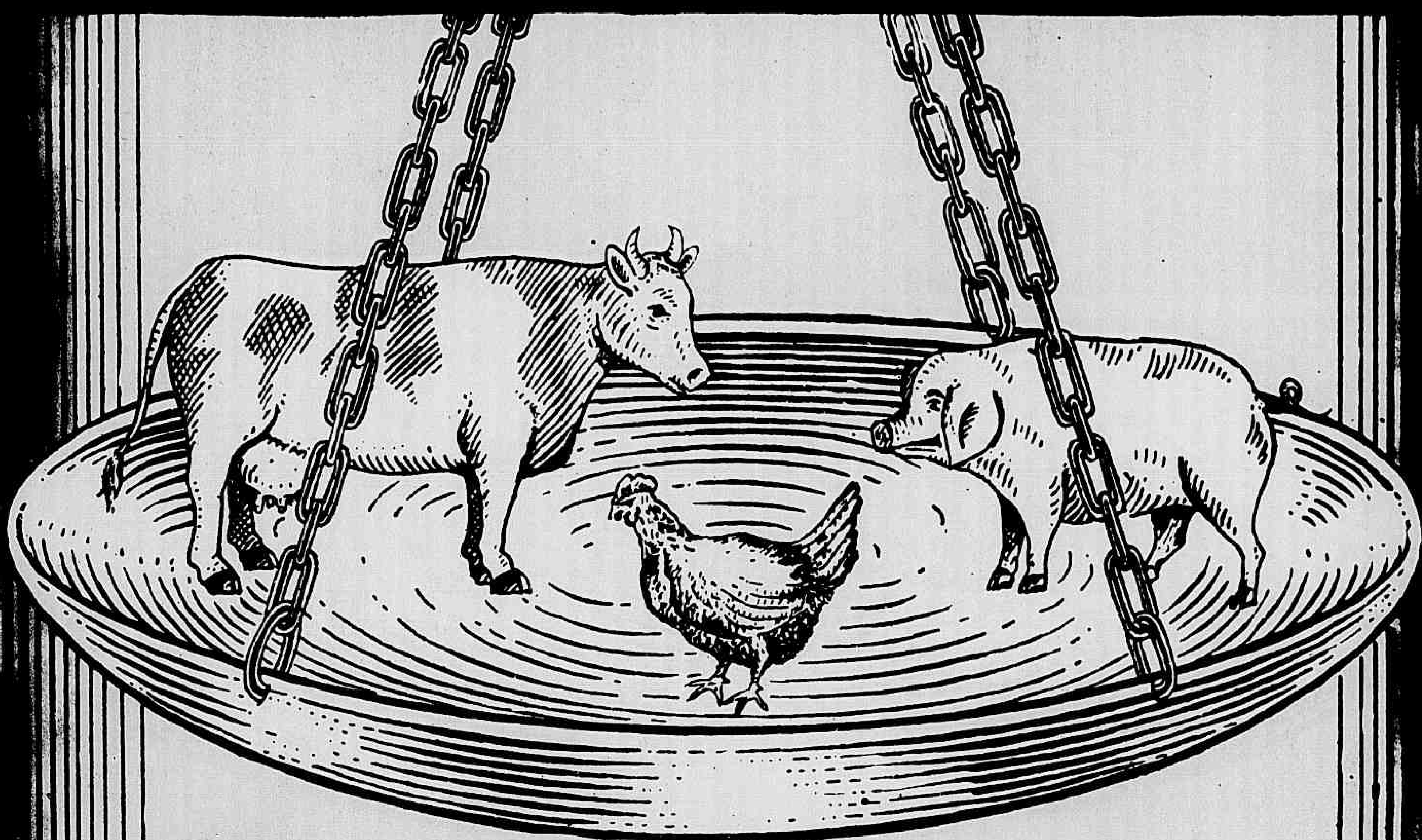
EU SEI TUDO



TODOS SOMOS HOMEM . . . E MULHER ★ O GUIGNOL E AS MARIONETES ★ SIM VOCÊ TEM COLESTEROL (MAS NÃO SE ASSUSTE!) ★ DEVEMOS SER COBAIAS?







DEVOLVENDO ao dono o seu pêso em OURO!



TORTA COMPLETA N.º 1

Para vacas leiteiras, cabras e coelhos

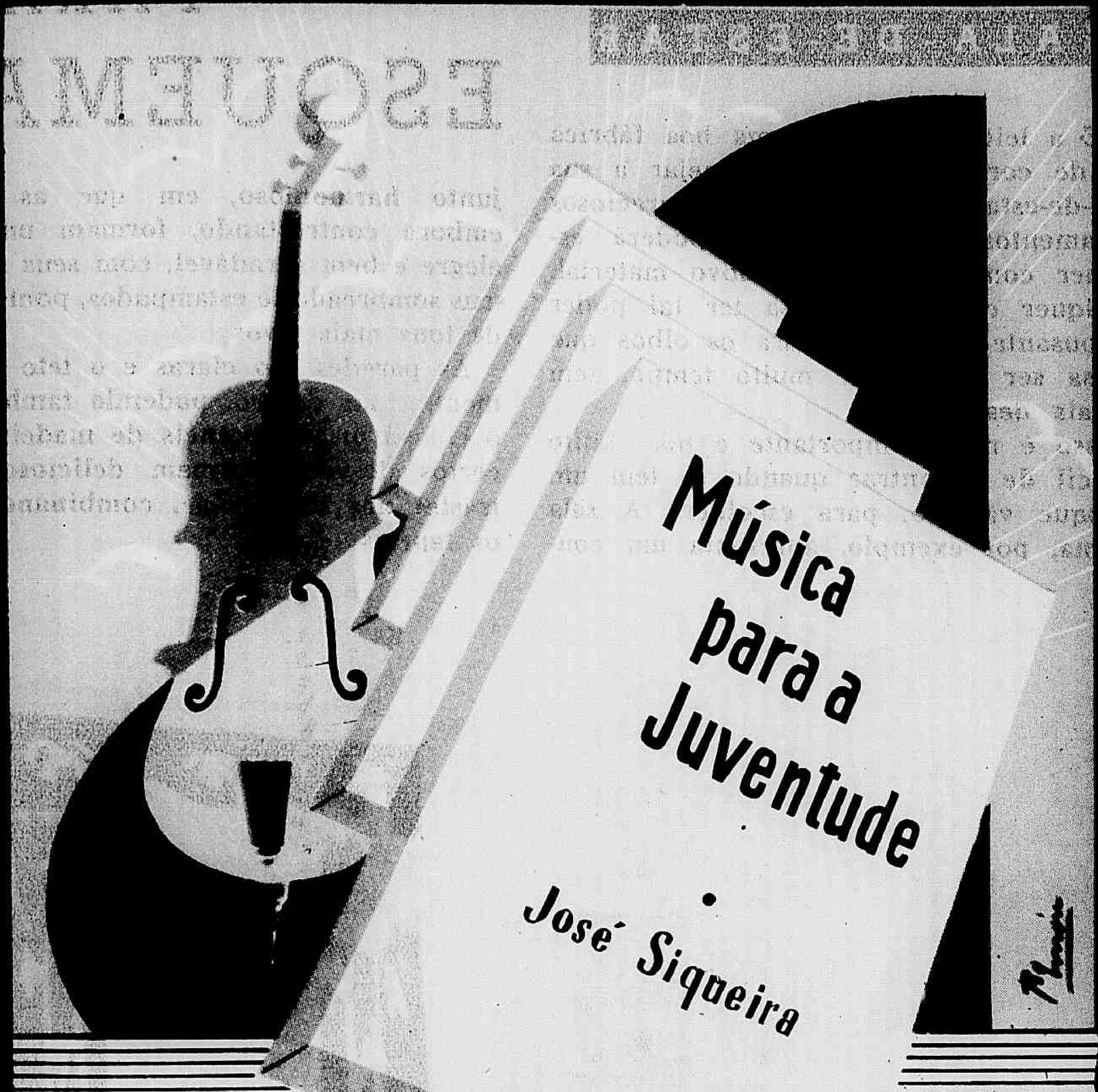
TORTA COMPLETA N.º 2

Para porcos de açougue

TORTA COMPLETA N.º 3

Para galinhas poedeiras.

ANIMAIS SADIOS
BONS PRODUTOS
BOM RENDIMENTO



JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de "MÚSICA PARA A JUVENTUDE", obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia", "Canto Dado em XIV Lições", "Curso de Instrumentação", "Modulação Passageira", "Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"** está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração** e **Banda de Música**. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 210,00

Pedidos a Rosa Paula Machado:

Av. Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856

RIO DE JANEIRO

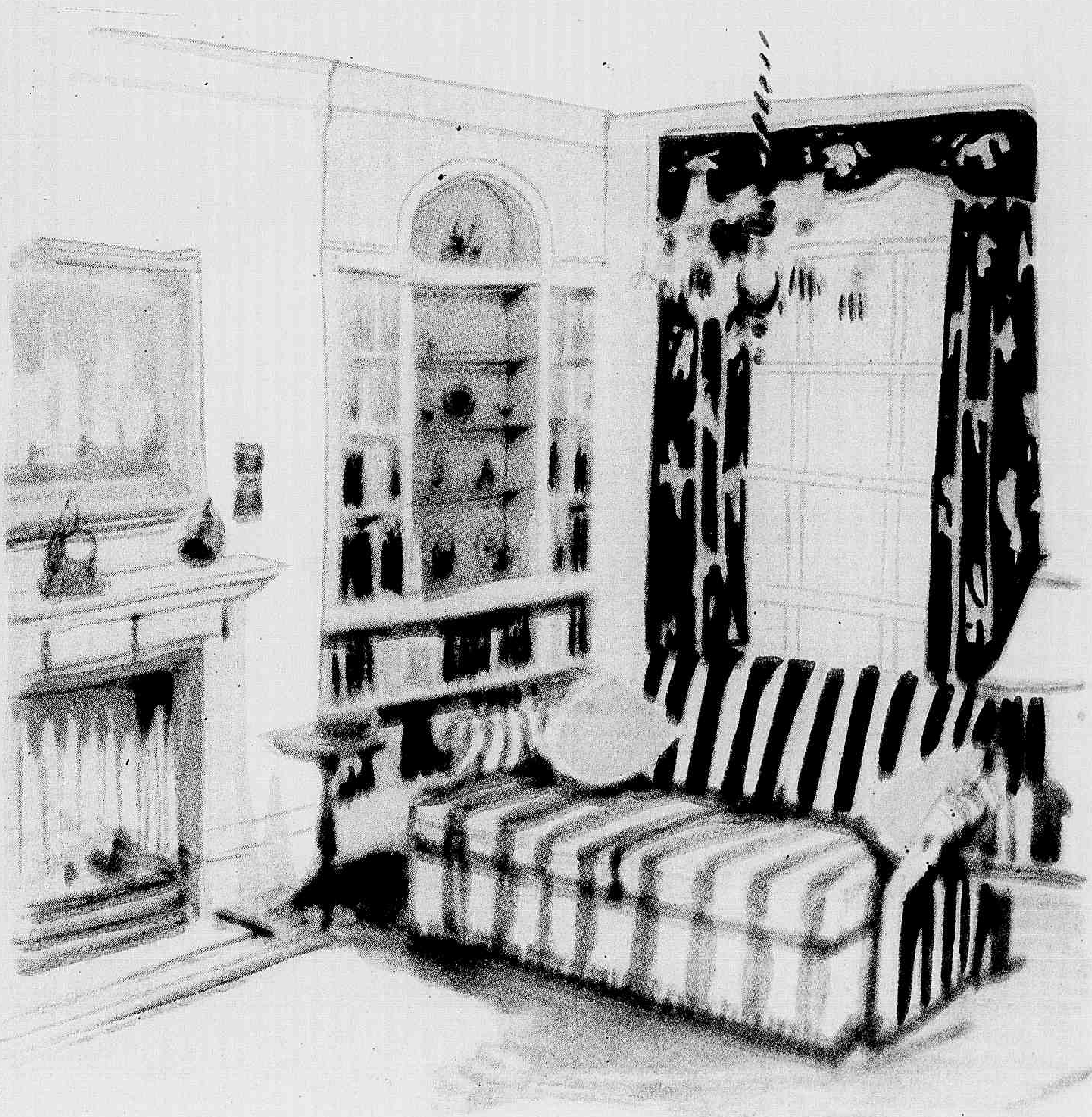
PARA O ESQUEMAS

SALA DE ESTAR

SE a leitora conhece uma boa fábrica de cortinas, procure planejar a sua sala-de-estar, com base nesses preciosos ornamentos. Para começar poderá escolher com vagar algum novo material, qualquer coisa que possa ter tal poder repousante ou alegre para os olhos que possa ser usada por muito tempo, sem jamais desgostar.

Isso é muito importante e não muito difícil de encontrar quando se tem um estoque variado, para escolher. A sala acima, por exemplo, apresenta um conjunto harmonioso, em que as côres, embora contrastando, formam um todo alegre e bem agradável, com seus florões, seus sombreados e estampados, pontilhados de tons mais vivos.

As paredes são claras e o teto ligeiramente mais escuro, podendo também ser o contrário. Os painéis de madeiras, em certos desvãos, formam deliciosos contrastes nos tons beige, combinando com os tapêtes.



SEU LAR DE CÔRES

ENTRADA

A porta de entrada, quando é aberta, dá a impressão que perdura no visitante. Por isso mesmo, da entrada devemos cuidar com grande empenho e um pouquinho mais de coragem.

Nós, que a cruzamos todos os dias, não guardamos tanto êsses detalhes. Mas é necessário lembrar que para as visitas isto importa muito.

Os papéis pintados, que hoje voltam a dominar, apesar do elevado preço, podem modificar para melhor. Mas a pintura, bem estudada, realiza verdadeiros milagres. Além do mais, a entrada deve surgir como um grito de "boas-vindas", um sorriso acolhedor e uma promessa de confôrto.

Deve ser clara, acima de tudo, sem o recurso da luz artificial. Portanto, uma janela estratègicamente aberta, ainda é o melhor recurso não apenas para alcançar êsse objetivo, como também por ser um grande campo no qual a fantasia pode encontrar os arranjos graciosos.



NOTAVEL!

O ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado









Cr.$ 20,00



1951

1952

1953

1954

BREVEMENTE EM TÔDAS AS BANCAS



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA, Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Publicidade: — J. M. Costa Júnior, L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nobrega. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, tel.: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

CARTA DE UMA FÃ

Conto de STANLEY ELLIN

ATÉ ao momento em que êle retirou a carta da caixa postal, aquêle dia havia sido igualzinho aos demais de todos os anos. Normalmente fechava o escritório e fazia a sua caminhada, chovesse ou fizesse sol, até à Quinta Avenida, de onde atravessava para seu pequeno apartamento nas alturas de Central Park West. Ia sempre apressado, cabeça erguida, os ombros largos, olhando algumas vitrinas que lhe chamavam a atenção pela aparência artística. Certas vêzes, alguém, quase sempre uma mulher o fitava com ares de vago reconhecimento, como a fazer esforços para recordar sua pessoa, forçando-o a responder alguma coisa, se a pessoa lhe dirigia a palavra.

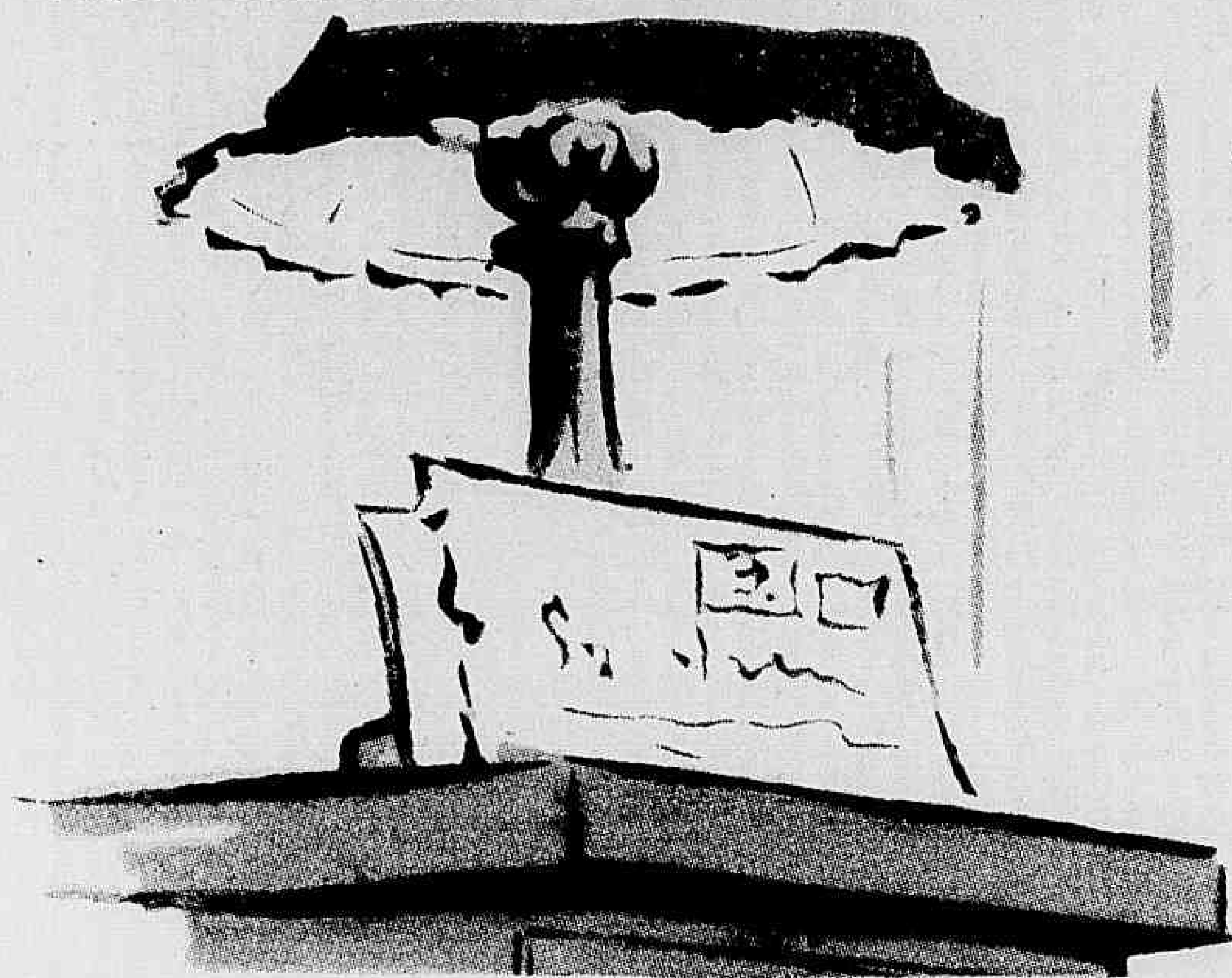
Então, surgia um diálogo assim:

— Desculpe... Mas o senhor é. Owen Thatcher, não é mesmo?

— Sim, sou eu mesmo.

— Reconheci-o logo que o vi! É extraordinário que o senhor não tenha mudado nada nestes longos anos!

E vinham recordações daquelas horríveis dietas, que faziam de cada refeição





uma tortura, com as incômodas sessões no ginásio...

Thatcher apenas esboçava um sorriso e replicava: Muito me alegro por ver que há neste mundo alguém que se l [illegible] de mim. E lá vinham as cit [illegible] filmes em que êle tomar [illegible] Valente Blade" [illegible] Quase sempr [illegible] "Nunc [illegible]

a tôdas as portas, tocando telefone e assinando papéis. Estou fazendo isto há vinte-e-três anos [illegible] prazer, e con- [illegible] a fazê-lo po [illegible] mulh [illegible]



ram uma fita tão boa como "O Infiel", não foi mesmo?" A isto êle respondia: "Bem, isto já passou. É coisa antiga. Estou fora de Hollywood há muito. Os métodos já são outros!"

— É uma vergonha, não acha? Mas, desde que abandonou o cinema, Mr. Thatcher, em que se tem ocupado?

Se êle estava disposto a informar, falava com certa irritação na voz, sêcamente:

— Vendo seguros, minha senhora, batendo

êle mais satisfeito assim do que quando era artista? O próprio Thatcher não sabia.

Não valia a pena recordar por que motivo o estúdio o deixou de lado. Passou a trilhar outros caminhos, como quem anda sôbre precipícios. Que mais poderia acontecer-lhe? Êle já estava despreocupado do que passara no cinema, e não ia pensar mais nisso, até ao instante em que retirou de sua caixa postal, uma carta. Primeiramente, sentiu agradável surprêsa por encontrar carta em sua caixa postal, normalmente vazia, ou, quando muito com alguma conta lá dentro.

Apanhou o envelope e, antes de mais nada, virou-o, procurando ver de onde procedia e quem o missivista. Acomodou a carta com o braço estendido — pois nunca usava óculos fora de casa — e não pôde evitar um choque ao ler o nome do missivista gravado nas costas: — *Continental Films*. Owen Thatcher tinha o hábito de subir as escadas a correr; mas, naquele dia, o seu coração batia muito mais do que era comum. Ao entrar no apartamento parou por uns instantes, a fim de respirar, indo em seguida ao seu bureau, ajeitou a luz e pôs a carta, mui elegantemente, no centro da fôlha de mataborrão. Seus óculos estavam sôbre a cama. Emocionado, limpou bem as lentes com um lenço, ajeitou-o e passou a procurar descobrir algo através do envelope ao clarão da lâmpada. Disposto a ler o conteúdo, sentou-se à secretária. Eram duas, as cartas. A de maior envelope vinha da *Continental Films*.

"Caro Owen.

Creia ou não, aqui incluímos a carta de uma fã, que passamos às suas mãos. Foi endereçada ao escritório de Nova York, andando meio mundo. Mas a *Continental* sempre descobre — e muito ràpidamente — os seus velhos amigos. Em primeiro lugar agradeça-me por isso. Lembrei-me de que você estava dedicando suas atividades ao ramo de seguros, e obtive seu endérêço por intermédio da *Associação de Seguros*. Mas, vamos ao principal. Você está com disponibilidades para dar um vôo até aos estúdios? Não é para coisa lá muito importante, mas sempre servia para atrair importantes resultados. Agora só peço de você o favor de responder-me por telegrama, dizendo se vem ou não. Os arranjos ficarão a meu cargo. Abraços para você, e, se houver alguma Mrs., apresente-lhe minhas lembranças. — (a) Daniel Riordan, vice-presidente."

Owen leu e releu a carta por várias vêzes, murmurando as palavras da mesma para si mesmo. Leu-a também em voz alta, e o seu conteúdo lhe pareceu inacreditável. Mas Owen estava certo de que não se tratava de nenhuma pilhéria, de trote de mau-gôsto. Riordan, embora um homem de bom-humor, não toleraria uma brincadeira como aquela. Não. Aquela carta nada mais era do que um bom contrato.

Owen respirou profundamente e colocou seus óculos na parte superior da carta. Levantou-se e ficou de pé em frente ao espelho como que a examinar-se a si mesmo. O rosto já não era o mesmo; porém sua elegância de corpo continuava a mesma e não se deformara com sinais de obesidade. Sentiu pavor só ao lembrar do que teria sido dêle se não procurasse cuidar-se sempre, devotando o maior cuidado à sua pessoa.

À parede, sob o espelho, lá estava a espada que êle usara em "O Valente Blade". Retirou-a da bainha e fêz esgrima com ela, para diante e para trás, brandindo-a como se estivesse em cena. Seu

punho ainda estava firme e forte como o aço. Provava-se desta forma o valor dos exercícios do Ginásio. Ergueu a espada na posição em que estava numa foto de sua perfórmance e, pelo espelho comparou aquêles dois esgrimistas, o atual já envelhecido e mais calmo, com aquêle outro ardente e audaz, trajado, não como um dos Mosqueteiros, mas como o chefe de todos.

Seu braço se ressentiu um pouco ao fazer aquela esgrima, mas o antigo astro se sentira satisfeito com a forma ainda mantida, recolocando a lâmina na bainha, com energia, como se voltasse de um combate singular. Só então se lembrou da outra carta. A pessoa de Riordan e sua carta haviam tomado o primeiro lugar nas recordações de Owen, porque sua amizade com o atual vice-presidente da "Continental" datava dos tempos em que Owen já era astro e o outro um rapaz dedicado à publicidade.

Certa vez, Riordan se viu a braços com tremendos embaraços com Lily Meredith, tendo sido eficiente e permanentemente amparado por Owen, terminando as complicações em paz, ficando Riordan muitíssimo agradecido à lealdade e dedicação do amigo. Daquele momento em diante vivia Riordan à espera de ser útil a Owen; mas nada surgia para que êle pudesse demonstrar sua eterna gratidão.

Foi então que veio a novidade do filme falado. Owen não pôde manter-se na tela em virtude de sua inflexão de voz e outras particularidades negativas para com a nova técnica. E deixou a profissão, abraçando o agenciamento de seguros. Tinha algumas economias, não tão importantes como pensava o vulgo. Não deixava de ser doloroso para um astro o encontrar-se com outras *velhas caras* do cinema expulsas dos estúdios pelos aparelhos de som; mas assim era preciso e êle foi montar escritório em New York. Ao receber aquela carta de Riordan, talvez que lhe passasse pelo espírito a volta dêle em novos elencos.

Só aí tomou Owen a carta do ainda desconhecido fã e a abriu. Sua letra era um tanto garatujada; mas denotava mão feminina:

"Caros senhores:

Ontem, durante uma aula de dramas modernos em meu colégio, tive ocasião de ver dois filmes mudos produzidos por essa emprêsa, "Quicksilver" e "O Valente Blade", estrêlados por Owen Tratcher.

Julgo que a perfórmance de Mr. Thatcher em tais filmes é a mais memorável de quantas tenho visto no cinema, pelo que desejei escrever-lhe pessoalmente; como não tenho o seu enderêço, venho



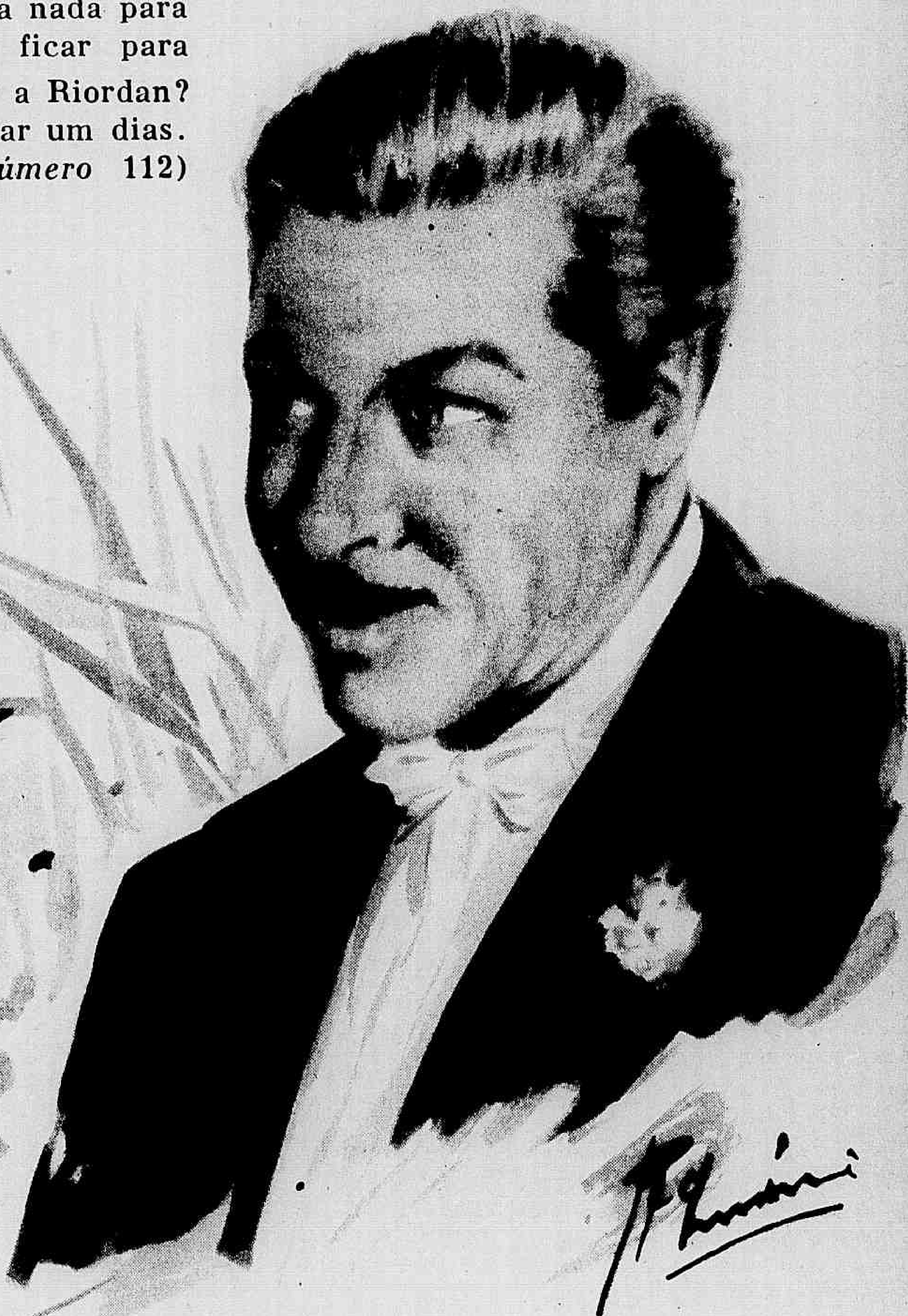
comparado, palavra por palavra, com milhares de outras que êle recebera e empilhara em seu camarim, muitos anos antes de Carol ter nascido. Era êle então um jovem cheio de ilusões da adolescência. E êle a ver, mentalmente, aquela jovem estudante, sentada à secretária a escrever-lhe cartas lisonjeiras, com um fundo de invencível paixão.

Isso constituía, inegàvelmente, uma cena cômica. Mas, ridícula ou não, a senhorita Carol estava a operar um milagre no ser do velho astro do cinema silencioso. E começou a dar passeios pelo quarto, com certa excitação. Havia uma dúzia de detalhes a coordenar mentalmente. Mas, e os seus negócios? Não havia nada para fazer imediatamente. Podia ficar para o *amanhã*. Deveria telegrafar a Riordan? Não. Era melhor deixar passar um dias.

(*Continua na página número* 112)

pela presente solicitar-lhes a fineza de fornecer-se o atual endereço do astro. Poderão os senhores fazer-me êste favor? Muito obrigada. (a) *Carol Vaughn*."

Owen fêz alguns cálculos mentalmente. "Quicksilver" fôra o primeiro filme que fizera para a "Continental", havia uns trinta anos! "O Valente Blade", tinha sido a primeira produção de Herzog para a "Continental", já há uns bons vinte e cinco janeiros. Que idade teria Carol Vaughn? Dezesseis. Ou dezessete, talvez. Owen teve vontade de rir, ao pensar nisso. Mas uma coisa não mudara. O segundo parágrafo constante dessa missiva podia ser



NEM TUDO ERA MAU

TENDO ido passar algumas semanas em sua residência de verão, o rei Gustavo, da Suécia, passeava pelos campos em redor. Duas meninas cruzaram pelo soberano e não esconderam sua emoção.

— Oh! — exclamou uma delas. — Como êle está velho e enrugado.

O monarca logo se volta e, sorrindo:

— Tem razão, minha filha — disse êle — mas o ouvido ainda está bom.



MUITO TRABALHO

GEORGE Carpentier, o ex-campeão europeu de todos os pesos e que foi derrotado por Dempsey, ao tentar o cetro mundial do boxe, é hoje o abastado proprietário de um restaurante em Paris, em cujo bar se reúnem as celebridades internacionais.

Um dêstes clientes perguntou-lhe, um dia, por que o caviar era tão caro.

— Pois claro! — respondeu Carpentier. — Se um esturjão leva um ano inteiro para o fabricar!



TÔDA mulher nasce para ser mãe, para achar o centro de sua vida fora de si mesma, entre outros sêres humanos que dependem de seu cuidado carinhoso. Não é mister que realize a sua maternidade fìsicamente, mas importa que saiba realizá-la espiritualmente, para cumprir sua missão e achar a sua verdadeira felicidade. A mulher o é em tôda a extensão da palavra quando, absorta em servir aos sêres que a rodeiam, esquece por completo o seu ser pessoal. Foi criada para ser o coração do lar, o centro de luz e de carinho, e do bem-estar físico e espiritual da família. — **Janet Valvern**

ACEITA UM CHEQUE?



A. H. Andrews tinha grande apetite e apenas um cheque ao portador, no valor de dez dólares. Por esta soma qualquer pessoa, até mesmo no Rio de Janeiro, pode comprar muita coisa numa mercearia. Mas o fato ocorreu em Miami e o cheque era contra um banco de Filadélfia.

Andrews entrou no armazém situado na esquina da Sétima Avenida com a rua 79.

— Estou em viagem de recreio — disse êle ao proprietário da loja — e tenho comigo, no momento, apenas um cheque de dez dólares. O senhor o aceita?

— Aceito, sim. Pode escolher as mercadorias à vontade...

Vinte e cinco minutos depois, Andrews colocava um cêsto cheio de mercadorias no balcão, diante do proprietário. O total de suas compras andava pela casa dos nove dólares e meio. Tudo da melhor qualidade. Com gesto natural, entregou o cheque ao negociante.

— Qual é o seu enderêço? — perguntou êste último. — O senhor sabe... É uma simples formalidade.

— Moro no 811 da rua 75 — respondeu Andrews.

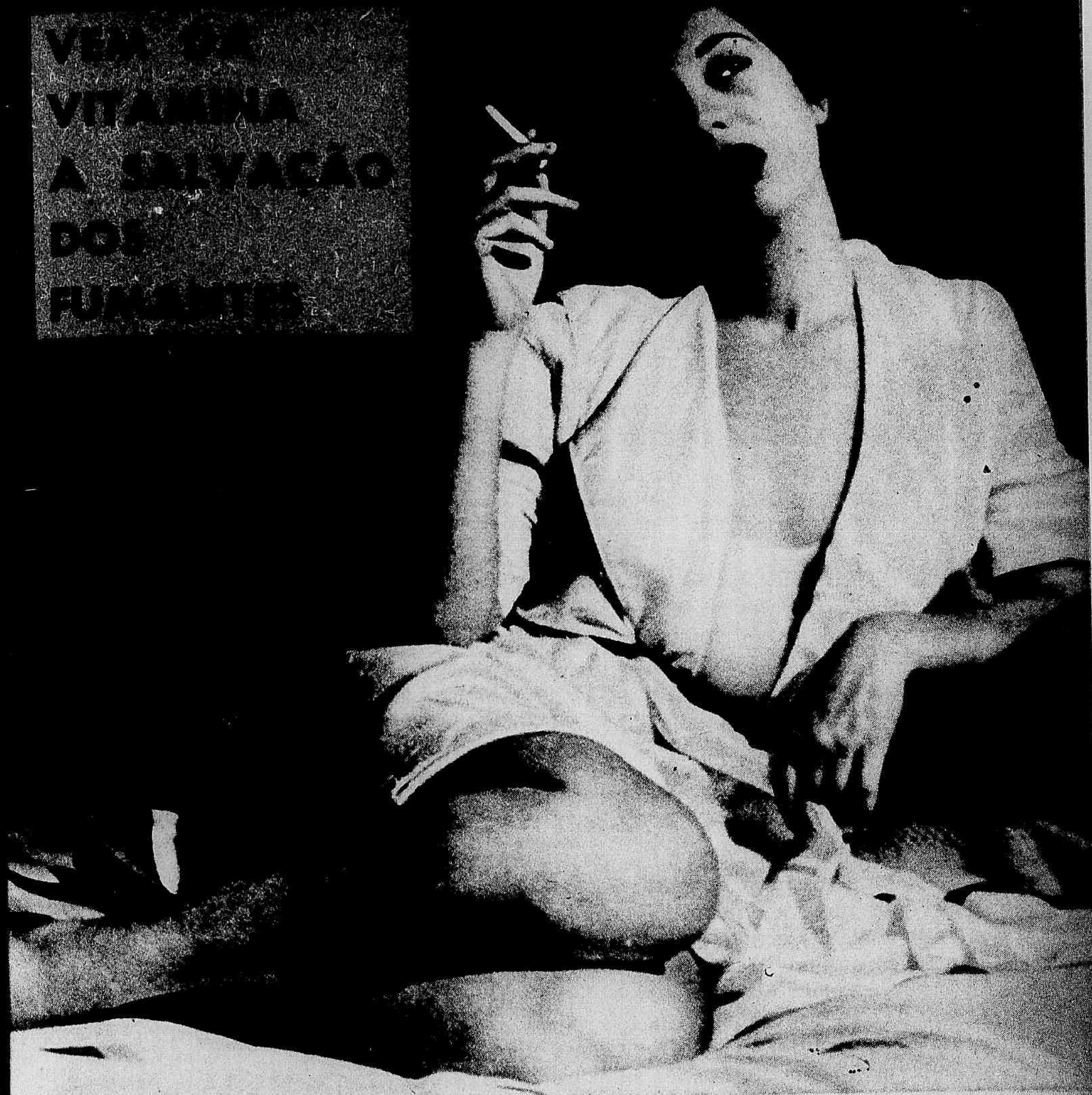
Ouvindo-o, o negociante apertou um pouco mais os olhos, e o lápis tremeu ligeiramente em sua mão.

— Reside ali há muito tempo?

— Não — retorquiu Andrews. — Acabo de me mudar para lá. Comprei a casa há três dias.

— Comprou nada! —explodiu o negociante, saltando o balcão e agarrando Andrews pela gola do paletó. — Ali é onde *eu moro*!

A polícia se encarregou de hospedar o homem do cheque... falso.



[illegible] VITAMINA A SALVAÇÃO DOS FUMANTES

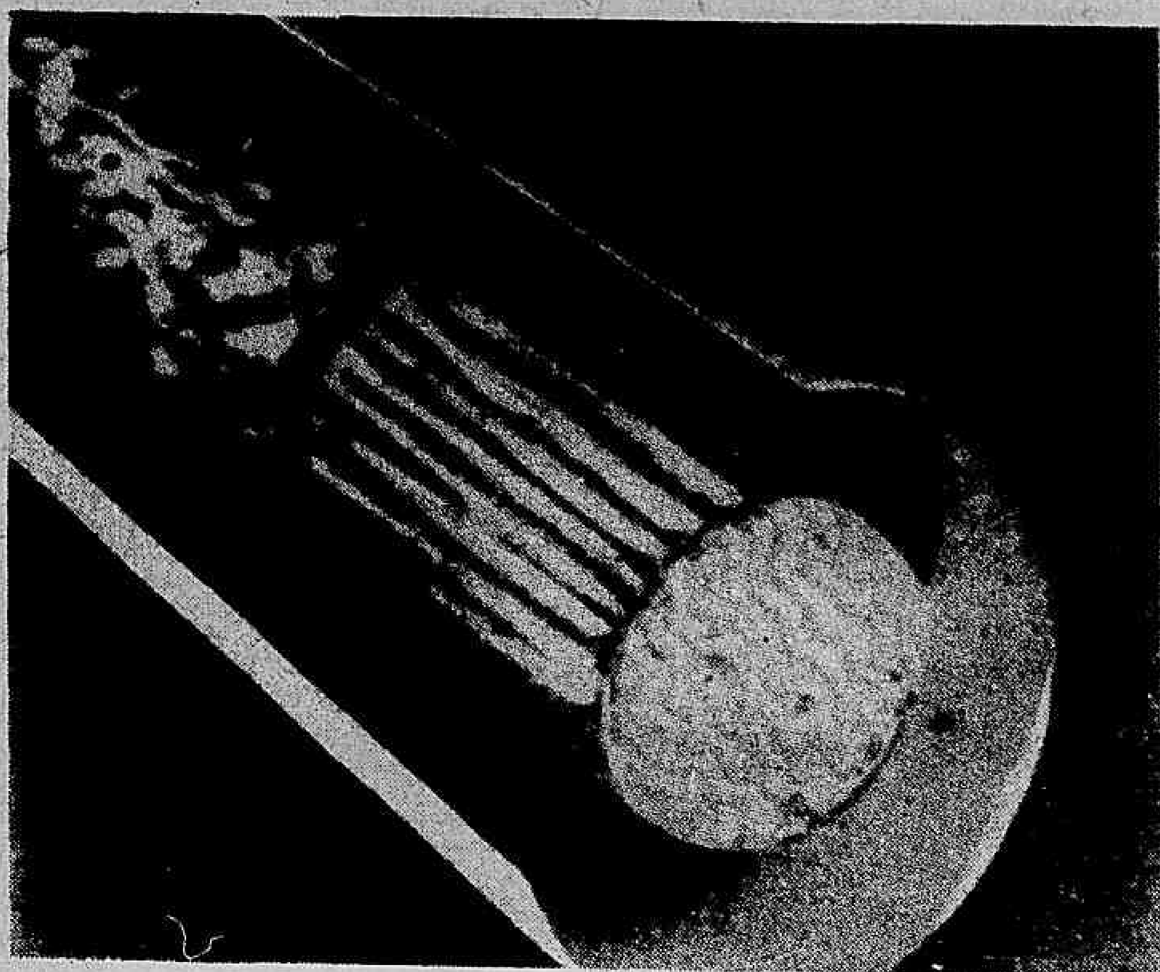
NOVA ARMA DEFENSIVA NA BATALHA DO FUMO. A NOVA POSSIBILIDADE DO ELEMENTO VITAMÍNICO PP PREOCUPA OS INDUSTRIAIS, QUE PROMETEM, DENTRO DE POUCOS MESES, FABRICAR CIGARROS ABSOLUTAMENTE INOFENSIVOS.

A criança chora? Dêem-lhe um cigarro! Pilhéria? Aparentemente, sim; mas é verdade que parece não estar longe o dia em que êsse disparate venha a ser coisa muito normal, após uma verdadeira revolução na indústria do cigarro, que deixará de constituir qualquer ameaça para a nossa saúde.

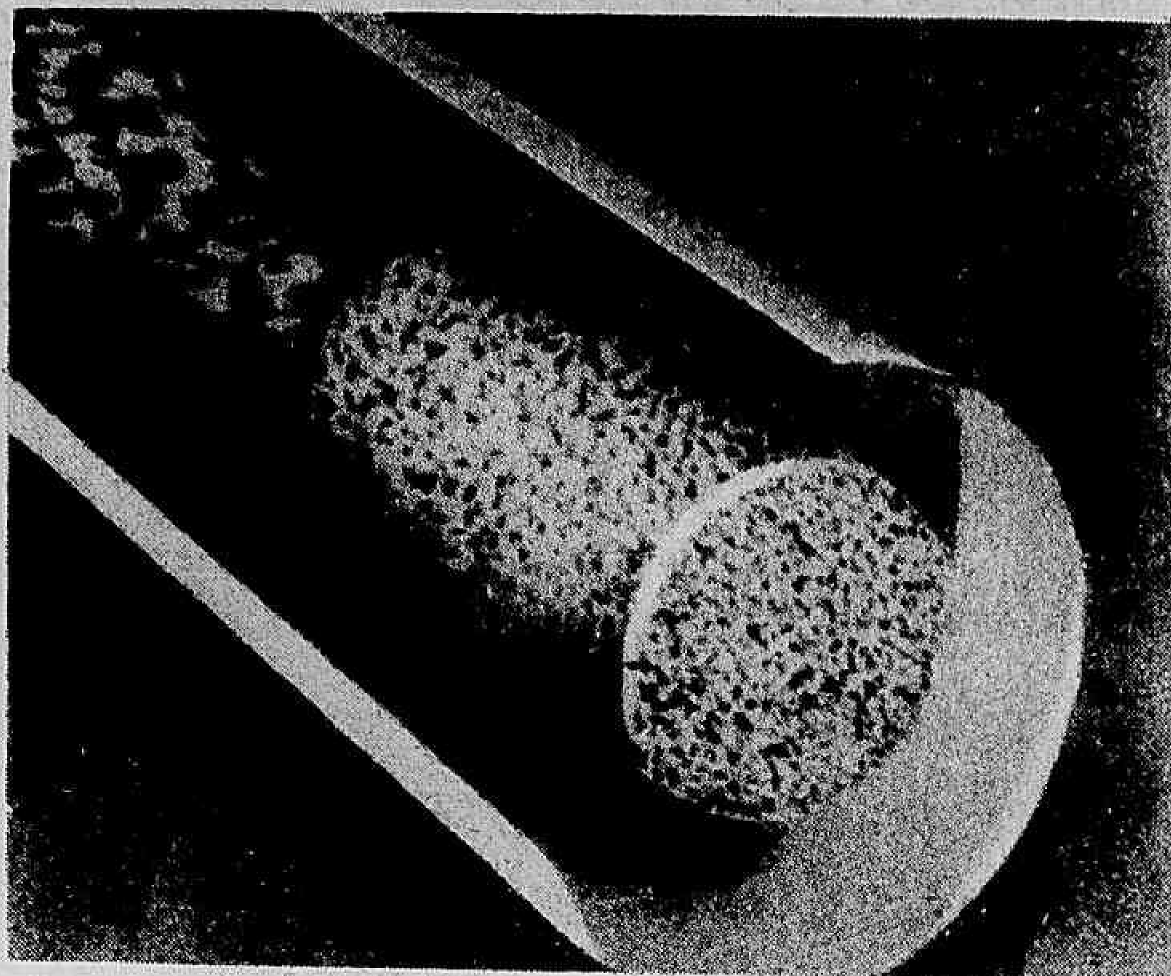
De fato, caso as atuais experiências venham a dar o resultado que parecem prometer, não será nenhum disparate ver o cigarro aceso na bôca de uma criança.

Tudo devido à vitamina PP, um componente da vitamina B, a qual misturada com o fumo será uma garantia contra os males da nicotina.

O primeiro a dar notícia das possibilidades da vitamina PP foi o professor Pierre Steiner, jovem cientista de Genebra, que há anos se vem preocupando



Modêlo de filtro para cigarro composto de «alpha celulose», já à venda na América do Norte. Tem um notabilíssimo poder de absorção da nocotina.



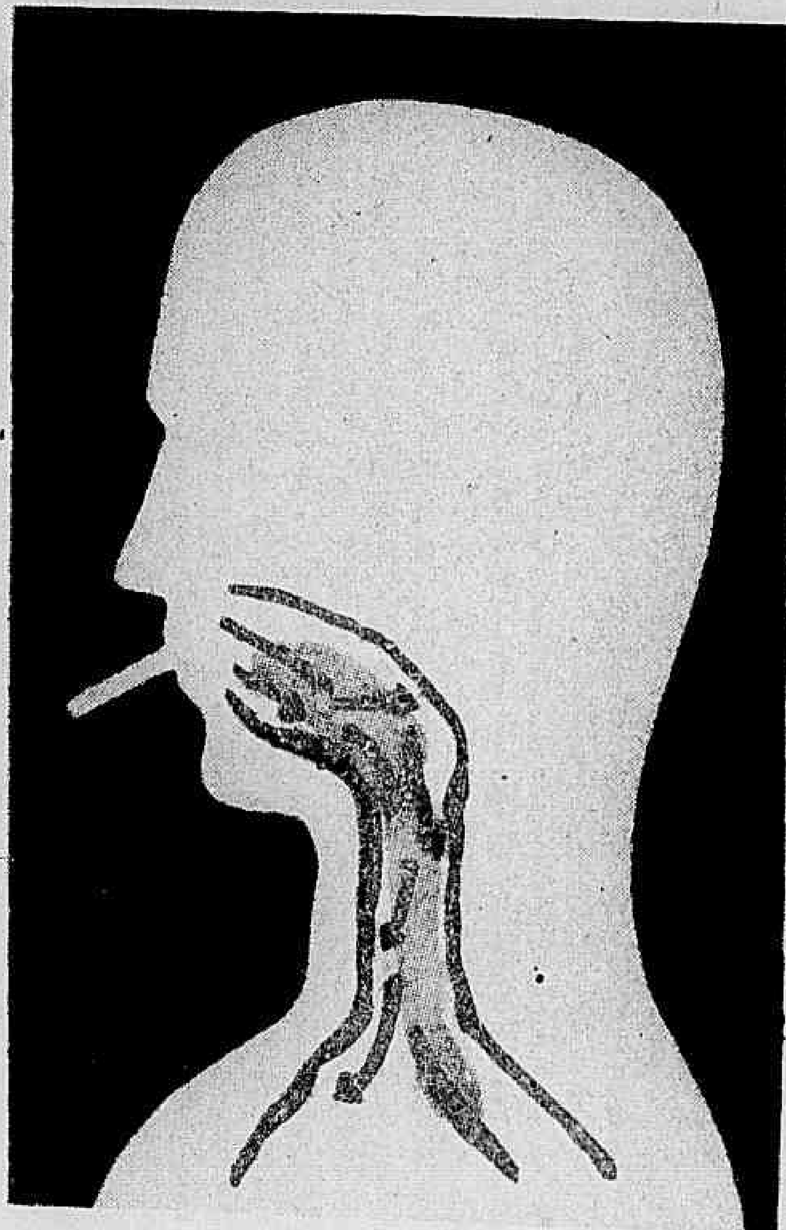
Filtro de «micronite», ora aplicado a algumas marcas estrangeiras, é fabricado com um mineral descoberto na Líbia. É o mais seguro entre os filtros hoje usados.

com os efeitos do fumo no organismo e ansioso, como tantos outros milhares de colegas, por encontrar algum recurso contra a ação perniciosa da nicotina e do sarro.

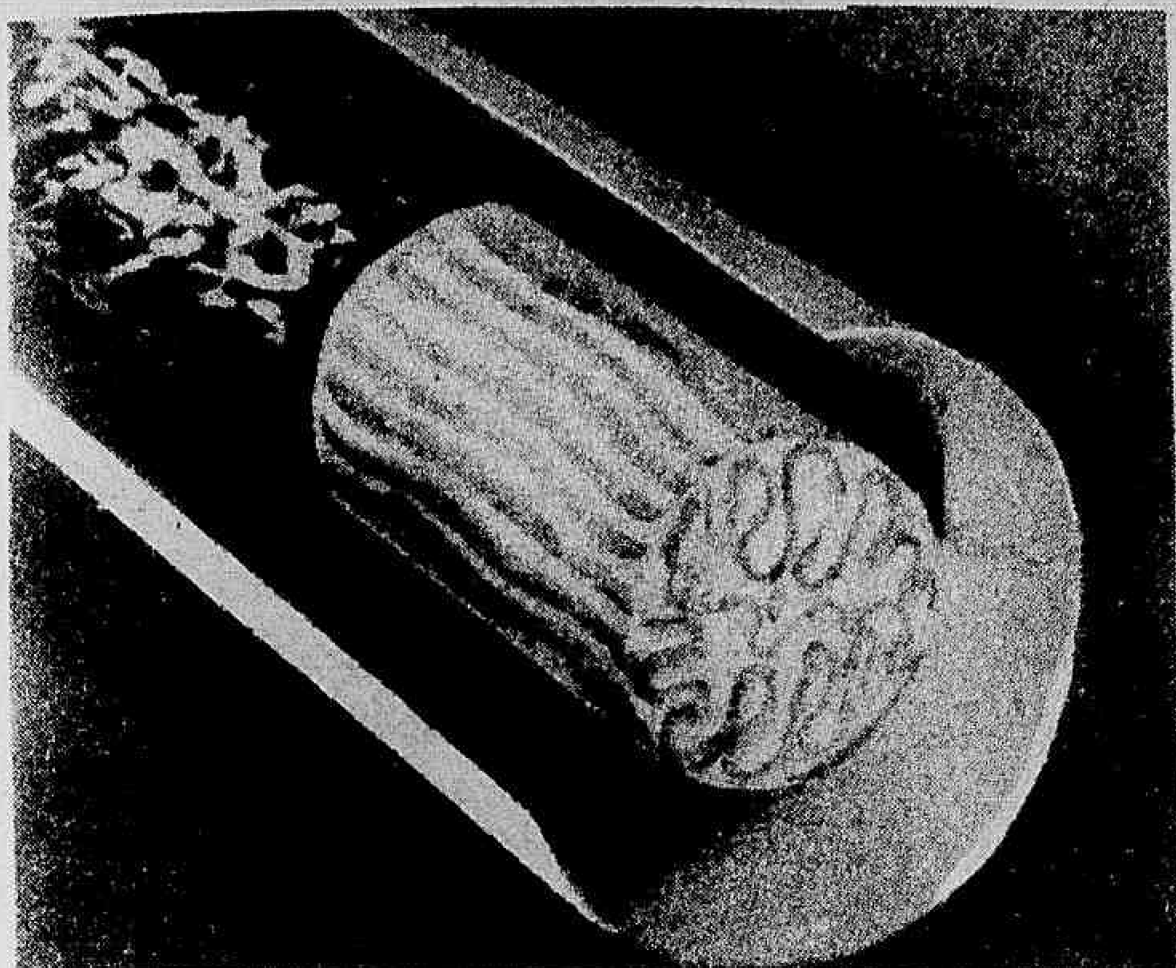
Não ignorava o jovem cientista os resultados dos trabalhos dos professôres Wynder e Graham, de Saint Louis, Estados Unidos. Mais impressionado ficou ao saber, mais recentemente, das estreitas relações do fumo com o câncer pulmonar, o que foi revelado por aquêles dois cientistas norte-americanos, que, após profundo exame do tórax de oitenta e um indivíduos, todos fumantes, puderam descobrir trinta e seis casos de câncer, provocados pelo sarro do fumo, motivando assim verdadeiro pânico entre os viciados, em todo o mundo, e provocando susto não menor no mundo dos fabricantes de cigarros.

O pânico do câncer do fumante, sob a legenda de "bomba de Wynder e Graham", manifestou-se sob diversas formas. Os fumantes, imediatamente, passaram a fumar menos. Os que fumavam quarenta cigarros, passaram a fumar trinta ou vinte e os que antes fumavam vinte passaram a fumar dez. Deixar de fumar, porém, é que não puderam mesmo! Eis por que os grandes fabricantes, sentindo um pouco a queda das vendas, não se alarmaram muito, contando com o aumento diário dos "novos fumantes" e com o crescente aumento do número de mulheres que fumam.

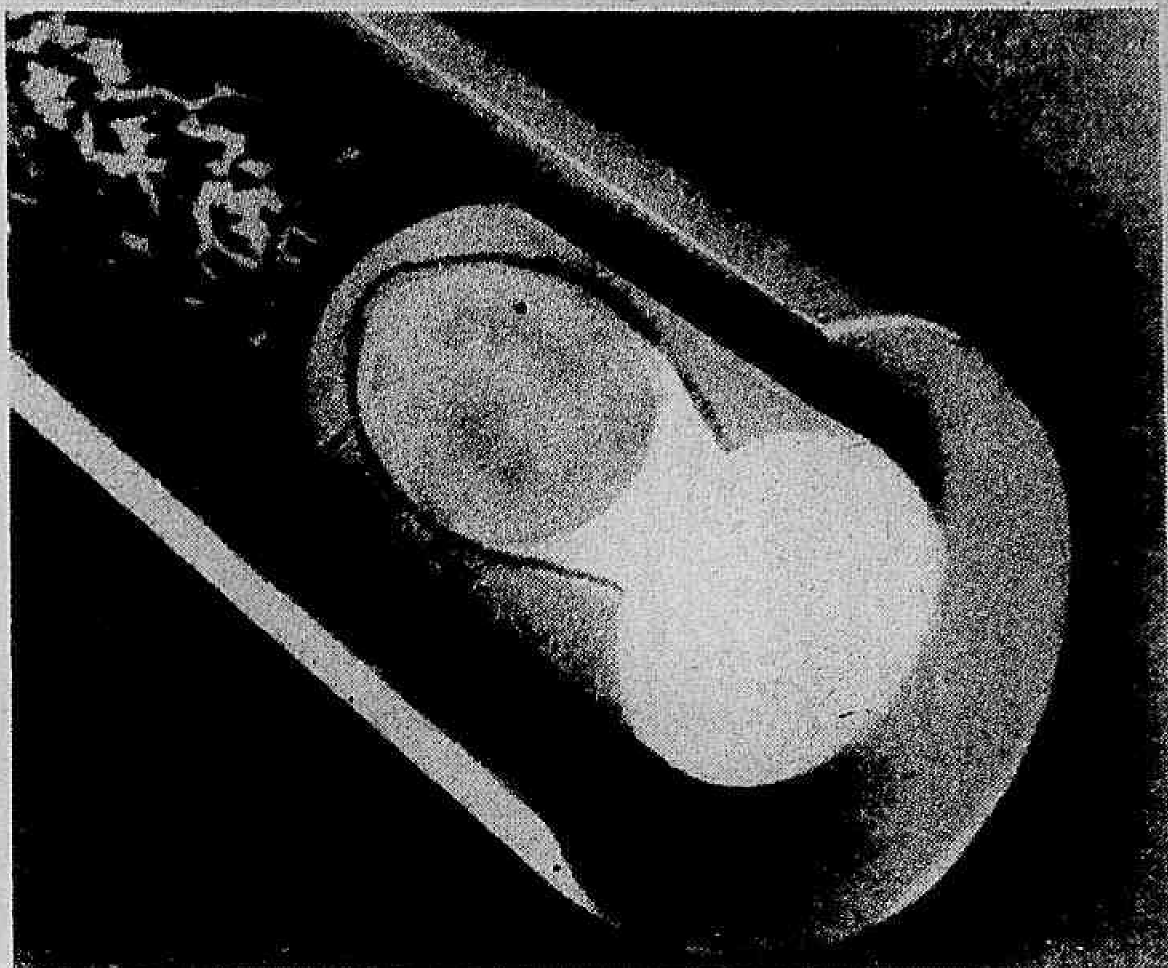
Nos Estados Unidos e na Inglaterra, entretanto, os industriais do fumo trataram de reagir, a fim de enfrentar a propaganda antifumo iniciada pelos homens de ciência. Para tanto se reuniram numa só caixa, a fim de financiar, segundo honestamente anunciaram, um centro de estudos do câncer pulmonar, esperando com isso poder em pouco tempo absolver o fumo da acusação de "assassínio" e apontar como única e verdadeira culpada e responsável direta pelo câncer a atmosfera fumosa, densa de gases tóxicos, própria das grandes cidades e dos centros fabris. E — devemos reconhecer — nisto os fabricantes de cigarros têm como aliados muitos cientistas inglêses e alemães. Com tudo isso, o pânico cresceu, já agora vendo aumentado o número de ameaças, representadas por



Três tipos de cigarros, três diversos deixa traço visível de catrame e de À direita, o cigarro com a vitamina PP.



Confeccionado com rayon, o filtro ao cigarro Viceroy (inglês) oferece muitas vantagens higiênicas, sem alterar o aroma e o sabor. É muito eficiente.



Experimentado, a princípio um laboratório e agora em várias marcas estrangeiras, o filtro de bambogia (composto de celulose) não derrama o fumo. Eficiente.

inimigos variados e até pouco antes insuspeitados. Governos, instituições e laboratórios mobilizaram os seus especialistas e hoje são raros os centros de pesquisas em que não se realizem, ao menos na escala mínima, estudos sôbre êsse problema experimental do fumo.

O professor Steiner, de Genebra, é um dos que mais entusiàsticamente se dedicaram ao assunto e, ao mesmo tempo, aquêle que maiores progressos alcançou no objetivo de encontrar recursos capazes de anular os malefícios do cigarro.

A sua arma contra o fumo se chama, como já dissemos, vitamina PP. Embora possa parecer legenda política, o descobrimento do cientista suíço — se podemos chamá-lo de descobrimento e não simplesmente de esperança — é, realmente, um recurso engenhoso. — "O fumo é, realmente, nocivo — afirma Steiner — e seus danos atingem, por assim dizer, tôdas as partes do corpo humano. Ora, associando-se o fumo a um elemento reconhecidamente benéfico, talvez venha a ser possível anular positivamente e desde o início a ação maléfica da nicotina e até — o que é mesmo mais importante — do sarro produzido pelo fumo. Na sua opinião, com êsse tratamento do fumo, desaparece totalmente a ameaça de degeneração dos tecidos na artéria, não há mais perigo de acidez do estômago, o cérebro não se turva, o indivíduo não sofre tonteiras, nem dificuldade de respirar.

Acima de tudo, o perigo de câncer fica definitivamente afastado.





efeitos da nicotina sôbre as vias respiratórias. À esquerda, o cigarro normal nicotina. Ao centro, o cigarro dotado de um filtro se revela menos perigoso. que é inócua, não forma depósito na cavidade oral, nem nas vias respiratórias.



O professor Steiner examina o efeito do fumo de um cigarro tratado com a vitamina PP, fumado por sua assistente. Muitos fabricantes de cigarros (principalmente inglêses) estão em contacto com Pierre Steiner, a fim de revolucionar, com fins sanitários, a composição da mescla de fumo.

— "A vitamina PP tudo pode! — afirma Steiner. — Resiste muito bem à combustão e, misturando-a ao fumo, êste se tornará saudável sem perder suas características particulares, tão apreciadas pelos fumantes."



ATÉ recentemente, a experiência de Steiner parecia destinada a ser apenas mais um sinal da luta contra o câncer; o professor havia mesmo declarado ser cientista e não um fabricante de cigarros. Hoje, porém, o grande matrimônio da vitamina PP com o fumo parece ser coisa iminente.

As últimas notícias anunciam que uma famosa fábrica entrou em contacto com Steiner e seus assistentes com o objetivo de iniciar imediatamente a fabricação de uma série dêsses cigarros vitaminados, cujo preço não será elevado. Na Inglaterra, segundo dizem os jornais, o Parlamento está a ponto de votar uma lei tornando obrigatório o uso dessa vitamina em tôdas as marcas de cigarro.

Enquanto isso, depois de abertos os olhos para o perigo do câncer pelo fumo, as fábricas vão fazendo experiências com filtros.

Êsses filtros privam o fumante do prazer de saborear o cigarro? A pergunta, mesmo nesses simples têrmos, exige uma resposta.

O filtro incorporado à piteira é, realmente, o recurso mais *a mão*, para diminuir os malefícios do fumo. Cada fabricante o batiza a seu modo, mas o verdadeiro têrmo para definir o filtro é *gel di silici*". São, realmente, grãos de silice, tratados a fogo muito vivo, perfeitamente desidratados e prontos para absorver qualquer gás, que por êle atravesse.

Acreditam os técnicos que a melhor qualidade pode absorver cêrca de cinquenta por cento de nicotina, mas apresenta, em geral, uma série de inconvenientes. Por exemplo: não oferece ao fumante o aroma completo do cigarro; da mesma forma, deve ser mudado após oito ou nove cigarros!



Tudo sabe a respeito do fumo e seus efeitos o professor Steiner...



O professor Pierre Steiner, no seu laboratório, examina um pó contendo vitamina PP, contida no complexo «B», a misturar com o fumo. As experiências preliminares permitem esperar que o fumante que não pode abandonar o cigarro, fique a salvo dos seus efeitos letais. — «A vitamina PP, combinada com o fumo neutraliza — diz o dr. Steiner — a ação da nicotina e do catrame. Não mais gastrite, não mais dores de cabeça, não mais depressão e — principalmente — não mais o risco de câncer do pulmão, de origem tabágica». O otimismo do professor é seguido atentamente pelos industriais, que pensam lançar no mercado mundial, dentro de muito pouco tempo, novos tipos de cigarros fabricados com a vitamina PP.

Os outros filtros, os que são incorporados aos próprios cigarros e destinados a filtrar apenas o mal de um pequeno cilindro de fumo, foi aceito com entusiasmo, sendo hoje profusamente fabricados. Os mais comuns — e já em uso nos últimos vinte ou vinte e dois anos, e sem dúvida econômicos — outra coisa não são que um cartão poroso, que age como um filtrono, êste oportunamente tratado e colocado numa das extremidades do cigarro. Apesar disso, anula apenas o quinze por cento da nicotina, mas, em compensação, no dizer dos fumantes renitentes, não compromete sensìvelmente o "gôsto" da mistura.

Recentes experiências, realizadas por um grupo de cientistas contratados pela grande fábrica norte-americana de cigarros Liggett e Myers, redundaram na apresentação da *alpha celulose*. Traduzido simplesmente em celulose-alfa, significando uma celulose solúvel em soda, êsse elemento se revelou excelente de um deter-

minado ponto de vista. A absorção da nicotina pode chegar aos trinta e cinco por cento e, embora os leitores não se devam deixar impressionar pelos anúncios em que lindas atrizes do cinema, como Rosalind Russell e Marilyn Monroe, dizem maravilhas dêsse recurso, temos que reconhecer que os cigarros "L & M" entram, realmente, no grupo dos menos nocivos do mercado internacional.

Os cigarros "Parliament", com entretela no filtro, protegendo-o e aumentando seu poder de filtragem, atinge os mesmos bons resultados que o precedente.

Contra essas duas marcas, combate tenazmente, o cigarro "Viceroy", igualmente norte-americano. São, êstes, mais longos e dotados de um filtro fabricado com *rayon*, o qual "satisfaz plenamente, quanto à proteção e ao sabor" — segundo rezam os seus anúncios, igualmente reforçados com retratos de notabilíssimas figuras do cinema e da televisão.

Mas a verdadeira batalha nessa questão de filtro está sendo travada pelo cigarro "Kent" (outra marca que, como a "L & M", a "Viceroy" e a "Parliament", não existe no mercado brasileiro) que se apresenta com o filtro de "micronite" *com exclusividade*. A micronite é um mineral encontrado sobretudo na Líbia. Trata-se de um pó microcristalino que, sendo necessário, pode congregar-se. Um militar norte-americano, durante a campanha da África, encontrou o filtro de uma antiga máscara contra gases, de fabricação alemã, levou-a para um laboratório militar e em breve se soube quão extraordinário era o mineral de que era formado o filtro. Em 1946, uma comissão andou pela Líbia, apanhando micronite em grandes quantidades e o fato não tardou a ser conhecido. Com o mineral se fabricam grandes "coadores", agora instalados na fábrica de Los Alamos, para filtrar tôda a área radioativa. Hoje, a fábrica Kent dispõe de grande quantidade de micronite, com exclusividade e o emprega em seus cigarros, conseguindo assim o filtro quase ideal (o IDEAL, "tout-court", infelizmente, ainda não existe) e capaz de absorver cêrca de oitenta por cento da nicotina, sem comprometer o gôsto do fumo. Os fabricantes proclamam, orgulhosamente, que a micronite detém partículas de nicotina e de sarro até mesmo das dimensões de um décimo de *micron*! E afirma que o fumo chega fresco ao consumidor, qualidade indispensável, essa, para fazer diminuir o perigo.

Há algum outro sistema que não implique o uso de filtros, cartões, algodão, etc., etc., permitindo ao fumante o sabor "cru" do fumo?

Existe, sim, e se chama "king size". É o nome técnico do cigarro comprido (85 milímetros; o normal é o de setenta), que muitas marcas norte-americanas e inglêsas estão adotando. Por um curioso fenômeno, o fumo funciona como filtro excelente, desde que o fumante consuma o cigarro até à metade apenas. Agindo diversamente, o efeito dêsse filtro natural cessa e, ao contrário, o perigo aumenta. A guerra dos filtros continua e a batalha pelo fumo vitaminado está apenas no início. Por isso mesmo, os estudiosos do assunto não cessam de aconselhar:

Apenas dez cigarros por dia!

E acrescentam, já agora:

Juntem um bom filtro; mas, atenção: isso não indica que possam fumar mais de dez cigarros por dia! O ideal, mesmo, seria fumar... à longa distância, para anular os efeitos do fumo!

Aconselham, nada mais, nada menos, que o "narghilé", de otomana memória!



O INCORRIGÍVEL CHURCHILL

FOI Harold Nicholson quem divulgou esta frase de Churchill, no tempo em que ainda não era primeiro ministro.

— Pouco depois de Munich — escreveu Nicholson em obra recente — Robert Cecil e eu fomos visitar Churchill, para com êle discutir a situação internacional. Esta nos parecia péssima e, quando nos despedíamos, Cecil disse a Churchill:

— Por minha parte, estou completamente desesperado. O senhor não está?

Churchill, então, deu uma resposta bem do seu tipo:

— Sim — respondeu, com ar sombrio. — Sinto um despêro indizível. Sinto-me remoçado de vinte anos!

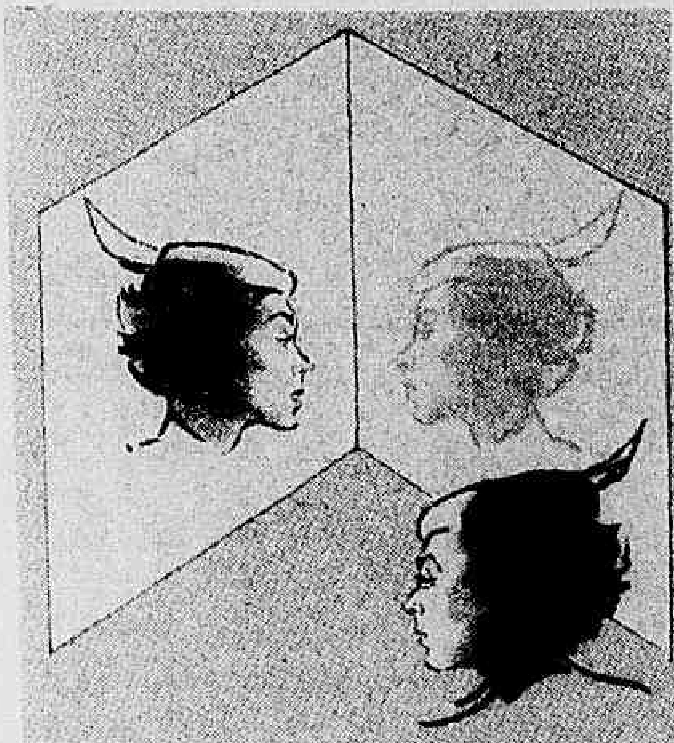


Num espelho ordinário (esquerda, em baixo) a imagem do modêlo é oposta à de sua aparência para as demais pessoas. No «Espelho Real», de Jean Corbeil (ao alto, esquerda), está corretamente invertida.

VEJA-SE... COMO Ê VISTA PELOS OUTROS

O MILAGRE DO "ESPELHO-REAL"

A mulher perde tanto tempo diante do espelho, justamente porque procura saber "como é vista pelos outros". Porém, os espelhos até hoje não ajudavam muito. Agora, em Paris, Pierre Balman, desenhista de modas está exibindo seus modelos de chapéus e vestidos diante de um espelho, que mostra, justamente, *como são vistos pelos outros*! Inventado por Jean Corbeil, o "Espelho-Real" é formado por dois espelhos, colocados em determinados ângulos um do outro (esquerda).



A imagem do modêlo está invisível no primeiro espelho (côr). O segundo inverte a imagem, como é vista pelos outros.

O modêlo, diante dêle, vê a própria imagem sòmente depois dela ser refletida de um espelho para outro e finalmente para ela própria. No primeiro, a reflexão é o reverso do que um observador pode ver, criando assim a verdadeira imagem.

Corbeil conclui, orgulhoso:

"O oposto do oposto; eis a verdade!"



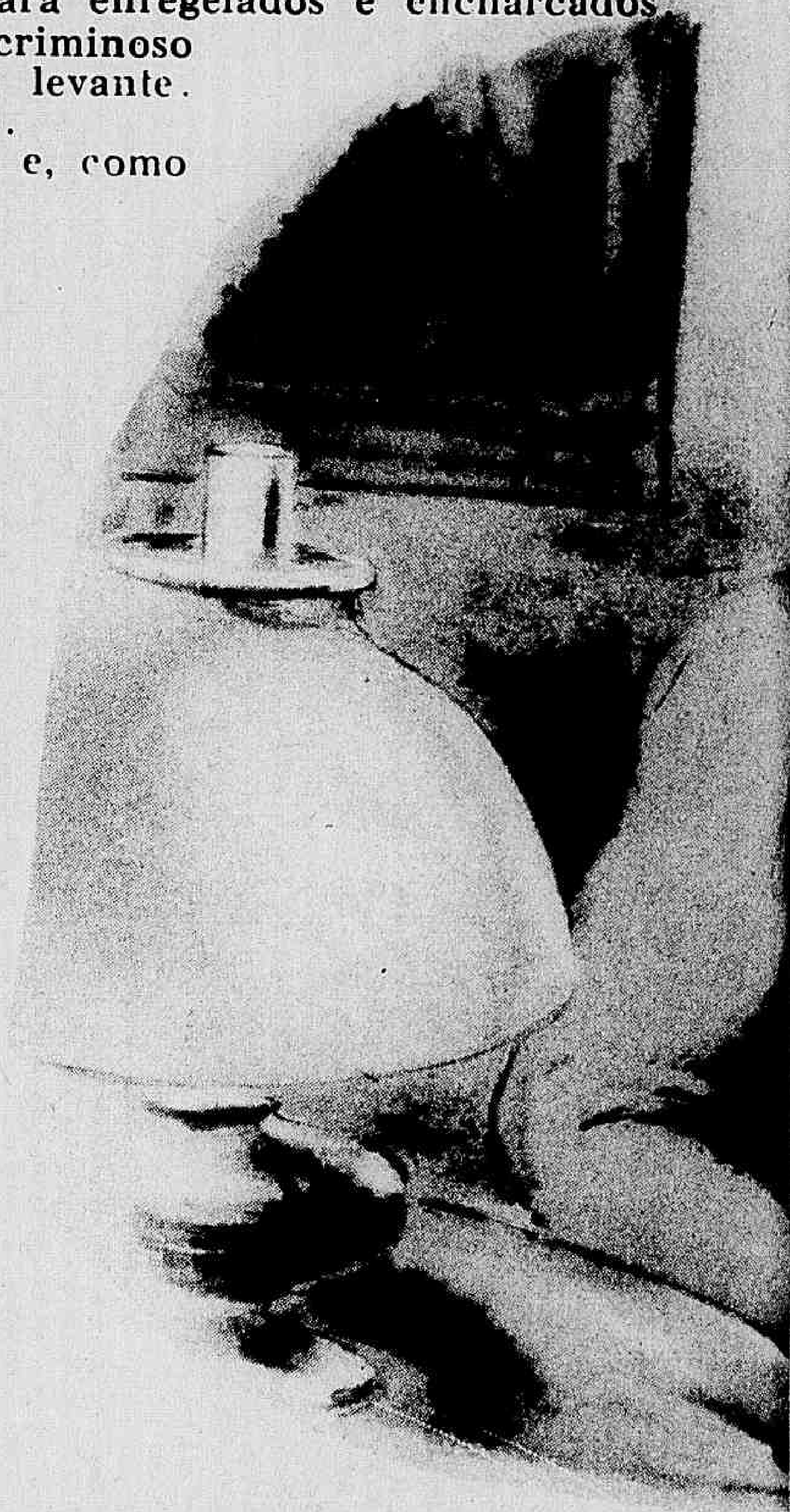
A imagem do inventor invertida verticalmente, em vez de horizontalmente, quando o espelho que a reflete está deitado.

UMA "VOVÓ" COMO

NA segunda noite do assédio de Summerdale, a neve começou a cair. Era muito pouca para cobrir literalmente o chão e veio após um dia de temperatura mais elevada. No interior do Estado de New York, esta neve é chamada "de açúcar", porque a sequência de dias quentes e noites frias, dos fins de fevereiro coincide com a colheita do açúcar de bôrdo.

Um eminente psicólogo, escrevendo em um jornal a respeito do levante de Summerdale, disse que a insurreição de sentenciados estava intimamente relacionada com a época do ano. É que a primavera fazia despontar a vida em tôda a parte e, algumas vêzes, os homens isolados da sociedade, por meio da fôrça, revelavam êste renascer da vida, de forma violenta. As fôrças estaduais mantinham o contrôle da situação. Era só uma questão de tempo, até os presos entrincheirados se renderem. O povo do Município de Summerdale não estava muito interessado nos homens desesperados que lutavam dentro da prisão. Só o que os incomodava era que três assassinos tinham fugido em um caminhão de lixo, logo nos primeiros minutos da revolta. Levantou-se um cêrco ao redor do município, o que foi feito com rapidez surpreendente. Dois dos fugitivos foram apanhados, pois o temporal os deixara enregelados e encharcados. Ficou, entretanto, ainda livre e sòzinho, Bert Loster, o criminoso de maneiras amáveis, acusado de idealizador do levante. Sòzinho, porém, Bert Loster se tornava mais perigoso.

A cidade de Bemos fica nos limites do município e, como aconteceu nas demais cidades daquela zona, a sua população masculina tinha interrompido as atividades diárias para se dedicar à caça do assassino. Na tarde do terceiro dia, fêz calor, mas à noitinha a temperatura caiu e começou a nevar de novo, desta vez uma neve densa e úmida, com grandes flocos — uma perfeita nevada *de açúcar*.



Às dez horas, bateram na porta dos fundos da casa onde moravam os Santley. Foi só uma batida e, embora Alice Santley, como as demais mulheres de Bemos, estivesse avisada para só abrir a porta a um sinal já combinado, foi logo abrir, antes de ao menos meditar sôbre o próprio ato.

O homem deslizou através da abertura, como se fôsse um gato, e fechou a porta atrás de si, sem que Alice compreendesse o que se passava. Olhou para o revólver na mão do estranho mais com surprêsa do que mêdo, e, depois, encarou, intrigada, o indivíduo que o empunhava.

— Quietinha, "vovó"! — sussurrou êle, com ar de ameaça. — Sei que você está srzinha, porque fiquei vigiando a casa e vi o velho sair.

Aos cinquenta e oito anos de idade, Alice Santley tinha os olhos tão azuis como aos dezoito, e os seus óculos sem aros nem um pouco os escureciam. Os cabelos, inteiramente brancos, estavam cuidadosamente penteados. O queixo quadrado era algo proeminente. Quando caminhava, mesmo sem se afastar de casa, Alice era ligeira, inclinando levemente o corpo para diante, como se tôda ela procurasse concordar com a determinação que o mento insinuava. Alice Santley tinha passado a vida fazendo as coisas sem ajuda de ninguém e aquêle homenzinho de revólver na mão não a amedrontava, porque mêdo era coisa que ela ignorava, nunca tendo tido tempo para senti-lo.

— Que quer? — perguntou a Bert Loster.

— Quero ir embora, vovó. Quero mudar de roupa e sair de Summerdale. Você vai arranjar roupas e me indicar o caminho através do brejo, aí atrás.

Moveu a cabeça na direção do brejo de Hackenberry, único local desguarnecido, porque qualquer pessoa que não o conhecesse, não conseguiria atravessar as areias movediças que o formavam.

— Está bem — falou Alice, enquanto media o homem com olhar avaliador. — As roupas de meu marido ficarão muito grandes para você. Acho que não pensou nisto quando o viu sair, senão teria ido a outra casa.

Os lábios de Bert Loster se abriram em um sorriso que os olhos não compartilhavam.

POUCAS

Por *HERBERT DALMAS*

Eu só pensei *em você!* As suas roupas ficarão muito bem em mim.

— É mesmo. Você é esperto. Eu nunca teria pensado nisto.

— Então, vamos logo. — Ao falar Loster se interrompeu para espirrar.

— Você se resfriou. Por isto é que a sua voz está tão rouca.

— Não tem importância.

— Que adiantará, se você sair e apanhar uma pneumonia... e morrer?

Loster não se abalou a responder. Apenas fêz sinal com o cano longo da arma.

Subiram as escadas. Alice apanhou um vestido caseiro e Loster tentou vesti-lo, desajeitadamente, sempre visando a velhota com o revólver.

— Você não enganará ninguém assim vestido — opinou Alice.

— Mas conseguirei afastar-me o suficiente.

— Além disso — atalhou Alice, como se não o tivesse ouvido — suas roupas estão ensopadas. Você vai morrer de pneumonia. Entre aqui.

Puxou um biombo antiquado, que jazia a um canto e o levantou.



— Fique aí atrás e tire essas roupas. Darei uma toalha para você se friccionar.

Bert Loster desconfiava, mas concordou.

— Quanto mais longa a fricção, melhor — disse Alice, sem prestar atenção, mas mantendo-se longe da janela. — Você poderá vestir roupas internas de meu marido. E umas meias de lã! Tenho um par de sapatos grossos, para trabalho, que devem servir em você. Ao menos, protegerão seus pés.

— Você pode arranjar algumas roupas quentes... e depressa, antes que eu me aborreça!

— Está bem. Não se zangue. — Alice sorriu. — Desculpe se eu não pareço amedrontada *como devia*. É que você é muito parecido com meu filho.

Loster se friccionou com a toalha. Agora, parecia intrigado.

— Você precisa usar um espartilho e anquinhas, se é que deseja passar despercebido...

Desceram as escadas. Loster vestia agasalhos e meias de lã e calças de flanela arregaçadas, a fim de não aparecer sob o vestido que Alice sobraçava.

— Sentenciado ou não, ninguém sairá de minha casa em uma noite destas, sem roupas apropriadas. Vou dar também a você qualquer coisa para o resfriado. Você pode beber um pouco de café, logo que eu acabar de esquentá-lo.

Loster não perdeu o detalhe.

— Como é que você tem café a esta hora da noite?

— Dave e alguns vizinhos terminarão a ronda às onze horas e darão um pulo até cá.

Loster bebeu o café, primeiro com desconfiança e depois esfaimadamente. Estava bom.

Alice trouxe um pedaço de flanela e obrigou Loster a forrar a camisa por dentro.

— É só para aliviar a congestão — explicou. — Caso contrário, você ficará com febre dentro de poucas horas e isto será o seu fim...

— Se você acha que é assim, está bem, "vovó". Mas eu não sei colocar isto...

Desenrolou-se uma curiosa cena, porque Loster não a deixava ficar por trás dêle e não afastava da cabeça da velha a massa de mira do revólver. Ela enrolou a flanela, abotoou o espartilho e colocou enchimentos no peito dêle. Com o vestido e um chapéu, o disfarce era grotesco, mas, mesmo a curta distância, ficava razoável.

— O caminho que atravessa o brejo de Hackenberry — disse ela, enquanto trabalhava — é bastante seguro, se você o seguir direito. Está marcado com tocos de árvore. Tenho uma lanterna elétrica, que você poderá levar. E é melhor que você leve o resto do café em uma garrafa-térmica. Depois, eu farei mais para o pessoal.

Na porta, Loster estacou.

— Eu não compreendo a sua atitude.

— Bem — Alice esboçou um sorriso — tenho um filho! Talvez eu faça isto por causa de sua mãe, esteja aonde estiver.

Bert Loster abriu os lábios, sorrindo sem alterar o olhar.

— Sei que você tem fama de mau, mas não creio que seja completamente mau. Um dia, você lembrará isto e talvez, então, lamente as más ações praticadas e procure tornar-se bom.

— Decerto, "vovó". Decerto! Êles foram injustos. Sou um sujeito decente. — Abriu a porta, ainda apontando para Alice o comprido cano da arma. — Não esquecerei o que você fêz e, se eu encontrar o velho, seu marido, garanto que furo a cabeça dêle... sem que êle tenha tempo de sofrer.

Loster partiu. Alice levou o bule de café e começou a preparar mais um pouco da rubiácea. Então, vestiu o pesado capote de inverno e saiu. Nevava ainda.

A meio quarteirão de distância, ficava o "quartel-general", organizado para a caça ao fugitivo. A caminho, porém, foi interpelada por um homem algo parecido com ela, mesmo no escuro — com idêntica projeção de queixo e corpo.

— Mamãe! — exclamou êle. — Que faz aqui?

— O homem que vocês procuram está no brejo.

Dick Santley conhecia muito bem a sua mãe para saber que ela estava certa. Em poucos segundos, dez homens se precipitavam para Hackenberry.

— Duvido que vocês precisem usar as armas — disse ela, baixinho, mas, é claro, ninguém lhe deu atenção.

Quando êles começaram a cercar o brejo, Alice gritou:

— Não será preciso procurá-lo. Daqui a pouco, vão ouvir a voz dêle.

Antes de que o espanto refletido nas faces dos dez homens pudesse transformar-se em palavras, ouviu-se um grito. Era como um mugido que partia do meio do brejo e que logo se repetiu, parecendo o apêlo desesperado de um animal.

Os homens avançaram, correndo, seguidos por Alice. Logo que viram Bert Loster, compreenderam que Alice estava com a razão: ninguém teria que usar arma. O assassino estava tombado de costas, em meio ao caminho circundado de cepos, parecendo uma criatura estranha, irreal, vestindo as roupas de Alice.

Esperneava na neve de açúcar e cravava as unhas, furiosamente, no próprio peito, urrando aquêles sons animais.

— É melhor tirar o espartilho e a camiseta de lã, enquanto êle ainda tem vida — disse Alice quando Loster foi erguido. — Apliquei-lhe um emplastro de mostarda para o resfriado e amarrei sòlidamente. Usei um quilo de mostarda.



A COISA, AGORA, ERA OUTRA

O almirante Byrd se encontrava, uma noite, num baile oferecido por Henry Byfield, magnata do carvão nos Estados Unidos. Quando o famoso almirante, explorador do Pólo Sul se levantou para dançar com a sra. Byfield, o anfitrião provocou o riso geral dos presentes, dizendo ao almirante:

— Veja lá, almirante! Desta vez, nada de explorações!



UMA «FALANGE» MACEDÔNICA: — A «falange» grega, formada por soldados «hoplitas» (providos de armas pesadas), armados com lanças longas, foi aperfeiçoada por Alexandre da Macedônia, em 330 antes de Cristo. Decompôs a «falange» em unidades correspondentes às modernas divisões, brigadas e regimentos; as tropas se formavam em uma linha de batalhões sustentados por soldados ligeiros irregulares, arqueiros, etc.

VISÃO MUNDIAL

OS POVOS SE MOBILIZAM PARA O GENOCÍDIO

OS DILEMAS DA GUERRA

Por
DE MATTOS PINTO

DEPOIS de seis anos de batalhas da Segunda Guerra Mundial, de cinco anos de combates na Coréia e de sete anos e meio de sangrentos choques na Indochina, a Conferência de Paz de Genebra vem de concentrar os diplomatas dos povos da Europa, Ásia e América do Norte, para desintrincar os dilemas dos interêsses mundiais. John Foster Dulles pelos Estados Unidos, Y. T. Pyun pela Coréia do Sul, general Nam Il pela Coréia do Norte, Georges Bidault pela França, Chou En Lai pela China, Anthony Eden pela Inglaterra, V. M. Molotov pela União Soviética, Paul Henri Spaak pela Bélgica, príncipe Wan Waithayakon pela Tailândia, Phan van Dong pelo Viet-Mnh, além de peritos em estratégia, técnicos geográficos e especialistas em jurisprudência internacional, disputam a paz fraturada pelos sismos econômicos. Os estadistas ousam buscar a solução dos dissídios entre os povos, que fermentam a política da hegemonia, desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Conflitos entre o Paquistão e a Índia, distúrbios no Canal de Suez, tiroteios entre Israel e os Estados Árabes, guerra na Coréia, reivindicações em Trieste, antagonismos entre a Itália e a Iugoslávia, temores agressivos entre a Alemanha Oriental e a Alemanha Ocidental, desajustamentos entre a Espanha e a Inglaterra pelo domínio de Gibraltar, retratam enfàticamente a universal discórdia das raças. Todos interpretam as suas aspirações em têrmos de lógica nacionalista, cujos objetivos excluem as necessidades e os ideais dos outros. O visconde Bernard Montgomery, marechal-de-campo da Inglaterra e o vencedor de Rommel, acaba de declarar, pùblicamente,



Prússia alcançava a cifra de dezenove milhões de almas, que em breve multiplicou para vinte e nove milhões de habitantes, fato temeroso para a Europa.

Com a unificação germânica, idealizada e implantada pelo espírito militar de Otto von Bismarck, o Império Alemão perfez o total de quarenta milhões de homens. Os exércitos francês e alemão se equilibravam mais ou menos em 1875, com quatrocentos e cinquenta mil homens, disciplinados e aguerridos.

Em 1889, a Inglaterra votou o crédito de alguns milhões de libras para as construções navais e pouco tempo depois, não se sabe se por conveniência de manobras estratégicas, ou por exibição militarista, o Império Russo mandou a sua esquadra passear no Mediterrâneo.

Nem mais se fêz preciso, para que os peritos inglêses solicitassem novo crédito

que a Terceira Guerra Mundial pode deflagrar devido a erros de apreciação de fatos e de falsas manobras políticas. Irredutíveis nas suas teorias de bases vitais, as nações mobilizam-se para o genocídio e preparam a destruição da humanidade, pela agressão moral e pelas armas atômicas e hidrogênicas.

CRÉDITOS PARA A MORTE

O problema de saber se o homem pode impulsionar a sociedade, sem recorrer aos armamentos e à política de violência, compreende múltiplos teoremas da psicologia do próprio gênero humano. Quando Guilherme I se lembrou de reorganizar o exército prussiano e estabelecer a hegemonia da Prússia na Confederação Germânica, começou o campeonato do rearmamento, que inspirou tantos convênios e que a antiga Sociedade das Nações tentou abolir. Em 1867, a população da

para reforçar a real marinha de guerra. A política européia vive, assim, entre desafios diplomáticos e reptos estratégicos, sempre desconfiada e irritante.

No comêço dêste século, as tropas armadas alcançavam seiscentos mil soldados, para a garantia da paz instável.

Com o aumento demográfico da população alemã, que superou os habitantes franceses em vinte milhões, com os projetos militares no Reichstag, com a oratória belicosa de Guilherme II, a França se inquietou e resolveu replicar no mesmo tom. A lei de três anos de serviço militar obrigatório se impôs como medida de defesa nacional para conter o germanismo. Há muito tempo, a Inglaterra executa a política de se colocar a favor da potência terrestre mais fraca na Europa, contra a potência mais forte e mais agressiva. Adversária de Napoleão e das suas espetaculares vitórias, aliou-se ao Império Tsarista da Rússia. Mais tarde, quando

Napoleão III tentava se impor no continente, afastou-se pollticamente do Império Francês e deixou Guilherme I esmagar a França em Sedan, depois viu avolumar-se a Confederação Germânica. A política do equilíbrio entre as potências européias iria concorrer decisivamente para a Primeira Guerra Mundial, pois os estadistas inglêses não tolerariam o gigantismo do Império Germânico, diante dos franceses demogràficamente enfraquecidos.

DESARMAMENTO MILITAR E DESARMAMENTO MORAL

Alfred Moulin desejava, no princípio do século XX, que antes de desarmar as nações se procedesse à revisão do mapa político da Europa e mesmo do mundo, enquanto Charles Richet preconizava que o período de justiça deveria preceder ao ciclo do desarmamento mundial. Solicitava por sua vez Enée Buloc a revisão da idéia da pátria, como uma nova atitude mental da civilização moderna. Mais interpretativo, revelou Paul Bancour, que se dá o fracasso das negociações diplomáticas por dois motivos críticos, de natureza quase irreconciliáveis:

O primeiro provém de uma fôrça psicológica, difícil de subjugar, o espírito de revolta dos povos, que não se resignam com a situação política atual da Europa. O segundo dimana da ambição de hegemonia, dos que procuram desarmar os outros, para ficar na posição de superioridade como triunfadores discricionários.

Dêsse modo, nenhum povo se desfaz dos armamentos com receio das outras potências e êsse fato levou Charles Richet a informar a necessidade de substituir a paz armada, na qual as nações se desafiam umas às outras, pela virtude da paz pacífica, a única admissível numa humanidade honesta. Quando, em 4 de agôsto de 1914, o embaixador inglês Edward Goschen protestou contra a invasão da Bélgica, o chanceler alemão Theobald von Bethmann-Hollweg replicou decisivamente, que a neutralidade belga não passava de uma palavra que o tratado garantindo a mesma valia tanto como um farrapo de papel.

Da tribuna do Reichstag, gritou em alto som que não há dever contra necessidade e a hecatombe mundial, que se precipitou a essa declaração, projeta um estado moral do gênero humano. Muita celeuma oratória e literária se desencadeou ao discurso do estadista germânico. Porém, reconhecem os historiadores que Bethmann-Holweg não pode ser responsabilizado como o único provocador da Segunda Guerra Mundial, cuja origem deve ser atribuída à conquista das fontes de matéria-prima. O Tratado de Versailles,





ARMAS E ARMADURAS HÚNGARAS: — Embora a pólvora já fôsse empregada no século XIV, as armaduras ainda eram usadas no século XVI, por sua eficácia contra os projetis medievais e só pela necessidade de dar maior rapidez aos movimentos foram abandonadas. A lança, tal como a gravura apresenta, era ainda a principal arma da infantaria.

na sua parte quinta, onde trata das cláusulas militares, navais e aéreas, restringiu os apetrechos bélicos como antecipação ao desarmamento mundial. Com êsse fim, várias vêzes se reuniram em Genebra, sob os auspícios da antiga Sociedade das Nações. Na última conferência dessa instituição, o delegado britânico, Sir John Simon, propôs quatro ordens de idéias: a supressão de todos os submarinos e de todos os carros de assalto, a limitação da artilharia pesada ao calibre de cento e cinco milímetros, a fixação dos cruzadores a um tipo de sete mil toneladas e a redução das fôrças aéreas de tôdas as potências.

A França apresentou um plano de desarmamento, cuja essencialidade estratégica muito se discutiu, consistindo na redução das fortificações ofensivas das fronteiras, na assistência ao país agredido, na uniformização dos exércitos e no dever de auxílio coletivo, quando se impuser a justiça de punir um povo agressor. Tal plano mereceu severa crítica da Alemanha, cujos estadistas alegaram que o mesmo não visava desarmar as potências, porém manter os armamentos atuais, sob o patrocínio da Sociedade das Nações.

Declararam os estrategistas germânicos, que disputavam a paridade dos apetrechos bélicos, que o plano francês não objetivava o desarmamento e sim pretendia reorganizar a política da Europa, de acôrdo com os seus interêsses. Entrementes, confessava o representante dos Estados Unidos em Genebra, que o govêrno de Washington não possui meios jurídicos e constitucionais para limitar a fabricação particular dos armamentos. De tôda essa controvérsia positivou-se que o mal dos europeus reside no fato de que ninguém pensa na Europa, mas cada potência pensa muito em si própria. E ninguém poderá jamais impugnar essa verdade básica, que a potência industrialmente mais forte, mesmo sem exército e sem marinha de guerra, sem bombas atômicas e bombas de hidrogênio, sem foguetes teleguiados, poderá armar-se mais ràpidamente e modernizar mais sangrentamente suas tropas, do que a nação destituída de metalurgia pesada.

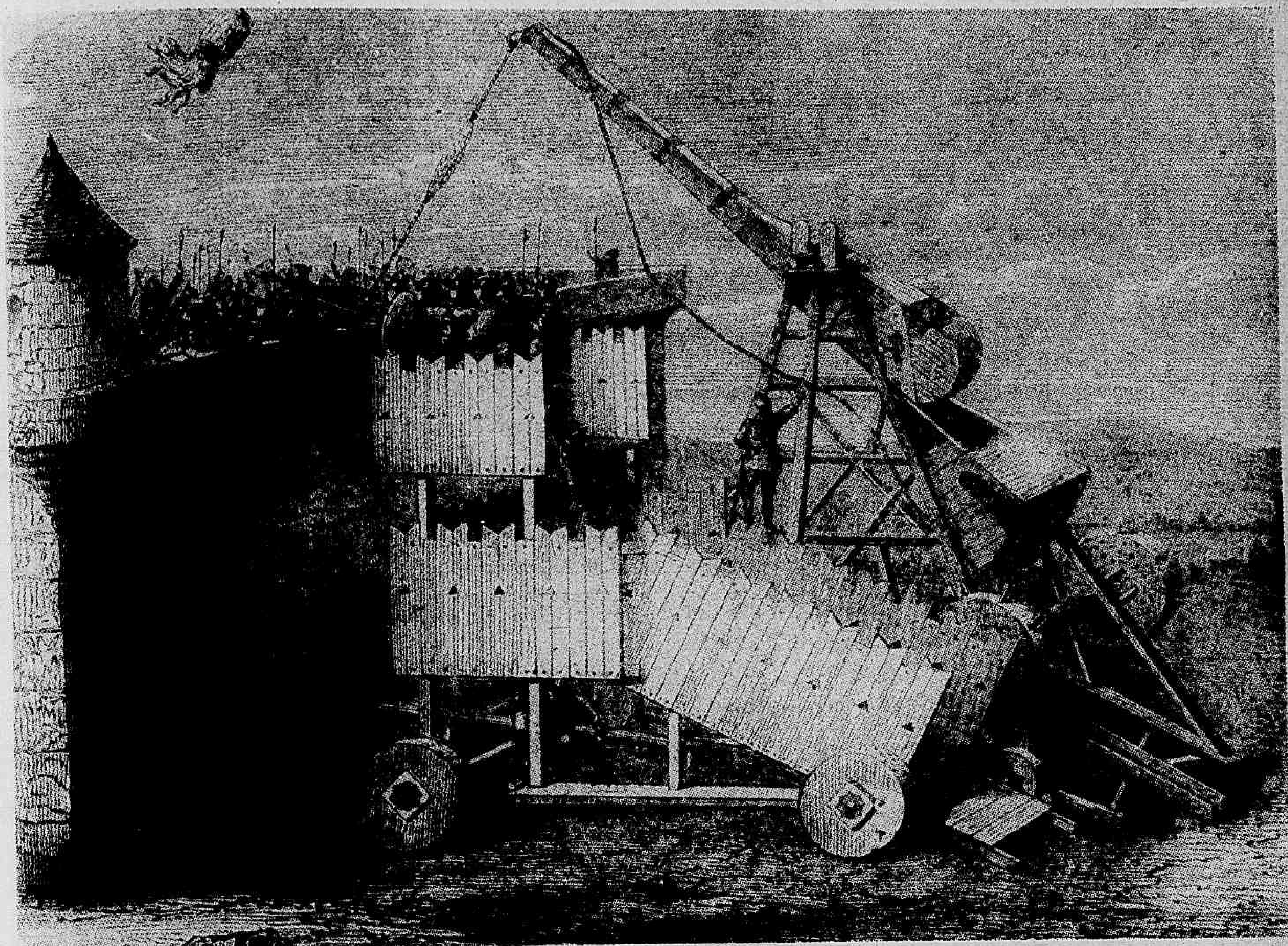
GUERRA — ESTADO NORMAL DO GÊNERO HUMANO

A perdição do mundo civilizado provém dos vícios éticos e sociais, que presidiram ao desenvolvimento da cultura do espírito. Reminiscências da vida pré-histórica, sentimentos e impulsos atávicos da memória bárbara, impuseram à humanidade o fatalismo econômico, de que a luta pela existência coage os povos a sempre guerrear para sobreviver. O fetiche das batalhas tanto se impregnou na emoção das lendas, que o pensamento se viu atraído pela filosofia dos motivos heróicos. Inesquecíveis mentalidades como Aristóteles, Hobbes, Hegel, Spinoza, Emerson, Maistre, entoaram o hino da guerra como benéfica fatalidade, à qual o gênero humano deve submeter os ideais da sua evolução.

Nem o filósofo grego Aristóteles, cuja influência absorveu a cultura medieval, mestre de Alexandre, o Grande, um dos pensadores mais universais da antiguidade, escapou aos partidários da guerra, como estado normal da humanidade. Uma

não há dever contra a necessidade nacional, no momento do repúdio à neutralidade da Bélgica.

A filosofia de Thomas Hobbes, que dissertava sôbre a lei natural e a lei política, considerado o fundador da psico-



Assalto a um castelo feudal no século XIII, antes da descoberta da América e da invenção da artilharia pesada.

máxima ególatra e odiosa, muito querida dos sociólogos da brutalidade, que os materialistas estratégicos recolheram na filosofia de Aristóteles, preconiza estranhamente: "As nações não são obrigadas a observar os tratados, senão durante o tempo que o interêsse exige".

O historiador germânico Heinrich von Treitschke, catedrático universitário e membro do Reichstag, cujo prestígio doutrinário contribuiu para a expansão do espírito militar da Prússia, amigo de Otto von Bismarck e do imperador Guilherme II, também recomendava da sua cátedra de Berlim, a tal doutrina aristotélica. E o estadista alemão Theobald von Bethmann-Hollweg apenas plagiou o historiador Treitschke, quando proclamou que

logia na Inglaterra, explicou a causa das guerras, que há milênios devastam a vida humana, de um ponto de vista muito problemático, que trai o choque dos interêsses econômicos. "As sociedades políticas dispõem do direito de agir conforme a sua conveniência. Por isso mesmo, são obrigadas a viver em perpétuo estado de guerra". Os artifícios da lógica, destituídos de análises sociológicas e de conhecimentos antropológicos, fornecem terríveis argumentos para os estrategistas. Eloquente e difuso, o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, que lecionava na Universidade de Berlim e presenciou a derrota da Prússia por Napoleão, cantou a apologia da hecatombe humana, com uma metáfora na qual compara o destino das batalhas e o destino das



OS IRLANDESES PRONTOS PARA RESISTIR A UM DESEMBARQUE DINAMARQUÊS: — Em princípios do século VIII, a Irlanda era invadida e saqueada constantemente pelos dinamarqueses. Êstes ataques não se limitavam às costas, pois os invasores subiam os rios em suas embarcações. Em 850, depois de Cristo, uniram-se sob o comando do poderoso Turgésio, que, finalmente, estabeleceu base permanente em Armogh.

tormentas meteorológicas, sob o mesmo ângulo cósmico. "A guerra é um estado de coisas, onde a saúde das nações se conserva em vigor, como as águas do mar são preservadas da corrupção pelo sôpro das tempestades". A cultura especulativa do Ocidente sofre do vício do transcendentalismo, que gera uma filosofia em desacôrdo com a sensibilidade do espírito e com a sabedoria do coração. Vejamos como o filósofo holandês Benedictus Spinoza, alma estóica e panteística, cuja doutrina pontificava que o indivíduo não pode dispensar o auxílio do Estado na luta contra os outros indivíduos e cuja teoria política identificava o Direito com o Poder, defende o armamentismo, nos floreios da sua lógica artesiana. "A liberdade ou a fôrça da alma, é a virtude do particular. Mas a virtude do Estado é a segurança".

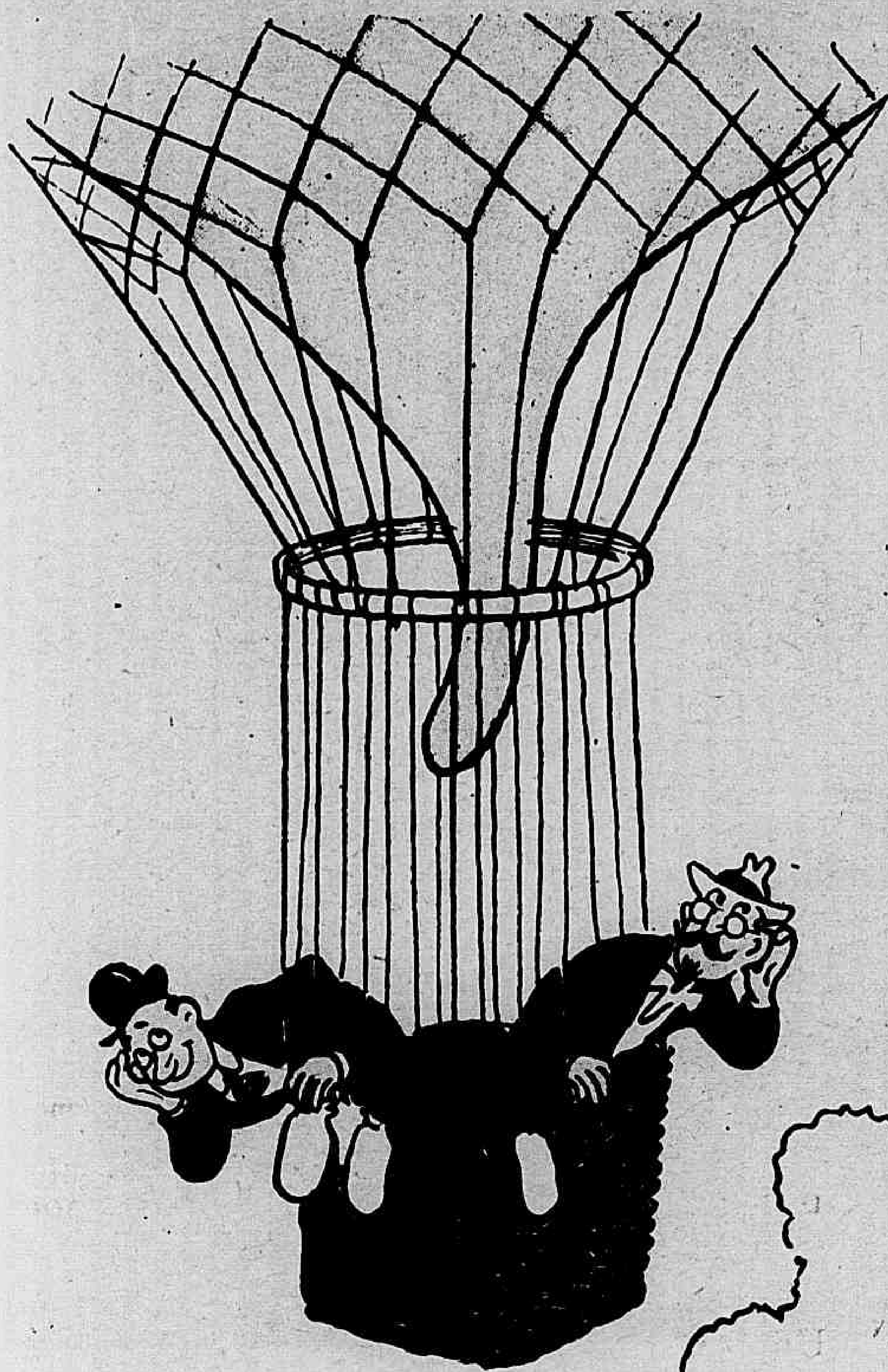
Outros exageram o monstruoso benefício das conflagrações, emprestando-lhes atributos de higiene e poder seletivo. O poeta e ensaísta Ralph Waldo Emerson, um dos homens mais espirituais dos Estados Unidos, não hesitou em anunciar a maior das calamidades sociais, como o supremo bem dos povos, numa inominável sentença, que extasia os cultores da morte. "As guerras, os incêndios, as pestes, quebram inumeráveis rotinas, desembaraçam o mundo das raças corrompidas, dos focos de doenças e abrem um livre campo aos homens novos". Conceito tão insensato como fantástico para uma alma introspectiva como Waldo Emerson, que estigmatiza a perdição do mundo ocidental, entregue à extravagância dos doutrinadores.



Antes do lança-chamas do século XX, os antigos técnicos militares já haviam inventado a infantaria armada de lança-incendiária.

O diplomata e escritor Joseph de Maistre, cuja obra intelectual tentou reconciliar a civilização moderna com o néo-catolicismo, confessou-se desolado quanto à pacificação das potências, que subscrevem tratados, reconhecem a justiça nos protocolos e depois se

(Continua na página 116)



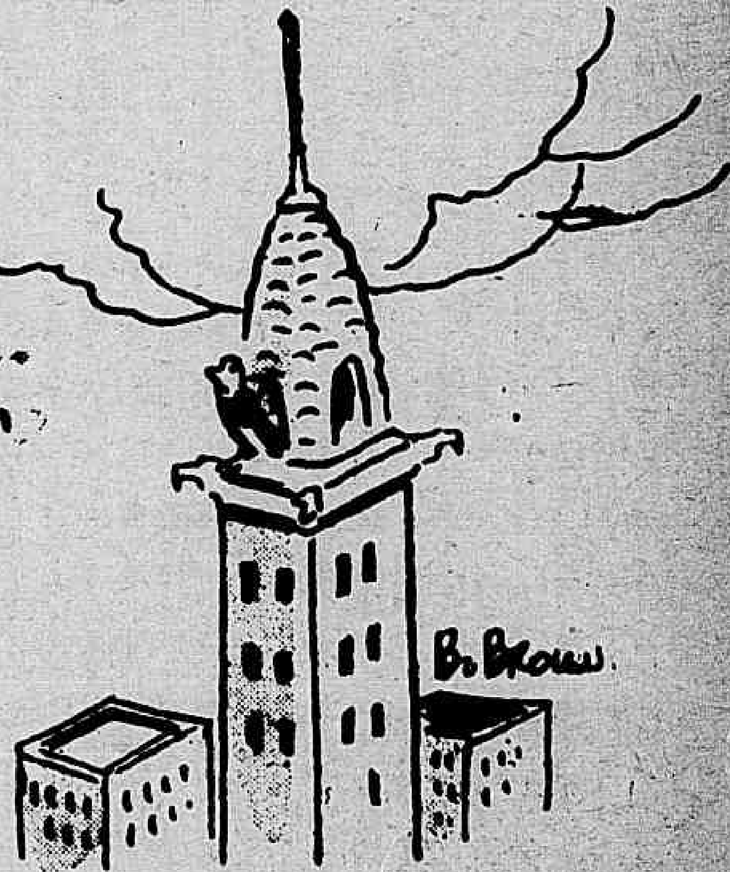
ESTEJA EM DIA COM O MUNDO!

decorado com um retrato do ex-ditador, além das principais cenas da guerra, foi trabalhado por cinco artistas e levou dois anos para ficar pronto. O vaso é feito de porcelana e mede quase dois metros de altura.



NOS Estados Unidos, as corridas de cavalos são seguidas pelo filme-patrol, que marca todo o seu desenrolar. Não satisfeitos com isso, os diretores dos hipódromos introduziram outro *policiamento*, do tipo individual para cada jóquei. Assim, um funcionário segue, em cabine própria e munido de poderoso binóculo, o desenvolvimento da carreira de cada animal e a atitude de seu respectivo jóquei, descrevendo, lance por lance, o que é gravado em fita fonográfica, a qual é, a seguir confiada aos juízes e comissários de corridas.





OS chamados "balões cativos", deslizam tão silenciosamente que seus passageiros podem ouvir as conversações normais que se travam no nível do solo, mesmo a uma altitude de 240 metros.



EXISTEM no mundo cêrca de dois mil anões, que são perfeitamente bem formados, salvo, é claro, no tamanho. Existem, além do mais cinquenta e cinco mil outros anões, êstes, porém, parecendo aleijões, tendo apenas a cabeça do tamanho normal. São pequenos, principalmente porque suas pernas não cresceram na mesma proporção do resto do corpo, o mesmo ocorrendo com os braços.



O Vaso da Vitória, presente do povo russo ao generalíssimo Stalin, pouco após o término da Segunda Guerra Mundial, é o maior objeto dêsse gênero, existente em todo o mundo. Ornado com finíssimos trabalhos de ouro, num valor superior a vinte milhões de cruzeiros e

POUCOS sistemas de identificação têm sido tão mal usados como os referentes aos números dos "opus". Durante quatro séculos, muitos compositores deram a seus trabalhos musicais essa numeração, como um guia de sua ordem de publicação. Outros, porém, ignoraram completamente êsse recurso, enquanto muitos o usaram em lugar do nome, agrupando várias composições e chamando-as Opus 1, Números 1, 2, 3, etc. Outros também usaram êsse sistema de identificação, porém ao acaso, sem qualquer ordem, dando, às vêzes, o mesmo número para diferentes trabalhos.



UMA ARTE INSIGNE QUE RETORNA . . .

O GUINHOL E AS

DEPOIS de um lamentável desprêzo, voltam as marionetes a regozijar a infância de hoje — e já agora não apenas a infância, mas também os adultos, formando platéias selecionadas e pagando alto preço pelos ingressos. Para explicar aquela morte aparente do "guinhol", houve quem afirmasse que a causa principal era uma só e própria da época: as crianças já nasciam muito adiantadas.



Aceitemos a explicação, mais para satisfação pessoal, pois que isso é um bom augúrio para a raça humana. As crianças tristes, as crianças que se aborrecem soem ser também pouco curiosas. Pobre país em que as crianças não sintam curiosidade por ver o que têm dentro os brinquedos que recebem ou de onde procedem êsses brinquedos.

Pobre país, sim, porque essa curiosidade infantil é como a véspera de outra, a curiosidade científica; é o germe do espírito investigador, que arranca da Natureza os seus segredos e faz o mundo progredir com a melhoria da vida moral e material.

E se o guinhol volta a divertir pequenos e grandes oxalá também lhes inspira curiosidade por conhecer síntese histórica de sua vida. E então talvez compreendamos, crianças e adultos, porque esta arte ùltimamente aborrecia.

De onde, realmente, procede o Guinhol e as marionetes?

Devemos a origem das marionetes nada menos que ao próprio deus Osíris.

MARIONETES

De fato, conta Herodoto que as mulheres egípcias, durante as festas religiosas em honra daquela divindade, levavam nas procissões algumas estatuetas, que, mediante delgados fios, moviam em tempo oportuno, de modo mais ou menos comovedor, as várias partes do corpo.

Os gregos imitaram o estranho uso, adotando-o, pouco reverentemente, tanto para o culto quanto para o teatro; em Roma, na cerimônia religiosa que precedia aos grandes triunfos e aos jogos do circo, surgiam também estátuas de madeira com membros móveis, graças a molas ocultas.

Monstros, figuras colossais, também apareciam na Idade-Média, nas procissões. Naquele tempo, mais que em nenhum outro, também abundaram as figuras representando a Virgem Maria, de cujo nome vem com facilidade Marion e, daí... marionetes. Se os súditos dos Faraós tivessem imaginado que suas idéias se destinariam a dar origem às modernas e ridículas figuras de madeira e cartão, teriam, sem dúvida, evocado ao imenso Fta, o senhor e ordenador de tôdas as coisas, para que poupasse tanta vergonha aos numerosos protetores do sagrado solo egípcio.

Tal como hoje existem as marionetes nos palcos dos teatrinhos, surgiram pela primeira vez no século XVIII e, em 1679, em Veneza, *Gli amori fatali*, de Camilo Badoer, com música de Antônio Pistochini, iniciaram as representações dos legítimos descendentes dos antigos ídolos egípcios, representações às quais frei Filippo degli Acciajoli, cavalheiro de Malta, daria modificações e aperfeiçoamentos de importância.





CHESNAY — Jacques Chesnay, diretor dos Comediens de Bois, realiza várias «tournées» pelo mundo com os seus famosos bonecos. Sua especialidade são as lendas e contos orientais das Mil e Uma Noites.

Em 1680, justamente, ainda num teatro veneziano, era representada a sua *Damira placata*, para a qual tinha escrito música Marco Antônio Ziani. Degli Acciajoli ocultava seu nome sob o pseudônimo de Il Bell'umore.

Para os que tenham visto as representações de Walton's, Jacques Chesnay, Podreca, Yves Joly, etc., a coisa carecerá de importância, porém naqueles tempos devia constituir algo de maravilhoso.

O frade e cavalheiro de Malta se dedicou com invejável ardor ao progresso das marionetes, e em 1684 doava um teatrinho de 124 figurinhas a Cosme II, grão-duque de Toscana.

O padre Enrique de Norris foi um dos mais entusiastas apreciadores das marionetes e assim escreveu a G. B. Ricciardi, louvando "aquêles recitantes que falavam por outra bôca", acrescentando que a grande vantagem "era gastar pouco em conseguir os cenários, menos em vestir as figuras e nada em fazê-los representar".

E, mais adiante: — "Para guardá-los é bastante uma estante. Não se vê entre êles nem emulações nem invejas. São mais obedientes do que frades e não têm nenhum dos vícios próprios daqueles que recitam nos palcos."

Se o padre Norris tinha conceito errado ou não dos atores humanos do seu tempo, não é fácil saber; entretanto, quanto às marionetes, suas palavras eram a pura verdade.

Convém notar que Marionetes são coisa muito diversa dos Burattini, personagens clássicos pelo bom-humor que espalham pelo mundo inteiro.

Os Burattini — ou seja: a "troupe" de polichinelos, dispõxem apenas de cabeça e braços; o corpo é constituído por longa



JOLY — Com Yves Joly encontramos marionetes poéticas, embora mude a «fórmula» a cada novo espetáculo. Há muita diferença entre a sua famosa «Arca de Noé» e os espetáculos de mãos enluvadas de branco que a platéia carioca conheceu em 1953.

e ampla veste, espécie de camisolão, simples cobertura para a mão ágil que, em seu devido tempo, faz mover, grotescamente, cabeça e braços. Grotescamente, porque, como muito bem disse um cronista, se as marionetes são a imitação do homem, os Burattini, os bonecos de Guinhol, são a caricatura do homem.



WALTON'S — Les Pajot-Walton's, marionetes, que passam de pais para filhos, há várias gerações, já fizeram a volta ao mundo. Êsses bonecos são, entretanto, muito grandes e pesados para manipular.

Em Veneza, onde o povo, por sua índole alegre e risonha, revelava interêsse por tudo o que contribuía para que a existência passasse alegremente, tinham sempre hilariante acolhida, e entre as barracas que na Riva degli Schiavoni e na praça de San Marco continham monstros, animais raros e cem outras maravilhas, via-se frequentemente, o frágil teatrinho ambulante (il castiello) prendendo a atenção dos espectadores e provocar o riso geral com as representações das pequenas e características meias figuras.

"Entre os populares divertimentos desta alegre metrópole, foi sempre muito grato aquêle que em outro tempo se inventou, com o esconder-se o charlatão dentro de uma determinada tenda de lona e apresentando alguns Bandozzi, bonecos, fingem falar com voz estranha, graças a certo aparelho que colocam na bôca.

Semelhante espécie de Castelo quase diàriamente é instalado na praça de San Marcos acontecendo, em outras vêzes, ser levado às costas, para ser instalado onde houver mais público com predominância de crianças, sempre desejosas de um recreio, que também atrai muitos homens e mulheres, que demonstram não pouco reconhecimento pela distração proporcionada a seus filhos, gratificando o manejador de tão ridículos burattini.

Tais bonecos se chamam Polichinelo, Arlequim, Turco,



BLIN — Les P'tits Bourbonnes, de André Blin apresentaram recentemente uma nova adaptação do «Capitam Fracesse», de Théophile Gautier. Blin trabalha ùnicamente com sua espôsa e sua mãe. Êle corta e cose os vestuários das personagens.

Soldado, Colombina, Diabo, Fada e Mendiga". Assim também narram manuscritos existentes no Museu Correr, ilustrados no século XVIII pelo pincel de Giovani Grevembroch. Apesar de tudo, os ridículos bonecos, espalhados por tôda Veneza para divertir a todos, grandes e pequenos, não logravam ainda diminuir a importância das marionetes nem fazê-las perder o respeito e a consideração públicos. Estas não desciam à praça pública. Mais aristocráticas, eram instaladas em elegantes teatrinhos com representações de Nabucodonozor e os Faraós, os Gracos e Sofonisba, Antônio e Cleópatra e também histórias mais modernas em que surgiam o Mago, o Soldado, o Cego, o Mouro, o Capitão Spaventa, o Rei e sua Filha, combatendo as perfídias e as deslealdades e a fazer refulgir a virtude de todos os pobres de espírito. Os trágicos acontecimentos eram alternados com comédias bizarras e ridículas, nas quais tomava parte um número infinito de personagens.

Alguns dêstes, que surgiam no palco, eram simbólicos, como representantes de cidades ou de regiões italianas. Veneza, o empório comercial do mundo inteiro, dava à cena Pantalone del Bisognosi, velho mercador opulento e sagaz e de tal prudência para lançar-se a vencer todos os obstáculos que surgiam em sua vida que lhe puseram na bôca estas palavras:

"Minha mulher faz e desfaz e comigo não conta para nada; o filho só pensa em gastar e viver à sua maneira. Os criados não me obedecem; a filha só pensa no dote para conseguir marido. De que me serve ter dinheiro e boas roupas e ser o primeiro mercador em tôda a Europa, se em casa não sou respeitado e, ao contrário, sinto-me rodeado de tantos inimigos como são todos os que comem o meu pão? Mas não importa: cabeça, juízo, prudência. Com o tempo, espero vencer tanta adversidade e fazer o mundo saber que a prudência do homem supera a tôda a fortuna adversa".

Já o tipo representativo da região de Bergamo era Arlequim Batocchio, que assume, também, em várias ocasiões, o nome de Trivellino e de Traffaldino de Bentruffati.

Muito se escreveu sôbre a origem de Arlequim; houve quem lhe desse origem francesa, enquanto outras a alemã.

Arlequim tinha que representar uma pessoa de grande talento e astúcia e como a ambas as coisas se perdoou em todos os tempos qualquer audácia, assim compreendemos que o cômico Martinelli, célebre intérprete da máscara bergamasca, replicando a Catarina de Médicis, rainha da França, pudesse escrever: "Caríssima comedra galinha". E que Catarina se julgasse no dever de responder com um "il mio copare Arlecchino".

Embora o famoso cômico se permitisse fazer citações latinas mais ou menos exatas ou afirmar, por exemplo, que Rusticus Nescit Habere Modo significa que "sem carne não é possível fazer sopa", a ciência e a doutrina eram sempre representadas pelo doutor Balanzon.

E Bolonha, que com sua célebre Universidade, constituía na Itália o centro mesmo das ciências e das letras, era obrigada a levar à cena a máscara pedante e ignorante que escupia sentenças a torto e a direito, soltando frases latinas sem tom nem som, com o ar mais convencido dêste mundo.

Essas marionetes, entretanto, sempre foram inquietas e nômades. Há vestígios de algumas "troupes" ambulantes que andaram por Java, Birmânia, França, Espanha, Alemanha, Rússia, Inglaterra, Turquia, Japão, Pérsia e Índia! Pelo visto, a língua jamais constituiu uma barreira para êsses espetáculos. Os movimentos dos bonecos eram suficientes para que o público pudesse compreender a pantomima.

Embora as marionetes tivessem nascido nos templos pagãos, seu renascimento se efetuou nas igrejas. Henri de Maundrell, um peregrino medieval que visitou o Santo Sepulcro, em Jerusalém, conta que viu ali uma grande variedade de figuras mecânicas, representando os personagens que tomaram parte na crucificação do Senhor. Tais benocos representavam tôda a paixão e morte de Jesus Cristo, desde que foi condenado até à descida da Cruz. Embora surpreenda, Maundrell assegura que até mesmo o detalhe de cravar o Cristo na cruz era representado.

Houve época, porém, em que tais artistas tiveram que tomar precauções, pelo receio de que os acusassem de estar associados com o diabo. Conta-se que alguns chegaram a perecer na fogueira, condenados por bruxaria. Porém as restrições se foram suavizando e as marionetes continuaram conquistando mais e mais o favor do público.



Na Inglaterra surgiu um boneco chamado Punch, cuja popularidade cresceu tanto, que chegou a ser imortal. Sua origem foi o Polichinelo francês, que provàvelmente cruzou o canal da Mancha com Guilherme, o Conquistador. Porém, logo assumiu um caráter nitidamente britânico, imitando os tradicionais personagens que simbolizam o Vício, a Gula, a Vaidade e o Orgulho. Os países orientais também desenvolveram essa arte a sua maneira. Talhavam suas figuras em madeiras raras, marfim polido, chegando mesmo a utilizar pedras preciosas, e seus mais laureados poetas escreveram as obras para os espetáculos. Os títeres orientais sempre oferecem agradáveis surprêsas. São tímidos, doces, românticos e raramente humorísticos, em contraste com os ocidentais, que são tradicionalmente grotescos, satíricos, realistas e práticos.

Não se sabe, exatamente, quando êsses títeres chegaram à América. Talvez existissem no Novo Mundo já antes da invasão do homem branco.

Punch, o famoso boneco inglês, foi uma das primeiras marionetes européias a chegar à América. Porém encontrou um grande obstáculo. Não lhe permitiram representar nas esquinas, como em seu país, embora seu humorismo ganhasse logo grande popularidade. Mais tarde, os títeres alemães, para dar satisfação a seu público de imigrantes, apresentavam cenas de acrobacia e prestidigitação. Porém, embora tudo muito bonito, era bem inferior às encantadoras lendas familiares que se ofereciam na Europa.

Mais tarde, chegaram os artistas italianos, que com seus teatrinhos ambulantes representavam obras como Orlando, o Furioso, tal como tinham sido representadas durante séculos, sem mudar sequer uma linha, nem uma única cena. Nessas condições, o teatro de marionetes italiano adquiriu neste hemisfério alguma uniformidade, pois o mesmo era representado tanto em New York, quanto em Buenos Aires, México ou Rio de Janeiro. Era sempre uma réplica exata do que o povo italiano estava acostumado a ver na Sicília. Usavam-se cenários iguais, anúncios berrantes, paredes de côres vivas e o pianista era, talvez, o mesmo habituado a tocar nas ruas de Nápoles.

O cinema foi sério rival para as marionetes. Porém estas resistiram, pois, como diz o refrão: o bom cômico nunca morre. Tiveram que esperar que volvessem novos dias de fama e de glória. Hoje, com os Walton's, Podreca, Yves Joly, Jacques Chesnay, etc., constituindo espetáculos para o público não mais só de pequeninos, mas de adultos também.

★ ★

CHAPÉUS DE SENHORAS

NA casa de chapéus, a vendedora dizia: — Fica lindo na senhora. Êste chapéu lhe tira dez anos de vida!

Ah! é? Então não quero, retorquiu a freguesa. Imagine: tôda vez que eu tirar o chapéu, fico dez anos mais velha!

● Um grande chapeleiro de senhoras, tomando dois metros de fita, torceu esta de certo jeito, e colocou-a na cabeça da freguesa, dizendo:

— Aí está o seu chapéu, madame.

A dama foi ao espelho e, em êxtase, exclamou:

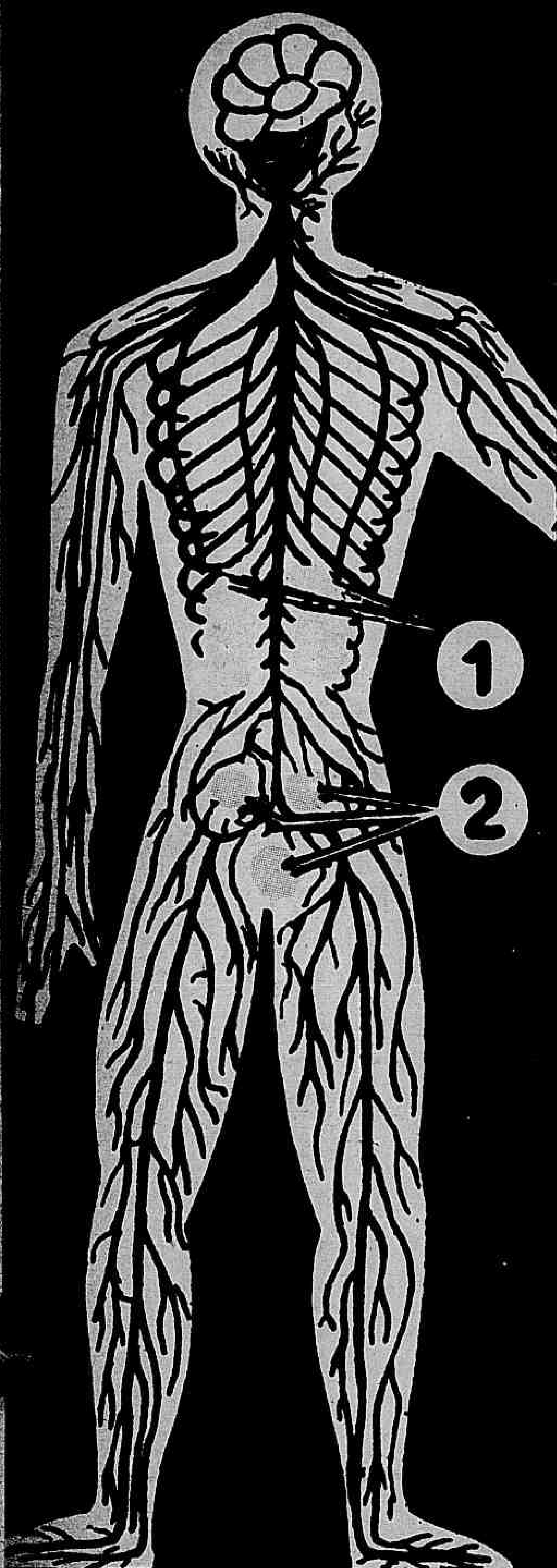
— Ah, que amor!

São quinhentos cruzeiros, declarou o chapeleiro, imperturbável.

— Quinhentos cruzeiros...? Que exorbitância, por um pedaço de fita!

O chapeleiro desenrolou a fita e entregou-a à freguesa, explicando: — A fita, madame, é de graça.

Sim; você tem



1 — Diversos. 2 — Potassium (0,20%). Enxôfra (0,15%). Cloro (0,1%), Sodium (0,1%). Magnesium (0,3%). 3 — Fósforo (1%). 4 — Calcium (2%). 5 — Azôto (3%).

Onze elementos principais compõem o corpo humano. O esquema acima indica as proporções aproximadas. O colesterol (6), composto de carbono, hidrogênio e oxigênio, existe na proporção de 0,17%, no sangue, e de 4% em certos órgãos.

SE sofremos do fígado, se somos diabéticos ou arterioscleróticos, o médico recomenda vários exames de laboratório. Depois, inùtilmente, tentamos compreender os têrmos misteriosos que são o resultado dessas análises.

Uma palavrinha, sobretudo, aparece frequentemente: *"colesterol"*.

— "Tenho colesterol" — repetimos, bastante inquietos. Mas *"ter colesterol"* não é mais grave do que "ter uréia", contanto que se o tenha *em quantidade normal*, nem mais, nem menos.

Na verdade, são as variações de quantidade do colesterol, componente normal e mesmo essencial do organismo, que apresentam, para o diagnóstico médico, uma certa importância e não, apenas, a sua presença. Algumas vêzes um decréscimo considerável dessa quantidade é o indício de uma infecção profunda. Outras, o seu aumento significará distúrbios no fígado ou nas artérias.

O excesso de colesterol no organismo não constitui por si mesmo uma doença, mas é sintoma de modificações ocorridas no organismo.

Como interpretar êste sintoma? Para compreender o que poderá indicar, é nocessário saber, primeiro, o que vem a ser o colesterol, e qual a sua função normal.

O COLESTEROL, PRODUTO-CHAVE DO ORGANISMO, É TÃO IMPORTANTE QUANTO OS HORMÔNIOS SEXUAIS.

Lavoisier demonstrou que as plantas e os animais são compostos de carbono, de hidrogênio, de oxigênio e de azôto. Mas, desde então, a lista dos elementos diferenciados na matéria viva aumentou consideràvelmente. Os cientistas puderam descobrir, na célula animal, onze elementos que, só êles, representam mais de 99% do organismo total e entre os quais estão o fósforo, o cálcio, o cloro, etc.

Êstes elementos se associam, sucessivamente, para formar substâncias indispensáveis ao bom funcionamento do organismo. Entre essas substâncias figura o *colesterol*, composto de carbono, de hidrogênio e de oxigênio, e constituinte *normal* da célula humana, ìntimamente ligado às gorduras do organismo. Presente em todos os tecidos e principalmente no sistema nervoso, nas glândulas supra-renais e nas glândulas sexuais, na proporção de 1 a 4%, foi descoberto em 1769 por Pouletier de la Salle, na bíli, e chamado, por esta razão, colestearina (*colé* significando bíli, em grego). Com o tempo, esta antiga denominação foi abandonada e substituída pela de "colesterol".

Como os hormônios sexuais e códtico-supra-renais, os sais biliares, a vitamina D, os compostos digitálicos e certos carbonatos cancerígenos, o colesterol desempenha no organismo uma função importante, principalmente no transporte dos ácidos gordurosos; também exerce ação antitóxica e anti-hemofílica, isto é: impede a destruição dos glóbulos vermelhos do sangue. Pode ser considerado um dos "produtos-

colesterol... (mas não se assuste!)

chaves" do organismo, com a mesma importância das glândulas sexuais. Todo organismo que se defende, reage por meio de modificação da quantidade de colesterol.

De ONDE PROVÉM O COLESTEROL? — Em parte dos alimentos que ingerimos e a prova desta origem nos é dada pela hipercolesterolemia ou *aumento da quantidade de colesterol, depois das refeições*. Êste aumento pode atingir até 2 e 3 gr. por litro de sangue, mas é, sempre, transitória e varia segundo a alimentação do indivíduo.

Mas, em parte, o colesterol provém, também, do próprio organismo, que o fabrica nas cápsulas supra-renais, no corpo amarelo do ovário ou no fígado. Neste detalhe existem, entretanto, apenas hipóteses.

A quantidade de colesterol varia pouco, no sangue de um mesmo indivíduo *em estado normal*: é de cêrca de 1gr. 70 por litro.

De uma maneira geral, esta quantidade decresce progressivamente por ocasião de intervenções cirúrgicas mutilantes, que atingem o tubo digestivo ou, ainda, em casos de leucemia ou de infecções prolongadas. Diminui ràpidamente nos estados de choque: septicemia, choque operatório, alergia a certos medicamentos, etc. Quando provocadas por distúrbios do fígado, essas variações servem para esclarecer o diagnóstico das icterícias e das diversas afecções hepáticas. Assim, por exemplo, no correr de icterícias epidêmicas, verifica-se que um fraco teor do sangue em colesterol corresponde à toxi-infecção do começo ou do fim da doença, enquanto que um teor elevado pode indicar uma icterícia crônica *por obstrução do canal* colédoco.

Mais interessante ainda do que a percentagem do colesterol sanguíneo é a sua precipitação nos diversos tecidos. Isto é assunto tão complexo que um congresso especial lhe foi consagrado ("O colesterol e a nutrição") em setembro de 1952. As conclusões dêsse Congresso podem ser assim resumidas: A "colesterolemia" ou presença do colesterol no sangue, não deve mais ser considerada, apenas, como um "teste de insuficiência hepática" ou como uma prova de desequilíbrio endócrino, mas como *"uma reação de defesa proveniente de todo o organismo"*. A percentagem do colesterol sanguíneo diminui quando o organismo é fortemente atacado; torna a aumentar progressivamente quando o choque imediato é atenuado e a doença se prolonga. O excesso de colesterol não é, portanto, por si só, um sintoma perigoso; o perigo está nas retenções de bíli, de glucose, de azôto, de ácidos, que êle provoca, tumultuando a perfeita assimilação das gorduras.

Em caso de excesso, o cuidado do médico não deve ser o de fazer baixar a percentagem de colesterol no sangue, mas, sim, o de normalizar o equilíbrio humoral, a fim de evitar a sua precipitação nos tecidos (fator patológico

O colesterol existe em todos os tecidos do organismo. Mas é encontrado, principalmente, no sistema nervoso, representado esquemàticamente na silhueta abaixo, como nas glândulas supra-renais (1) e nos órgãos sexuais tanto do homem como da mulher (2).



essencial). *É possível provocar uma arteriosclerose simplesmente adotando um regime rico em colesterol!*

O aumento do colesterol sanguíneo pode ser o sintoma de diversas afecções orgânicas: pode ser o sinal de uma arteriosclerose, por exemplo. Em 1912, Anitschkov provocou lesões dos vasos sanguíneos chamadas "ateromatosas" (endurecimento e engrossamento da túnica interna das artérias) por meio de um regime rico em colesterol. Estas lesões eram precedidas de um hipercolesterolemia; regrediam, porém, quando se suprimia êsse regime. Nos EE.UU. numerosos trabalhos permitiram descobrir no plasma sanguíneo de doentes de arteriosclerose moléculas-gigantes compostas de colesterol, lipídios (gorduras) e proteínas (substâncias azotadas), perfeitamente iguais às que formam as placas ateromatosas. Tais moléculas seriam características da arteriosclerose. Podem, em princípio, ser eliminadas depois de algumas semanas de severo regime. Tudo indica, entretanto, que são o resultado de um distúrbio que surge tanto mais frequentemente quanto mais idosos são os pacientes ou mais particularmente predispostos.

Recentemente, dois pesquisadores, Morison e Johnson, verificaram que o tecido das artérias coronárias dos enfermos mortos de infarto do miocárdio (afecção cardíaca) era quatro vêzes mais rico em colesterol do que o de doentes vitimados por outras afecções. Nessas condições, admitem os médicos, hoje, que a assimilação de colesterol tem estreita ligação com os fenômenos da arteriosclerose e que uma alimentação muito rica em colesterol facilita o desenvolvimento ou entretém êsse processo mórbido. Por outro lado. os prfos. Guy Laroche, R. Oudry e R. Derache, de Paris, estudaram sucessivamente as variações da colesterolemia sob a influência das *perturbações das glândulas endócrinas* e chegaram a estas conclusões:

— "A hipotireoidia ou insuficiência das secreções da glândula tireóide é acompanhada de um aumento de colesterolemia, enquanto que a hipertireoidia tem uma ação inversa sôbre a percentagem de colesterol. No entanto, na doença de Basedow (hipertireoidia), a diminuição da percentagem de colesterol *não é paralela ao aumento do metabolismo basal.* Verifica-se, frequentemente, nas afecções de Basedow, que a hipercolesterolemia é acompanhada por lesões das células hepáticas.

— "As glândulas supra-renais desempenham importante função na assimilação das gorduras e, em particular, do colesterol. Parece estar provado hoje que essas glândulas facilitam o seu acúmulo. Nas formas graves da doença de Addison (lesões das glândulas supra-renais) diminui a percentagem de colesterol.

— "A foliculina (hormônio feminino) facilita a passagem do colesterol no sangue, o que explica a abundância desta substância no sangue das mulheres, durante o período da gravidez.

— "Uma afecção da hipófise (pequena glândula misteriosa, situada na base do cérebro) pode surgir por modificações na colesterolemia.

A hipercolesterolemia manifesta-se nos diabéticos: foi Bloor que, em 1916, descobriu e demonstrou a importância dêsse fato. Os numerosos trabalhos, realizados desde então sôbre o assunto, mostram que, em 85% dos casos de diabete, verifica-se um aumento da percentagem de colesterol. Todavia, em regra geral, a hipercolesterolemia é moderada (entre 2 e 4 grs.). São raros os aumentos fortes da percentagem de colesterol. Verificou-se que uma hipercolesterolemia particularmente elevada é o indício de futuras complicações.

Nota-se também modificações da percentagem do colesterol no curso de *nefrites agudas ou crônicas* (inflamações renais), quando a hipercolesterolemia pode atingir 2 ou 3 grs. Também no curso de *perturbações hepáticas*, a colesterolemia sofre também alterações; por ocasião de icterícia (por hepatite) ou de cirrose, a quantidade de colesterol diminui; nas afecções biliares a quantidade de colesterol, ao contrário, aumenta. Há, ainda, os casos de anemia perniciosa, quando ocorre uma diminuição da colesterolemia. Como se verifica, *a dosagem do colesterol* é particularmente preciosa para o médico, que poderá formar o diagnóstico e, eventualmente, ter uma idéia da evolução da doença. É um exame de laboratório importante e que permite, muitas vêzes, descobrir uma lesão não aparente, uma afecção insidiosa ou um distúrbio latente, e o tratamento mais indicado.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÉVAL

— Vou dizer-lho, Monsenhor — replicou o corcunda, mudando mais uma vez de tom. — Tímido, ardente, a paixão nascia em mim; tornei-me filósofo. Então, principiei a errar, procurando saber, adivinhar, donde vinha essa volúpia desconhecida...

— E depois? — perguntou Gonzaga.

— Príncipe — respondeu o corcunda, inclinando-se — o vento soprava do vosso palácio!

Isto foi pronunciado em tom alegre. Dir-se-ia que Ésopo tinha o privilégio de regular o diapasão do bom humor geral. Todos quantos rodeavam Gonzaga e até o próprio príncipe, ainda há pouco muito sério, principiaram a rir.

— Ah! Ah! O vento soprava de minha casa!

— Sim, Monsenhor. Logo no limiar notei que estava no bom caminho. Não sei que perfume penetrou no meu cérebro... naturalmente foi o perfume do prazer nobre e opulento... Parei para o saborear. É uma coisa que embriaga e eu gostei...

— O senhor Ésopo não tem mau-gôsto! — exclamou Navailles.

— Parece um entendido! — disse Oriol.

O corcunda olhou-os bem de frente.

— Os senhores, que transportam fardos à noite — disse em voz baixa — compreendem que para satisfazer um desejo se é capaz de tudo!

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, se reúnem vários espadachins, contratados por Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Ésopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na Espanha, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada do seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo

Oriol empalideceu e Montaubert exclamou:

— Que quer êle dizer com isto?

— Explica-te, amigo! — ordenou Gonzaga.

— A explicação não será longa... Como sabe, ontem tive a honra de sair do Palácio Real ao mesmo tempo que Monsenhor — replicou o corcunda. — Nessa altura, vi dois fidalgos levando uma maca... o que não é costume... e pensei que eram pagos para isso...

— E êle sabe?... — principiou Oriol, estouvadamente.

— O que havia na maca? — interrompeu o corcunda. — Evidentemente! Era um velho fidalgo embriagado, a quem, mais tarde, ofereci o meu braço, ajudando-o a recolher ao seu palácio.

Gonzaga baixou os olhos e mudou de côr. Uma expressão de profunda surprêsa espalhou-se em todos os rostos.

— E saberás o que foi feito de Lagardère? — perguntou Gonzaga, em voz baixa.

— Gendry é uma boa espada; eu estava perto dêle quando feriu e... palavra de honra!... que o golpe foi bem dado. Aquêles que Monsenhor mandou averiguar o caso, lhe contarão o resto...

— Já demoram!

— É preciso dar-lhes tempo; mestre Cocardasse e o compadre Passepoil...

— Também os conheces? — perguntou Gonzaga, no auge da surprêsa.

— Conheço quase tôda a gente, Monsenhor...

— Meu amigo: sabes que não gosto de pessoas que conheçam tanta gente e tantas coisas?

— Concordo que pode ser perigoso — retorquiu tranquilamente o corcunda — porém, também pode ser útil. Sejamos

---

vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitasse, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êstes lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Payrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o príncipe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Nocê, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbarata os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e, apontando para a cicatriz na palma da mão do seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem porém e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora, no correr da festa do regente. De fato, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha e, para isso, tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Mas o próprio Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère». Pouco depois, sessenta homens cercam e prendem Lagardère. Infelizmente, os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue onde devia. Lagardère é levado à presença do Regente e da Princesa de Gonzaga. A princesa, não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, porque tinha o salvo-conduto, é interceptado por Gonzaga e aponta-o ao regente como o matador de Nevers. Êste se defende e pouco depois espera-o fora da sala e diz que Aurora já está em seu poder... e também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir ao cêrco dos homens de Gonzaga e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda sob sôldo de Gonzaga vem anunciar que matou Lagardère. Quando o vão mostrar, porém, o corpo desapareceu e surge o corcunda vangloriando-se de haver atraído o cavalheiro... Êste fôra levado para ser atirado ao rio. Horas depois, o corcunda, ferido, pois era o próprio Lagardère, cuida de suas chagas. No dia seguinte, recebendo seus homens no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices, matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome. Então Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Cocardasse e Passepoil, porém, ganham esperanças. Na mesma tarde, realiza-se o leilão de títulos, promovido pelo regente, e o corcunda ganha bom dinheiro emprestando as costas como mesa para assinatura dos cheques. Ali ouve Gonzaga afirmar aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e a seguir dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo ao qual no fundo também temia: Chaverny. Logo o Corcunda faz um pedido ao príncipe de Gonzaga.

justos... se eu não conhecesse o cavalheiro de Lagardère...

— Diabos me levem se eu me servia de um homem dêstes! — murmurou Navailles, por detrás de Gonzaga.

O fidalgo julgou que não seria ouvido, mas Èsopo retorquiu:

— Fazia mal!...

Os restantes eram da opinião de Navailles.

Gonzaga hesitava. O corcunda prosseguiu então, como se quisesse brincar com a sua irresolução:

— Se não me tivessem interrompido, já teria antecipadamente respondido às suspeitas de Monsenhor. Quando parei no limiar do seu palácio, hesitei e perguntei a mim mesmo se não estaria equivocado! Era o paraíso, o paraíso por que ansiava. Não o da Igreja, mas o de Maomet, com tôdas as suas delícias reunidas: mulheres lindas e bom vinho. Estaria pronto para tudo, a fim de merecer a entrada nesse Éden voluptuoso? Antes de avançar, perguntei-o a mim próprio e... entrei, Monsenhor!

— Estavas então pronto para tudo? — interrompeu o príncipe.

— Para tudo! — respondeu o corcunda, resolutamente. — Sinto um furioso apetite de prazeres e de nobreza!

— Escuta! — disse o príncipe. — A nobreza pode comprar-se... pergunta a Oriol!

— Não quero a nobreza que se compra!

— Pergunta a Oriol quanto pesa um nome!

Èsopo mostrou a corcunda com um gesto cômico e perguntou se pesaria tanto como aquilo.

Depois, em tom mais sério, prosseguiu:

— Um nome, uma corcunda! Dois fardos que só esmagam os pobres de espírito! Sou demasiadamente pequeno para poder ser comparado a um financeiro como o senhor Oriol. Se o nome dêle o esmaga, pior para êle; a minha corcunda não me incomoda! O marechal de Luxemburgo é corcunda! Mas o inimigo viu-lhe, por acaso, as costas na batalha de Nerwinde? A corcunda do gigante Atlas era o Mundo! Ora, sem colocar a minha ao nível de tôdas estas ilustres corcundas, posso dizer que ela vale, ao câmbio do dia, cinquenta mil escudos de renda. Que seria de mim sem ela?... Quero-lhe muito! Vale ouro!

— Pelo menos, tem espírito lá dentro — disse Gonzaga. — Prometo, meu amigo, que serás fidalgo!

— Graças vos sejam dadas, Monsenhor. E quando?

— Parece que está com pressa! — comentaram.

— É preciso dar tempo ao tempo! — disse Gonzaga.

— Êles têm razão — replicou o corcunda — estou com pressa. Monsenhor, perdoe-me, mas acaba de me dizer que não gosta de serviços gratuitos e isso

★



— *Contratei-o para a eventualidade de ser fraca a batida de hoje, senhor barão.*

põe-me à vontade para reclamar o meu salário imediatamente.

— Imediatamente! — repetiu o príncipe a rir. — Mas isso é impossível!

— Não se trata de nobreza!

E, aproximando-se, disse em tom insinuante:

— Não é preciso ser fidalgo para ter um lugar junto do sr. Oriol, por exemplo, na ceia desta noite!...

Todos deram uma gargalhada, exceto o príncipe e o financeiro.

—Também sabes isso? — perguntou Gonzaga, franzindo a testa.

— Duas palavras ouvidas por acaso — murmurou o corcunda, com humildade.

Entretanto, os outros exclamavam:

— Temos ceia!... Temos ceia!...

— Ah! príncipe! — disse Esopo, em tom sério. — Sofro o suplício de Tântalo! Uma casinha pequenina, com o seu jardim sombrio e em cujas salas o dia só penetra através de discretos cortinados. Tetos pintados com ninfas e amôres, borboletas e rosas. Vejo um salão doirado!... É o salão de festas, cheio de sorriso. Vejo as flores, aspiro os seus perfumes... mas que é tudo isso ao lado do vinho delicioso a transbordar das taças, enquanto as mais lindas mulheres...

— Já está embriagado — disse Navailles — mesmo antes de ser convidado!

— Se Monsenhor quiser — disse Oriol ao ouvido do príncipe — previno *Mademoiselle* Nivelle.

— Já está prevenida — respondeu o príncipe.

E como se quisesse continuar a exaltar o extraavgante capricho do corcunda:

— Meus senhores, esta ceia não é como as outras!... Adivinhem o que haverá!

— Uma representação?... O Czar?... O senhor Law?...

— Melhor do que tudo isso!

— Renunciamos — responderam todos quase ao mesmo tempo.

— Teremos um noivado! — disse o príncipe.

O corcunda estremeceu, mas julgaram que era de inveja.

— Um noivado real! — prosseguiu Gonzaga. — Um verdadeiro casamento de grande cerimônia.

— E quem se casa? — perguntaram todos ao mesmo tempo.

O corcunda continha a respiração. No momento em que Gonzaga ia responder, Peyrolles apareceu ao cimo da escadaria e exclamou:

— Aqui estão os nossos homens!

De fato, Cocardasse e Passepoil estavam por detrás dêle, tendo estampada no rosto aquela calma que fica tão bem aos homens úteis.

— Amigo — disse o príncipe para o corcunda — ainda não terminamos a nossa conversa. Não te afastes!

— Estou às ordens de Monsenhor! — retorquiu Esopo, dirigindo-se para o casinholo.

O seu cérebro trabalhava, pensava e quando transpôs o limiar e fechou a pequena porta, deixou-se cair em cima do colchão.

— Um casamento! — murmurou. — Um escândalo! Êste homem não faz nada sem uma finalidade! Que se esconderá sob esta profanação? Escapa-me o seu pensamento e o tempo passa!

Escondeu a cabeça entre as mãos crispadas.

— Oh! Quer êle queira ou quer não — prosseguiu, com estranha energia — juro, por Deus, que hei de ir à ceia!

IV

GASCÃO E NORMANDO

— Então, que notícias há? — exclamaram os cortesãos, cheios de curiosidade.

As histórias de Lagardère principiavam a interessá-los pessoalmente.

— Aquêles dois bravos só querem falar com Monsenhor — respondeu Peyrolles.

Cocardasse e Passepoil, refeitos com um esplêndido dia de sono em cima da mesa da taberna, estavam fresquinhos como duas alfaces. Passaram altivamente através dos fidalgos e foram direitos a Gonzaga, a quem saudaram com a dignidade de verdadeiros cavalheiros.

— Vejamos — disse o príncipe — falem depressa!

Cocardasse e Passepoil voltaram-se um para o outro.

— Primeiro tu, meu nobre amigo — disse o normando.

— Isso, nunca! — replicou o gascão. — Primeiro, tu!

— Então vamos aqui ficar à espera? — exclamou o príncipe.

Os dois amigos, principiaram ambos ao mesmo tempo, em voz alta e com volubilidade:

— Monsenhor, para merecer a honrosa confiança...

— Esperem! — disse o príncipe. — Fale cada um por sua vez!

Novo combate de delicadeza. Por fim, Passepoil principiou:

— Como sou mais novo, obedeço ao meu nobre amigo e tomo a palavra...

Antes de deixarmos prosseguir o nosso herói convém dizer que, ao saírem da taberna, tinham ido pela segunda vez à casa da rua de Chantre. Notícias de Lagardère, nenhuma. Que fôra feito dêle? Cocardasse e Passepoil encontravam-se na mais completa ignorância do assunto.

— Sejam breves — ordenou o príncipe.

—Concisos e precisos — acrescentou Navailles.

— Eis o caso em duas palavras — principiou — a verdade nunca leva muito tempo a dizer-se... O meu nobre amigo e eu analisamos:

"Duas probabilidades valem mais do que uma; sigamos cada um a sua pista". Consequentemente, separamo-nos defronte do mercado dos inocentes. O que fêz o meu nobre amigo, ignoro-o! Quanto a mim, fui ao Palácio Real, onde os operários estavam ainda a retirar as decorações da festa. Ali, só se falava de uma coisa: tinham encontrado uma poça de sangue entre a tenda indiana e o pavilhão do porteiro, mestre Le Bréant.

"Dirigi-me imediatamente para o local e fui examinar a poça de sangue que me pareceu razoável; depois segui uma pista... ah! mas é preciso ter bons olhos para isso... fui até à rua de Saint-Honoré, passando pelo vestíbulo do pavilhão do senhor Regente. Os criados perguntavam-me: "Amigo, perdeste alguma coisa?...". "Foi o retrato da minha amada!" — respondia. E êles riam como verdadeiros patetas! Na rua de Saint-Honoré, porém, passam tantos cavalos e tantas carroças que a pista desapareceu. Dirigi-me imediatamente ao rio.

— Por onde? — interrompeu o príncipe.

— Pela rua de l'Oratoire — respondeu Passepoil.

Gonzaga e os seus cortesãos trocaram um olhar. Se Passepoil tivesse falado da rua Pierre-Lescot — como a louca aventura de Oriol e Montaubert já era conhecida — teria perdido todo o crédito.

Passepoil prosseguiu, ingênuamente:

— Falo-lhe como a um confessor, meu ilustre príncipe. Encontrei de novo a pista na rua de l'Oratoire e segui-a até à beira do rio. Ali, porém, não havia nada, mas encontrei uns marinheiros que conversavam; aproximei-me. Um dêles dizia:





— O primeiro faisão de Vossa Excelência passará dentro de três minutos e dez segundos, exatamente.

"Eram três; o fidalgo ferido, depois de lhe terem tirado a bôlsa, foi lançado ao Sena"...

"— Meus amigos — perguntei — os senhores viram o fidalgo?...

"Não me quiseram responder, pensando primeiro que eu estivesse ao serviço do senhor Tenente-Geral da Polícia, mas eu acrescentei que pertencia à casa do fidalgo.

"— Como ia êle vestido, meus queridos amigos? — perguntei de novo.

"— Tinha uma máscara e trajava roupa de cetim branco."

Ouviu-se um grande murmúrio; trocaram-se sinais. Gonzaga meneou a cabeça em ar de aprovação. Só Cocardasse conservava o seu sorriso cético.

Passepoil, encorajado pelo sucesso da sua narrativa, prosseguiu:

— Então, fui andando, passei por Le Point-du-Jour e por Sèvres. Cá tinha a minha idéia, como verão... Cheguei à ponte de Saint-Cloud...

— As rêdes! — murmurou Oriol.

— As rêdes — repetiu Passepoil, piscando o ôlho — o senhor acaba de pôr o dedo na ferida.

— E que encontraste na rêde? — perguntou Gonzaga, franzindo as sobrancelhas, em ar de dúvida.

Compadre Passepoil desabotoou o casaco. Cocardasse abriu muito os olhos... não esperava uma coisa daquelas, mas o que Passepoil tirou do casaco não fôra, porém, apanhado nas rêdes de Saint-Cloud, que, no entanto, não passava de uma crença popular. O que Passepoil apresentou, encontrara-o êle nos aposentos particulares de Lagardère, quando da sua primeira visita, na manhã dêsse dia. Pegara naquilo sem qualquer idéia preconcebida, ùnicamente pelo hábito de nunca deixar nada ao acaso. Cocardasse nem sequer reparara nisso. Era nada mais, nada menos, do que o fato de cetim branco que Lagardère levara ao baile do Regente. Passepoil, na taberna, metera-o num balde com água. Estendeu-o ao príncipe de Gonzaga, que recuou com um movimento de horror. Todos experimentaram qualquer coisa parecida com êsse sentimento, ao reconhecerem perfeitamente os despojos do cavalheiro.

— Monsenhor — disse Passepoil com modéstia — o cadáver era demasiadamente pesado... só pude trazer isto!

— Sim senhor... — pensou Cocardasse — preciso ter cuidado, o maroto tem imaginação!"

— Viste o cadáver? — perguntou Peyrolles.

— Por favor — respondeu Passepoil, com ar ofendido — já comemos no mesmo prato?!... Não o trato por tu... ponha de parte essa familiaridade...

— Responde à pergunta — disse Gonzaga.

— A água é profunda — replicou Passepoil — e Deus bem sabe que só afirmo uma coisa quando estou completamente certo!

— Bem! — exclamou Cocardasse. — Estava a ver o que dizias! Ah! se tivesses mentido, nunca mais tornava a olhar para ti!

E, aproximando-se do normando, deu-lhe uma palmada amigável, acrescentando:

— Não mentiste!... Sim, como poderia estar o cadáver nas rêdes de Saint-Cloud, se acabo de o ver a duas boas léguas daqui, em terra firme?!

Passepoil baixou os olhos. Todos os olhares se dirigiram para Cocardasse.

— Meu amigo — continuou êste último dirigindo-se ao companheiro — Monsenhor vai permitir-me que eu renda sincera homenagem à tua sinceridade... Os homens como tu são raros e sinto-me orgulhoso por seres meu irmão de armas...

— Espera! — disse Gonzaga interrompendo-o. — Quero fazer uma pergunta a êste homem!

E designava Passepoil, que se encontrava em pé, diante dêle, com a inocência e a candura pintadas no rosto.

— E quanto aos dois bravos defensores da jovem do dominó côr-de-rosa? Nada me tens a dizer? — perguntou o príncipe.

— Confesso, Monsenhor — respondeu Passepoil — que dediquei todo o meu tempo ao outro caso...

— Ah! — exclamou Cocardasse encolhendo ligeiramente os ombros. — Não peça a essa jóia de rapaz mais do que êle lhe pode dar... O meu camarada Passepoil fêz tudo quanto podia... Sinto-me

orgulhoso dêle, mas isto não quer dizer que esteja ao meu nível!... Não! Isso era exagêro!

— Fizeste melhor do que êle? — perguntou o príncipe, desconfiado. — Que foi?...

— Sim... vi o corpo... e falei com os dois defensores...

— Tens a certeza? — não pôde deixar de dizer Gonzaga.

— Realmente?... Fala! Fala! — exclamaram todos os outros.

Cocardasse tomou uns ares importantes e principiou:

— Procedamos com método! Há certos assuntos para os quais são necessárias condições especiais: ôlho de lince, ouvido delicado, braço ágil e bom coração!... Ao separar-me do meu camarada, disse para comigo: Cocardasse, pensa um bocadinho. Onde encontrarás os que escoltavam o dominó côr-de-rosa?... Meti o nariz em vários pontos e por fim dei com o meu corpinho na *Cabeça Negra*, uma taberna na rua Saint-Thomas. Costuma estar sempre cheia de homens de armas. Às duas da tarde entraram dois tunantes a quem imediatamente reconheci como se fôssem meu pai e minha mãe... Aproximei-me dêles e disse-lhes: "Venham comigo, meus queridos amigos... temos um assunto a tratar!". Então, levei-os até Saint-Germain-Auxerrois e no antigo fôsso da abadia entendemo-nos às mil maravilhas. Posso afirmar, senhores, que aquêles dois não tornam a defender ninguém!

— Puseste-os fora do combate? — perguntou Gonzaga, que não percebera muito bem o que o gascão dissera.

Cocardasse curvou-se e marcou no ar duas formidáveis estocadas. Depois voltou ao seu ar grave e acrescentou:

— Eram apenas dois! Outras vêzes já pus fora de combate vários que me atacavam ao mesmo tempo!

— Monsenhor — prosseguiu Cocardasse — deu-me dois encargos. Agora passemos ao outro. Ao separar-me do meu amigo, disse para comigo: onde costumam encontrar-se os cadáveres?... No Sena. Então, fui dar um passeio a beira-rio. Mas para ir para êsses sítios é preciso madrugar muito. Então, exclamei: Cocardasse, morrias de vergonha se te apresentasses ante teu ilustre amo sem teres cumprido fielmente as suas ordens! E como na bôca do saco é que está o atilho, resolvi ir buscá-lo à Ponte Nova.

"Recordas-te, Passepoil, de Massabiou, aquêle maroto que roubava capas por detrás de Notre-Dame?... Pois está agora um rapaz honesto, que ganha a vida vendendo cadáveres aos cirurgiões...

— Passa adiante, entra nos fatos — ordenou o príncipe.

— O fato é que encontrei Massabiou e depois de ter conversado com êle durante um bocado, perguntei-lhe: "Donde vens"? — "De levar a minha mercadoria ao hospital..."

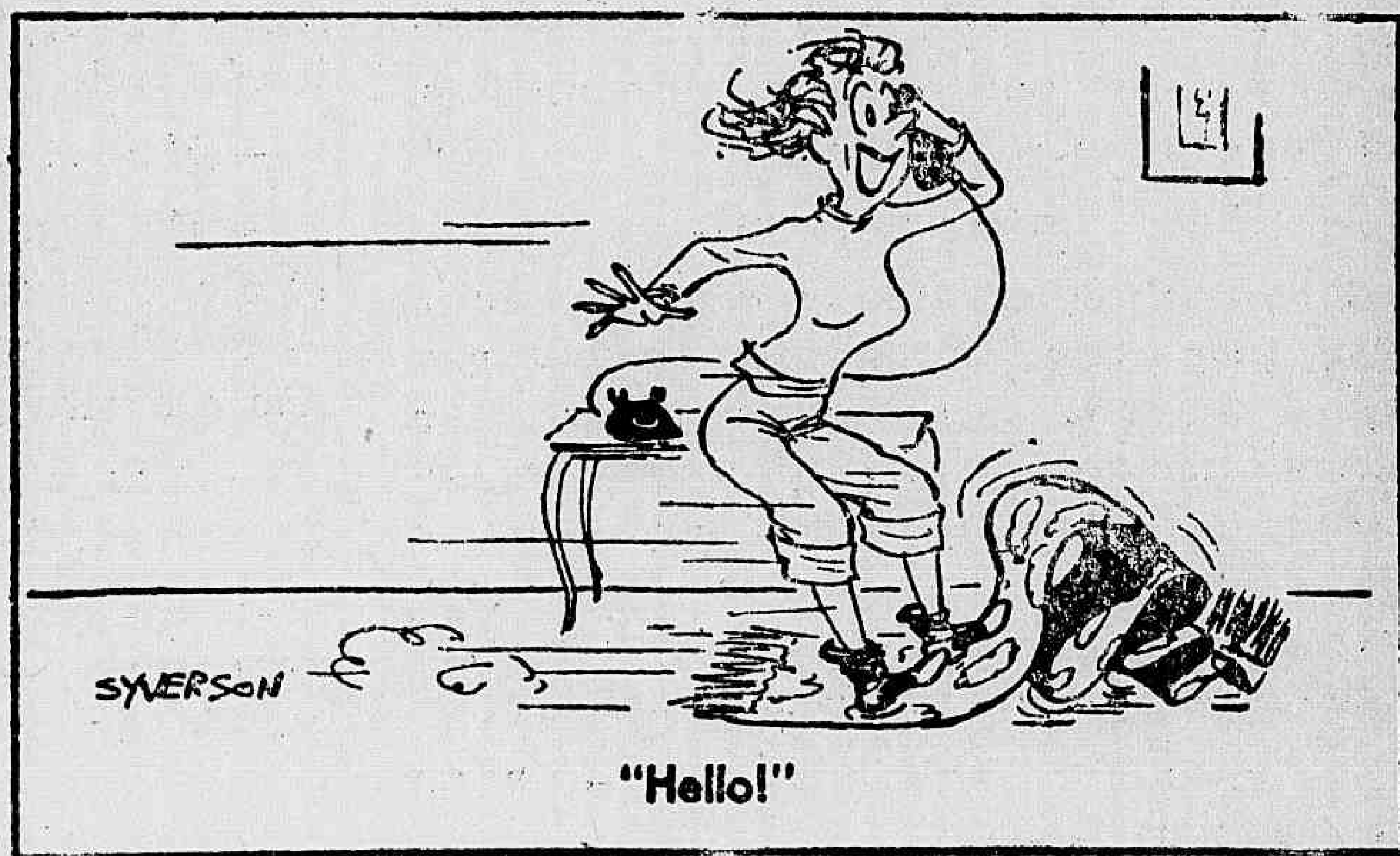
Cocardasse fêz uma pequena pausa. Gonzaga e os amigos escutavam-no àvidamente.

— Com efeito, o rapaz regressava do hospital, pois levava um saco ao ombro. Depois de saber estas coisas, separei-me dêle e subi até ao Val-de-Grâce...

— E que encontraste aí? — interrompeu Gonzaga.

— Mestre Jean Petit, o cirurgião do rei, que autopsiava, diante dos discípulos, o cadáver vendido por Massabiou...





"Hello!"

— E viste-o?

— Com êstes dois que a terra há de comer!

— Era Lagardère?

— Êle próprio, com os seus cabelos loiros, a sua estatura, o seu rosto! O escalpêlo entrara em ação nesse momento...

Um grande murmúrio de alegria elevou-se entre os cortesãos.

— Morreu!... Está morto!...

O próprio Gonzaga soltou um suspiro de satisfação e disse:

— Morreu!...

E atirou com a bôlsa a Cocardasse, que foi imediatamente cercado e felicitado por todos os presentes.

Entretanto, um criado desceu a escadaria. O dia ia morrendo; o homem trazia um archote na mão e na outra uma salva de prata, sôbre a qual se via uma carta.

— Para Monsenhor! — disse.

Os cortesãos afastaram-se. O príncipe pegou na carta e abriu-a. Viram o seu rosto alterar-se, para em seguida retomar o mesmo ar calmo. Lançou a Cocardasse um tal olhar que compadre Passepoil sentiu arrepios em todo o corpo.

— Anda cá! — disse Gonzaga ao espadachim.

Cocardasse avançou imediatamente.

— Sabes ler? — perguntou o príncipe, com um ar sardônico.

E entregando-lhe a carta, disse para os amigos:

— Meus senhores, acabam de chegar notícias frescas!

— Notícias do defunto? — perguntou Navailles.

— Lê em voz alta! — ordenou Gonzaga.

Formou-se um círculo. Cocardasse, trêmulo, disse ao amigo:

— Lê tu... não vejo bem!...

Passepoil aproximou-se e percorreu a vista pela carta. Corou, mas, em boa verdade, dir-se-ia que era de prazer. Ao mesmo tempo poderia dizer-se que Cocardasse tinha dificuldade em suster o riso. Isto, porém, foi coisa de um instante. Os cotovelos de ambos tocaram-se... tinham-se compreendido mùtuamente.

— Que foi?... Que foi?... — gritaram de todos os lados.

— Lê tu, Passepoil... falta-me a voz. Isto é um milagre!

— Lê, Cocardasse, estou arrepiado!...

Gonzaga bateu com o pé no chão. Cocardasse disse então ao criado:

— Alumia!

E quando o archote estava ao seu alcance, leu, em voz alta e distinta:

Senhor príncipe

Para liquidarmos de uma vez para sempre as nossas contas, convido-me para a sua ceia desta noite. Estarei em sua casa às nove horas.

— Quem assina? — perguntaram de todos os lados, quase ao mesmo tempo.

"Cavalheiro Henrique de Lagardère!"

Todos repetiram êste nome que, dali por diante, era para êles um nome sinistro.

Fêz-se um profundo silêncio. No envelope que continha a carta havia outro objeto que Gonzaga guardara. Ninguém conseguira vê-lo. Era a luva que Lagardère arrancara ao príncipe em casa do Regente. Gonzaga apertou-a na mão. Tornou a pegar na carta que lhe entregava Cocardasse.

Peyrolles quis falar-lhe, mas o príncipe repeliu-o.

— Então, que dizem a isto? — perguntou, dirigindo-se aos dois amigos.

— Digo — respondeu suavemente Passepoil — que todo o homem se pode enganar. Contei apenas tôda a verdade. Além disso, êsse fato é um testemunho irrefutável.

— Mas... e a carta?

— Eu digo que Massabiou pode dizer se o encontrei ou não — disse Cocardasse. — Mandem-no chamar! E Jean Petit é ou não é o cirurgião do rei? Vi o corpo...

— Mas a carta? — insistiu Gonzaga, de sobrancelhas franzidas.

— Há muito tempo que êsses dois o enganam! — murmurou Peyrolles ao ouvido do príncipe.

(*Continua no próximo número*)



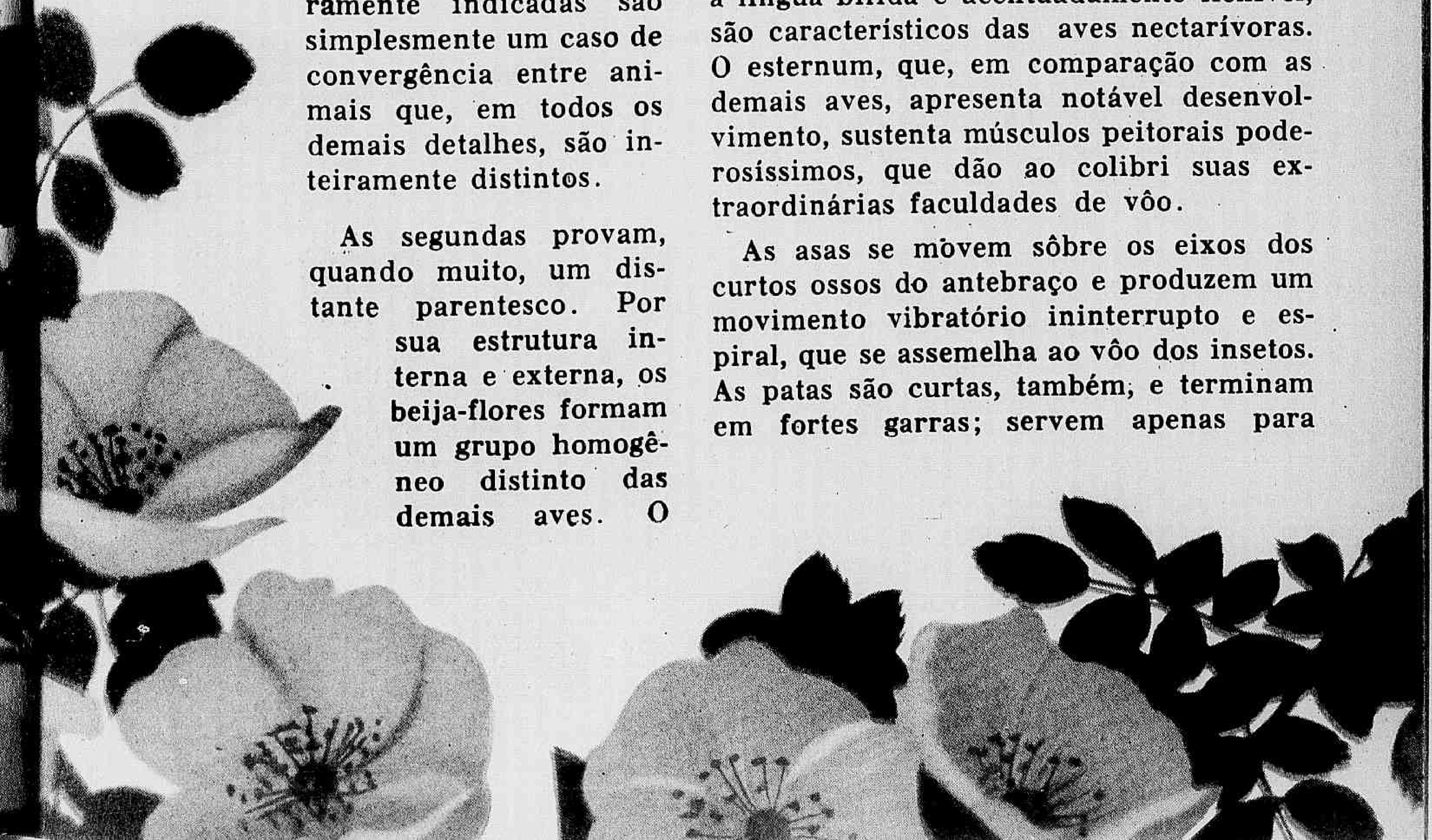
O Colibri, ave americana

NAS estampas do período colonial americano aparece muitas vêzes o diminuto e brilhante colibri — voz caribe — muito vulgar nas duas Américas, onde são conhecidas numerosas variedades. Suas côres brilhantíssimas e reflexos deslumbrantes, sua vivacidade e rapidez de movimento, seu extraordinário ardor bélico e sua domesticidade são proverbiais. Durante muito tempo pensaram os naturalistas que os beija-flores (colibris e pássaros-môsca) estavam relacionados com os nectarívoros *Passeres*, sendo todos reunidos sob a denominação de Tenuirrostres.

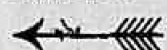
Mais recentemente, foram agrupados com os martins e martinetes ou apódidos. A primeira classificação se baseava em certas semelhanças no bico e no regime alimentício; a segunda em algumas analogias anatômicas de membros e cauda. No entanto, as semelhantes primeiramente indicadas são simplesmente um caso de convergência entre animais que, em todos os demais detalhes, são inteiramente distintos.

As segundas provam, quando muito, um distante parentesco. Por sua estrutura interna e externa, os beija-flores formam um grupo homogêneo distinto das demais aves. O bico, alongado o mais ou menos cilíndrico, algumas vêzes reto, outras curvado, e a língua bífida e acentuadamente flexível, são característicos das aves nectarívoras. O esternum, que, em comparação com as demais aves, apresenta notável desenvolvimento, sustenta músculos peitorais poderosíssimos, que dão ao colibri suas extraordinárias faculdades de vôo.

As asas se movem sôbre os eixos dos curtos ossos do antebraço e produzem um movimento vibratório ininterrupto e espiral, que se assemelha ao vôo dos insetos. As patas são curtas, também, e terminam em fortes garras; servem apenas para



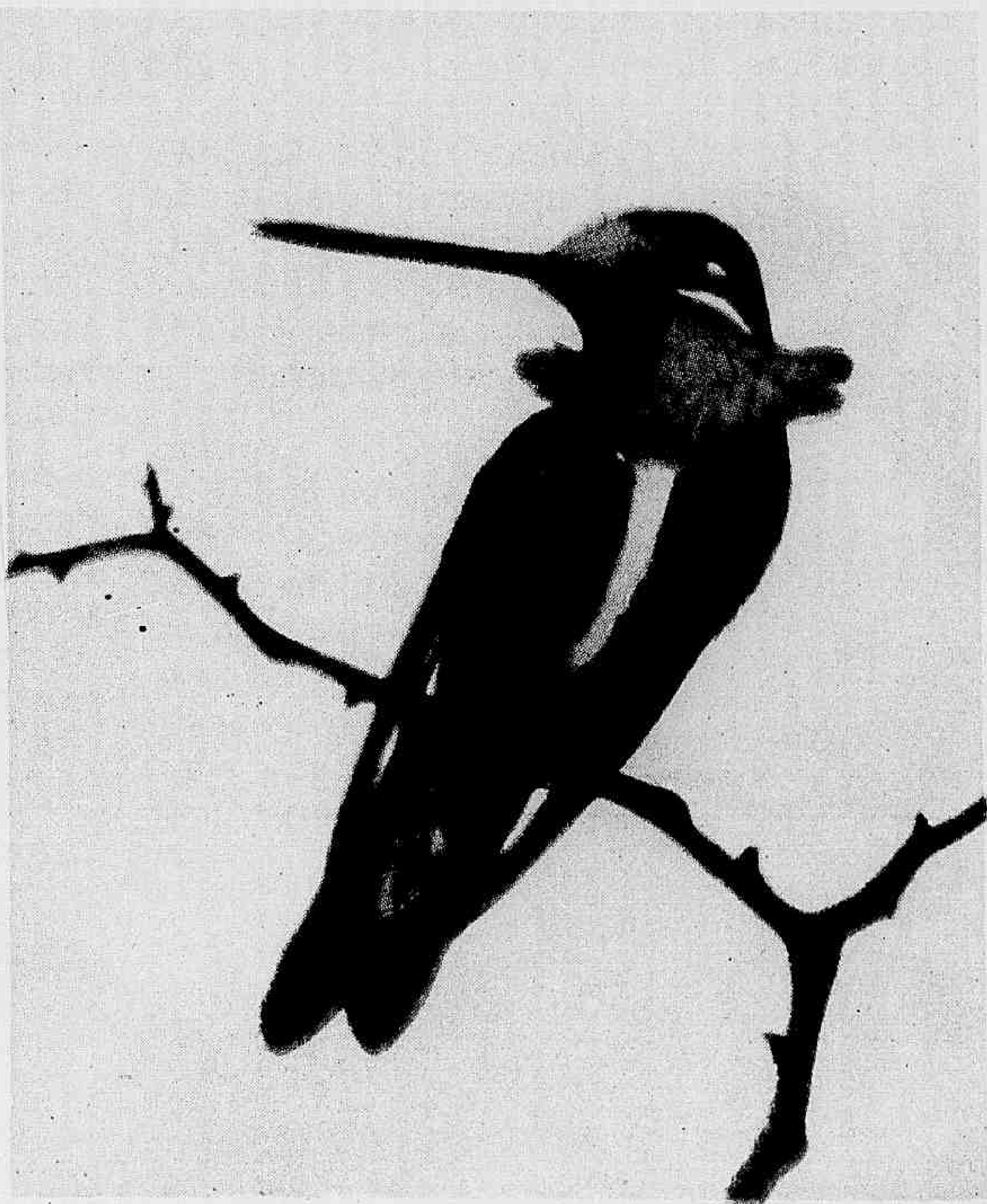
Helianthia Eos — Gould. — Venezuela, Andes ocidentais. — Tamanho natural.



pousar e agarrar-se a algo, nunca para caminhar sôbre elas. Seus movimentos, súbitos e desconcertantes, mais parecem de inseto que de ave. Um instante podemos ver um colibri pousado sôbre um ramo e, repentinamente, como uma flecha, a ave se lança em busca de alimento, revoluteia durante uns segundos com seu típico zumbido a poucos centímetros de uma flor, para disparar logo a seguir para outra e, mais tarde, para o céu; é o único passáro que pode voar para trás com a mesma rapidez que para a frente. Um incomparável acróbata, que só parece feliz estando no ar, como as mariposas esfingídeas.

O vôo vibratório do colibri é acompanhado de um som característico, cujo tom se torna agudo ao aumentar a frequência do bater das asas. Esta frequência varia entre 12 ou 15 vibrações por segundo nas espécies mais desenvolvidas até mais de 50 nas menores (martins, martinetes e bordos respectivamente). A velocidade de seu vôo torna mais fácil perceber um colibri por meio do ouvido que com a vista. Em países onde são muitas as variedades é possível distinguir os diferentes tipos pelo som do seu vôo e a relação que êsse som tem com o tamanho do animal, mais que por certos detalhes visuais, êstes difíceis de perceber devido à velocidade da ave ou pela côr, sempre cambiante segundo as incidências da luz.

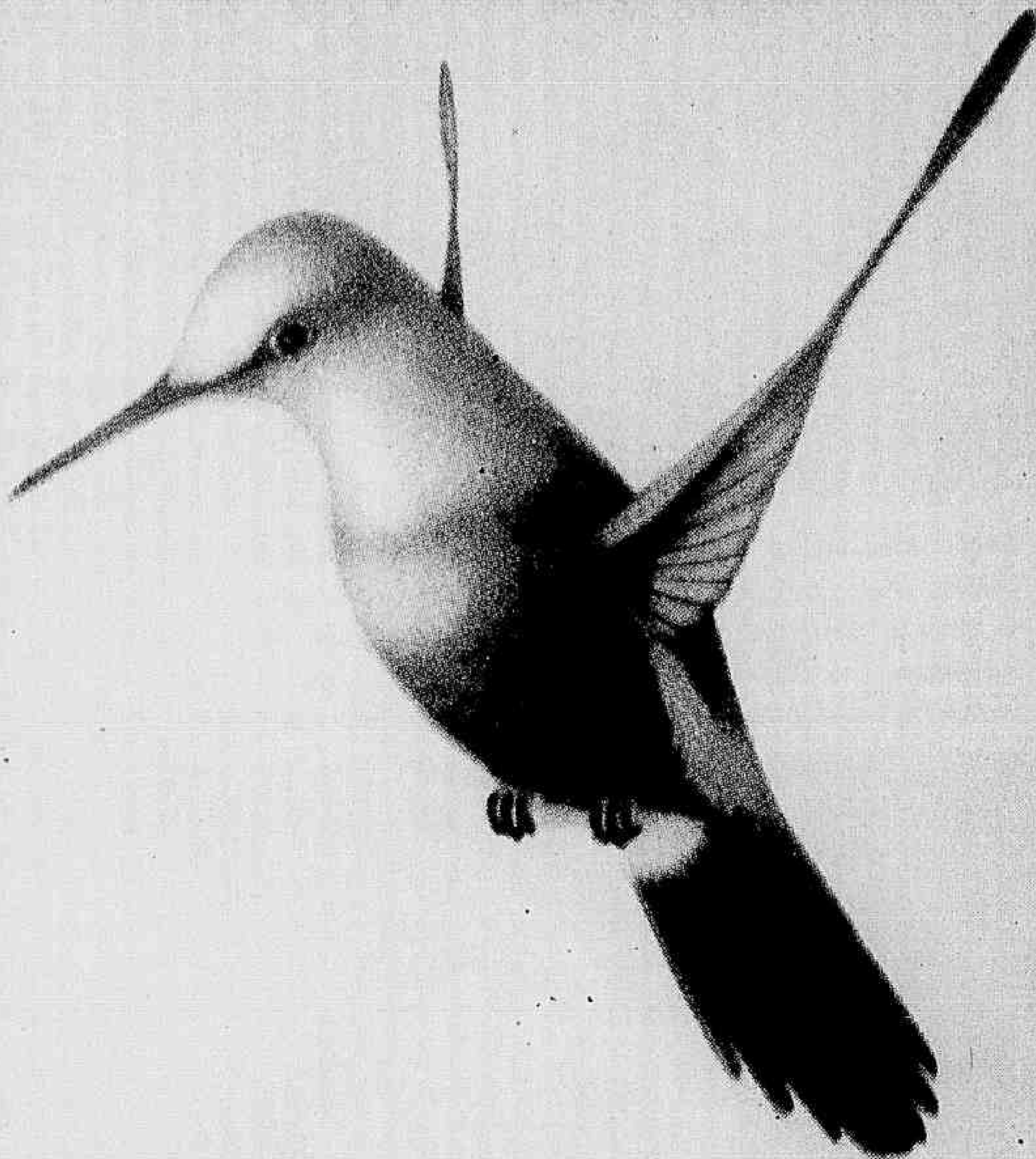
A coloração dos colibris oferece, de fato, uma variedade de tons e brilho que ultrapassa a dos lepidópteros mais célebres. No entanto, isto não é devido a uma grande riqueza de pigmentos, que são simples e pouco numerosos em sua plumagem, mas sim a uma estrutura finamente laminada das penas menores, cujas facêtas produzem a difração da luz



Heliomaster Squamosus — Termminck. — Brasil oriental. Foto em tamanho natural.

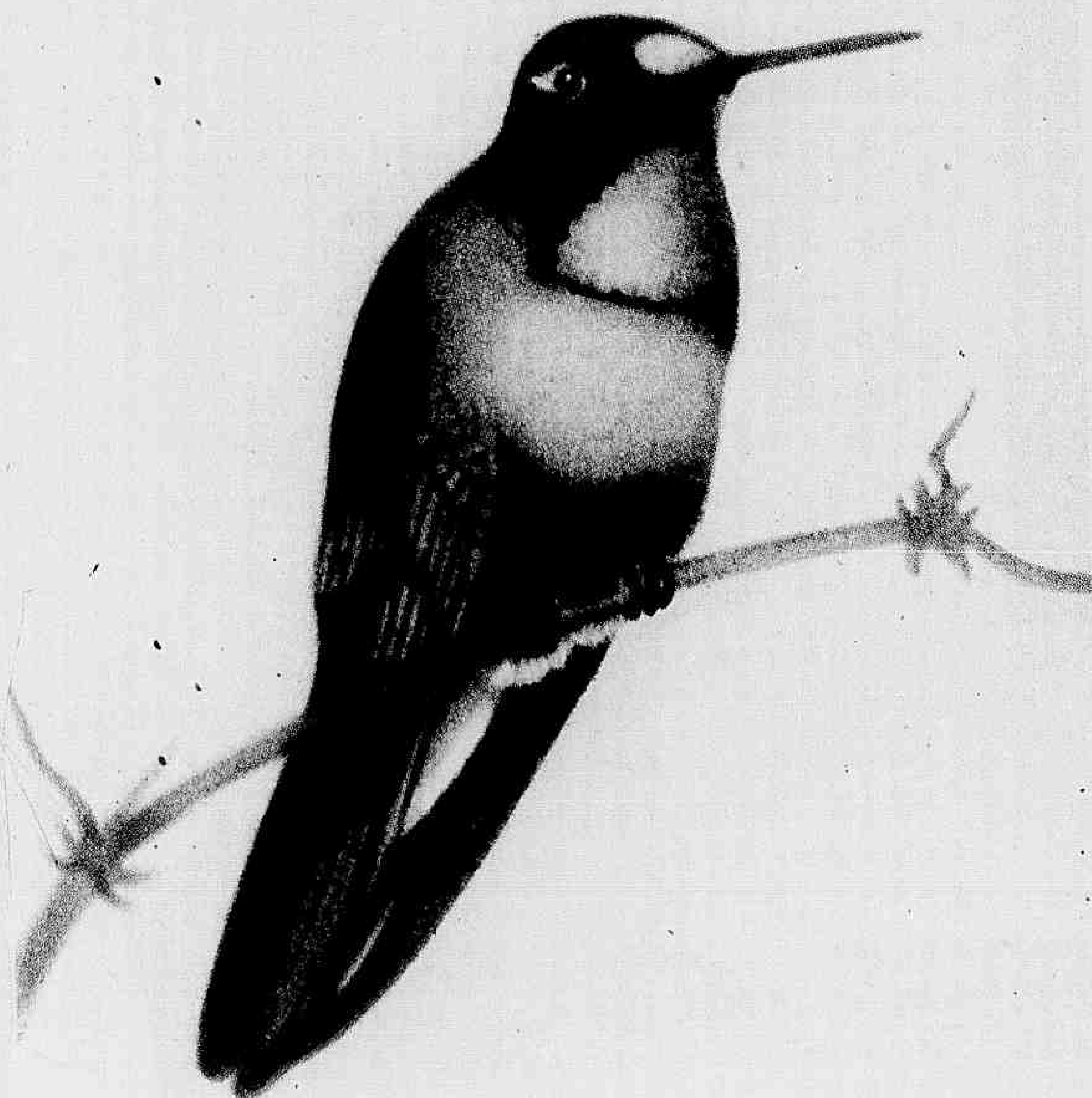
Damophila Juliai-Bourcier. Regiões ocidentais da Colômbia e Equador. Tamanho natural.





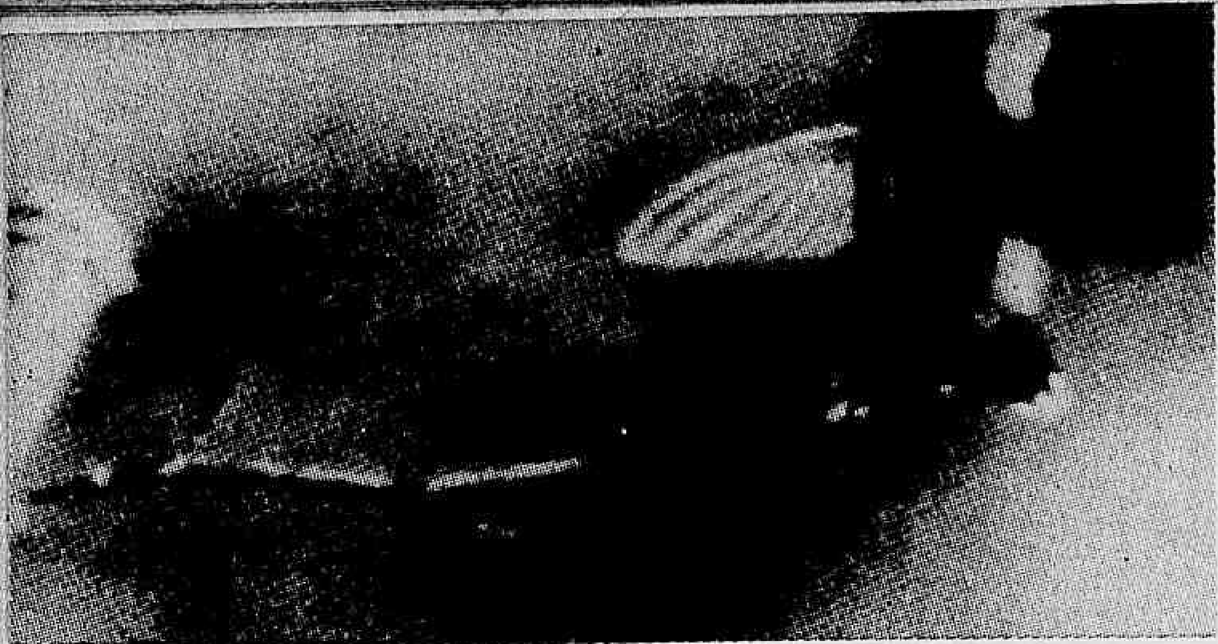
incidente, com numerosas variações de côr. Neste tipo de plumagem "ótico", a coloração depende mais das mudanças da luz do dia que da pigmentação: em certos dias, a côr será escura, em outros apresentará gamas de brilhante iluminação.

Os primeiros observadores compararam justamente mais tonalidades com as das pedras preciosas. O "Chrysolampis mosquitus", macho, tem a cabeça de um vermelho rubi com tonalidades violeta e o papo de um brilhante laranja ou amarelo-topázio. O pescoço do *Myrtis Fanny* apresenta um azul água-marinha único realmente e a escura plumagem do *Heliangelus micraster* mostra certas manchas que, em determinadas luzes, brilham como cristal. No entanto, a côr dominante é o verde em tôdas as suas gamas, desde o verde-bronze (que parece ser a côr básica) até ao esmeralda mais profundo, com uns toques de branco puro ou de negro, que produzem maravilhoso efeito. A miúdo se afirmou que êsses tons brilhantíssimos são característicos do macho, e que a fêmea, em geral, apresenta uma maior riqueza de tonalidades que o macho, o que, juntando-se às variações de iridescência produzidas pela luz, redunda na quase identidade dos sexos, em certas espécies. Em algumas — e não as menos brilhantes, não há apenas diferença de plumagem (ver o colibri arco-íris, *Panterpe insignis*) e o "granate" (*Eulampis jugularis*). No entanto, êste andromorfismo da fêmea está limitado à coloração: em tôdas as troquílidas e os adornos estruturais da plumagem, às vêzes, muito variados — colares e penachos no *Lophornis* e *Popelairia*, rectrices muito modificadas em Acestrura, Myrtis e gêneros afins — são de grande importância taxonômica e





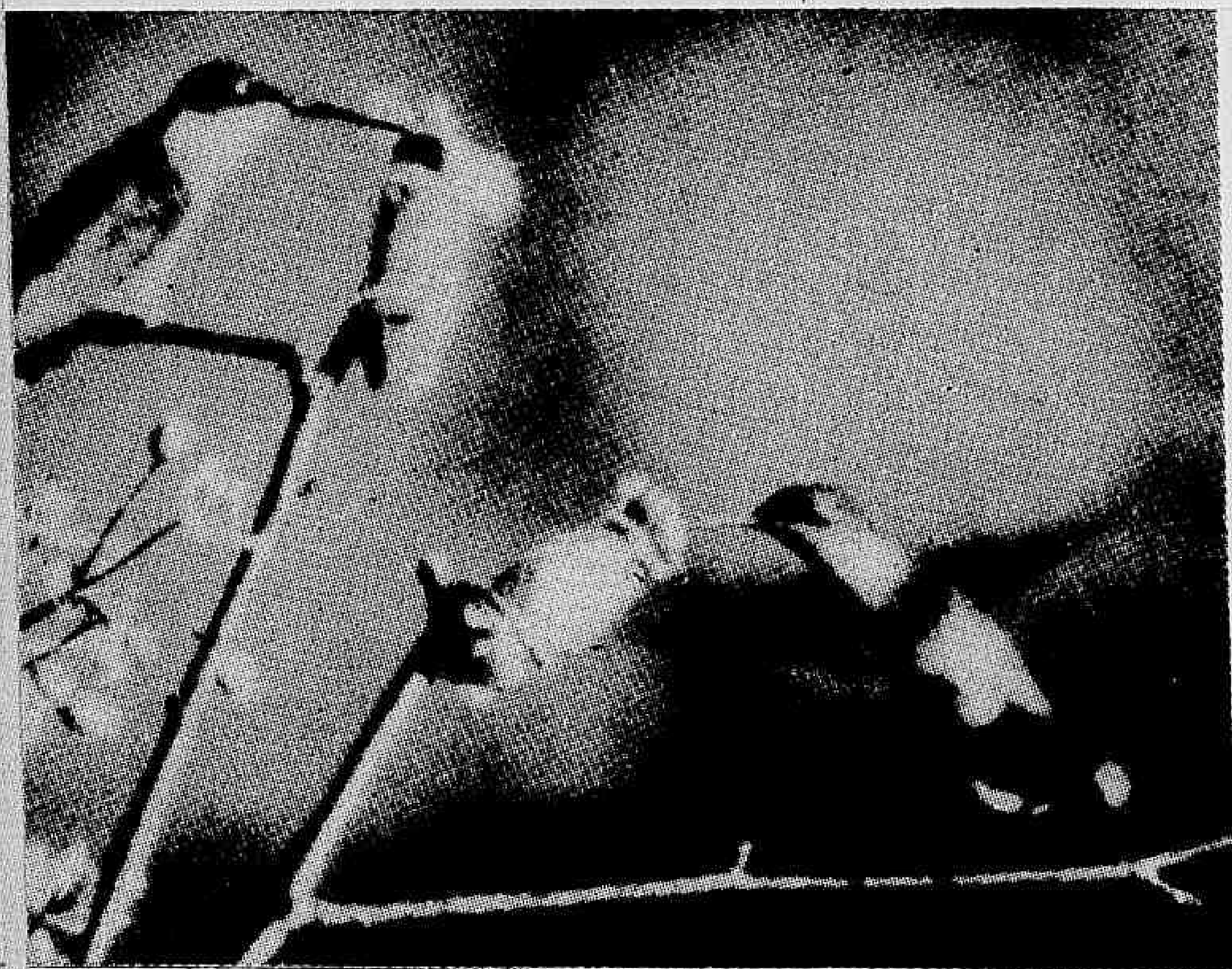
Heliangelus micraster-Gould. Região andina do Equador meridional. Tamanho natural.



Êste minúsculo voador tem motor de reação: sendo capaz de voar 60 milhas em uma hora, não é êsse o único detalhe maravilhoso do seu vôo. É o único pássaro, realmente, capaz de voar para trás e também de manter-se no ar como um helicóptero.



Um filhote é alimentado. Seu apetite é insaciável e fora de proporção com seu minúsculo tamanho. Os pais os alimentam por meio de regurgitação, despejando o que já têm no estômago no do filhote.



Quando os machos estão ausentes, reina paz entre as fêmeas. Um xarope açucarado é colocado em pequenos recipientes de papel colorido, em forma de corola de flor. Os colibris chegam curiosos e esfomeados, para introduzir o bico no líquido tentador.

se manifestam em tôda sua plenitude nos machos. Estas plumagens ornamentais podem ser explicadas em certo modo do ponto de vista evolutivo finalista atribuindo-lhes uma função de atração sexual. Mais difícil de explicar são as diferenças que existem na forma do bico. As plantas em que se alimentam essas aves são muito numerosas e variadas, porém não há prova de que da adaptação do bico a determinada flor. Há, seja curvado, como no *Eutoxeres*, ou reto e ponteagudo, como no *Helianthea*, a longitude e mobilidade da língua permite que a ave possa extrair o néctar e os pequenos insetos do interior de tôda classe de flores; êstes diminutos insetos formam, na realidade, a parte principal do alimento do colibri, e podemos dizer que essa ave é mais insectívora que nectarívora. Algumas espécies se alimentam ùnicamente de material animal e mostram uma rara habilidade para capturar os insetos em pleno vôo. Embora a variedade de sua alimentação permita que o colibri possa viver em lugares onde escasseam as flores, a maioria das espécies tende a um nomadismo em busca das condições mais favoráveis. São mais comuns, portanto, nos lugares onde os fatôres climáticos, tais como as fartas chuvas tropicais, favorecem a existência de plantas de flor.

Os colibris são característicos das duas Américas, desde o Norte do Canadá até à Terra do Fogo. Podem ser encontrados em tôdas as latitudes na estação apropriada, pois — apesar do seu diminuto tamanho — essas aves emigram a grandes distâncias. Tudo o que se necessita para sua presença é uma abundância de flores e insetos. Algumas espécies de montanha são capazes de resistir às baixas temperaturas, encontrando-se ninhos de *Chalcostigma Stanleyi* nas crateras dos vulcões do Equador, a 4.500 metros de altura, próximo, portanto, da linha das neves perpétuas. São conhecidas 430 formas bem diferenciadas, que se dividem em cêrca de 300 espécies.

Tais aves têm sido observadas atentamente pelos mais destacados naturalistas no México, Brasil e Equador. Porém, nunca foram vistas em maior quantidade que nos laranjais do Itatiaia (Brasil), embora ali estejam representadas apenas algumas espécies, e estas, muito comuns. As aromadas flores de laranjeiras atraem os colibris como môscas e como môscas

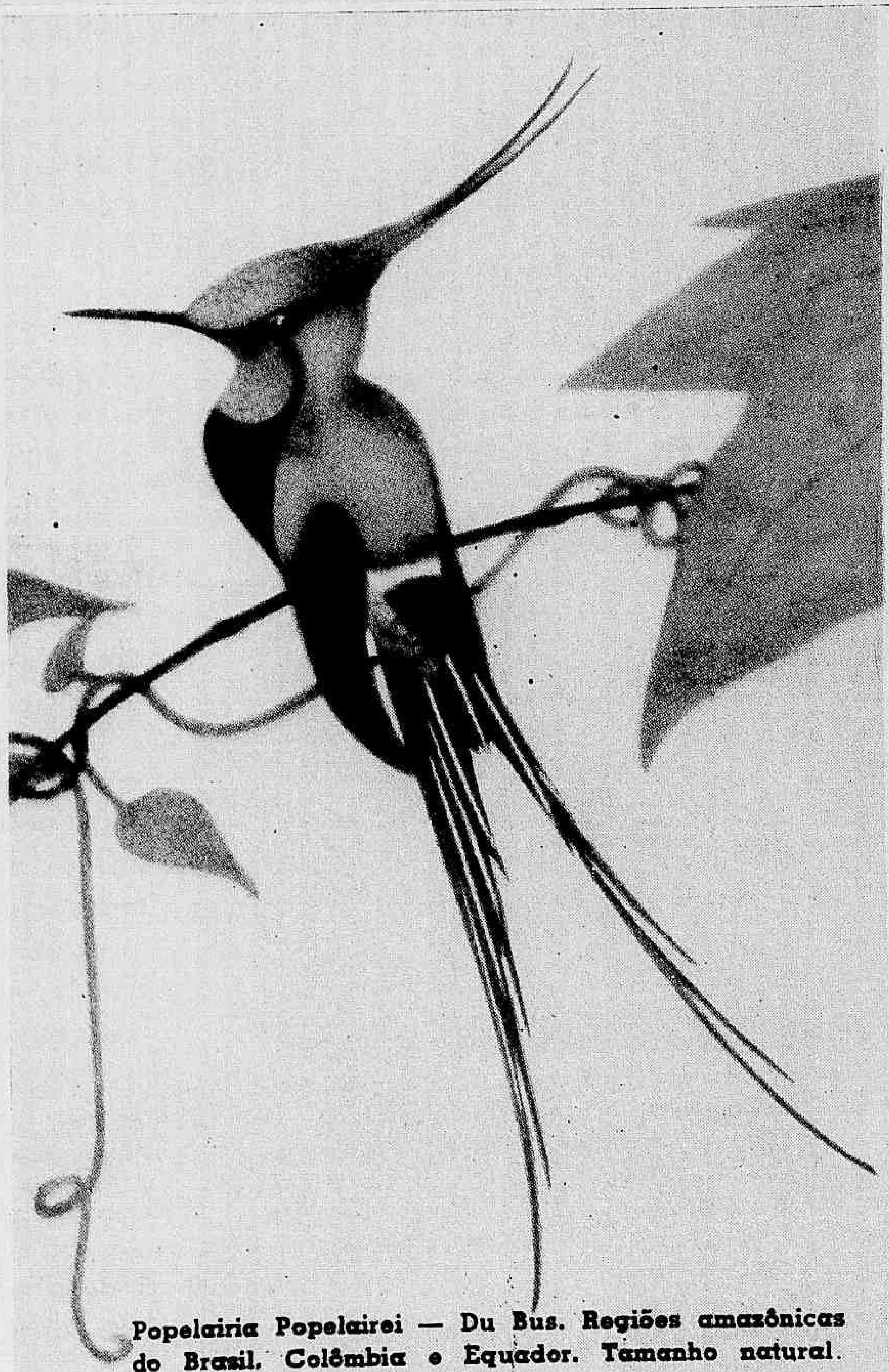
revoluteam em redor de tão abundante fonte de alimento. Ali predominam três espécies: *Thalurania glaucopis*, *Leucochloris albicollis* e *Agyrtrina brevirostis*, das quais são famosas as duas primeiras por sua belicosidade. Constantemente o observador assistirá verdadeiras batalhas, pois os minúsculos colibris não permitem, jamais, a presença de um competidor, cuja mera aparição os lèva a atirar-se contra êle, com a máxima velocidade de vôo, perseguindo-o com o bico afiado. No entanto, nesse ambiente, a superabundância de alimento suaviza em parte a combatividade do colibri.

Em geral, as visitas dos colibris às flores ocorrem durante a manhã ou ao entardecer, dedicando-se durante o meio-do dia ao repouso. Então começam a surgir da ramaria os minúsculos pássaros açucareiros (Coereba) que, por sua vez, pousam sôbre as flores para colhêr o seu néctar... e desaparecer logo, ràpidamente, tão logo voltem a entrar em cena os colibris.

Nem tôdas as espécies de beija-flores mostram o mesmo ardor bélico e audaciosa acometida — que não parece, por outra parte, ter qualquer relação com o seu tamanho. Alguns grupos, como os Phaetornis, sempre se mostraram menos agressivos e até mesmo mais sociáveis, exceto durante os torneios pré-nupciais. Os formosíssimos Heliothrix, de um verde sedoso, na parte superior e branco puro na região ventral, mostram, às vêzes, notável timidez, apesar de seus aguçados bicos, e abandonam o campo de batalha diante do adversário de físico inferior.

Darwein observou que os colibris da ilha de Juan Fernández (*Sephanoides fernandensis*) se alimentavam principalmente de artrópodos dessa região, onde as plantas são escassas. Em outros distritos desérticos, os viajantes observaram que os colibris se alimentam de cactos em decomposição, embora não o queiram em estado são. Também no México se observou que, passada a estação das chuvas, quando escasseam flores, os colibris buscam as grandes teias de aranha e, num espetáculo fascinante, revoluteam em seu redor, apanhando com longas linguas pegajosas os pequenos insetos que a ela ficam presos, as gôtas de orvalho e, quando não se trata de um exemplar muito grande, a própria aranha.

A maioria dos colibris age também como apaixonada da água corrente, na qual refrescam a sua plumagem. Podem ser vistos em frequentes visitas às torrentes e cascatas das montanhas e às fontes e repuchos dos parques urbanos (pois se adaptam com facilidade à companhia humana), não apenas em busca



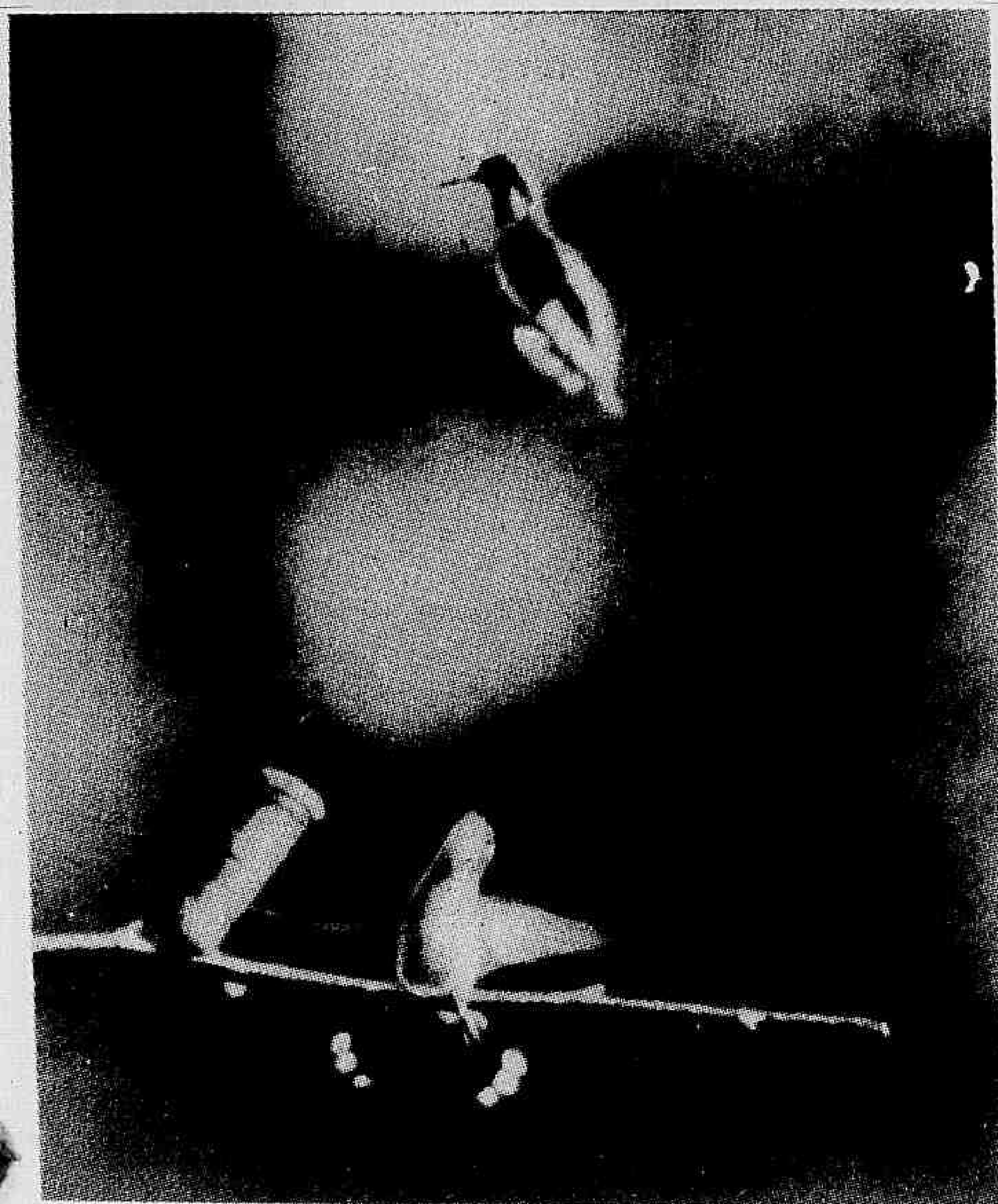
Popelairia Popelairei — Du Bus. Regiões amazônicas do Brasil, Colômbia e Equador. Tamanho natural.



Uma batalha liliputiana — Nada que tenha asas pode invadir os domínios dos colibris, sem sério castigo. Mesmo os pássaros maiores são postos em fuga com graves ferimentos. Porém, as abelhas não são menos valentes e, às vêzes, aceitam uma luta... inglória.



Para estudar seu sistema de vôo e demais hábitos os naturalistas costumam colocar uma banda na perna da pequena ave, operação dificílima devido à fragilidade dêsse membro do colibri. Notem no pequeno pássaro que sorve água com açúcar de uma flor artificial, a banda na sua perna direita.

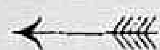


de insetos, que abundam em tais lugares, como pelo prazer de roçar o corpo pelo jato fresco e colhêr, em pleno vôo, as gotículas que salpicam, fazendo-o em infatigável e relampagueantes ziguezagues.

Êste afã pela umidade deve ser lembrado quando se deseja conservar um colibri em cativeiro. Até princípios dêste século haviam fracassado tôdas as tentativas de aclimatar esta ave na Europa. A delicadeza do seu organismo, que incessantemente exige alimento fresco, e a ignorância de seu verdadeiro regime, além das dificuldades de transporte rápido, explicam êsses revezes. Porém, hoje, vencidos êsses inconvenientes, foi possível adaptar o colibri a uma vida de cativeiro e até mesmo o Jardim Zoológico de Copenhague se orgulha de possuir um exemplar há mais de oito anos!

O poder visual dos colibris é realmente maravilhoso. Um dêsses pequeninos pássaros foi avistado, certa vez, por uns observadores munidos de poderosas lentes de aproximação. Estava pousado a uma centena de metros... e observava, também, atentamente, a manobra dos naturalistas, que enchiam de mel os pequeninos recipientes, justamente para atrair os colibris e filmar o seu vôo extraordinário. Tão logo terminaram a operação o colibri, em vôo vertiginoso se aproximou, sem muita cerimônia, para colhêr o alimento.

O colibri é, também, um intrépido viajante. Wilson, o destacado ornitologista norte-americano escreveu, em 1810, afirmando que o colibri é capaz de cobrir regularmente imensas distâncias, como por exemplo da América Central ao Canadá. Eis o que escreveu, na sua caprichosa fraseologia própria da época.



Brigar é o seu esporte predileto: A técnica preferida é apanhar o adversário firmemente com as patas e levá-lo para o chão, onde o castiga com o bico terrível. O vencido em geral finge estar liquidado e morto antes de que o vencedor realmente acabe com a sua vida. A seguir voa como um relâmpago e volta ao combate. Apesar da luta feroz, as aves voam com tamanha agilidade que os estragos, graças às fintas, são ligeiros. Com os demais pássaros, porém, a coisa é muito diferente... e mais fácil.

"Ao vê-lo viajar corajosamente, cobrindo tão ameaçadoras distâncias e enfrentando os climas mais variados, a imaginação se emociona, pois dificilmente se aceitaria que criatura tão fràgilmente constituída fôsse capaz de cobrir tão grandes extensões, vencendo lagos e florestas, entre tantos inimigos, todos a êle superiores em fôrça e tamanho. Porém seu vôo é de tal forma veloz que muitas vêzes o colibri se torna invisível ao olhar humano. Também admirável é o seu instinto de orientação, o que nos faz pensar que o Céu guia e protege êsse pequenino pássaro."

De fato, o colibri é um dos pássaros mais corajosos. Literalmente, nada o amedronta e, a despeito do seu tamanho, defende e conserva o que lhe pertence neste mundo, sendo até mesmo tratado com certo respeito pelos pássaros maiores. Não hesitam, mesmo, em atacar falcões, águias, corvos e gaviões. Alguns indivíduos se revelam, aliás, extremamente belicosos. Certa vez foram vistos dois colibris lutando, durante mais de duas horas, agarrando-se com as patas, em pleno vôo, esgrimindo vertiginosamente com os longos bicos, caindo ao solo, separando-se e voltando à luta com ardor redobrado. O resultado dessas batalhas pode ser revelado pelas marcas escuras que muitos dêles apresentam no pescoço e no peito. Após cada duelo, o vitorioso retorna invariàvelmente para o ramo de onde partiu para a luta e ali, triunfante, cuida de retocar sua maravilhosa plumagem.

À época da incubação é quando se mostram mais belicosos.

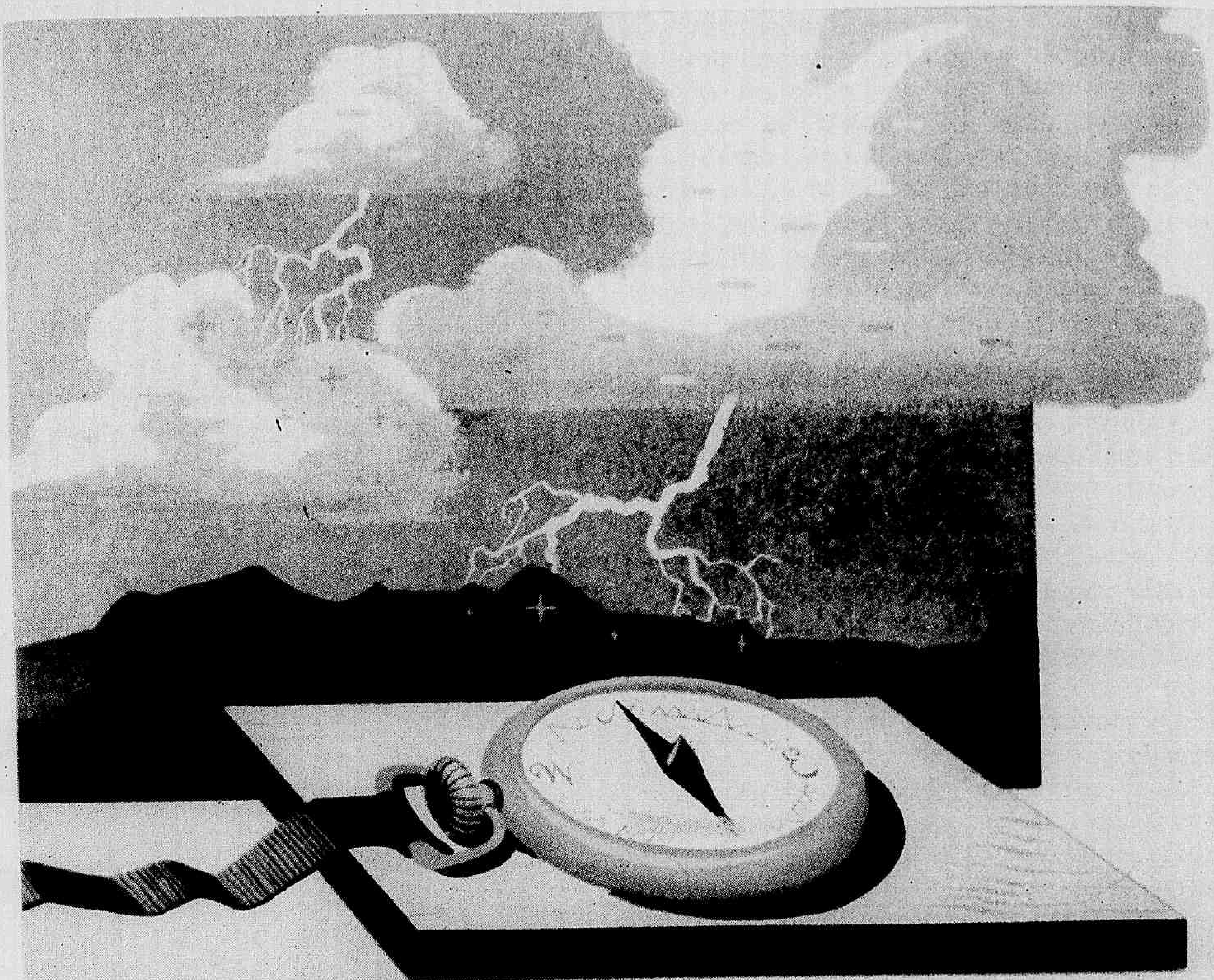
O ninho, minúsculo e alvo, como se formado de algodão puro, contém em geral um só ôvo, raramente alcançando dois.

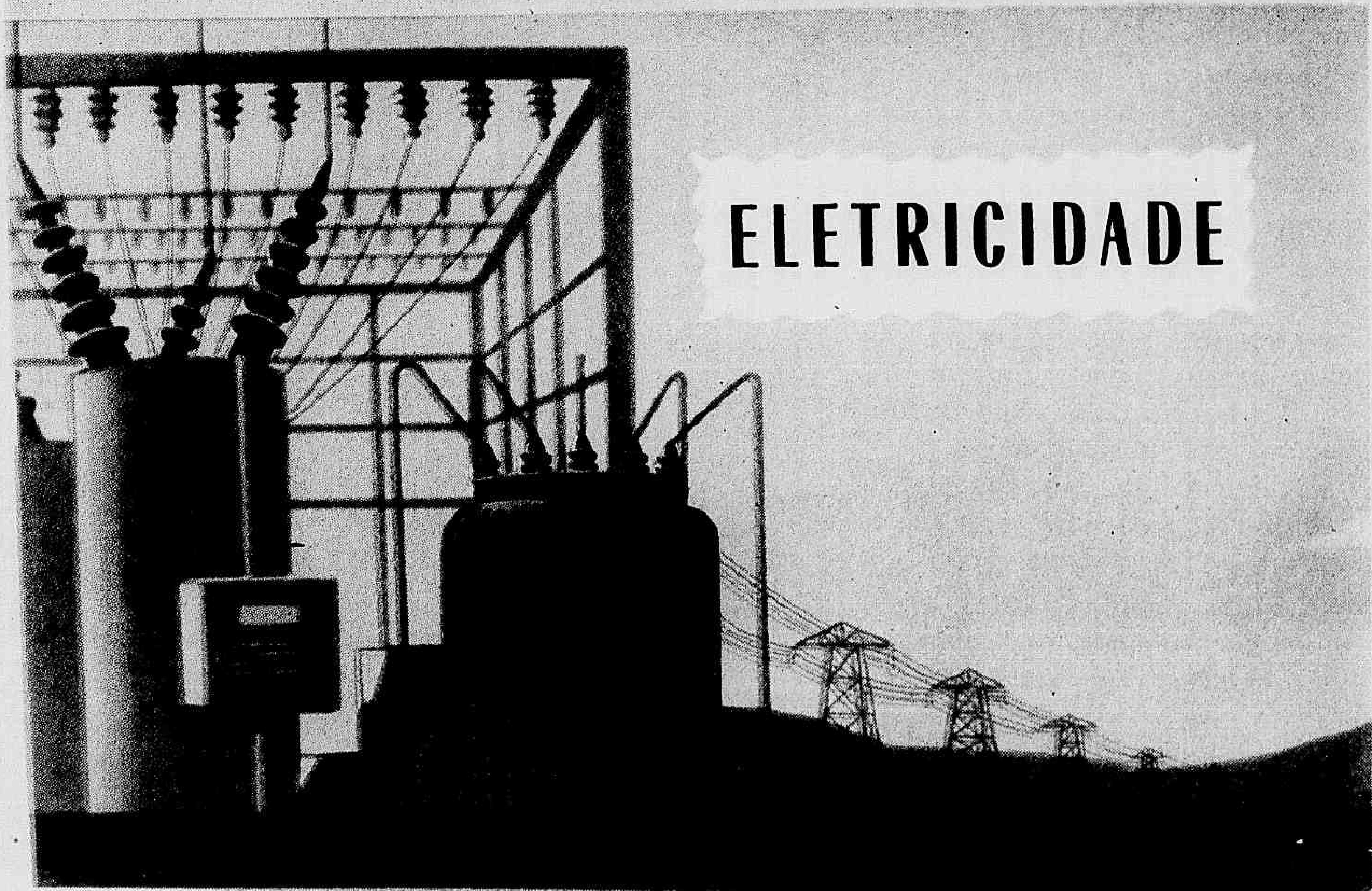
O tempo de incubação é de duas semanas, no máximo. Por sua vez, o filhote abandona o ninho, após igual prazo.

O pequerrucho passa vários dias pousado num ramo, junto do ninho abandonado. Incapaz de voar, é alimentado pela mãe, que o faz teimosamente dez, quinze ou vinte vêzes por dia, como se o filhote estivesse famélico. Quem assiste a essa operação pela primeira vez, tem a impressão de que ocorre um massacre e tem vontade de afastar os contendores ou telefonar para a Sociedade Protetora dos Animais, apresentando queixa contra a mãe-colibri, por crueldade e assassinato. O filhote fica agarrado ao galho, gritando como um desesperado, enquanto a mãe-colibri parece surrá-lo e vará-lo com o bico, desejosa de acabar com sua vida. Entretanto, ela apenas está superalimentando o filho por regurgitação, introduzindo o alimento, já por ela mesma digerido, até o estômago da cria.



Spathura peruana — Gould — Região andina oriental do Equador e Peru (Tamanho natural).





ELETRICIDADE

LUZ ELÉTRICA, SÓ COM ESFREGAR!

Um tubo fluorescente, a manga do paletó e esfregando-se um pouco, de leve, em noite sêca, e realizaremos êste truque.

SE o leitor se preocupa, pensando que lhe falta «energia», verificará, com a ajuda de um tubo de luz fluorescente, que esfregará ligeiramente na manga do paletó, de que é, na realidade, um dínamo humano!

Devido a que as cargas elétricas perdem rapidez no ar úmido, a prova será feita mais fàcilmente em uma noite sêca, quando a temperatura, dentro de casa, é elevada e a umidade quase nula. Escureçam uma sala e segurem uma extremidade do tubo fluorescente com uma das mãos, enquanto tratam de esfregar levemente, porém ràpidamente, o mesmo tubo com o outro braço. Dentro de poucos segundos a despeito do tubo não estar ligado com qualquer fonte elétrica senão o próprio leitor — o tubo brilhará, iluminado.

O método acima serve para demonstrar que a eletricidade pode ser obtida de outras fontes, além das baterias, geradores e a tomada da parede.

Já em 600 antes de Cristo, Thales de Mileto sabia que esfregando o âmbar era possível atrair «substâncias luminosas». Da palavra grega **elektron** (âmbar), tiramos o nosso têrmo eletricidade.

Hoje, sabemos que tôdas as substâncias estão cheias de eletricidade. Ordinàriamente, não temos consciência disso, porque as cargas positiva e negativa que as compõem estão exatamente equilibradas. Esfregando-se certas substâncias, uma contra a outra, destacamos electrons de uma superfície, transferindo-os para outra, quebrando o anterior equilíbrio. E assim ocorrem fatos estranhos. Por exemplo, se esfregarmos a mão sôbre um tapête áspero (capacho) e a seguir apertarmos a mão de um amigo, sentiremos um forte repuxão; por sua vez, faíscas elétricas saltam de nossos cabelos, quando secos e nós os penteamos com vigor e rapidez. Da mesma forma, obedecendo ao mesmo processo, o tubo fluorescente acende!



Esfregando o tubo, ràpidamente, embora de leve, êle acenderá como se estivesse ligado a uma tomada.

FAÇA UM MAGNETO

Um ferro de cortina será magnetizado com algumas simples pancadas de martelo...

PORQUE a Terra age como um grande magneto, peças de ferro ou aço estando na linha do meridiano magnético ficam, às vêzes, magnetizadas por indução. Se êsses objetos são sacudidos nessa posição, suas moléculas se alinham mais fàcilmente.

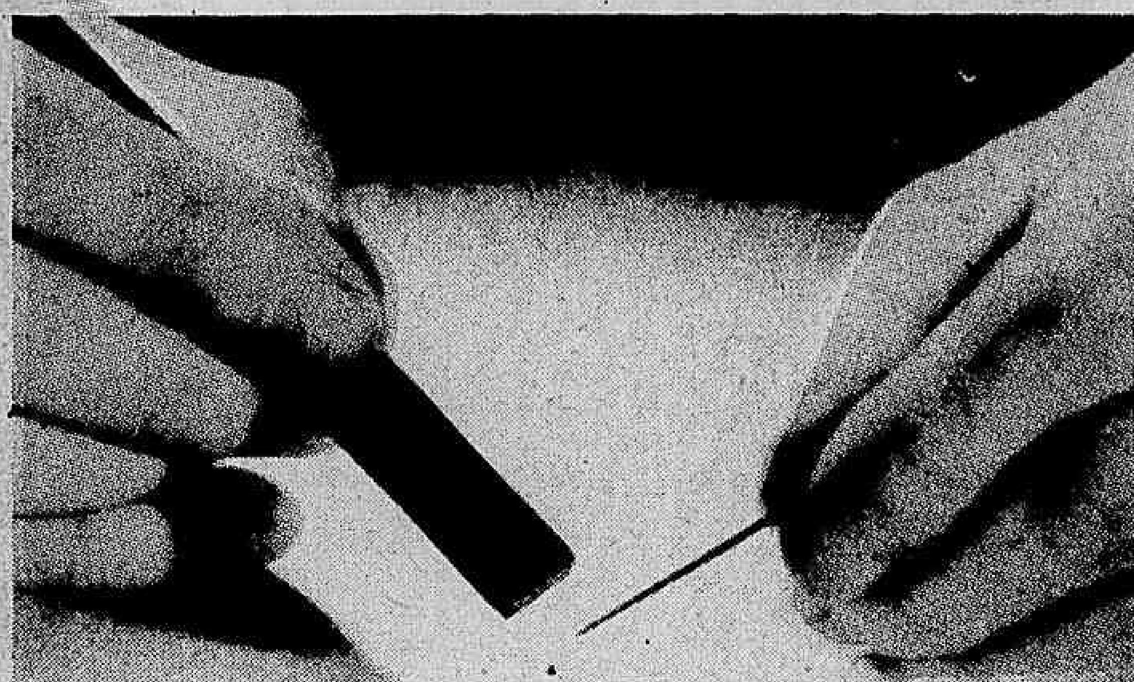


O leitor poderá obter êsse magnetismo, simplesmente batendo com um martelo a ponta do ferro (de uma cortina, por exemplo), conservando-o com a extremidade martelada para o norte. Após ligeiras batidas, poderá verificar que o ferro ficou magnetizado, pôsto que moverá a agulha de uma bússola.

Para trocar essa extremidade magnetizada, volte o ferro, colocando a outra extremidade na direção do pólo norte e a já imantada na direção do pólo sul e volte a martelar. Para desmagnetizar o ferro será suficiente martelar novamente suas extremidades, estando na posição leste-oeste.

UMA BÚSSOLA EM UM MINUTO

Os antigos marinheiros usavam compassos semelhantes a êste... que funciona bem.



Esfreguem uma agulha de máquina de costurar, no pólo sul de um magneto, do «ôlho» à ponta.

SIMPLESMENTE esfregando uma agulha de costurar, num magneto e deixando-a, depois, flutuar sôbre uma rôlha rasa, sôbre a água, podemos construir um compasso (bússola); os marinheiros de outros tempos conduziam seus navios em boa rota.

Foram necessários mais de 1700 anos para que os homens descobrissem as propriedades norte-sul do magneto e delas fizessem bom uso. O leitor pode repetir o que êles faziam.

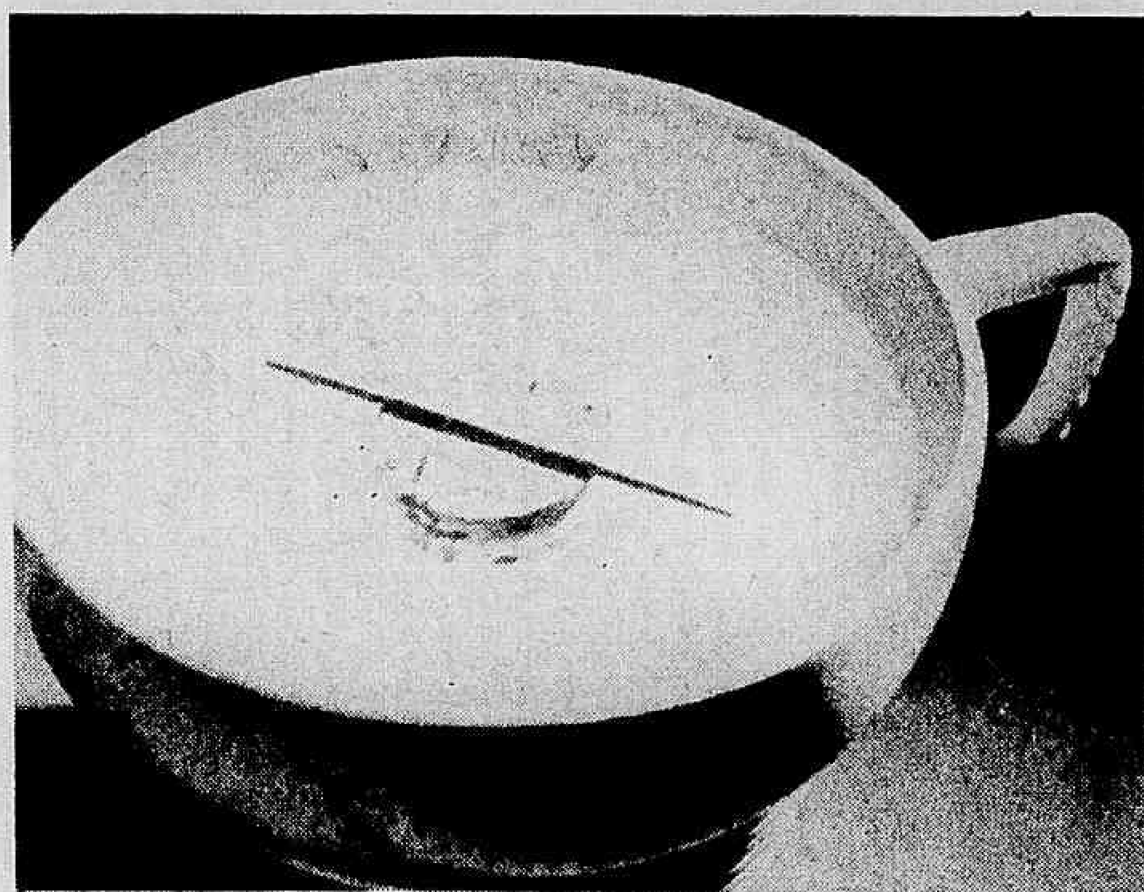
Usem apenas um magneto de ferradura. Se quiserem que a ponta da agulha aponte para o norte, esfreguem-na no pólo sul do magneto, começando pelo «ôlho» da agulha e terminando na ponta.

Esfreguem sempre na mesma direção e separem a agulha do magneto, para repetir a operação de esfregar, sempre do mesmo ponto para outro. A extremidade da agulha que por último perder o contacto com o pólo magnético terá a polaridade oposta à do mesmo. Para formar o compasso, simplesmente pousem a agulha sôbre uma rôlha rasa e esta sôbre um prato fundo cheio d'água.

Então, verão a agulha girar, com a rôlha, até firmar-se na direção norte da terra.

Segundo o poeta romano Lucretius (60 antes de Cristo), o nome **magnos** (do qual derivou o nosso magneto) vem de Magnésia, distrito da Ásia Menor, onde havia grande quantidade de areia magnética.

Ninguém sabe onde e quando essa propriedade foi descoberta. O compasso atual entrou em uso na XIII centúria. Antes disso os compassos eram montados em madeira e esta colocada sôbre água.



Pousem a agulha magnetizada sôbre uma rôlha rasa e ponham esta a flutuar; assim terão uma bússola.

MAGNETISMO MOLECULAR

Os materiais magnéticos são formados por incontáveis partículas magnetizadas.

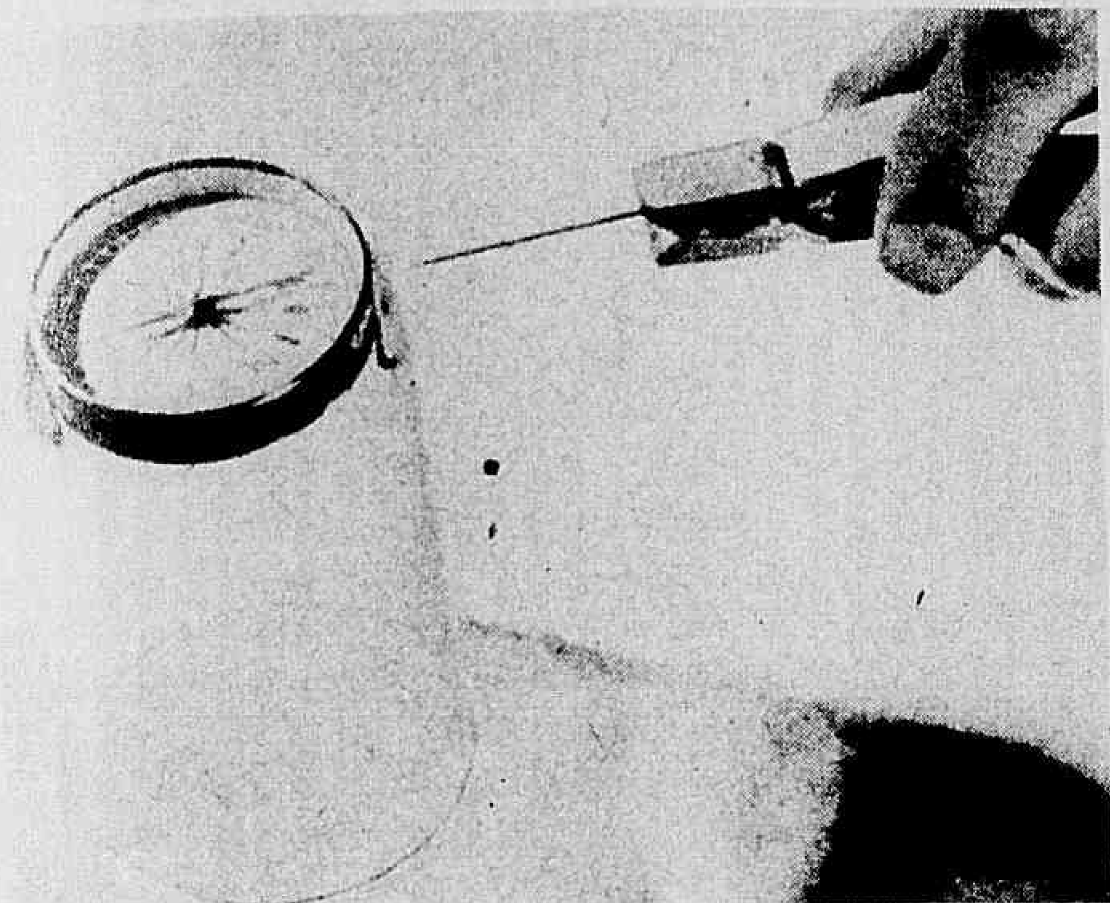
NINGUÉM sabe, exatamente, que é o magnetismo e como age, porém, há a teoria de que as moléculas individuais dos materiais magnéticos são igualmene minúsculos magnetos. Em geral, êsses magnetos moleculares são dispostos sem método e se neutralizam uns aos outros.



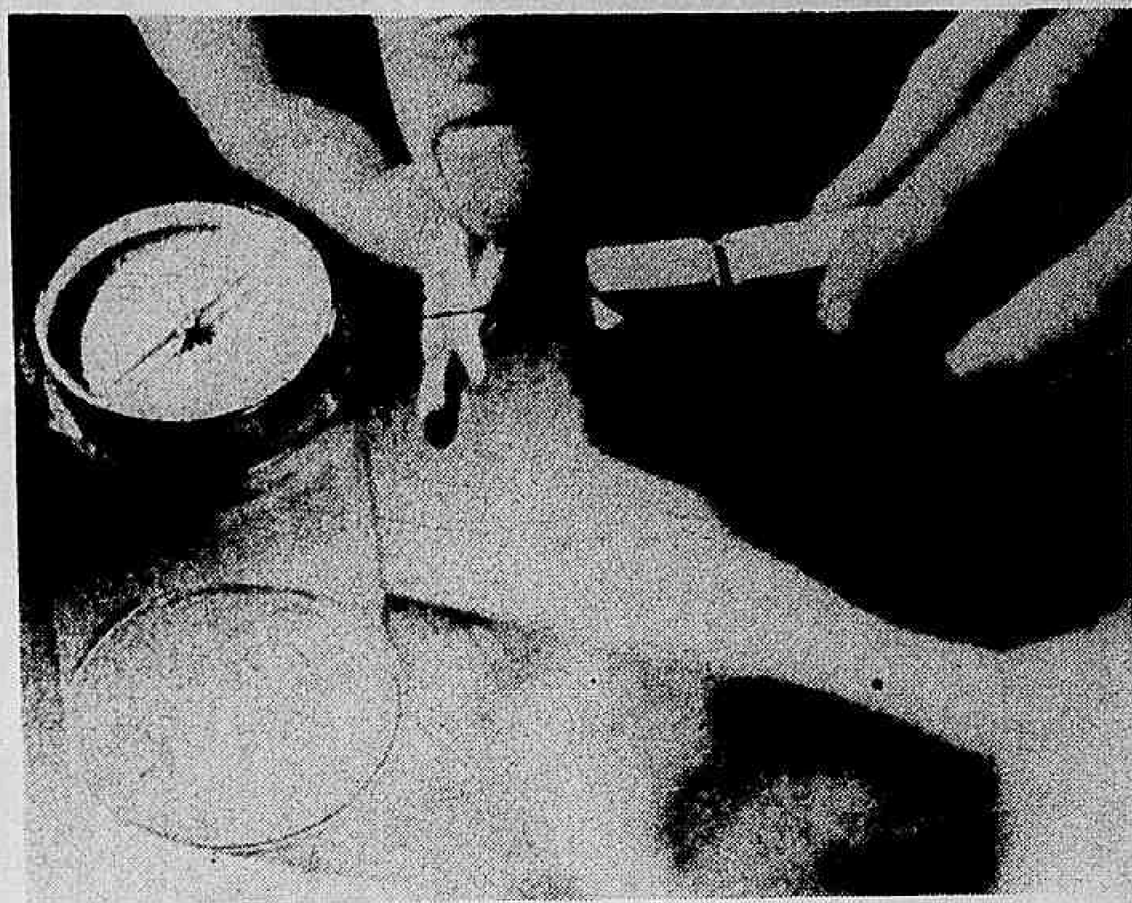
Quando uma peça de ferro ou aço é magnetizada, porém, êles são forçados a alinhar-se numa mesma direção e todo o objeto fica sendo um magneto. Esta teoria é corroborada pelo fato de distúrbios físicos que, como o calor, destroem êsse magnetismo.

Com uma agulha magnetizada (pag. 56) e um fósforo podemos fazer essa prova. Aproximem uma ponta da agulha do compasso e notem como atrai uma extremidade da agulha do compasso e repele a outra. A seguir, esquentem a agulha até ficar rubra e tentem de novo. Desta vez, a agulha não revelará possuir mais polaridade.

Com um tubo de vidro, cheio de bilhas de ferro, poderão fazer o que indica a gravura. Vagarosamente, para não mover as bilhas, magnetizarão o tubo, esfregando-o num magneto. Porque todo êle será um magneto. Sacudam o tubo, para desarrumar as bilhas e todo êle ficará desmagnetizado.



Uma agulha magnetizada fará um compasso dançar, quando aproximada de qualquer um dos polos.



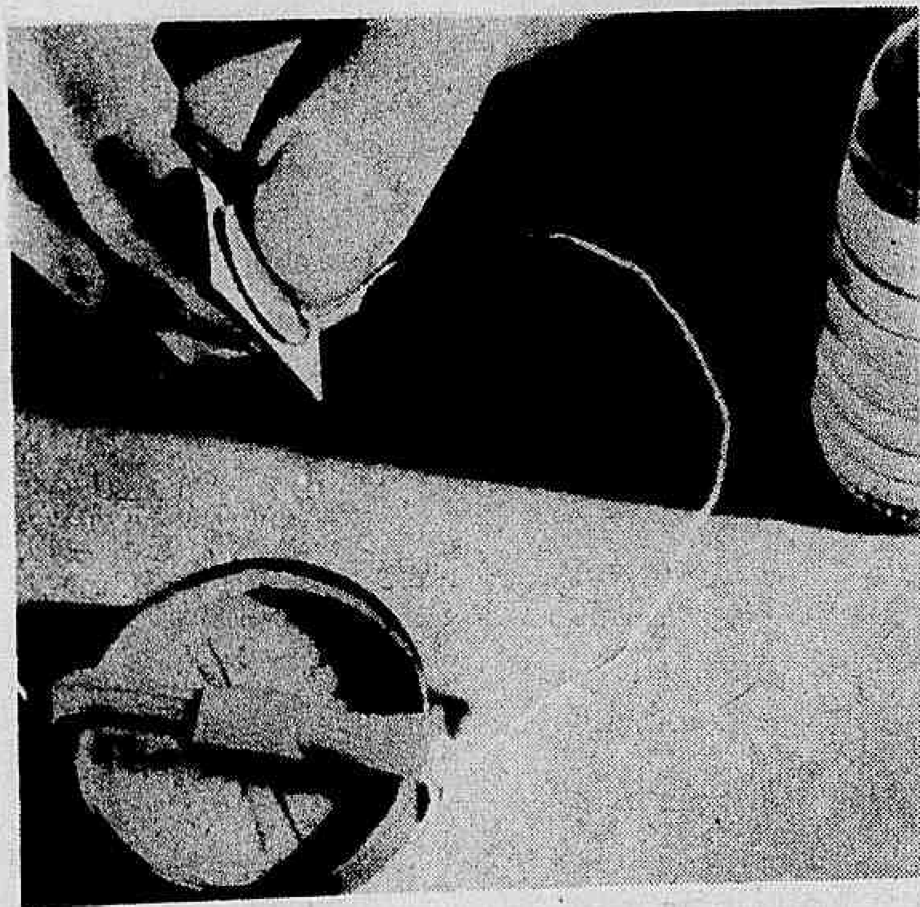
Depois de bem aquecida, uma agulha não revelará polaridade. A chama destrói o alinhamento molecular.

VOLTA, VOLTS E... UMA MOEDA

COM apenas uma moedinha, um grampo de ferro galvanizado, um pedaço de mata-borrão embebido em água salgada ou vinagre, podemos fabricar um modêlo de aparelho que certa vez assombrou o mundo e mudou todo o curso da história da eletricidade. A moderna pilha sêca, da nossa lanterna ou rádio portátil, é a tetra-neta daquele aparelho.

Sem êle, os físicos estariam ainda hoje parados diante de algumas fontes impraticáveis de eletricidade. Coloquem o mata-borrão entre a moedinha e o ferro galvanizado. Dêles partem o fio que será enrolado muitas vêzes sôbre o compasso.

Imediatamente, a agulha do compasso dançará de maneira anormal. Invertam as conexões e a agulha voltará vigorosamente na direção oposta. Foi Aloísio Galvani; em 1780, quem observou que a perna de uma rã, colocada sôbre uma placa de metal, estremecia violentamente quando um arame ou outro diferente metal era tocado no nervo locomotor da perna e na placa.



Agua salgada num papel comprimido entre uma moeda ligada a dois fios e um grampo de metal conduzem corrente elétrica.

Pensou haver descoberto nesse nervo nova fonte de eletricidade. Coube a seu conterrâneo Alexandre Volta provar que a responsável por isso era alguma misteriosa ação entre os metais desiguais e o fluido da perna. E assim surgiu a pilha, formada por pares de discos de diferentes metais, separados por peças de flanela umedecidas com ácido acético.

Com isso, obtivemos uma nova, surpreendente e econômica potência elétrica, para nos livrar da obrigatoriedade dispendiosa de um dínamo, um gerador de alta potência e as complicadas obras de represamento das águas dos rios, etc.

A pilha de Volta (voltaica), que foi apresentada pela primeira vez por seu inventor, ao imperador Napoleão I, marcou o nascimento da primeira bateria elétrica e, numa justa homenagem ao seu inventor, a diferença de seu potencial, até hoje, é expressado em "voltagem".

O leitor poderá certificar-se, seguindo as instruções acima.



O pano com a solução é colocado sôbre a frigideira e as baterias então começarão a traçar a «assinatura» — uma linha constante.

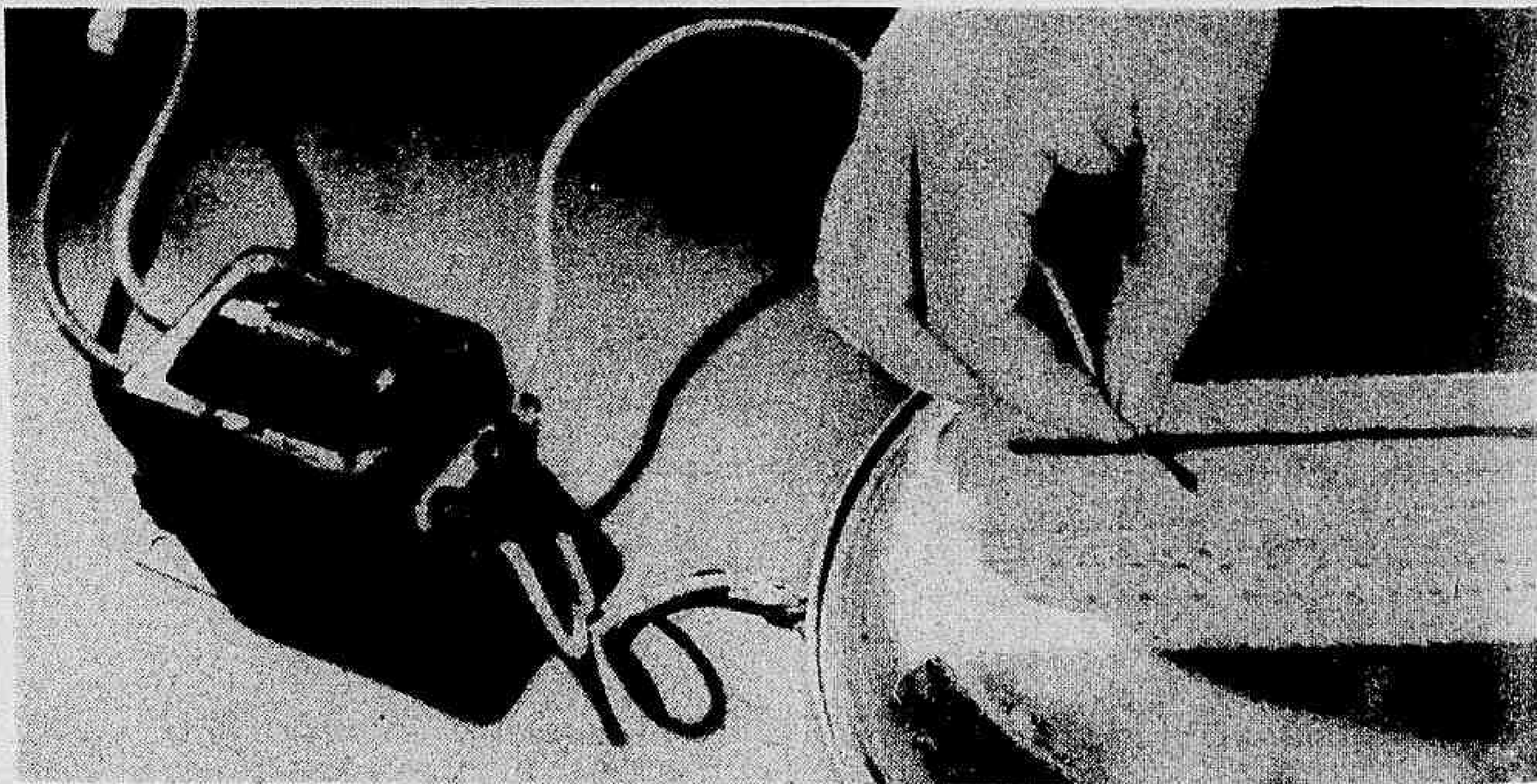
Os tipos de correntes têm personalidades individuais...

AUTÓGRAFOS AC E DC

TALVEZ a diferença entre a corrente direta (DC) e a corrente alternada (AC), seja um mistério para o leitor. Tornando-a **visível** por certo entenderá melhor.

Molhem um pedaço de fazenda em água contendo pó de milho e um pouco de iodido de potássio (que se consegue numa farmácia). Retirem o excesso da solução e estendam a fazenda sôbre um prato de fôlha ou frigideira, a fim de que sirva de papel e mesa de escrever. Para forçar a corrente a escrever liguem um fio da fonte elétrica à «mesa» e segurando firmemente a outra extremidade, pela parte coberta, passem-na sôbre a fazenda. Usem apenas três ou quatro pilhas sêcas ou um transformador comumente empregado para os trenzinhos elétricos, pois de outras fontes seria perigoso.) Se a corrente é direta, como de uma bateria, a «assinatura» será uma única linha escura, como indica a primeira fotografia. Se alternada, com o transformador, a linha escura será quebrada.

Por quê? Quando uma corrente é aplicada a uma solução de iodido de potássio, o composto é quebrado de modo que o hidróxido de potássio aparece na extremidade negativa e a iodina livre na positiva. A Iodina, por sua vez reage com o milho para formar o composto escuro, responsável pela linha. Já a corrente direta é apenas corrente elétrica, que flue continuamente numa mesma direção. Aplicada na fazenda contendo iodido de potássio, a iodina é completada constantemente, se a extremidade é positiva. (Se nenhuma linha surgir, invertam as conexões com as pilhas.) Alternando a corrente, muda a direção do fluxo algumas vêzes por segundo.



Se o transformador carrega corrente alternada, a linha será pontilhada

Por que o telefone público repele o que não fôr moeda boa?

DETETOR "SABIDO"

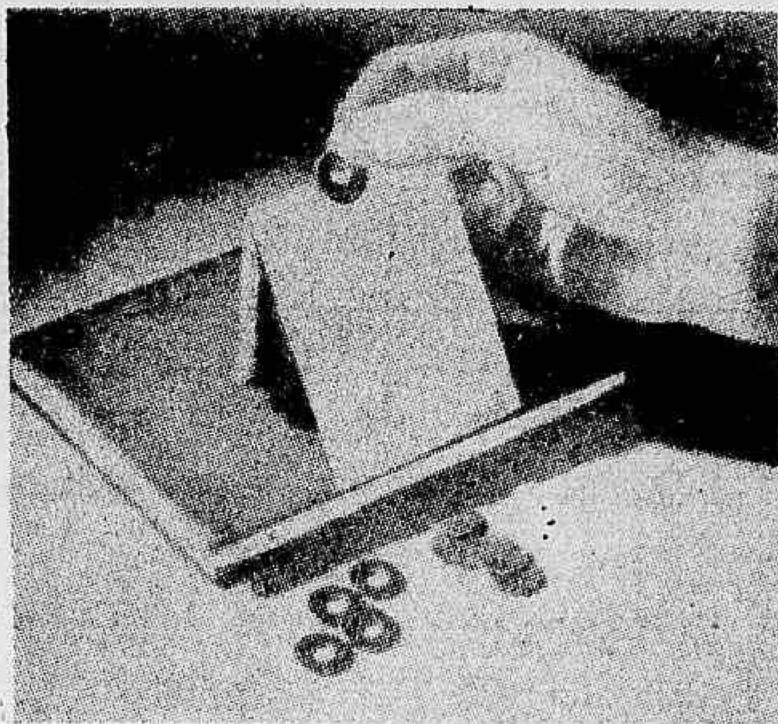
AS máquinas chamadas «caça-níqueis» e as caixas do telefone público, que repelem as moedas falsas, operam magnèticamente.

Isto pode ser fàcilmente demonstrado com a ajuda de um pedaço de cartão, que devemos dobrar segundo indica o clichê e um pequeno bloco de magneto de potencial razoável.

Para começar, devemos colocar o pedaço de cartão, dobrado pelo meio, como uma tenda sôbre o bloco de magneto, de maneira que fique o mesmo mais próximo da «encosta» do cartão e mais afastado do seu çimo.

Feito isso, segurando uma moeda com a ponta de dois dedos, colocá-la colada à rampa do cartão e, bem do alto, soltá-la, a fim de que escorregue pela rampa. Essa experiência, é claro, deverá ser feita com uma sucessão de moedas realmente boas e outras, falsas, de latão ou simples argolas de diferentes materiais, segundo é, às vêzes, tentado pelos espertalhões.

Verificaremos, então, que o magneto deterá as moedas boas e desprezará as demais.



Coloquem um bloco de magneto sob um papelão dobrado. Deixem depois, deslizar moedas e «moedas»...



Como acontece com uma chaminé de verdade, a fumaça de um cigarro surgirá também no alto.

Quando é formado o contacto elétrico, a fumaça é também carregada e atraída para o tubo

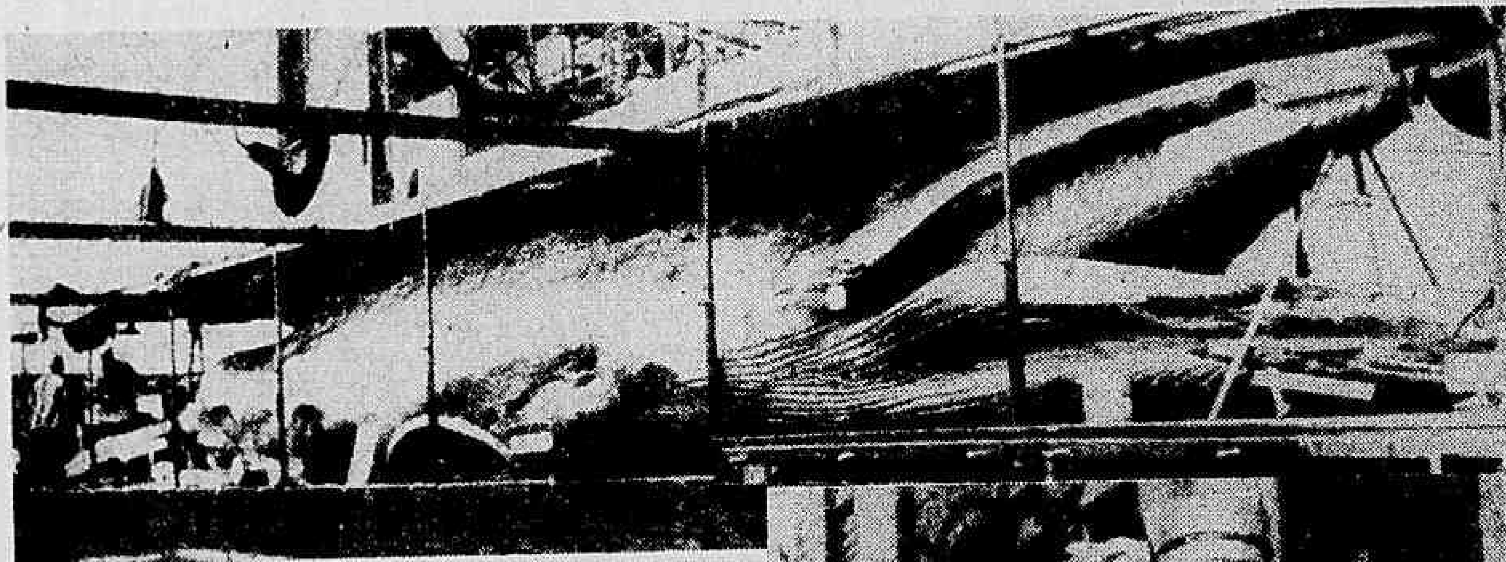
ARMADILHA ELÉTRICA

Essencial na indústria, grandes armadilhas de fumaça, podem ser miniaturas em casa.

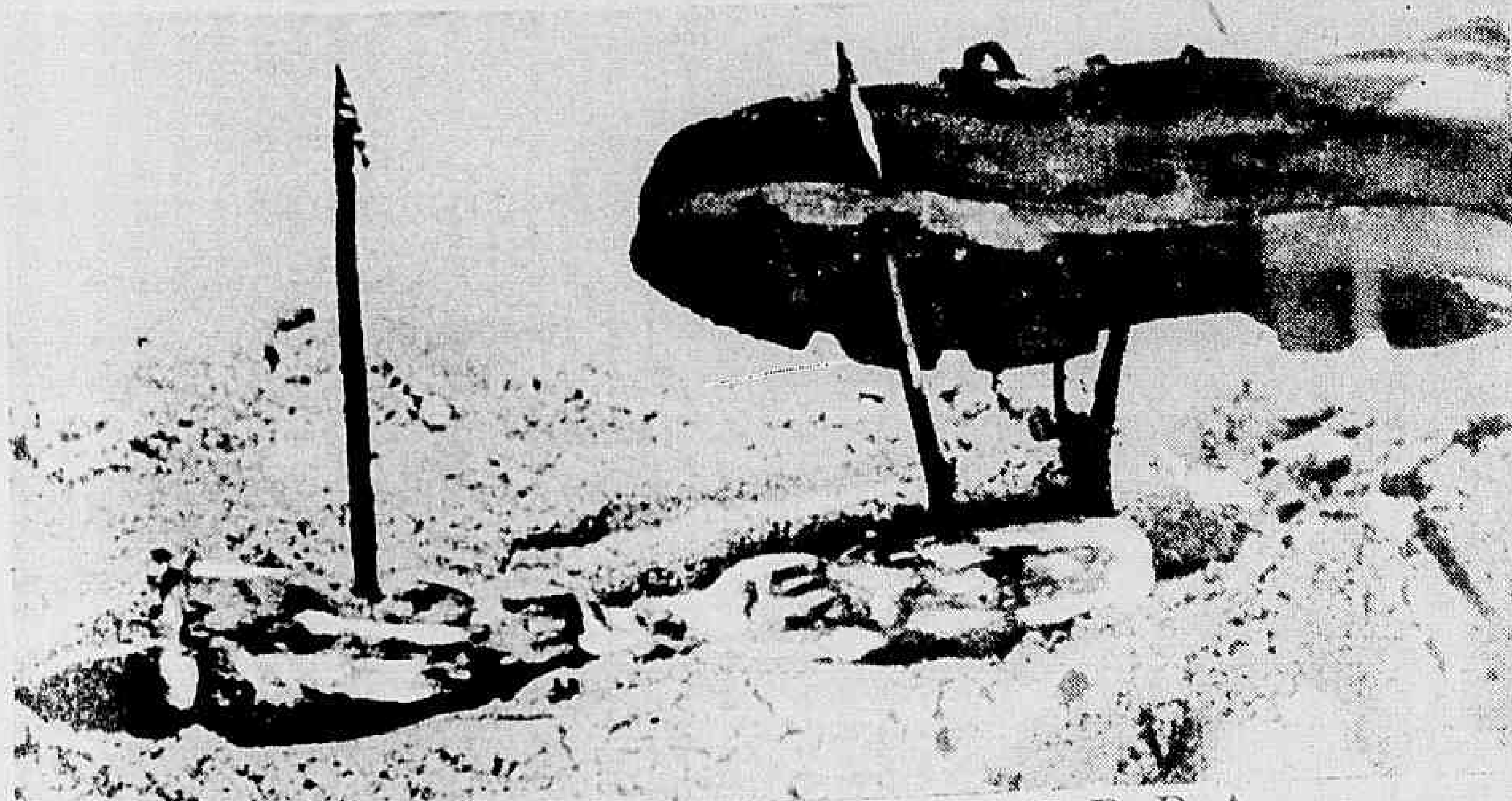
EIS como trabalha a armadilha. O ar contendo poeira ou partículas de fumaça passa entre fios e placas carregadas de eletricidade de alta voltagem. Ao passar, as partículas atraem ions, tornam-se carregadas também e são atraídas para as placas. Destas caem em receptadores pela própria gravidade ou são depois dali escovadas.

Podemos fàcilmente fazer um modêlo de «precipitador», tendo-se, por exemplo, uma bobina de automóvel para obter-se alta voltagem. Um tubo com uns três centímetros, aproximadamente, de diâmetro e vinte de altura servirá de chaminé. Façam um pequeno furo numa de suas extremidades; enrolem uma extremidade do fio muitas vêzes sôbre o tubo, prendendo-o com gomalaca. Sustentem a outra extremidade, metida pela parte alta, até chegar à metade interior do tubo. Liguem a bobina a um terminal de alta voltagem e o fio interior ao exterior

DESCENDENTE DA QUE TRAGOU O PROFETA

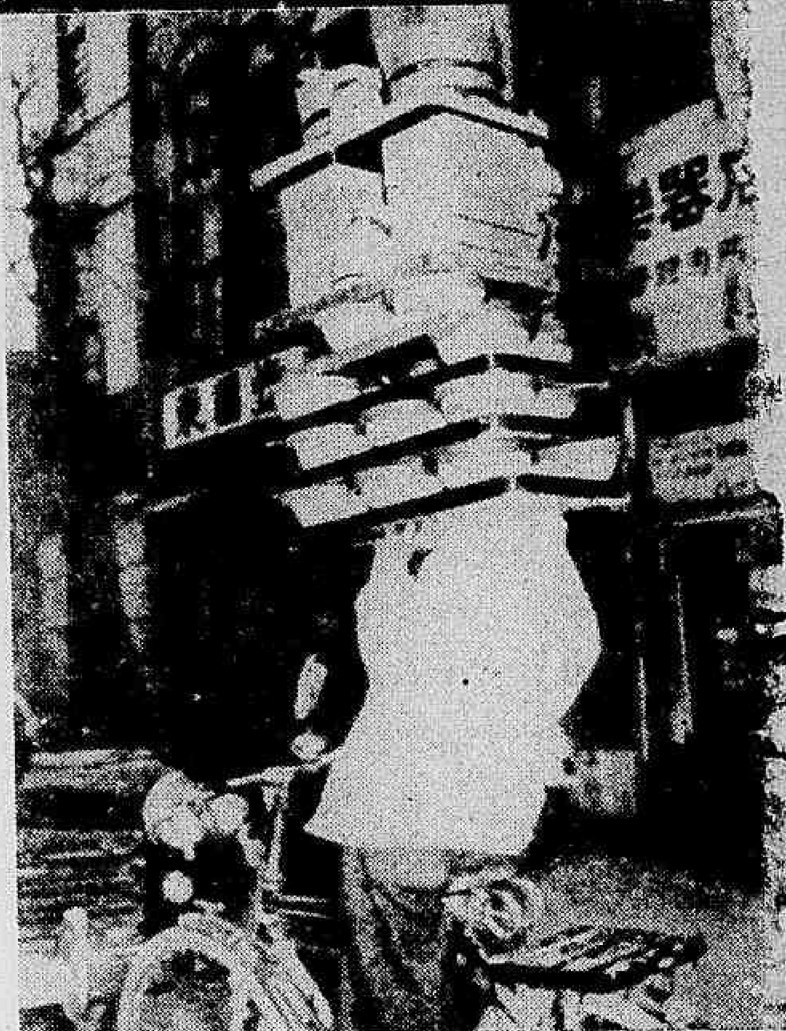


VER de perto uma baleia, embora morta, não é coisa corrente. Essa, capturada num profundo **fjord** norueguês já foi exibida em Paris e agora foi remetida para Nova York, com letreiros explicativos, pois essas 79 toneladas de cetáceo, nem todos saberiam dizer onde começa ou acaba. Está conservada em perfeito estado e seu nome é Jonas, pois é descendente da que tragou o profeta.



ARMAS DE GUERRA

A vista dêste sapato atravessado pelo ferro ponteagudo arrepia os cabelos. Causa mais horror que o cogumelo de fumaça de uma explosão atômica. A Convenção Internacional de Genebra, proibiu o emprêgo dêsses recursos bárbaros, porém o Viet Minh não quis saber disso e os franceses têm perdido muitos soldados, vitimados por essas traiçoeiras setas envenenadas e que causam a gangrena.



UM CARREGADOR DE TÓQUIO

NÃO sabemos quanto ganha um carregador em Tóquio, mas, de qualquer maneira, ganharia mais como equilibrista em qualquer circo. Êsse que aí está transporta marmitas e outros recipientes com comida quentinha, de um restaurante para um escritório comercial.

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?



DURANTE a habitual sesta do meio-dia, em um país da América Central, há alguns anos, um lojista meu amigo ouviu tiros. Supôs, o que era verdade, que uma revolta civil tinha começado, com pilhagem das casas comerciais. Saindo de casa, o comerciante teve o seu receio aumentado pelo espetáculo das massas enfurecidas, pilhando aqui e ali.

Aproximando-se da sua loja, sentiu alívio por ver que esta ainda não sofrera danos. Todavia, alguns quarteirões mais adiante, viu um grupo armado depredando loja atrás de loja. Compreendeu que se não agisse depressa, os assaltantes breve estariam derrubando a sua porta.

Ràpidamente, correu os olhos pelo estoque de mercadorias — alimentos, utensílios culinários, sabão, temperos e comidas em conserva. Então, deitou mãos à obra. O leitor sabe o que êle fêz? (Resposta à página número 106).

* *

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



Por GRACIELA ELIZALDE

REFEIÇÕES LIGEIRAS PARA ANTES DE SE DEITAR

EM quase tôdas as casas há, pelo menos, uma pessoa que gosta de comer alguma coisa antes de se deitar. Muitas vêzes, tôda a família tem o hábito de fazer uma refeição na hora de ir para a cama. E acontece, também, frequentemente, que reuniões que se prolongam até tarde terminam com uma boa refeição ligeira.

Para tôdas essas ocasiões a torradeira elétrica é de grande utilidade. Temos, em casa, uma dessas máquinas, que usamos, umas vêzes, para torrar sanduíches especiais ou para preparar presunto e ovos, com a chapa de sua superfície plana e, outras vêzes, com a chapa de «Waffles». Eis algumas receitas para essas refeições ligeiras noturnas e abaixo a leitora terá duas dessas receitas.

PRESUNTO COM OVOS MEXIDOS

4 ovos (claras e gemas separadas).
1/2 colherinha de sal.
1 pitada de pimenta.
1/4 de xícara de leite.
1/2 xícara de presunto bem picado (cozido ou em conserva).
2 colherinhas de manteiga ou margarina.

Batem-se as gemas de ôvo até que fiquem bem grossas e de côr amarela-clara; mistura-se com sal, pimenta, leite e pedacinhos de presunto. Em seguida, bate-se a clara dos ovos, até que fique dura, mas não sêca. Esquenta-se a torradeira até uma temperatura média. Mistura-se a clara batida com o resto da massa. Põem-se as chapas da torradeira, derrete-se uma colherinha de manteiga em cada chapa, deixando que se espalhe por tôda a superfície. Coloca-se metade da massa de ôvo sôbre cada chapa e mexe-se, constantemente, até que os ovos adquiram a consistência desejada (de 4 a 6 minutos, mais ou menos).

«WFFLES» DE NOZES

3 ovos; 1 1/4 de xícaras de leite; 6 colheres de de trigo peneirada; 3 colherinhas de fermento; manteiga derretida; 1 e 3/4 de xícaras de farinha 1/2 xícara de nozes picadas.

Colocam-se os ovos, leite e manteiga derretida numa vasilha pequena e bate-se, não com muita rapidez, a fim de misturar os ingredientes. Penera-se bem a farinha de trigo, o fermento e o sal e ajunta-se os mesmos à massa. Bate-se a massa para que fique bem unida (durante cêrca de um minuto) e ajuntam-se as nozes.

Esquenta-se a chapa para «waffles» a uma temperatura elevada. Espalha-se a manteiga nas grelhas, fecha-se a tampa e deixa-se que os «waffles» assem até que não saia mais vapor. Servem-se imediatamente. A massa dá para três «waffles» de 11x6 polegadas.

Para dar um gôsto especial ao «waffles», pode-se deixar esfriá-los e servi-los com sorvete ou creme de leite batido e frutas.

ESTAMPAS NORTE-AMERICANAS

O TRABALHO E O "HOBBY"

Fernando DIAZ-PLAJA

CHAMAR-SE um operário para que nos pinte uma cêrca, representa gasto extraordinário.

Quando eu disse ao dono da casa em que vivia, que os pintores da casa vizinha pareciam muito satisfeitos e felizes, me perguntou se sabia quanto ganhavam. Ante minha negativa, me explicou que percebiam vinte dólares diários, ou seja, a média mensal de uns quinhentos dólares. Uma vez e meia mais que um professor universitário.

— Compreende agora você porque é que eu mesmo pinto as paredes de minha casa? — concluiu.

— Com esta base não percebo é que não pinte também as dos vizinhos — respondi.

Os norte-americanos pintam seus gradis, suas portas e paredes, lavam seus carros, colocam o linóleo novo, constroem seus móveis rústicos, cultivam seu jardim, arrancam a erva do gramado, colocam quadros, fabricam caixilhos. No sótão costumam ter oficina completa de carpintaria, serralharia, etc. Como fazem tudo muito a sério, uma vez convencidos da necessidade, estudam os textos de execução e os planos. Mas, como são muito orgulhosos, em lugar de chamar a isso de trabalho, dão-lhe o nome de "hobby", ou distração, a suas horas de afanoso trabalho manual, o que para os ricos, passa a ser o "hobby", um esporte, uma mania de colecionador de qualquer coisa.

— É preciso aprender de tudo — dizia-me um peruano amigo, que vive nos



— Estragando a tesoura, hein?

Estados Unidos, mirando a mesinha de centro de sua sala.

Nunca esquecerá aquêle móvel. Viu-a anunciada em uma revista, e, como se usa na América do Norte, preenchera o cupão impresso, para obtê-la. Chegou pontualmente no tempo anunciado, mas numa caixa pequeníssima. Surpreendido o meu amigo, a abriu e se lhe deparou a mesinha desarmada até ao inconcebível, acompanhando aquêle amontoado um folheto explicativo de como se poria tudo em perfeita ordem. Meu amigo, que tinha os criados em sua casa de Lima e um jardineiro para os trabalhos pesados, lutou com o folheto, as ferramentas e a mesinha durante três dias até conseguir dar-lhe uma forma correta.



(S. E. Post.)

Não se trata só de que os carpinteiros, os bombeiros, eletricistas, sejam caros. É que, além de caros, são difíceis de encontrar. Em um artigo publicado na revista "Collier's", de 3 de janeiro de 1953, Carle Hodge se fazia eco do problema nacional que representa nos lares a falta de pessoal especializado. Referia-se, por exemplo, ao caso do eletricista. Calcula-se que nestes últimos dez anos a reparação elétrica haja duplicado seu volume de trabalho (no ano de 1952 se venderam nos Estados Unidos onze milhões de aparelhos de rádio e televisão), enquanto o número de especialista aumentou apenas em uns dez por cento. Quer isto dizer que a escassez no ramo se faz sentir vivamente. O tipo de artesão, simpático e bonachão, que entrava nas casas para saber o de que precisavam, e que conhecia os meninos e o cão, está desaparecendo. Colocou-se como operário em uma fábrica, e a única e exclusiva casa aonde vai é a sua.

O autor do artigo insistia no fato que, à parte razões econômicas, existem outras sociais para que o operário não vá às casas, tal como o caso das criadas, que já anotamos. O dono, ou melhor dito, a dona da casa ordena um serviço, do qual não entende nada — afirmam o eletricista e o bombeiro — e se indigna quando lhe dizemos que não temos as ferramentas apropriadas e voltamos para buscá-las, porque tem que pagar o tempo que dispendemos nisso. Se tivéssemos que levar o material necessário para cada caso, precisaríamos de um caminhão.

As donas de casa alegam — e eu ouvi a várias pessoalmente: "Chamei um bombeiro para consertar o encanamento dágua que estava alagando o sótão. Respondeu me que o seu horário de trabalho já havia terminado. "Mas a água está jorrando", chorou a senhora, ao que o operário respondeu: "Too bad" (muito mau) e que poderia ser traduzido por um sarcástico "vá se queixar ao bispo", e desligou o fone. Hodge cita o caso de um bombeiro que passou oito dias para arranjar e pôr em ordem a torneira de um amigo. Dêsses oito dias o deixou sem água quatro.

Além disso, neste caso concreto dos bombeiros, os sindicatos não deixaram passar tão boa ocasião de manter altos os preços, dada a diferença entre oferta e procura, e não aceitam novos aprendizes.

Porém, o mesmo ocorre com a lavanderia. Muitas famílias mandam lavar roupa fora. O encarregado de trazer e levar não quer parecer-se como um *china* obediente e servil; como aquêles que se tornaram populares em tais serviços em S. Francisco. Chega, entrega, recebe e se vai. Daí a razão da caricatura que publicamos. Observe-se a expressão indiferente e conscienciosa, ao mesmo tempo, do rapazinho que arrebata o cobertor. A intimidade que se apresente dêle não o impressiona de maneira alguma. Tem pressa, não lhe importando nada mais.

É incrível a perfeição estética com que volta a casa a roupa que vai à lavanderia. Cada camisa tem seus cartões interiores de proteção, está envôlta em tira de papel encarnado ou azul e tudo metido em papel celofane. O sorriso de encantamento com que o cliente desembrulha o que lhe parece um presente de Natal, se esvai ao ver os estragos que uma lavagem mecânica pode causar na roupa. Parece que tôdas as lavanderias se puseram de acôrdo para

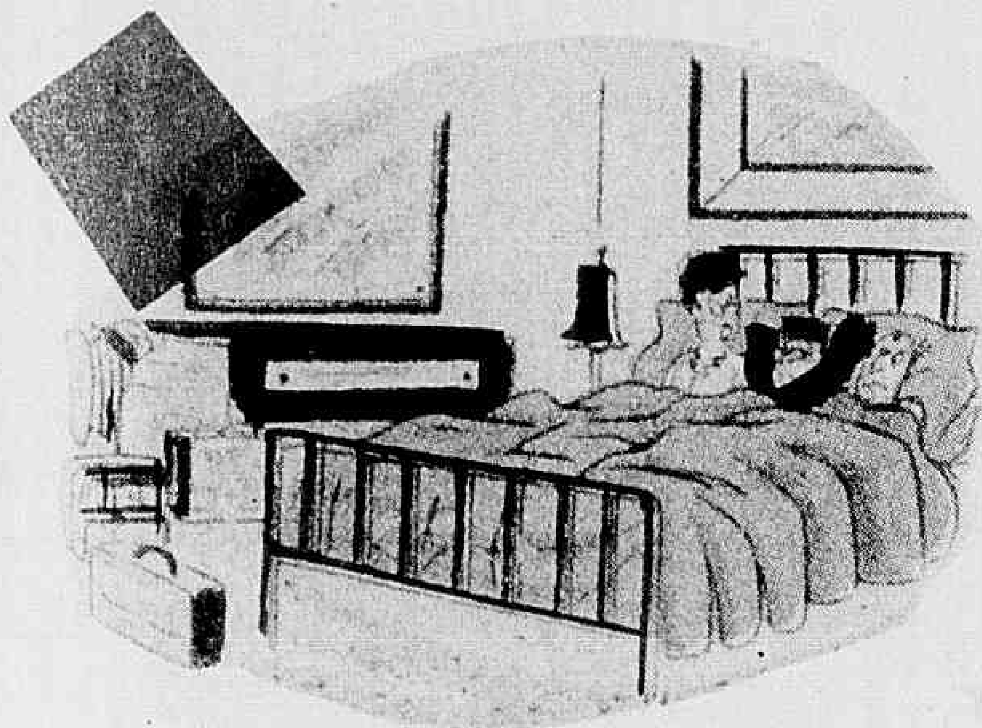


— Tem muita pressa hoje, arre!

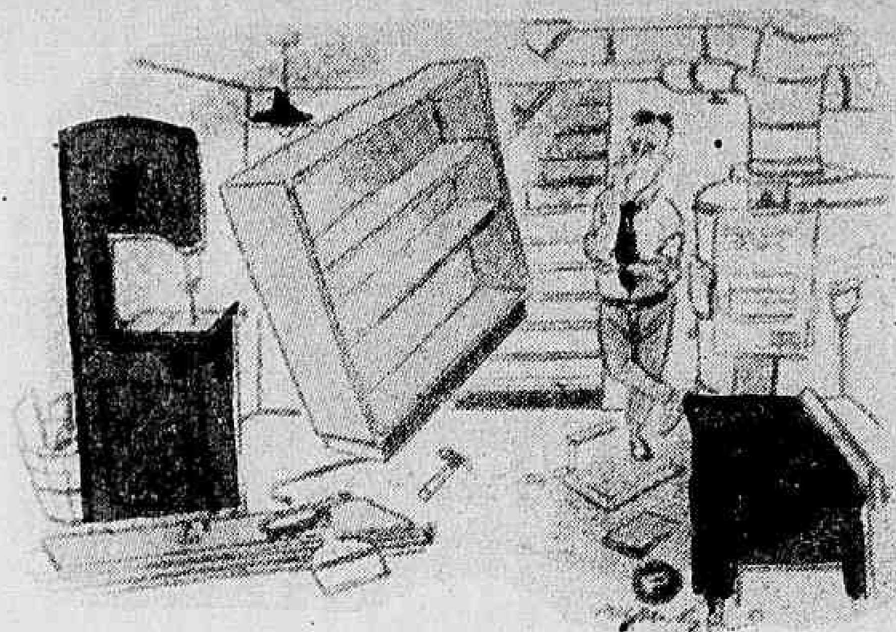
ajudar a indústria de confecções nos Estados Unidos, de conformidade com o princípio de Huxley no "Mundo Feliz": "Quanto mais remendo mais pobre me encontro". Nos Estados Unidos não se pode remendar. Se se encontrasse uma mulher que o fizesse, custaria mais uma roupa nova. E daí ter a gente que tirar e comprar roupa sem parar, alimentando a marcha gigante da indústria norte-americana, que não pode deter-se um momento para não afundar a total economia do país.

Outro capítulo de aborrecimentos para o cidadão norte-americano: o dos consertos e reparos em uma máquina que maneja continuamente sem poder apreciar todos os seus segredos: o automóvel. Se bem que os livros de mecânica sejam os de maior saída nos Estados Unidos, evidentemente ficam incompreensíveis vários pontos difíceis, pois sòmente os mecânicos especializados dedicariam todo o seu tempo aos mesmos, o que o dono não pode fazer. Daí a frequente despesa mensal para os reparos, despesas que cobre mais o tempo que emprega o operário, do que a dificuldade do consêrto ou o material empregado. O custo da mão de obra, se baseia de tal modo nas horas de trabalho, que, a um meu amigo professor de física, lhe foi apresentada uma fatura pelo consêrto da luz traseira de seu carro. Pagou, voltou a dirigir o auto, mas a luz continuava sem funcionar. Levou-o novamente à oficina mecânica. No dia seguinte lhe apresentaram outra fatura cobrando a reparação.

— Como vou pagar! Se não estava consertada! — estrilou o cliente.



— Vamos João. Dê a êle de uma vez a gorjeta... e que se vá daqui o mais depressa possível!



Tudo perfeito até o último momento.

— Não lhe cobramos a reparação, mas o tempo dispendido no segundo dia, e que custa dinheiro — foi a surprendente resposta que lhe deram.

O caso era tão evidente e exagerado, que o meu amigo não se conformou e foi protestar perante o dono da oficina, e conseguiu não pagar; mas isso vem mostrar a espada de Damocles, que um operário significa para um burguês norte-americano.

Sim, há uma luta constante entre o assalariado e o cliente nos Estados Unidos. Mas só no que se refere a relações pessoais, isto é, o operário normal, o que pertence a uma indústria ou a uma fábrica, o que é apenas um número na massa, em geral é cordial e simpático. O que caracteriza o trabalhador norte-americano é o seu sorriso e pilhérias constantes, seu impagável bom-humor. Não tem complexos de inferioridade vendo passar os empregados de "colarinho branco", como chamam ali aos burgueses, porque sabem que, em noventa por cento dos casos, um professor, um empregado, ou um jurista, cobram menos que êles. E notem, têm um comportamento de colaboração amistosa sem pensar em distâncias. É, por exemplo, o caso satirizado pelo humorista Henderson. O tipo de operário não é escolhido ao acaso. Seja um limpador de janelas nos arranha-céus nova-iorquinos, um grupo sindical, que é esplêndidamente pago devido ao especial perigo de seu trabalho. Esta consciência de sua especialidade lhe permite deter-se, interrompendo o trabalho onde quiser, à hora do almôço e preparar sua marmita térmica com seus quitutes, ante os olhares atônitos dos mais altos membros da administração.

Por outro lado, os outros, os assalariados diretos, os que dependem dos seus biscates, mordem o freio de seu complexo de modo *alarmante* para a estabilidade moral de um país. Não se compreende como não tenham conseguido acabar, por exemplo, com a concepção de que um porteiro é diferente de um trabalhador qualquer.

No citado artigo de "Collier's", se narrou o caso de um porteiro de Chicago, que passava o dia a lamentar-se dos vizinhos, os quais, segundo suas palavras, "não podendo permitir-se o luxo de ter um criado, acham que o é o porteiro".



Breve estará fazendo cara de Natal...

Com êste sentido da vida, qualquer pedido que o inquilino faça se considerará insuportável exigência. O próprio homem que, na rua, dá mil explicações para que se chegue ao destino, responderá com mau-humor, se imaginar que o cremos obrigado a informar. Em tais casos a gorjeta não é um presente, mas a necessária, a obrigatória reparação à nossa petulância.

O problema das gorjetas faz azedar a relação entre êsse tipo de gente, muito orgulhosa para pedir e muito nobre para recusar, e os seus clientes. Pode-se afirmar que, para um forasteiro e mesmo para muitos americanos, o momento de dar a gorjeta representa um problema entre o temor de expor-se a uma resposta grosseira ou de parecer otário. Choferes de táxis, porteiros e "boys" de hotéis, além dos camareiros já mencionados, constituem os sêres mais difíceis e suscetíveis de tratar-se.

Pode-se então afirmar que o trabalhador, o dependente norte-americano, manda de forma total, e o cliente, o burguês que o procura por necessitar de seus serviços, é uma vítima? Até certo ponto, sim. Contra esta possível ditadura está o princípio que regula tôda a vida norte-americana: o do negócio.

E, como, entretanto, o mundo seja mundo, por mais desenvolvida que seja a teoria de que todos os sêres humanos são iguais, a todos os homens agrada que os sirvam e, daí, a luta que se trava entre empregadores e empregados. Um faz o possível para tornar simpático o seu estabelecimento; o outro, mal suporta sua repugnância por figurar como servidor de outro norte-americano que não vale mais que êle. Por isso, no país da petulância do vendedor é onde há mais cartazes de tipo amável e respeitoso para o cliente. Desde o "Seja bem-vindo", que aparece em tôdas as partes, desde a entrada de uma povoação ou de uma loja de roupas feitas, até aos mais concretos, como: "O cliente sempre tem razão", "Esta sala está aqui para você", "Volte quando quiser", etc.

Aquêle "Conserve sempre o seu sorriso", que se exibia sôbre a cabeça do funcionário de emigração que me recebeu no aeroporto de New York, demonstrava que o grande empresário que é o Estado, também conhece as vantagens da amabilidade. E nas lojas norte-americanas, quando se entra para ver apenas, por simples curiosidade, nunca se acerca um empregado para perguntar "o que deseja", pois pedoria insinuar que "se não quer comprar nada pode dar o fora", mas diz apenas, suave e amàvelmente: "Posso ajudá-lo em alguma coisa?"

A *eficácia*, a famosa *Eficiency*, e a noção da concorrência permitem à economia dos Estados Unidos proteger-se contra a fôrça desmedida da classe operária. Êstes dois conceitos, assim como a absoluta necessidade do trabalho para todo mundo, fazem que uma pessoa que não cumpre seu dever seja posta no ôlho-da-rua, com oito dias, no máximo, de pré-aviso, sem que seus companheiros — como poderia ocorrer na Europa — movam um dedo

em sua defesa. É que sabem que faltou ao seu dever, e isso é muito grave na América do Norte.

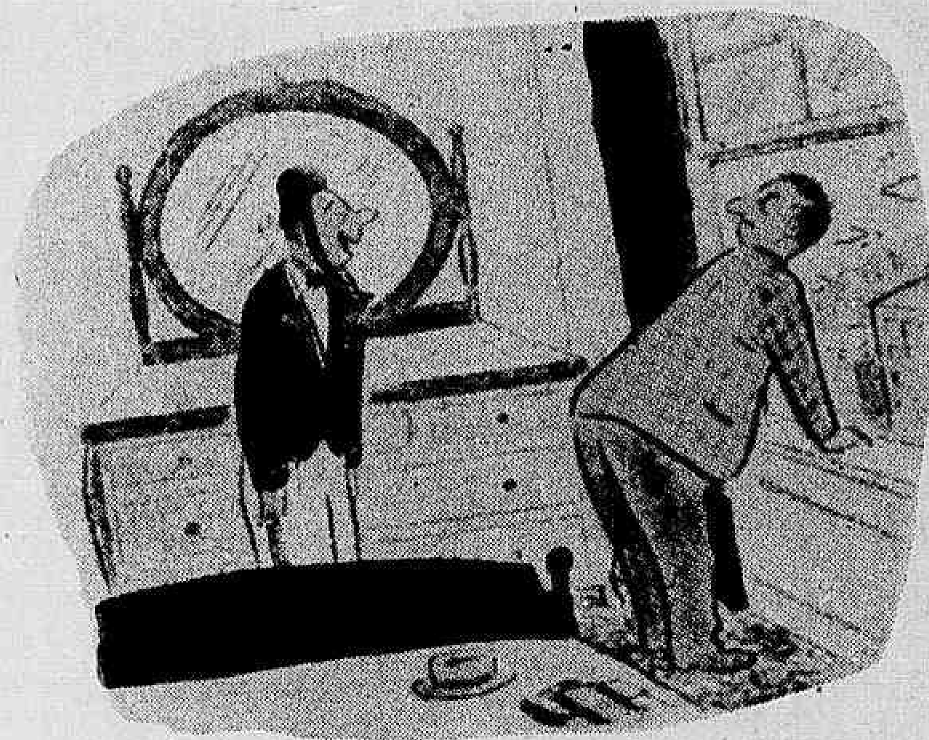
Do ponto de vista latino, para o trabalhador americano, a vida é dura, apesar do auto velho, que pode comprar em poucos meses, da geladeira ou do rádio. Quando trabalha o faz com vigor, e as frequentes escapadas ao bar vizinho ou os cigarros que se fumam a conversar, durante o horário de nossos operários, são ali absolutamente desconhecidos, bem como os atrasos nas entradas e as *enfermidades cômodas*. Muitos trabalhadores vivem sem proteção social, e quando não trabalham não comem. Daí o motivo de cobrarem alto quando prestam serviços. Tôdas as tentativas para introduzir o seguro nacional de enfermidade ou a socialização da medicina têm fracassado porque a maioria dos norte-americanos temem que isso destrua o espírito que tornou grande a Norte-América, o espírito da luta individual pelo triunfo, e que seja substituído — como ocorreu em certos aspectos na Inglaterra — por um conformismo que tudo espera do Estado.

A vida do trabalhador norte-americano se faz particularmente áspera quando não se acha o gôsto em sua posição, e quer superá-la, caso repetidíssimo na vida econômica daquele país. Tomemos para exemplo o caso de quem estuda em seus momentos livres para obter um título, e daí um novo impulso em sua ascensão. Mas os momentos livres do trabalhador norte-americano são um eufemismo, e quem, em um escritório ou em plena fábrica, achasse bastante tempo para abrir um livro seria expulso no dia seguinte, ou teria seu lugar suprimido por desnecessário. Daí terem, as horas de estudo, de ser descontadas das do sono. Conheci um estudante de minha universidade de Pensilvânia, que conduzia um táxi das seis às duas da madrugada e se levantava às sete para alternar todos os dias, as aulas com os trabalhos em uma oficina. Contava-me seus sacrifícios com certa amargura, mas sem queixar-se da injustiça que com êle cometia a sociedade. Estava convencido, desde menino, que a vida do homem é trabalho incessante, e que se êle queria chegar mais além do que as circunstâncias lhe permitiam, tinha que pagar, de uma forma, ou de outra.

Êste conceito, do qual partilham quase sem exceção todos os norte-americanos, encerra para mim o maior triunfo, a mais bela vitória de sua civilização. No mundo, todos têm suas possibilidades, e nada mais há de que aproveitá-las. Desfaz-se assim o sentido da injustiça que preside a muitas reações de operários na Europa, e tem sido tão eficaz o grito unânime da imprensa, o rádio e as declarações políticas sôbre esta igualdade inicial, que nos Estados Unidos o rico não é odiado. Quando um trabalhador, que tem dificuldades de pagar seus compromissos no fim do mês, lê a biografia de um Ford ou de um Rockfeller, pensa no maravilhoso que é ser de um país, onde se pode chegar às culminâncias, partindo do nada. E se é êste o conceito individual, o coletivo também está de acôrdo. O unionismo norte-americano considera o sindicato como uma propriedade comercial, e trata de fazer valorizar a lei da oferta e da procura, vendendo seu trabalho o mais caro possível às indústrias.



Já imaginava!



Fiquei tão contente com os dez centavos que me deu que pensei estar guardando as malas no armário.

TODOS SOMOS HOMEM E...

OS BIOLOGISTAS [illegible] A MUDANÇA DE SEXO ARTIFICIAL — POR QUE [illegible] MENINOS [illegible] REVELA [illegible] HORMÔNIOS E SENSUALIDADE — UM ACIDENTE [illegible] MASCULINOS [illegible] RECENTES E SURPREEN[illegible] [illegible] PROBLEMA [illegible] PRÓPRIA VIDA [illegible] UMA [illegible]

SEIS problemas diferentes e semelhantes levaram ao desespêro os oficiais do registro civil de diversas localidades do mundo: folheando seus registros até dezoito, vinte e até quarenta anos atrás, tiveram que passar um traço de pena sôbre "Antônio, sexo masculino", para o substituir por "Antônia, sexo feminino". A menos que se tratasse de uma Grace, transformada em John ou uma Olga, transformada em Ivan.

Ainda nos últimos anos, o número dêsses fatos verdadeiramente teatrais era razoável, não chegando a impressionar. Eram, porém, casos em que o "segrêdo" não fôra bem guardado, pois sempre devemos contar com os outros, que, fugindo da publicidade um tanto ridícula, preferiam permanecer numa situação paradoxal; sem falar de outros, ainda, mais numerosos com certeza, que passaram tôda a sua vida sem saber da própria anomalia.

Não se trata, aliás, de um mal próprio da nossa época e que castigaria uma humanidade degenerescente. Nada disso. Já no século XVI, Montaigne — um dos melhores repórteres do seu tempo — conta com minúcias o caso de uma jovem camponesa de sua região que, "tendo saltado uma cêrca... chegou do outro lado transformada em rapaz". A esta-

ÊSTE CASO, RECENTE, VAI REVOLUCIONAR A BIOLOGIA!...





Bob Cornell (acima), após uma adolescência ardorosa de corredor de motocicleta, alistou-se na R. A. F. Foi capturado e, após a guerra casou burguêsmente. A espôsa lhe deu dois belos filhos. Então, êle passa a sentir «perturbações físicas e incerteza mental» Um tratamento hormonial e várias operações espaçadas de três anos fazem dêle (aos 35 anos) uma jovem mulher de tipo bem britânico. A imprensa faz grande barulho em tôrno da fecundidade dêsse intersexuado. Mas os especialistas europeus pensam de modo muito diferente...

38º Ano — Nº 3 — Agôsto — 1954

MULHER

OU MENINAS? [illegible] CADA SEXUALIDADE PROVOCA [illegible] A OPINIÃO PÚBLICA [illegible] PARECE MUITO [illegible]

tuária grega imortalizou as silhuetas ambíguas de Androgyna e de Hermaphrodita; e certas civilizações renderam homenagem a seus semelhantes.

Antes de estudar as razões pelas quais certos indivíduos são levados a trocar de sexo, seria conveniente definir exatamente de que se trata. Essa pergunta que as crianças fazem a si mesmas, ao chegar à adolescência, os adultos acreditam ter resolvido... Os sábios, entretanto, são menos afirmativos.

As noções de homem e mulher devem ser, antes de tudo, bem definidas. Em uns e outros, distinguimos, antes de tudo, os caracteres sexuais secundários, que aparecem ou se acentuam, na puberdade: na mulher, desenvolvimento das glândulas mamares, músculos pouco importantes, bacia larga, voz de timbre agudo; no homem, a barba, a musculatura mais poderosa e menos escondida nos tecidos gordurosos, voz grave. A implantação do sistema piloso também apresenta diferenças muito característícas.



«C'est pas d'la chair, mais c'est du marbre... C'est moi qui suis la femme à barbirje!» — cantava em seu tempo essa estranha criatura. Mas, de qualquer maneira, ela se acomodava perfeitamente com os encantos e desencantos do seu sexo. Casou e teve muitos filhos. Hoje ocorrem fatos mais surpreendentes. Uma campeã de atletismo passa a ser um simples desportista. O ajudante de caminhão se transforma em «pin-up». A opinião pública se espanta de ver estremecida uma das raras noções que lhe pareciam sólidas: ser homem ou mulher... é, então, um estado que pode vir a ser modificado assim tão de repente, de um momento para outro?

São colocados também nos caracteres sexuais secundários o comportamento: instinto maternal nas mulheres, senso social nos homens, espírito de decisão, sentido das responsabilidades, num; agilidade, intuição no outro.

Êsses detalhes podem parecer ao mesmo tempo evidentes e supérfluos; e o são, de fato (apenas na aparência, segundo vamos ver), quando se trata da espécie humana, que tão bem conhecemos. Por mais dissimilhantes possam ser o homem e a mulher — e seus costumes tenderam, com os séculos, a acentuar essa diferença — pertencem visivelmente à mesma espécie.

Ao contrário, os sábios se enganam constantemente quando se trata de certas espécies de animais. La Bonnellie é um verme marinho, cuja fêmea possui um corpo do tamanho de uma ameixa, prolongado por uma tromba, com um comprimento total de 40 centímetros; o macho

é um pequeno organismo esfiapado, com dois a três milímetros! Os camarões ostentam, às vêzes, sôbre o céfalo-tórax, uma espécie de verruga; ali se encontra um parasita; o Bopyro: isso que se vê é a fêmea, espécie de lentilha de um centímetro; o macho é uma espécie de cloporta, quase invisível, alojado à entrada do orifício natural da fêmea... E, sem ir mais longe, quem diria que êsse modesto volátil acinzentado é a fêmea do soberbo pavão?

POR QUE NASCEM MULHERES OU HOMENS? — Foi refletindo sôbre essas diferenças que os sábios decidiram buscar as causas que determinam o sexo de um embrião. Por que, realmente, nascem mulheres ou homens e por que, quando observamos a lei dos grandes números, nascem tantos homens quantas mulheres?





Clara Bressales, campeã e recordista de França dos 100, 150, 200 e 500 metros, assim como do pêso e do triathlon, passava por um verdadeiro rapaz. O êrro foi agora retificado. Pierre Bressales continua a praticar o esporte, mas perdeu todos os seus «records».

É desde a fecundação que o sexo fica determinado. Trata-se, segundo o estado dos nossos atuais conhecimentos, de um verdadeiro jôgo de dados.

Uma série de descobertas extraordinárias, feitas em biologia, há 500 anos para cá, permitiram saber parcialmente a complexidade da determinação do sexo. Cada célula de um ser vivo contém certos bastonetes batizados de "chromosomas" e cujo número e forma são constantes para cada espécie. No ser humano, por exemplo, são em número de 48, semelhantes entre êles por pares: uns em forma de vírgula, outros em ângulos retos, de *boomerangs*, etc. Seu tamanho é inferior ao dos micróbios. Detalhe capital: na espécie humana um dêsses pares tem um comportamento particular. E por analogia com os fatos fàcilmente observáveis em certos insetos foram os sábios levados a conceber que nesse par uma das partes não era semelhante ao outro, quanto ao sexo masculino. Ao contrário, no caso feminino, os "chromosomas" dêsse par são estritamente equivalentes. Daí resulta uma dissimetria na repartição dos "chomosomas".

CADA CÉLULA REVELA O SEXO — E eis recompostos, por essa célula única, que forma, a partir dêsse instante o embrião, os 24 pares de "chromosomas" próprios de tôdas as células da espécie humana.

Desde êsse instante, o sexo do futuro humano está definitivamente determinado. De fato, ou o espermatozóide continha *chromosomas* iguais aos do óvulo — e neste caso será uma menina — ou levava entre os seus 24 bastonetes o *chromosoma* próprio das células dos organismos masculinos... e assim teremos um menino. E isso, na proporção de 50 por cento para cada sexo.

A partir dêsse instante, tôdas as células do jovem ser (que se produzirão por uma prodigiosa multiplicação da primeira célula) trarão, também elas, a marca distintiva do seu sexo.

Pôsto que essa determinação é profunda, total, rigorosa, implantada, até mesmo em cada célula, como podem, certos indivíduos, mostrar-se molestados por um sexo hesitante ou variável?

Isto porque a diferenciação de caracteres sexuais secundários (barba,

seios, etc.) se estabelece de uma maneira progressiva, por etapas, sòmente surgindo completa na época da maturidade.

HORMÔNIOS E SEXUALIDADE — É coisa sabida, há muito tempo, que as glândulas sexuais não tinham por função ùnicamente a reprodução, desempenhando também um papel considerável no equilíbrio de todo o organismo. A castração tem por efeitos, não apenas a esterilidade e o não aparecimento dos caracteres sexuais secundários, mas, também, perturbações graves na inteligência, na musculatura, etc. Todos conhecem a diferença de comportamento de um boi e de um touro.

Desde 1902, graças, entre outros, aos biologistas franceses Ancel e Bouin, sabemos que esta ação geral das glândulas genitais se exerce pela secreção interna dos produtos químicos ligeiramente diferentes segundo o sexo. Há mais de vinte anos tais produtos podem ser fabricados nos laboratórios. São os chamados hormônios sexuais: foliculina para a mulher e testosterone para o homem.

Mais recentemente, foi descoberto que o embrião já secreta hormônios, cuja ação logo se manifesta e pode, em caso de funcionamento defeituoso, revolucionar totalmente seu organismo e sua vida social: por tal motivo são formados sêres tendo tôda a aparência, gestos e mentalidade de uma mulher e que são, na realidade homens; ou, ao contrário, mulheres que todos os detalhes aparentes levam a considerar como homem, adotando como tal costumes, roupas, gênero de vida, etc.

Não se trata, no caso, de vícios censuráveis, mas de lamentáveis mal-formações, de que tais sêres são vítimas, e que os deixam mais ou menos num desequilíbrio fisiológico e mental entre os dois sexos. Trata-se de hermafroditismo ou intersexualidade.

UM ACIDENTE PRÉ-NATAL — A explicação dêsses fenômenos — raros mas não excepcionais — só foi encontrada há poucos anos. O professor Lillie, de Chicago, ficou impressionado, em 1916, por uma particularidade muito conhecida pelos que vivem no campo. Quando uma vaca dá à luz duas crias, gêmeas, portanto, pode ocorrer que sejam dois machos e, no caso, nada de anormal; mas também pode ocorrer que uma das crias é fêmea — que se revelará, mais tarde, estéril.

Lillie observou que o animal anormal e intersexuado apresentava uma mistura imperfeita de órgãos inacabados dos dois



sexos. Após longas pesquisas, o professor e seus colaboradores estabeleceram que, nesses casos de anomalia, havia uma comunicação entre as circulações sanguíneas dos dois embriões.

— Parece — disseram os pesquisadores — que o sangue do macho prejudicou a formação da fêmea...

E notaram, de fato, que o sangue do macho veiculava um hormônio masculinizante, que provocava desordens na formação do outro feto. Na zona que deveria formar pouco a pouco um ovário, desenvolveram-se glândulas femininas. No entanto, os órgãos genitais externos e as glândulas mamares continuavam sendo do tipo feminino.

Concebe-se que quando as perturbações são provocadas por um mau funciona-

mento dos hormônios sexuais num ser humano, a parteira ou mesmo o ginecologista e obstetra podem ser enganados. Tal êrro tem ocorrido, entre outros, com





— «MARIA! PREGO, UNA MINESTRONE!» — costumavam reclamar os clientes de um restaurante de Casena (Itália) à encantadora morena Ada Maria Luisini, que era «garçonette». Várias operações fizeram dela... Ado Mário, sólido rapagão e hoje gorção do restauarnte.

os indivíduos cuja surpreendente personalidade está revelada pelas fotografias que publicamos.

INTERSEXUALIDADE PROVOCADA — Assim, pois, como sempre acontece, trata-se de uma anomalia no mecanismo da natureza e foi esta anomalia que colocou os pesquisadores no bom caminho. Mas,





Era um soldado modêlo e foi logo promovido a sargento. Cortês com seus subordinados, atencioso com seus camaradas. Hoje é um modêlo, que os costureiros de New York disputam para suas criações e as revistas para suas capas. Christine Jorgensen, que é agora o seu nome, nasceu de uma série de duas mil injeções!

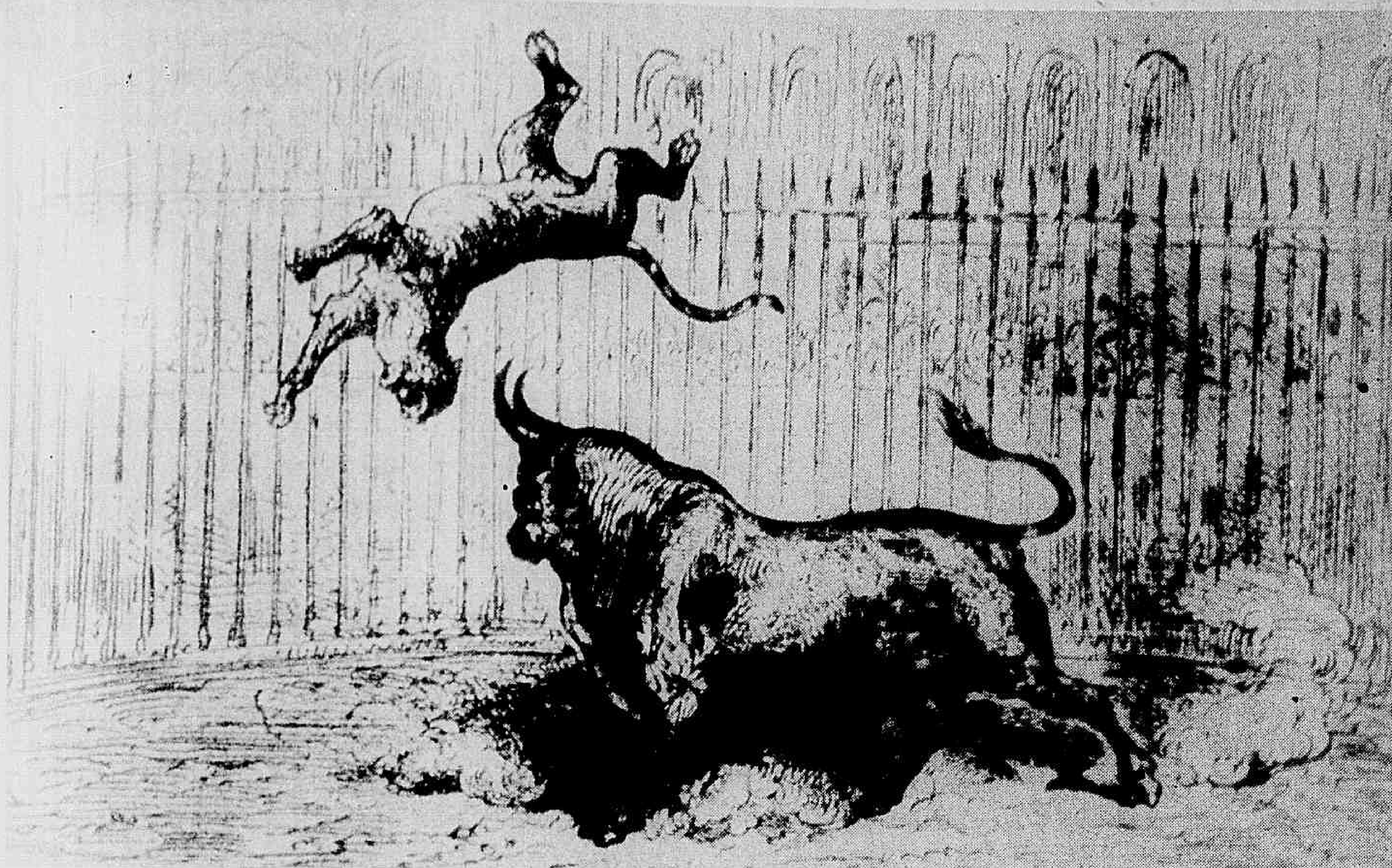
na verdade, o rigor científico exigia que tais hipóteses fôssem verificadas... provocando à vontade os casos de intersexualidade. O profano não compreende muito bem as extenuantes dificuldades preliminares, contra as quais os pesquisadores esbarraram.. Não se tratava, é claro, de ensaios com o homem. O ideal seria, portanto, proceder com um animal o mais próximo possível de nós na escala dos sêres. Ora, as experiências com os embriões de mamíferos são sempre muito delicadas: é necessário operar a mãe, para ir procurar o embrião... e recoser de tal forma que a gestação possa prosseguir.

Ao contrário, os batráquios seriam mais cômodos instrumentos de trabalho. E, segundo os trabalhos dos diferentes cientistas, em todo o mundo, eis em que pé estamos relativamente ao problema da mudança de sexo artificial.

Certos biologistas norte-americanos e europeus submeteram embriões de mamíferos à ação artificial de hormônios sexuais, com o fim de provocar uma mudança de sexo. Burns e Moor preferiram usar marsupiais, pois que as crias têm um nascimento prematuro e terminam sua gestação na bôlsa abdominal da mãe, o que facilita as intervenções. A ação dos hormônios sexuais, se não afetou as glândulas, pelo menos modificou os caracteres sexuais secundários.

UM EMBRIÃO NASCE DE PAIS MACHOS — O professor Wolf, de Strasburg, realizou experiências sôbre embriões de galinha. Segundo os resultados obtidos, parece que os animais de sangue quente têm uma deter-

(*Continua na página* 115)



Luta de touros realizada na praça de touros de Aranjuez (na Espanha) e de autoria de Gustavo Doré.

A LEI DAS SELVAS E A LEI DOS HOMENS

OS MÉTODOS DE COMBATE DAS FERAS

RECENTEMENTE, os jornais norte-americanos, como ocorre às vêzes, também, com os daqui, entraram a atacar violentamente os esportes chamados cruéis, dando maior realce às "corridas" de touros. Sente-se que os escritores inglêses e norte-americanos, seguindo o exemplo de Hemingway e, outrora, de Kipling (*O touro que pensava*), começam a ganhar interêsse pelas touradas. É evidente que, se assistimos a uma tourada sem nada compreender, consideramos a mesma um espetáculo bárbaro. Se chegamos a descobrir que se trata de uma *esgrima sábia*, mudamos de opinião.

Além do mais, queixam-se, em geral, das touradas, mas esquecem a caça à rapôsa. Mesmo na Inglaterra há os que a combatem. Os conservadores juram que êsse é um prazer magnífico vestir uma casaca vermelha e galopar, arriscando a vida, atrás de uma cauda esvoaçante. Os socialistas clamam que estragam as propriedades dos pobres camponeses e que não passa de um escândalo. Mas, o maior escândalo entre todos é o da caçada à rapôsa, segundo é feita na Itália, onde criam as rapôsas em granjas apropriadas e levam-nas, em sacos, para o *local do crime*, onde o pobre animal é desamarrado para ser imediatamente perseguido pelos cães e caçadores. Os inglêses protestam e afirmam que jamais tolerariam tal coisa em suas ilhas. Tanto mais que, na hora de soltar o bicho, dão-lhe sôcos na cabeça, para tirar-lhe um pouco as fôrças para correr.

Fica a pobre rapôsa, assim, sem defesa, enquanto que o touro, ao contrário, fica com o direito de lutar de igual para igual.

E, ÀS VÊZES, LEVA A MELHOR...

SEMPRE se considerou cruel tôda espécie de combates de animais, fôssem quais fôssem. Pouca gente sabe que a Praça do Combate, próxima da estação do metro de Stalingrado, em Paris, recebeu seu



Em Cuba, ainda mais que no Brasil, o povo arrisca nos galos de briga tanto dinheiro como na Argentina nos «pelotarios».

nome de uma arena de combates de animais, que ainda ali existia no século XIX, não, como se poderia pensar, um combate em defesa de Paris, um combate de rua, um episódio da revolução, etc. Eram combates de cães e ursos, por exemplo, que constituíam os espetáculos preferidos do povo parisiense. Isto passou felizmente.

Porém, ainda hoje os siameses organizam combates de... peixes — que ao menos se desenrolam num silêncio absoluto. Magníficos espécimes, de caudas longas e prateadas lutam horas sem dar um grito de dor. Êsse é um esporte também praticado no norte da França, como em Java, no Japão, na China e diversos outros pontos dêste planêta.

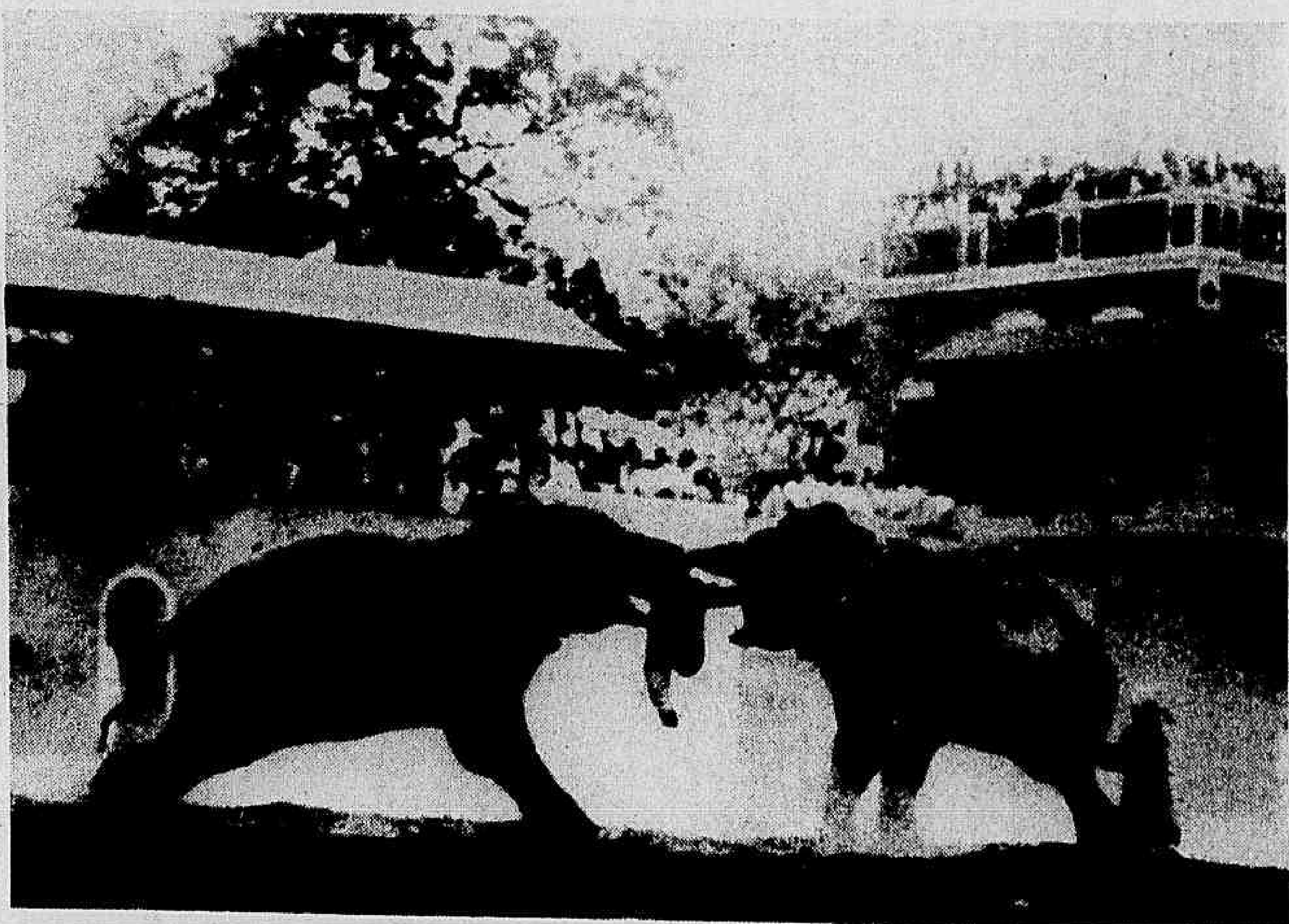
Os combates de galos são, por assim dizer, organizados em todo o mundo, com crescente número de apostadores, que chegam ao cúmulo de aumentar o poder agressivo dos adversários, dando-lhes terríveis esporões de aço afiado. Entre nós, sendo coisa proibida, êsses combates se realizam, porém, em tôda parte, embora discretamente, ao contrário do que ocorre em Cuba e nas Filipinas, onde há ginásios especiais para essas lutas, com entradas pagas a bom preço.

Na Índia são realizados combates de serpentes e de mangostas. Invariàvelmente, a mangosta é quem vence.

Os "maharadjahs", por sua vez (só êles podem suportar tal despesa) oferecem combates de elefantes, que só terminam com a morte de um adversário — ou dos dois. Aquêle que perder as prêsas primeiro, durante o combate, está perdido!

Os espanhóis, até 1910 promoviam lutas de animais nas arenas, exatamente como nos tempos dos romanos, quando centenas de leões, hienas, tigres, elefantes, etc., lutavam durante meses, dia a dia, para delírio do povo, que jamais se saciava. Os espanhóis, entretanto, sempre exigiam a presença de um touro, sendo um número extra quando algum touro lutava contra um urso.

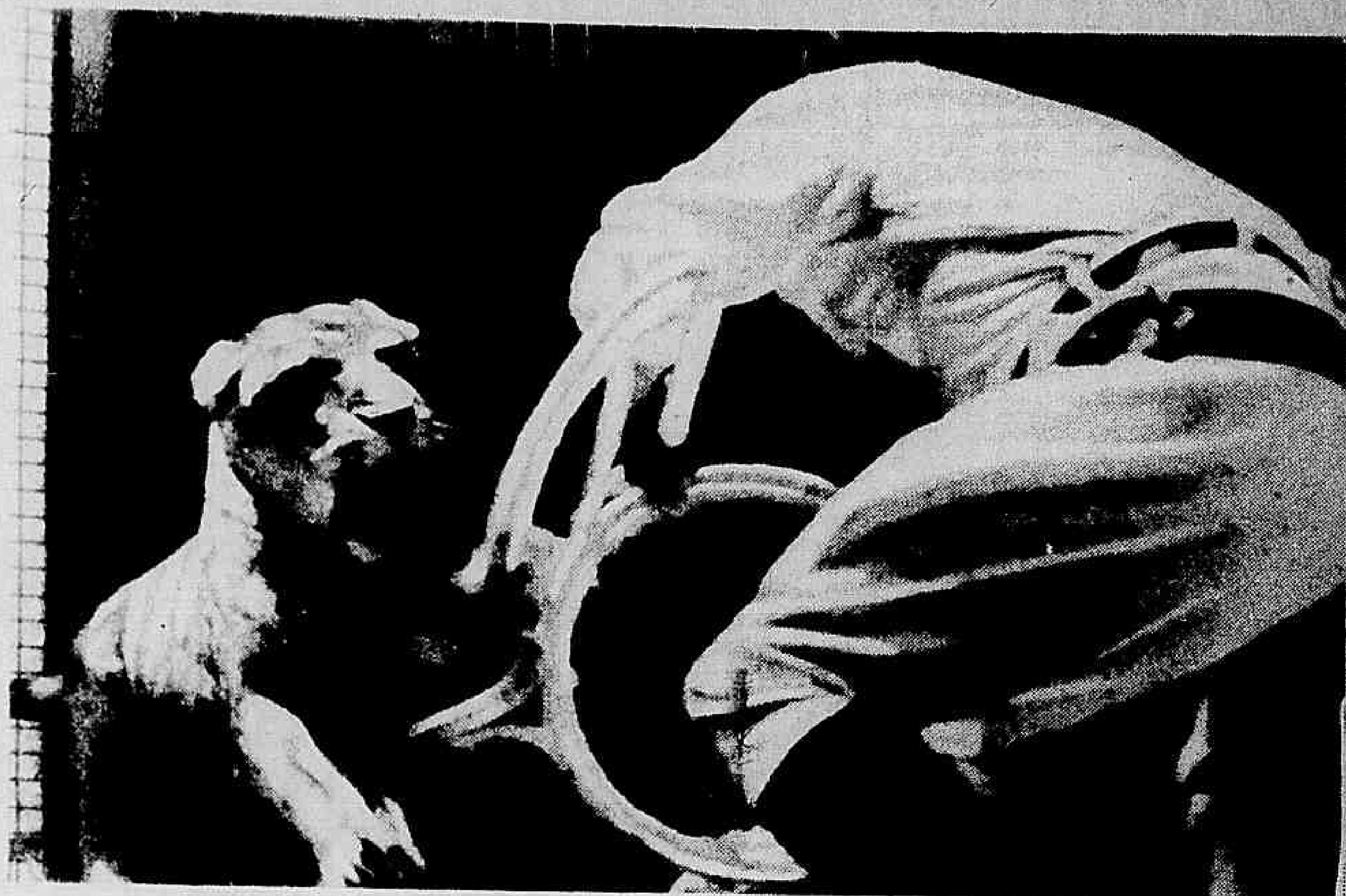
Embora possa causar surprêsa, era sempre o touro o que vencia, atacando imediatamente, desde o início do combate. O pobre tigre, por mais que saltasse de



Os «maharadjahs» oferecem, para delícia de seus convidados combates de elefantes. É esporte caríssimo. Elefantes combatentes são raros.

um para outro lado, tentando atingir o lombo do touro, acabava sendo apanhado pelo chifre terrível, sendo atirado, estripado, a muitos metros de distância.

— "O touro, em todos êsses encontros, provou ser mais perigoso que o tigre ou o leão — escreveu um cronista. — E enquanto o leão ou o tigre não atacam *infalìvelmente* um homem que penetre na arena, o touro o faz *sem hesitação*!"



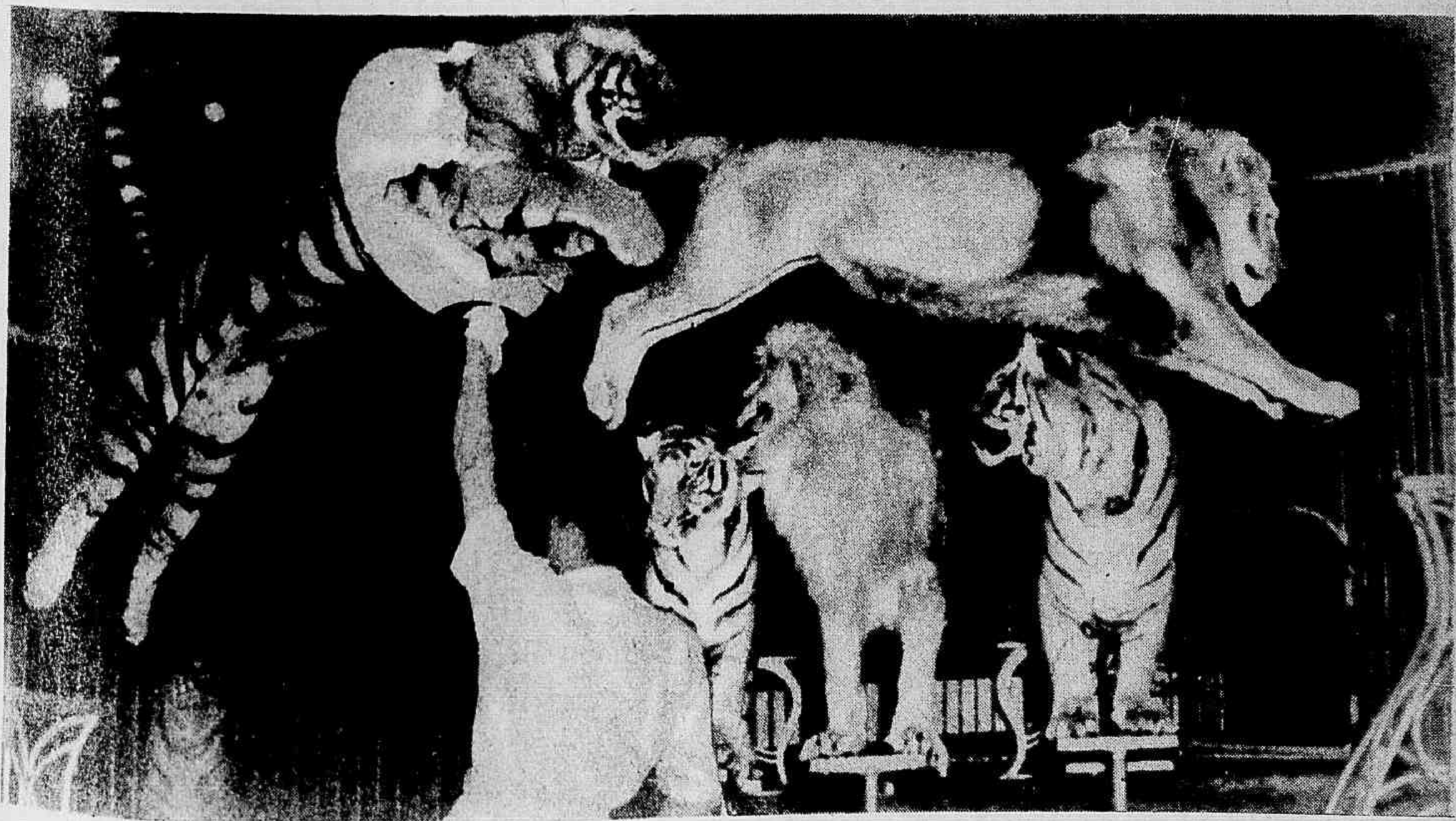
O primeiro contacto entre o domador e a fera...

E aqui surge o problema. Diferentes processos são intentados, em Portugal e na França, principalmente na região de Bayone, contra os amadores que realizam touradas. Estão sempre às turras êsses amadores e os que os censuram por essa *barbaridade*.

Dizem uns que o touro está protegido por uma velha lei, jamais abolida e que, portanto, tais corridas não podem ser realizadas. Em todo o caso, tais touradas costumam ser assistidas — e aplaudidas — pelos prefeitos de todo o sul da França!

Isto tem dado *panos para mangas*, como se costuma dizer. E a razão está em que aquêles que consideram o touro um animal doméstico, nunca o viram entrar numa arena, no momento em que, como dizem os espanhóis, o animal está "levantado" e pronto a atacar tudo o que move...

O cavalo, sim, na França pelo menos, está protegido pela citada lei. Viam-se, outrora, quatro ou cinco cavalos caídos na arena, com as tripas à mostra, numa



Na jaula, tôda atenção é necessária. A fera guarda rancor por meses e anos, esperando uma oportunidade.



As desgraçadas rapôsas, que vão servir nas caçadas romanas — sem possibilidade de salvar a vida.

mesma "corrida", o que era verdadeiramente repugnante.

A tourada não é um combate desigual em que o animal leva só desvantagem. Nada disso! É um desafio do homem ao animal, e êste, muitas vêzes, leva a melhor, como ocorreu com o celebérrimo Manolete e outros mais.

E que dizer dos domadores?

Pouco tempo antes da segunda guerra mundial havia um número muito aplaudido, em Paris. Na realidade, não se tratava muito bem de um número de doma de animal, mas sim uma espécie de combate com peripécias elementais. Um negro, Omar (norte-americano disfarçado em senegalês), protegia-se com uma simples cadeira, que segurava na mão esquerda e, brandindo um chicote, avançava contra três leões, muito jovens e vivos, forçando-os a um recuo vexatório.

Um espectador, certa vez, perguntou a Omar se há muito tempo empregava aquêles métodos.

— Um ano apenas — respondeu. — Jamais sofri um arranhão. Conheço bem os leões... Têm mêdo do homem.

Dias depois apareceu nas ruas com um braço envolvido em ataduras. Levara um terrível arranhão.

—Não é nada — explicou. — Já apliquei um bom remédio e um cheiro desagradável, para dissimular o olor do sangue.

Dez dias depois, os jornais anunciaram que o infeliz Omar tivera o ombro quase arrancado por um leão, ao qual teve que matar a tiros.

Também a imprudente atriz Gina Manes estêve a ponto de perder a vida, em Paris, em 1943, pelos graves erros que cometeu trabalhando uma pantera no "Circo de Inverno".

O mais velho dos Irmãos Bouglione, conhecido em todo o mundo, e que soube criar uma verdadeira escola e um método para domar as feras, estudando as reações dos felinos e seus modos de combater, dizia:

— Ninguém pode prever, exatamente como e quando uma fera, embora amansada, pode atacar. Pode ela perdoar uma pancada, se o seu instinto lhe diz que foi dada com justiça. Mas não perdoa jamais um golpe injusto, nem uma humilhação. Esperará meses ou anos a ocasião favorável, aproveitando o menor instante de distração do domador e, chegado o momento, não falhará. Por isso é preciso método. Algumas tardes as feras são perigosas e em tais ocasiões é necessário tomar as medidas, a fim de reprimir a tempo a menor rebelião. Nos dias de



Enquanto belas damas e elegantes cavalheiros se reúnem, o herói da festa espera, dentro de um saco...

tempestade, como é sabido, geralmente, as feras não são as mesmas. Também sentem a influência do público. Porém, uma fera, quando falhou na primeira tentativa, não volve a tacar da mesma maneira.

O domador Beatty, diretor de um grande circo norte-americano e domador, com-



Esse gesto terrivel é uma prova do carinho da fera, que mostra a pata com as garras recolhidas...

provou as mudanças de tática dos animais que souberam adaptar-se às circunstâncias no correr de combates imprevistos. Numa dessas exibições, enfrentou um tigre com um urso. O tigre — conta êle — costumava estar sôbre um pedestal elevado. Um dia, o ajudante de pista esqueceu de colocar o tamborete no local de sempre. O tigre saltou sôbre um pedestal colocado diante do que ocupava o urso. Com êsse salto, falhou e caiu. O urso tinha grande ódio contra os tigres desde o dia em que uma fêmea o arranhara. Saltou logo sôbre o felino e o abocanhou pelo pescoço, antes de que o adversário tivesse tempo de voltar-se. Em dois minutos o tigre morreu com a nuca destroçada. Se o urso lhe tivesse dado o tempo para voltar-se teria pagado muito caro sua audácia. Mas não deu. Em geral, os ursos atacam com uma série de mordidas sucessivas, soltando e tornando a apanhar a prêsa. Porém, desta vez, o urso não soltou até que viu o tigre morto. Foi a única vez que vi um urso morder assim" — concluiu Beatty.

Dar e receber a morte é a lei da selva. A guerra é o estado natural do mundo animal. Não poder mais combater significa quase sempre para o animal a morte. Tem que saber utilizar o mais tempo possível as armas que lhe deu a Natureza. O combate da mangosta contra a serpente é clássico, desde que Kippling o descreveu minuciosamente em seu conto "Rikki Tikki Tavi": "A vitória é questão de ôlho vivo e de pé ligeiro; disparo de serpente contra salto de mangosta. E como não há ôlho que possa seguir o movimento de uma cabeça de serpente, quando dá o salto, êsse é um verdadeiro prodígio da mangosta.

Tal prodígio foi objeto de numerosos estudos, em particular por parte do dr. Duytendijk e do dr. Ditmar. Segundo F. W. Lans, uma serpente tarda, normalmente, menos de meio segundo em pegar, morder, esvaziar suas glândulas de veneno e volver a pôr-se em guarda. O êxito da mangosta indiana se explica, principalmente, pelo fato de que pode enfrentar a serpente. Esta, ao tomar sua



posição de ataque, levanta uma parte do corpo a bastante altura. Esta postura a obriga a baixar a cabeça antes de acometer e a faz perder uma fração de segundo, que a mangosta aproveita para esquivar o golpe e apanhar a serpente pela nuca.

Contra os outros animais — com exceção do elefante, o touro de lida, o búfalo e os grandes réptis — os grandes felinos, e até o lince, nada têm que temer. Sua vivacidade, sua mandíbula formidável e suas garras, cortantes como navalha, lhes asseguram uma superioridade indiscutível. Não é raro o urso negro do Canadá deixar fora de combate o lince. O urso costuma matar o adversário sufocando-o; mas, em seguida, também sucumbe, com terríveis feridas. Os tigres e os leões, quando vão caçar, sabem empregar táticas que variam segundo a prêsa que atacam e segundo suas próprias aptidões. O major inglês Dunbar Brander, que estudou o costume dos tigres da Índia Central, observou que essas feras nem sempre saltam sôbre o lombo dos herbívoros, para quebrar-lhes as vértebras cervicais. As fêmeas e os filhotes utilizam o método que consiste em colhêr a prêsa pela ponta do focinho. Êste ataque é ao mesmo tempo doloroso e asfixiante; graças a essa maneira de combater, há feras que não sucumbem ante o touro de lida espanhol.



O touro tem o direito de defesa (e, às vêzes, leva a melhor!)

Alguns especialistas na matéria pretendem que os leões e os tigres, que combateram contra os touros estavam desorientados pela mudança de ambiente. O próprio touro não está costumado a encontrar-se dentro de uma jaula de ferro. Porém, é indiscutível que se os combates de touros e de felinos tivessem prosseguido, êstes últimos teriam sabido adaptar sua tática ao ataque do touro, que, frequentemente, lhes foi fatal. Observou-se, também, que os animais conhecem por atavismo as táticas mais eficazes para realçar suas armas naturais e para proteger-se. Assim, os elefantes não combatem, como se acredita, com a tromba. Lutam a cabeçadas e a golpes de seus longos dentes. Recorda Henri Thetard, que alguns *rajahs*, como o de Baroda, organizam ainda hoje combates de elefantes. Os que lutam são machos especialmente adestrados para o combate, aos quais se pôs num estado de "must", isto é: de fúria permanente, graças a uma alimentação composta principalmente de bolas de manteiga, açúcar e plantas aromáticas.

Montados por seu "mahout" habitual, avançam ao encontro um do outro, cabeça contra cabeça. Empurram-se com tôdas as fôrças até que um enfraqueça. O vencedor vai levando o mais fraco e o põe, finalmente, em fuga. Se os dentes dos elefantes não tivessem sido, prèviamente, *protegidos* por bolas de metal, o elefante vitorioso mataria o adversário.

É compreensível que o elefante, quando combate, proteja sua tromba, pois êste órgão delicado o ajuda a comer e beber. Pela mesma razão, talvez, as aves de prêsa quase nunca pegam sua vítima com o bico. Utilizam sobretudo as garras para imobilizá-la e matá-la. Os falcões matam as lebres e as gazelas pequenas com as garras e não com o bico.

Os costumes da selva são conhecidos apenas superficialmente. A psicologia animal é uma ciência ainda em estado embrionário. As explorações e os documentais filmados permitirão estudar os costumes dos animais em uma fase pacífica. Os dramas que ocorrem com frequência nos parques zoológicos e nos circos têm uma significação que quase sempre podemos compreender: as feras soem matar ou por mêdo ou para defender sua vida ou a de seus filhos.

A mais terrível das feras é o homem.



insinuante troca ou devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende.

177 — Cr$ 300,00. — Lindo sapato de camurça preta com verniz. Um deslumbramento!

178 — Cr$ 398,00. — Belíssimo sapato com plástico vidrado e pelica ouro, salto de alumínio. Uma maravilha!

179 — Cr$ 300,00. — Belo sapato de pelica envernizada. Um encanto!

Remetemos para todo o Brasil. Porte por par: Cr$ 10,00. Não fazemos reembôlso postal.

insinuante É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

RUA DA CARIOCA, 46-48
SETE DE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG/.

Tratamento Completo

VOCÊS poderão continuar dizendo que o norte-americano não é partidário do romanticismo. Mas estão enganados. Oh *mon Dieu*, como se enganam! Como sei isso, eu, Pierre Broussard? Porque, com minha estréia profissional na América do Norte, fui testemunha de um gesto terno, tão *sympathique*, por parte de um norte-americano, que, como um enamorado, abraço a cidadania e também os excelentes salários que são pagos aos atores norte-americanos.

"Pierre — perguntei a mim mesmo, logo após a guerra — que significa o dinheiro que pagam aos grandes atores na França? Nada; menos que nada!". E por isso, por um processo de pura lógica, dêsses que fazem a fama da mente gaulesa, decidi experimentar a fortuna na América do Norte, usando o talento, o grande talento que me obsequiou *le bon Dieu*. No luxuoso transatlântico, em viagem para New York, estou estirado, uma tarde, numa espriguiçadeira, no tombadilho, quando um cavalheiro se ofereceu para ensinar-me as expressões vulgares dêsse idioma.

Por
EVELYN HUMPHREY

— Preste atenção — dizia êle. — Quando oferecer algum cigarro, deverá dizer tal e tal coisa.

No dia seguinte tive ocasião de oferecer um cigarro. Tiro do bôlso minha cigarreira de prata, inclino-me numa profunda reverência, descubro os dentes num amplo sorriso, digo tal e tal coisa... E a dama me planta os cinco dedos na face esquerda, numa decidida bofetada. *Voila!* Só então compreendi que tinha sido vítima de mau-gôsto. O serviçal cavalheiro da tarde anterior me pregara boa peça.

Depois do meu fracasso, vou para o camarim, para aplicar compressas frias sôbre a face marcada por cinco dedos. A seguir, saio ao encontro de Miguel Bradford, para rir meia hora em sua companhia. Daí nasceu minha grande amizade com o grande produtor.

Desembarcados, afinal, mister Bradford permitiu que eu entrasse livremente e diàriamente em seu escritório, para averiguar sôbre o próprio terreno quais eram as perspectivas a meu favor para ganhar um papel muito importante em uma peça, que escolhera, a dedo, para o grande Pierre Broussard (que sou eu).

— O papel deve estar à altura de suas condições, Pierre — disse-me mister Bradford. — Deve ser coisa perfeita, isto é: talhado na medida do seu talento. Espere um pouquinho mais, meu velho, que há de surgir essa oportunidade.

Minha amizade com mister Bradford se fêz mais íntima, até que um dia me abriu seu coração. Tinha grandes preocupações, por causa das jovens e sedutoras atrizes, que revoluteavam perigosamente

em seu redor. Infelizmente, êsse "cêrco" coletivo era uma mortificação para sua espôsa, Sara, a quem êle continuava amando ternamente, mesmo depois de dezessete anos de casados, muitas vicissitudes partilhadas nos longos anos anteriores ao seu triunfo como produtor... e dos filhos.

Aqui devo esclarecer que Sara é uma criaturinha simpática, mas não bonita.

Esta desvantagem Sara suportou pacientemente, até que seu marido importou da Áustria uma nova estrêla, Tina Lanz. Sara compreendia que Miguel era feliz; que Miguel estava encantado com a nova estrêla, não por sua beleza, mas pelos dólares que com ela ganharia?

Messieurs, não. Sara não compreendia. Sara se sentia infeliz e temerosa. Sara desconfiava de Miguel, apesar das repetidas provas de carinho que êste lhe testemunhava. Sara tinha ciúmes de Tina Lanz. Examinava, uma a uma, as fotografias da artista importada... e empalidecia. O beijo que Miguel deixava em sua face, ao despedir-se pela manhã, a fim de ir para o seu escritório, parecia-lhe um odioso fingimento. Estava, assim, criada uma crise. E das piores, porque Sara estava prestes a fazer trinta e cinco anos. Discutamos, agora, um pouco, o coração de uma mu-



para completar trinta e quatro anos? *Puf!* Que significa isso? Apenas quatro anos mais que trinta! Está para cumprir trinta e seis? Outra vez... *puf!* Ainda lhe faltam quatro anos para chegar aos quarenta! Mas... trinta e cinco? Ah! Essa é a metade do caminho, quando se está longe dos trinta e perto dos quarenta! Êsse é o desastre sem remédio.

Assim chegou a véspera do aniversário de Sara.

Imaginem, por um momento, então, o atarantamento no salão de mme. Roselle. Imaginem, se podem, os manuseios a que é submetida a pobre sara, as massagens, as fricções, os banhos, as máscaras, os penteados... É refeita, por assim dizer, da cabeça aos pés...

MAS... pode ser Sara Bradford essa criatura resplendecente, que sai do instituto de mme. Roselle? Pode ser Sara essa magnífica mulher de olhos luminosos, cabelos brilhantes, tocados por uma absurda e deliciosa sombra azulada, lábios cheios e encurvados, de corpo esbelto e elegantemente vestida?



Sara tem que encontrar-se com seu marido num salão central, para tomar um coquetel. Depois jantarão juntos e irão ao teatro e, finalmente, dançarão numa "boîte". Como tem tempo suficiente, Sara caminha. Entardece e chega êsse momento do dia em que tudo favorece o romance. Sara se sente satisfeita consigo mesma, orgulhosa de sua nova aparência. Dirige olhares tímidos aos espelhos das vitrinas para ver-se refletida nêles, porque ainda não está de todo convencida da favorável transformação.

Voila! Que significa isso? Um rapaz, extremamente simpático, parou na calçada, quase à frente de Sara! Olha-a fixamente... E pisca um ôlho! Agora a vai seguindo, da forma mais atrevida, mais ousada e inimaginável. *Mon Dieu!* Nunca, em seus trinta e cinco anos de vida, nunca haviam insultado Sara dessa forma. Suas faces se cobrem de rubor, notável mesmo através do "make-up" sàbiamente aplicado. Sara é, nesses instantes, uma mulher bela, de beleza arrebatadora!

Messieurs, êsse rapaz bonito e elegante como um galã de cinema se planta, agora, diante dela e, tirando o chapéu... lhe dirige um dêsses longos assobios que fazem as mulheres corar, mas que, ao mesmo tempo, as fazem sentir-se donas de mais "sex-appeal" que uma rainha de mambo!

Quando, finalmente, entra no bar do hotel, Sara está radiante. Até Miguel Bradford abre a bôca de admiração, e isso apesar de ter motivos para esperar algo como o que está vendo. Sara é nesses momentos a mulher de trinta e cinco anos na plenitude dos seus encantos femininos, segura de si mesma, segura de seu poder sôbre os homens. Tina Lanz? Quem é Tina Lanz? Que significa Tina Lanz? Tina Lanz... *puf*!

Mas — perguntarão vocês, e com todo o direito — onde está o gesto terno, o gesto *sympathique*, de que falei no princípio? É infinito o número de maridos que pagam a visita de suas espôsas aos salões de beleza. Onde está o romanticismo, a ternura, a compreensão, de semelhante gesto?

Messieurs, Miguel Bradford não se limitou a pagar o tratamento dado a sua mulherzinha no instituto de beleza de mme. Roselle.. Não.

Pagou um tratamento mais completo, o único que podia dar resultado.

Por que o rapaz simpático e elegante, que parou no caminho de Sara, que a acompanhou, que a fitou de maneira atrevida e que até lhe piscou um ôlho, ao mesmo tempo assobiando "fi-fiu", enchendo-a de orgulho e felicidade... êsse rapaz era um ator de talento, um ator consumado, contratado pelo próprio Miguel Bradford para êsse grande papel.

O PRIMEIRO CENTENÁRIO DA ESTRADA DE FERRO NO BRASIL

A REVISTA DA SEMANA a propósito do primeiro centenário da instituição da engenharia ferroviária no Brasil e da inauguração da nossa primeira ferrovia, lançou agora uma edição especial de grande luxo, tôda em papel couchê, fartamente ilustrada, contendo páginas a côres e importante matéria sôbre:

O trem de ferro **no Romance, na Anedota, nas Artes Plásticas, na Música clássica, na Música Popular, no Folclore, na Poesia, no Conto, na História, etc.** além de entrevistas com ferroviários e dados estatísticos atualizados, reportagens, etc.

Esta edição da REVISTA DA SEMANA constitui uma homenagem aos que se sacrificaram pelo progresso ferroviário do Brasil e exalta a obra dos pioneiros e dos mártires que deram a vida ou a saúde em prol da era do "trem de ferro".

Preço — Cr$ 20,00.
À venda em todos os pontos de jornais e revistas do Brasil. Pedidos pelo reembôlso postal à redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

OS LIMITES DOS DIREITOS DA CIÊNCIA MÉDICA

"COBAIAS"

É problema dos mais angustiosos êste do *homem-cobaia*, cedendo seu corpo à vivissecção ou a qualquer outra experiência de finalidade científica. O assunto suscita atualmente violenta polêmica na classe médica da França.

Depois de dez dias de tempestuosos debates os sessenta imortais da Academia de Medicina, cindidos em dois grupos visceralmente opostos, suspenderam as discussões até novas ordens.

"O incidente está encerrado" — declarou a um jornalista o professor Baudoin, secretário perpétuo da douta Assembléia.

Palavras de *expert* na sua tôrre de marfim, pois que êste assunto desencadeia em tôda a França as mais apaixonantes discussões.

Diz o juramento de Hipócrates: *Não causeis dano...*

Assim, até que limite e em que condições as experiências científicas praticadas no corpo humano vivo, são compatíveis com a ética médica, isto é, os princípios morais que guiam a consciência dos médicos e que têm sido repetidas há mais de dois mil anos no *Juramento* de Hipócrates?

Esta questão apresentada à Academia de Medicina pelo sr. René Cassin, vice-presidente do Conselho de Estado (a pedido da Comissão dos Direitos do Homem, à O.N.U.), é tão angustiante como o problema da eutanásia, ou seja o direito de o médico matar, por piedade, em face de moléstia martirizante e incurável.

Pode o médico proceder a experiências sôbre o corpo humano?

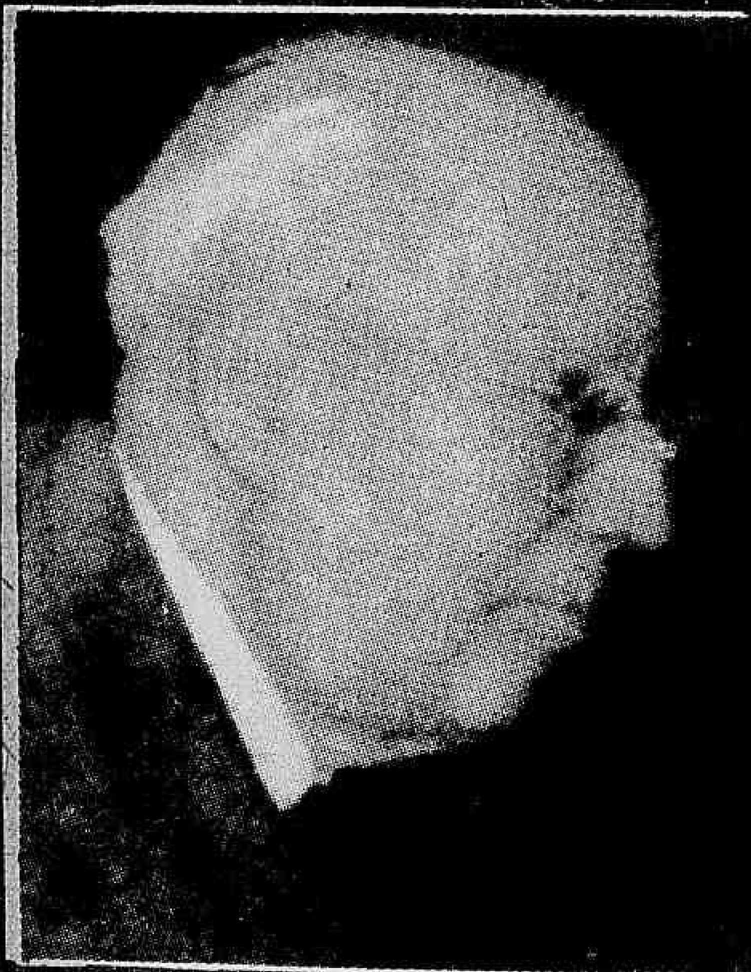
Os membros da Academia não puderam ficar de acôrdo quanto à redação de uma resposta. Já em fevereiro último os acadêmicos comentaram tão àsperamente um longo relatório confidencial analisando êste importante problema, que se tornou necessário um adiamento para o encontro de uma solução. Um "ponto de vista" foi então elaborado pelo professor Baudoin e votado em reunião secreta, a 18 de novembro. Entretanto, lido em sessão aberta oito dias mais tarde, provocou as mais vivas reações do professor Laubry e de mais uns vinte de seus colegas. Aqui está o texto:

"1º — As tentativas de novos métodos de exploração de terapêutica médica ou cirúrgica, constituem, nos casos em que os tratamentos tradicionais se revelam ineficazes, não sòmente um direito, mas um dever do médico. Devem elas ser conduzidas com a necessária prudência e seguindo as regras da ética médica.

2º — A experiência pròpriamente dita não deverá ser praticada senão em pacientes voluntários devidamente informados e inteiramente livres para aceitá-la ou recusá-la, além de ser dirigida por uma personagem altamente qualificada e capaz de reduzir ao mínimo os riscos a correr."

— "Assim perigosamente expressa, a resposta da

PRÓ E CONTRA



«SIM, com reservas» — foi a declaração do professor Laubry



«NÃO, em nenhuma hipótese» — diz o professor Baudoin

HUMANAS"

UM PROBLEMA ANGUSTIANTE

Academia de Medicina impôs uma regulamentação para experiências no corpo humano" — declarou o líder da oposição, que se propôs apresentar um outro texto, a 27 de novembro. Depois, tendo mudado de idéia, a fim de não ressuscitar velhas questões internas, o professor Laubry resolveu desistir.

Falando a um repórter, aconselhou:

— Deixemos em paz o assunto... Já se falou demasiado nisso.

Na verdade, falou-se muito da rua Bonaparte... Mas o homem das outras ruas desejaria saber a que riscos se expõe um homem-cobaia em sua estada num hospital. E todos fazem a si mesmos mil perguntas... Que se compreende por *consentimento* do homem-cobaia? Onde começa a liberdade de sua escolha? Como apreciá-la?



Os sofrimentos desta cobaia salvarão o homem

Por seu lado o centro de pesquisas e de deontologia médicas do Movimento Internacional dos Intelectuais Católicos acaba de divulgar dois números do "Cahiers Laennec", consagrados a longo estudo sôbre a maneira de encarar a experiência sôbre indivíduos humanos.

Na verdade, o progresso da ciência tem os seus imperativos, sejamos contra ou a favor do problema. Em todos os tempos têm os médicos feito experiências em seus doentes. É preciso reconhecê-lo. O contrário seria recusar à medicina, definitivamente, tôda a esperança de progresso.

"Por que — perguntam certas pessoas — não nos servimos de animais para julgar do efeito de novos remédios? Admite-se hoje, com efeito, que um pesquisador possa inocular num cão ou num porquinho da Índia, tal ou qual veneno ou germe em cultura, e depois abrir sua vítima para estudar em seus órgãos, mesmo a vivo, as reações do ser vivente..."

— "De certo, lhes respondem os médicos; entretanto, se os animais são úteis para determinar de modo geral as qualidades terapêuticas de novos medicamentos, os resultados obtidos sôbre êles não podem ser transferidos para o homem. Certos males são, aliás, especificadamente

próprios de nossa espécie. Para acompanhar a evolução de um mal que interessa ao homem, é o corpo humano o melhor campo de observação. E o corpo de um indivíduo vivo e são!"

Visão científica ideal, mas humanamente horrorosa...

Surge, então, esta interrogação aflitiva: Devemos *bancar* a cobaia? Ou melhor:

Para assegurar melhores dias no futuro, devemos resignar-nos a servir hoje de cobaia?

Sem dúvida. E podemos admiti-lo já. Apenas nos tornamos sonhadores quando lemos que tal remédio está sendo experimentado em tuberculosos do sanatório X... ou em cancerosos do centro de Y...

A experimentação de efeitos felizes do *Rimifon* está ainda fresca em nossa memória. Sua aplicação foi feita no Plateau d'Assy (no sanatório Passy), antes de sua homologação pelo Ministério da Saúde

O HORROR PROÍBE TAIS EXPERIÊNCIAS

Pública, em junho de 1953. A sociedade americana Trudeau tinha endereçado em março, aos médicos franceses, o primeiro relatório (sem conclusão) sôbre a utilização dêsse medicamento antituberculoso, pelo "See View Hospital", de New York. Desconhecido na França, foi logo experimentado em vários setores... Antes de conhecer as conclusões definitivas concernentes ao *Rimifon*, dadas sòmente a 8 de outubro, os médicos, com tôda a consciência pesaram os riscos, tentada a chance com uma palavra: "*experimentado*". Como escreveu o doutor Pierre Tanret numa forma lapidar em que não procurou falsear seu pensamento: "Até um certo ponto — disse êle — é com riscos e perigos do doente que exercemos a medicina".

E a mais forte emoção nos assalta quando comparamos esta opinião com o estado dalma de Pasteur, sensìvelmente perturbado ao tratar o pequeno Joseph Meister com o seu sôro contra a raiva. Entretanto, o remédio havia obtido êxito em numerosos cães...

Entre êstes dois conceitos, há lugar para uma série de experimentações. Quais são as permitidas e quais as proibidas?

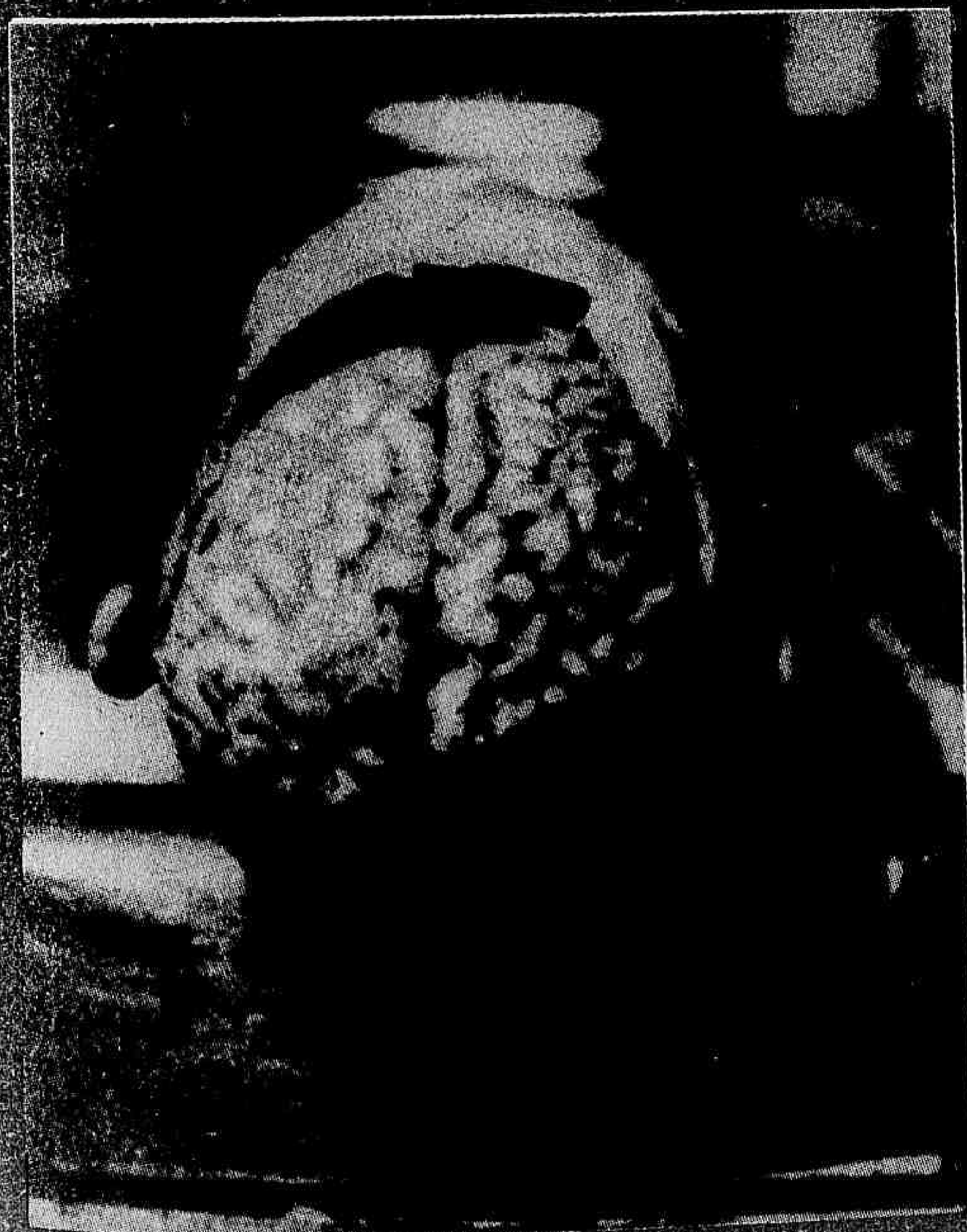
AMERICANOS, COBAIAS VOLUNTÁRIAS

"Podia-se esperar contivesse no recente Código de Deontologia médica de 27 de junho de 1947, diretivas precisas sôbre o assunto da experimentação no corpo humano. Um único artigo faz ali alusão a isso, não para regulamentá-la, mas para interditar tôda divulgação prematura de procedimentos terapêuticos novos e tôda aplicação coletiva insuficientemente controlada", escreve Charles Vailles, inspetor geral da Saúde, acrescentando: "... não se encontra no Código um único artigo que se refira ao homem. Estamos distantes de certos dispositivos estrangeiros, como se vê no Código americano e no canadense, que prevêem a experiência humana pròpriamente dita."

EXPERIÊNCIAS NAZISTAS EM DACHAU — Em Dachau, os drs. Rascher e Romberg encerram numa câmara de baixa pressão duzentos detidos, a fim de estudar os efeitos das grandes [illegible]. Foi a morte para a metade dêles. Hirt, em Sachsenhausen, fêz despirem-se vinte prisioneiros [illegible] gôta de yperita é colocada nos seus antebraços. Dez horas depois, as queimaduras começam a estender-se pelo corpo inteiro. Os cadáveres são dissecados em Ahnenerbe. Em Buchenwald, o dr. Ding experimenta hormônios artificiais sôbre homossexuais. Em quinze indivíduos, dois morreram. Em Auschwitz fazem-se pesquisas sôbre a transfusão sanguínea. O dr. Weber extrai sangue de suas cobaias humanas cinquenta vêzes por dia. Para encontrar um antídoto para a aconitina, os pacientes de Sachsenhausen recebem um bombom de sete milímetros cheio de veneno e agonizam nas mais angustiantes torturas. O dr. Gebhardt pesquisa sulfamidas em feridos voluntariamente infectados. Experimentações sôbre tifo em Buchenwald e Natzweiler — Schirmeck são feitas em setecentos e vinte e nove detidos dêstes campos de concentração e quase todos êles morreram.



ENSAIO de combinação isolante num tanque contendo gêlo Lesões provocadas cérebro. Asfixia progressiva.





Os americanos, com efeito, já encararam as condições em que podem as prisões estar a serviço dos hospitais. Tal procedimento foi ilustrado com o caso da morte, a 7 de outubro último, de um detento de Tacoma (Estado de Washington), no qual se experimentou uma icterícia artificial do fígado.

Por sua vez, o professor Ivy, da congregação dos médicos de Chicago, julga legítimo administrar-se a um voluntário condenado à morte doses perigosas de produtos farmacêuticos, a fim de que se possa, depois da execução, verificar-se a reação do fígado do supliciado.

Um outro experimentalista, o doutor Crowel, relatou experiências relativas a beribéri, nas Filipinas, em detentos indígenas condenados à pena capital. Uns quarenta sentenciados se ofereceram como voluntários para se deixar inocular do mal. Um dêles morreu e foi necropsiado.

Nos Estados Unidos, vários condenados à morte se ofereceram ao dr. Strong, que estudava a peste, para experiências semelhantes. O governador do Estado de Illinois, em 1948, chegou mesmo a fixar por uma comissão médica as regras de utilização de presos. As mais diversas recompensas lhes foram propostas para que dessem o seu consentimento. Em algumas prisões federais foram realizadas experiências sôbre paludismo. Os voluntários assinaram fórmulas do seguinte teor:

"Uma retribuição de cem dólares será paga a cada pessoa que fôr até ao fim da experiência: a metade um mês após a mesma e a outra ao fim de doze meses".

Outros detentos norte-americanos ganharam redução da pena ou um diploma de cobaia:

"Aceito cooperar plenamente com os médicos durante um período de observação de dezoito meses. No fim da experiência ser-me-á entregue um certificado de mérito declarando que minha cooperação voluntária prestou grande serviço à humanidade. Êste certificado figurará em meu prontuário".

Os presos aceitaram, por escrito, é claro, os riscos de enfermidade permanente ou mesmo de morte.

REPROVAÇÃO FRANCESA

Os médicos franceses julgam inadmissível extorquir uma assinatura a indígenas analfabetos, mesmo que sejam culpados.

"Por mais clara que seja sua linguagem, diz o dr. Charles Nicolle, professor do Colégio de França, o solicitante está perfeitamente seguro que o voluntário o compreende? Êste homem não recebeu — salvo exceção — uma instrução médica que lhe permitisse calcular exatamente os riscos aos quais se expõe. Pode êle agir por esperança inconsiderada, ou por desesperança? A consciência do médico o inibe de achar uma desculpa no êxito de uma experiência se esta fizer dêle cúmplice de um candidato ao suicídio".

Há limites para a audácia. Muitos dos nossos sábios condenam, assim, tôda experiência perigosa a serviço dos progressos da Ciência:

"A dignidade de nossa profissão exige — declararam — que o médico seja protegido contra a indefinição de certas pesquisas biológicas apaixonantes. Uma tal moral deve ser erigida sôbre o plano internacional. Os princípios gerais definidos da Declaração de Genebra derivada do Juramento de Hipócrates, não são suficientes em nossos dias para determinar as fronteiras da experiência médica no indivíduo enfêrmo. Soluções nacionais devem ser confrontadas, a fim de contribuir para a elaboração de Código Internacional aplicável em tempo de paz e em tempo de guerra. O desconhecimento atual de um tal problema que ergue o homem contra o humano, põe em perigo tôda a civilização."

Enquanto isso, cabe aos pesquisadores o julgar. E isto não se verifica sem drama de consciência. Que ansiedade, por exemplo, não deve ter sido a daquele médico americano, quando, há poucos meses, fêz ingerir por vinte meninos o vírus apenas atenuado da poliomielite, na esperança de que êles seriam imunizados? A esperança teve êxito; mas, se tivesse falhado?

"O verdadeiro perigo, diz Charles Nicolle, é que, uma vez que se entra no

(*Continua na página 112*)

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

— O que vocês ignoram é que Barry e eu nos conhecíamos há muitos anos. Você deve estar lembrado de que há dois anos, tendo Chass reatado relações com êle, nos Estados Unidos, convidou-o a vir a Londres, a fim de instalar os quadros e o mobiliário de Frant House. Imagino que Chass falou-me a respeito, naquela ocasião, porém sem dizer o nome do técnico de arte ou, se o fêz, não prestei atenção. De qualquer maneira, não compreendi que se tratava de Barry Swete, o que só vim a saber no dia em que Chass o levou a Frant House e nos encontramos face a face.

Estava, no momento, junto de seu filho e fêz uma longa pausa, de costas para êle e com a cabeça novamente curvada. Depois continuou:

— Barry Swete pertencia a um período de minha vida em que me sentia muito, mas muito desgraçada. Foi muito antes de eu conhecer Chass. Eric Ivinghoe e eu estávamos noivos, embora secretamente. Sua família, finalemnte, veio a descobrir êsse compromisso e tudo foi causa para uma cena terrível. Eric não tinha dinheiro... e eu também não. Meu pai e também tio Eustáquio estavam individados a mais não poder. Contavam

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, sir Charles Rossway e lady Júlia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de lady Júlia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por lady Júlia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um aci'ente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua «toilette» de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que, ao regressar de Buckingham Palace, iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de lady Júlia, pedira-lhe e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de lady Júlia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando agora completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o «chauffeur», que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o «chauffeur», derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o «chauffeur» chamar o dr. Pargetter, médico da família, e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no «fog». O dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinada. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos, visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo «chauffeur», vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados, o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialmente encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry. Pouco depois, Manderton interroga lady Júlia e esta, com superioridade e sorrindo, não deixa o detetive tomar pé. O mesmo não acontece com Gerry, que se rebela contra a insistência com que o inspetor deseja saber detalhes e responde com altivez, irritando o policial, que, por sua vez, teima em apanhá-la em contradição. Quem mais se preocupa com a situação de Gerry é Aline. Para refletir melhor sôbre os fatos, recolhe-se ao «court» de tênis, onde é surpreendida pelo assistente de Manderton, que com ela conversa banalidades, embora, no fundo, quisesse sondar seus pensamentos. Quando vai mostrar uma curiosa «berlinda» do século XVII, que ali é guardada, recua e, com uma desculpa, despede o policial. Surge Rod e Aline faz uma trágica revelação. No interior da berlinda há um revólver, escondido sob uma almofada. Interrogam Larking, que se perturba, mas afirma ignorar a quem pertence a arma. A seguir, surge Gerry. Ao ver a arma declara que lhe pertence. Fôra um presente de Sholto. E essa arma só podia ter sido roubada, na véspera, da gaveta do seu «boudoir», onde a guardava. Quem sabia da existência da arma? Quem a tirara do quarto de Gerry? Rod declara que vai entregar o revólver a Chass e fará o que êste resolver que se faça. Depois do almoço, Aline e Rod vão a um jardim público, onde tratam de elucidar os próprios movimentos da véspera e chegam à conclusão de que possuem bons alibis Os outros procurariam saber depois. Quanto a Gerry, seus passos pareciam bem esclarecidos. Rod informa nesse momento que, por conta própria, telegrafara a Sholto, em Nápoles, pedindo o seu imediato regresso. Decidem, a seguir,

comigo, que era filha única, para restabelecer, por meio de um casamento de conveniência, os negócios da família. Eric insistia para que eu fugisse em sua companhia. Oh! Caso pudesse recomeçar a minha vida, afirmo que não hesitaria. Mas, na ocasião, faltou-me a coragem. Eu tinha apenas dezenove anos, Rod... e as moças viviam tão prêsas, nessa época! Desmanchei meu compromisso com Eric, restituindo-lhe a palavra. Êle, por sua vez, procurou obter e realmente conseguiu transferência para o exército das Índias. Menos de seis meses mais tarde, como você deve saber, morria em combate na fronteira afegã.

Torcia os dedos e seus lábios estavam pálidos. A voz saía com dificuldade de sua garganta oprimida pela emoção.

"— Sua morte foi um golpe terrível. Quase enlouqueci. Acusei-me de ter sido covarde. Era um homem tão raro, tão magnífico... e tão grande tinha sido o nosso amor! Fiquei semanas sem dirigir a palavra a quem quer que fôsse, nem mesmo aos de casa e principalmente a meu pai, a quem eu considerava mais culpado que eu. Vencida, com os nervos em crise, eu me revoltava no fundo de mim mesma contra o sistema que me impusera o sacrifício da felicidade. E dois anos mais tarde conheci Barry Swete.

Lady Julia caminhou para a porta, voltou-se, tornou a aproximar-se do local em que Rodney, sentado, a contemplava tristemente.

"— Não é fácil explicar o que aconteceu — continuou ela. — Eu havia, acredito, perdido a razão, e... Gerry tem uma boa desculpa: Barry era irresistível. Não apenas pelo físico. Tinha o dom raro da compreensão, da simpatia... Conto tudo isto, Rod... e desejo, apesar disso,

---

interrogar o velho Larking, que, para êles, além de Murchie, é o único que não tem os movimentos bem esclarecidos. O secretário revela realmente os seus passos, havendo apenas um pequeno lapso em que retornou, sem testemunhas, a Frant House. Mas, seu relato piora a situação de Larking, que saiu misteriosamente, de casa. Depois, rebuscando na copa, encontram um boné pertencente a sir Charles, escondido numa gaveta. Aline afirma que êsse boné é igual ao que viu na cabeça do vulto misterioso, que saíra furtivamente, na véspera, da casa de Barry. Voltam ao escritório, onde Rod esconde o revólver na gaveta. Contam ao baronete o que ocorreu e quando vão exibir a arma esta já desaparecera da gaveta da mesa da máquina e, retirando-se por alguns instantes, retorna quando chegava sir Charles. Sir Charles, furioso, vai interrogar Gerry. Nada adianta com isso. Também Murch ignora tudo sôbre a arma. Sir Charles pede para que escondam o caso de lady Júlia e todos acreditam na culpabilidade (ou cumplicidade) de Larking, que desapareceu de casa. Sir Charles tudo relata a Manderton, que se mostra reservado e retira-se para lançar seus homens no encalço do mordomo. Na mesma noite, procurando um livro, altas horas, para entreter sua insônia, Aline vai ao «court» de tênis e, após apanhar o que deseja, auxiliada pela luz de uma vela, nota que o tambor do paredão... desapareceu. Cheia de mêdo, foge e esbarra com Rod, no corredor do «hall». Êste ouve sua história e volta para verificar o fato. O tambor lá estava novamente no lugar de sempre. Ligando êsse fato ao que lera, certa vez nas Memórias de Phil, o Louco, Aline corre à biblioteca, a fim de reler as famosas cartas, não antes de surpreender o jovem Dene, agachado, no «court», examinando a muralha e que, ao vê-la, vem aconselhar a norte-americana a deixar quanto antes aquela casa. Impressionada, Aline começa a reler as cartas. É surpreendida por Rodney nessa leitura e conta-lhe o que descobrira. Em Frant House havia uma passagem secreta, nas imediações da figura do tambor, no «court» de tênis. A êsse tempo, Manderton apresentava um relatório ao inspetor-chefe e prometia-lhe melhores resultados para breve, pois descobrira que Larking se chamava realmente Harness e já tivera contas a pagar à polícia, anos antes. Precisava apenas de encontrar certo «chauffeur», para completar seu esquema tático e apontar o criminoso. Isso é o que consegue, instantes depois, graças a seus auxiliares, e, imediatamente, retira-se para interrogar o homem. Na mesma tarde, surge em Frant House, onde de novo interroga Gerry e declara-lhe que havia encontrado o «chauffeur» de um táxi que a conduzira na noite do crime, de Covent Garden ao apartamento de Swete, ida e volta, ameaçando-a ainda com uma ordem de prisão, caso não contasse tôda a verdade. Nesse instante, para assombro geral, surge Sholto que, dirigindo-se a Manderton apresenta-se e declara ser o verdadeiro assassino de Swete. E apresenta a arma do crime. Ao mesmo tempo, em voz baixa, pede a Rodney que apanhe e esconda o seu passaporte, que deixara no sobretudo, na saleta. Sir Charles trata de telefonar para um advogado, enquanto, no meio da desolação geral, Sholto é levado pelo inspetor. Gerry confessa, então, aos de casa, que estivera no apartamento de Swete para lhe dizer que desistisse, pois que continuava a amar o marido... porque aguardava um filho de Sholto! Sir Charles apressa a saída de lady Júlia e Gerry para a casa de campo e a transferência de Aline para a casa dos Chamberlain. À hora da partida, vendo o passaporte de Sholto, que Rodney começava a examinar, lady Júlia se apodera do documento. Depois que ela sai, com Gerry, Aline e Rodney vão sondar novamente o paredão do «court» de tênis e, mais felizes, conseguem descobrir uma passagem secreta que conduz ao apartamento de Barry. Ali, Rod apanha no chão uma pluma, como a que foi usada por Aline e lady Júlia na noite do crime para a recepção na côrte. São surpreendidos ali por Murchie, que os seguira. Rod acusa o secretário de ter estado na casa de Swete na noite do crime, êste confessa, mas diz que lá estêve por ordem de lady Júlia, para apanhar uma carta que queimou, sem ler, também por ordem dela. Lady Júlia também lhe ensinara o caminho secreto. Rod decide ir a Broadlet imediatamente. Aline vai com êle. Antes de viajar, porém, lady Júlia procurara sir Ernest, na Polícia Central, e entregara-lhe o passaporte de Sholto, exigindo que o mesmo seja sôlto, por não ter podido estar à hora do crime no apartamento de Swete. Em Broadlet, Rodney fala com lady Júlia, que acaba confessando ter matado Swete, quando fôra ao seu apartamento solicitar ao decorador que deixasse de cortejar Gerry. Pede, porém, que Manderton, no caso de vir a saber da existência da carta escrita a Swete, continue pensando que a mesma foi escrita por Gerry e não por ela mesma, pois era preciso que Chass ignorasse êsse detalhe!

que você tenha melhor opinião a meu respeito...

— Mãe, querida... — começou êle. Mas logo deteve-se.

— Não... Não fale, Rod. Deve compreender; eu não suportaria que você me pudesse tomar por uma criatura que alguma vez buscou a aventura...

— Como eu poderia, querida?

— Êsse gênero de distrações sempre me pareceu coisa ignóbil. Mas Barry realmente me hipnotizava. Êle sabia criar uma atmosfera maravilhosa, que nenhuma mulher podia deixar de adorar...

— Por que me conta tudo isso? — interrompeu Rodney, com ar de profunda mágoa.

— Porque considero indispensável. Oh! Não procuro diminuir minha culpa. Mas ignorava que Barry fôsse o que era na verdade, um sensual, um homem calculista e de coração frio. E, além do mais, acreditava que êle fôsse livre, muito embora a idéia do casamento não me tivesse assaltado.

— Então — perguntou Rodney, com rudeza — que significava a sua conduta? Que podia haver de comum entre você e um homem da sua espécie?

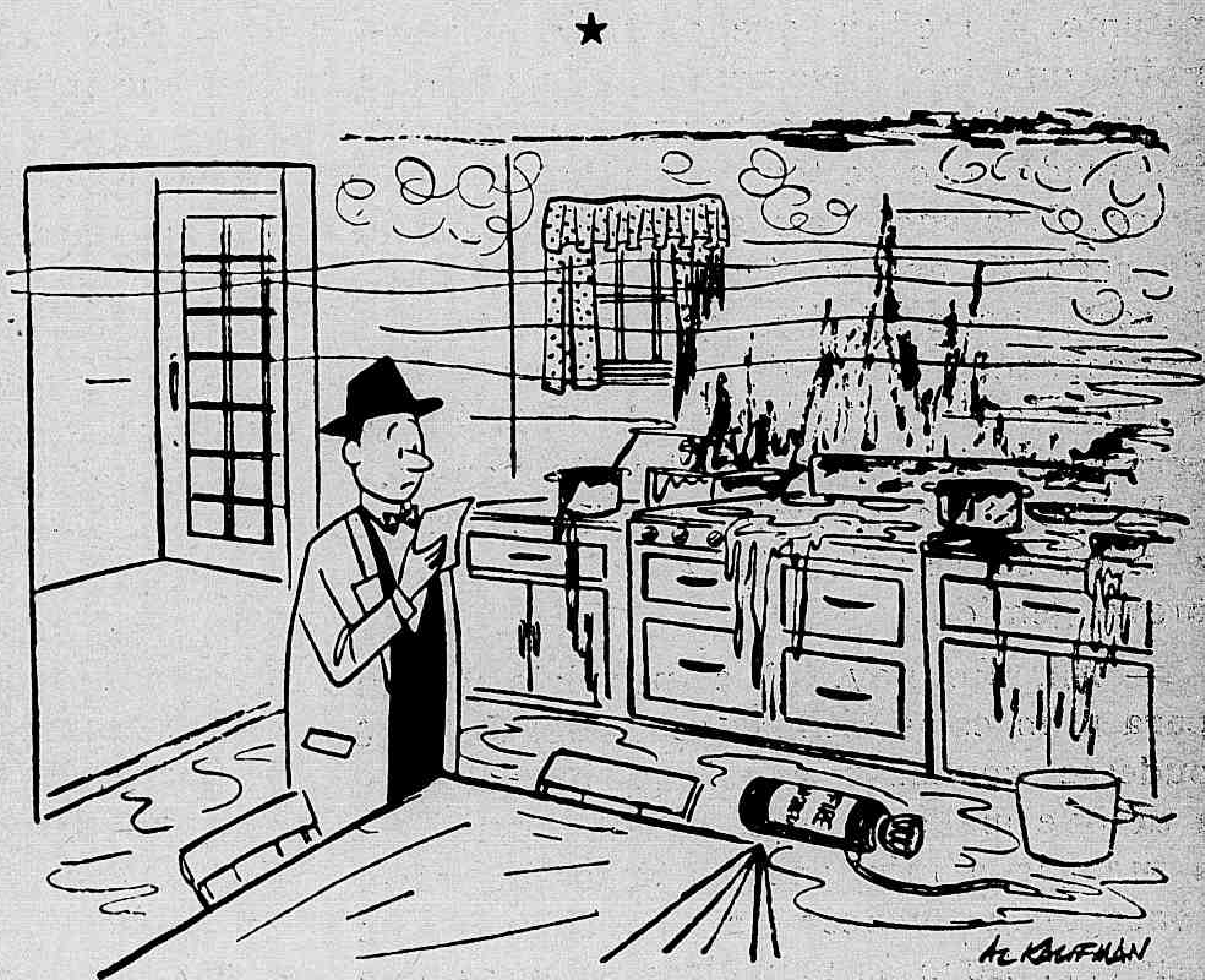
— Nada, quanto ao caráter. Mas eu estava perdida de desgôsto e de remorso. Êle me compreendia e consolava. E, além disso, havia nêle outra coisa, outra coisa que explica tudo: certas particularidades — oh! puramente exteriores — *que me recordavam Eric!* Eram, num e noutro, a mesma bôca, a mesma maneira de jeitar os cabelos, o mesmo timbre de voz, as mesmas ligeiras inflexões da palavra, um conjunto de analogias, que chegava às raias do sobrenatural.

A voz de lady Júlia se arrastou, deixando-se dominar por uma súbita emoção.

— Penso — pronunciou ela, humildemente — que eu procurava encontrar junto de Barry a felicidade à qual havia renunciado, despedindo Eric. Era como que uma recuperação da felicidade que perdera. E assim deixei seguir êsse romance, sem saber se o acabaria algum dia. Mas, finalmente, não tardei a abrir os olhos. Aquêle não era o homem digno que eu almejava por espôso ou companheiro. Descobri, além do mais, que êle tinha espôsa legítima, em Londres; a infeliz morreu pouco depois. Cessei minha fantasia com Barry e só voltamos a nos encontrar vinte e três anos depois, no dia em que Chass o trouxe a nossa casa e, para aumentar meu horror, anunciou que alugara àquele homem o apartamento de Mayfair Row. Minha aventura me ensinara que não devia jamais tornar a sonhar com um amor idílico como o de Eric. Tratei de expulsar Barry de meus pensamentos. No ano seguinte, concedi minha mão a Chass. E a despeito ou, talvez, devido à grande afeição que êle me inspirava, pensei que falar-lhe de um incidente totalmente esquecido não serviria para nada de útil, mas, apenas, para o aborrecer.

Respirou profundamente e, com ar, fatigado, passou a mão pela fronte escaldante.

★



"— Querido —, Espero-o em casa de mamãe para jantar. Depois conto o que aconteceu. — Beijos. Helena."

— Deus sabe como hoje compreendo o meu êrro; e, aconteça o que acontecer, Rod...

Curvou-se para segurar uma das mãos de seu filho.

— Chass não deve saber, jamais, nada do que se passou! É preciso que êle continue a confiar em mim e a me amar. Prometa-me...

— Prometo — respondeu êle, lançando sôbre lady Júlia um olhar cheio de piedade. — Mas, diga-me, por favor: Barry usava de *chantage* com você, minha mãe?

— Não... se você se refere a *chantage* de dinheiro.

Recomeçou seu vaivém através do quarto.

— A primeira vez em que se apresentou em nossa casa, roguei-lhe que desistisse da idéia de alugar o apartamento. Êle desatou a rir. Segundo me afirmou, então, já havia esquecido o nosso romance e aconselhou-me a fazer o mesmo. Nenhum de meus argumentos serviu para que mudasse de idéia. Fazia questão de demonstrar grande simpatia por sir Charles e pelo trabalho de que fôra por êle encarregado e que desejava encetar imediatamente. Para êle, a lembrança da nossa aventura morrera e estava enterrada. Jamais se falaria nisso. E devo confessar que manteve sua palavra. Em resumo, à medida que o tempo passava, notei que instintivamente eu aceitava a situação. Do sentimento que êle me havia inspirado, não restava em mim o menor traço. Mas você bem sabe que seu poder de sedução era terrível e isso me fazia pensar, noite e dia, que ali estava a reincarnação de Eric... e Gerry, que voltara do Kenya! A partir de então começaram os alarmas e os aborrecimentos.

Rodney, em silêncio, abriu os braços e nêles se refugiou lady Júlia, com um breve gemido.

— Ah, Rodney. Que pesadelo foram para mim estas últimas semanas! Se você pudesse conceber a minha humilhação, e de que maneira cruel eu me atormentei a indagar a mim mesmo se o miserável conseguiria vencer a resistência de Gerry... Logo às primeiras palavras, que lhe disse a êsse respeito, êle afetou encarar o caso com leviandade. Mas, quando protestei, dando curso à minha indignação, êle me declarou, com ar de ameaça, que, para poupar maiores aborrecimentos, eu teria que deixar de me interpor entre Gerry e êle. E foi mais positivo e cínico, ao afirmar que não hesitaria em ir até Chass, a fim de revelar tôda a nossa passada aventura!

Rodney estremeceu violentamente, exclamando:

— Miserável! Mas você fêz mal, mamãe, receando suas torpes ameaças e impedindo-o de levar avante o seu plano. Chass, com certeza, estaria contra êle — e de que modo!

— Sim... Porém, mais uma vez, faltou-me coragem. Chass tem sôbre mim uma idéia tão elevada... E vocês, meus filhos, vocês todos tanto me mimaram... Humilhei-me, ao ponto de curvar a cabeça e suplicar a Barry... Disse-lhe que depois do nosso romance, por mais afastado que estivesse êle, era de sua parte monstruoso esperar que eu consentisse no seu assalto criminoso à paz e tranquilidade de meu filho. Êle, sempre zombeteiro e risonho, reiterou suas ameaças. Na última carta que me escreveu...

Lady Júlia fechou os olhos, como se tentasse nêles aprisionar uma lembrança penosa.

— Essa carta é a mesma sôbre a qual você me interrogava, há pouco. A mesma que mandei Murchie procurar... Eu estava resolvida a tentar junto dêle, em seu apartamento, um supremo apêlo. No instante em que eu cheguei ao apartamento, a cólera me dominava. Lancei a carta sôbre a mesa, dizendo-lhe que recusava recebê-las daquele gênero. Êle riu, como sempre fazia, apanhou a carta, colocou-a entre duas páginas do livro que estava lendo e declarou que, por sua vez, não aceitava, da minha parte, êsse tom de moralidade superior... Enfim, enfim... acusou-me de estar com ciúmes de Gerry. Oh! Isso, Rod, não era verdade e tenho Deus por testemunha do que afirmo! Mas êle queria apenas humilhar-me. E, bruscamente, então, vi um revólver a seu lado, sôbre uma cadeira.

— O revólver de Sholto?

— Sim.

— Sholto, então, devia ter esquecido a arma ali...

— Sem dúvida. Barry notou a direção dos meus olhos. Mais uma vez desatou a rir e, mostrando-me uma pistola, sôbre a escrivaninha, ao alcance da sua mão, afirmou que estava pronto para qualquer eventualidade; e acrescentou, de maneira inqualificável, que seria preciso mesmo um revólver para o lançar nos braços de uma... velha!

— Animal! — murmurou Rodney, entre os dentes.

— Eu ignorava que êle tivesse visto tivesse escrito, que tudo informara a meu Sholto, naquela noite; presumi que êle lhe respeito. Êste pensamento me encheu de horror. Devo ter apanhado o revólver sôbre a cadeira. Não me lembro de haver calcado sôbre o gatilho. Mas o tiro partiu e... Aí está! Você já sabe tudo, Rod. Peço-lhe que me deixe, agora.

Com gesto carinhoso, afastou-o de si.

— Sinto uma fadiga indizível. Preciso de algum repouso. Talvez consiga dormir, agora que falei...

— Como é possível que só você conhecesse o segrêdo da passagem secreta?

Sôbre os lábios de lady Júlia reapareceu o encantador sorriso, que era o sol diário e inimitável de Frant House.

— A existência dessa passagem fôra há muito esquecida, por todos, quando um dia Eric, que a vira mencionada nas cartas do sobrinho George, conseguiu descobri-la mais por acaso. Isto foi na época em que o velho lord Frant lhe cedera o apartamento que viria a ser, mais tarde, o de Barry. Eu passava, então, uma temporada em Frant House. Recordo-me de que Eric, tendo me conduzido, em grande mistério, ao *court* de tênis, mostrou-me o corredor praticado no saliente da parede. Aproveitamos a descoberta para tomar chá, em seu apartamento, *tête-a-tête*, o que era, naquele tempo, uma suprema inconveniência, embora fôssemos, os dois, verdadeiras crianças, êle apenas com dezoito e eu com dezesseis. Combinamos que a existência da passagem continuaria ignorada por todos, fora nós dois.

Rodney sorriu, com indulgência.

— E foi por isso que você jamais a mencionou a qualquer de nós?

— Esta razão não foi a única. Três anos mais tarde, na véspera do dia em que Eric ia embarcar para a Índia, já tendo sido quebrado o nosso noivado e nosso desgôsto sendo indizível, passeamos duas horas no *court*. Evocamos o passado. Eric me recordou a passagem, cuja lembrança, creio, quase se apagara de minha memória. Jamais êle revelara o segrêdo a outra pessoa porque, na tarde em que eu fôra tomar chá em sua companhia, êle havia jurado desposar-me um dia e agarrava-se à memória do nosso *tête-a-tête*





— *Ela soube entrar, não foi?*

como a um segrêdo que ninguém mais, no mundo, podia partilhar conosco. Eric era assim mesmo. Tinha maneiras de sentir tão delicadas...

— E você guardou êsse segrêdo, mesmo depois de nossa instalação em Frant House?

— Morto Eric, eu só almejava atingir o esquecimento total. Calei-me, portanto, mesmo com relação a Chass. Um dia em que me encontrava, por acaso, só em Frant House, arrisquei-me a usar a passagem. Mas a vista da antiga residência de Eric, poeirenta e abandonada, me comoveu de tal forma que prometi a mim mesma jamais retornar àquele local. E, com o tempo, acabei por esquecer essa passagem... até à noite terrível em que essa idéia se impôs, repentinamente, ao meu espírito.

Rodney fitou ternamente sua mãe, antes de perguntar:

— E agora... que pretende fazer, mãe querida?

Ela notou o olhar ansioso do filho, que aguardava a sua resposta.

— Amanhã conversaremos, antes de telefonar para o inspetor.

— Você pretende ir... até o fim?

A angústia de seu filho restituiu a lady Júlia um pouco de sua calma habitual.

— Sim — respondeu ela.

— Ah! — exclamou êle, com desespêro. — Quem me ajudará a ter a mesma calma?

Atraindo-o novamente contra seu peito, ela sorriu e beijou-lhe a fronte.

— Vai ficar aqui, esta noite?

Rodney consultou seu relógio.

— Sim... Talvez seja melhor. Já é tão tarde! Deixei um recado para Chass, para o informar sôbre esta minha viagem precipitada. A propósito... Aline veio comigo.

— Gerry lhe dará com alegria a hospitalidade do seu próprio quarto. Há ali um segundo leito. Com facilidade se arrumarão. Rod, meu filho, boa-noite.

— Boa-noite, mãe.

Ela o apertou um instante em seus braços, enquanto pela janela aberta seus olhos procuravam qualquer coisa na sombra do parque. Finalmente, desprendeu-se.

— Não fique assim acabrunhado, meu querido, pois, com isso, apenas aumentará meu sofrimento. E não se esqueça de que na vida não há situação sem saída.

— Se, ao menos, eu entrevisse uma... — murmurou êle, com voz enrouquecida.

— Mas, que a senhora vá até o fim das coisas, isto não... não pode ser!

Ela o beijou numa das faces.

— Até amanhã, querido.

Rodney se voltou e caminhou para a porta, deixando ali, de pé, sombria e frágil no quarto sombrio, aquela silhueta indecisa.

Capítulo XXXIV

O AMANHÃ NÃO CHEGA NUNCA

Um ruído repentino, fora; a palpitação de um motor, trabalhando em marcha reduzida, sacudiu o torpor de Aline. Abriu os olhos embrumados. Onde se encontrava? Em que quarto desconhecido e cheio de sol? Logo, porém, suas idéias se aclararam. Estava em Broadlet, no quarto de Gerry.

Mas o sono pesava ainda em suas pálpebras. E nisso não podia haver surprêsa, pois que aguardara muito tempo o reaparecimento de Rodney. Quando, enfim, êle voltou do quarto de lady Júlia, estava muito pálido e tinha o ar esgaseado de alguém que perdera todo o rumo das idéias. A própria Gerry, que ardia de impaciência para interrogar e conhecer detalhes de sua entrevista, contentou-se com ouvir Rodney dizer que, em vista do adiantado da hora, desistia de levar Aline de volta a Londres, o que se efetuaria, com certeza, pela manhã. Rogava a Gerry que a alojasse da melhor forma possível. A seguir, retirou-se do quarto, a fim de ir recolher o automóvel em que viajara com Aline, enquanto Gerry levava sua amiga para seu próprio quarto.

Quando Aline despertou, já passavam alguns minutos das nove horas. O outro leito, na extremidade oposta do quarto, estava vazio. Um grito partiu repentinamente da janela: e Aline viu Gerry, de pijama, surgir dêsse canto do quarto e correr para a porta.

Por sua vez, saltou do leito e correu para a janela. O que ela viu a encantou: bosques maravilhosos enquadrando um círculo negro, uma vasta ladeira gramada, aqui e ali, árvores imensas, plantadas como sentinelas e, em baixo, o reflexo brilhante das águas sombrias do lago, beijadas pelos primeiros raios do sol que empinava sôbre as colinas próximas. Na avenida, que conduzia até à porta principal, resfolegava um táxi, quase embranquecido de poeira. Um rapaz, com a cabeça coberta por um chapéu cinzento, pagava ao "chauffeur". Nesse instante, Aline ouviu outro grito:

— Sholto!

E Gerry surgiu, logo em seguida, saindo da casa.

O recém-chegado se voltou, como que movido por algum mecanismo automático. Era Sholto, realmente, tendo os olhos fatigados, a barba por fazer. Ao ver sua espôsa, teve um instintivo movimento de recuo.

— Sholto...

A voz de Gerry engrossara, cheia de lágrimas.

— Você... é verdade que você está livre?

— Soltaram-me esta manhã — replicou êle, falando ràpidamente. — Onde está minha mãe?

— No quarto, creio...

Timidamente, ela estendeu as mãos.

— Não vai me beijar, Sholto?

Êle hesitou: depois, um pouco a contragosto, primeiro, segundo pareceu a Aline, mas logo com entusiasmo de esfomeado, envolveu Gerry em seus braços. O *chauffeur* do táxi, que se preparava para manobrar e partir de volta, levantou a cabeça e, surpreendendo Aline na janela, piscou-lhe um ôlho, com ar de cumplicidade.

— Querido, querido, querido! — repetia, em êxtase, Gerry a seu marido.

Aline teve, bruscamente, a consciência de estar sendo indiscreta. Afastou-se da janela. Mas ainda ouviu Sholto, que dizia: — Não me retenha, pelo amor de Deus. Tenho que ver minha mãe com urgência.

Uma outra voz se fêz ouvir, não distante:

— Sholto!

Aline arriscou mais um olhar para fora. Rodney lá estava, completamente vestido.

— Mamãe ainda não acordou — disse êle. — Estive com ela, ontem, ao chegar. Estava tão fatigada que recomendei a Cox que a deixasse repousar bastante, esta manhã. Se você não se incomoda, Gerry, conversarei um instante com Sholto.

— Muito bem, Rodney — disse Gerry.

E só então, notando como estava vestida, exclamou:

— Senhor! Vou vestir-me num instante. Nem sei o que pode ter pensado o *chauffeur* do táxi a meu respeito.

Retirou-se, quase fugindo e fazendo sinais para o seu marido, que não a perdia com o olhar.

— É impossível levá-la a sério — disse Sholto para Rodney. — Não se pode zangar com uma criaturinha assim.

— Ela é muito correta, Sholto — disse Rodney, com voz grave. — Precisa, porém, de uma proteção.

E os dois irmãos desceram, vagarosamente, lado a lado, a pequena alamêda.

— Fui avisado, bem cedo ainda, de que não me conservariam mais prêso,

★



— Não; não houve nada; quero apenas recordar o tempo em que podia pousar, assim, um pé no estribo...

embora ainda viessem a necessitar de mim, para certos detalhes. Que significa tudo isso?

— Mamãe foi, ontem mesmo, entregar o passaporte à polícia.

Sholto parou, repentinamente, estupefato.

— E você não a impediu? Já imaginou as consequências inevitáveis dêsse ato?

— Não imaginava nada, na ocasião. Pensava que ao acusar-se, você desejava ùnicamente inocentar Gerry e que mamãe isso sabia. Hoje, infelizmente, sei tôda a verdade.

— A respeito de Barry... e ela?

— Sim. Ela mesma me contou, ontem...

— Então, foi ela quem...?

— Sim. Ela!

— Eu desconfiava. Que será de nós, Rod? Você sabia que prenderam Larking?

— Não! Como? Oh!

— Em Newhaven, esta manhã. Êle retornava de Paris. Soube na própria Scotland Yard.

Rodney baixou a cabeça, refletindo.

— Vejamos, Sholto. Antes de que cheguemos a decidir alguma coisa, você vai me contar tudo a seu respeito, o papel que representou, a parte que teve, efetivamente, em todos os acontecimentos.

Recomeçaram a caminhar.

— Mas... ela, Rod. Ela?

— Você, primeiro. Começaremos pela noite do assassinato. Que fêz você depois de sua chegada a Londres?

— Telefonei para o clube, para ver se encontrava você. Não desejava que em casa soubessem da minha chegada. Infelizmente, você não estava. Fui jantar no *buffet* do Vitória e a seguir dirigi-me para casa. Pensava que, se você lá não estivesse, eu poderia, ao menos, trocar algumas palavras com Larking.

— A respeito de Gerry?

— Sim. A carta de mamãe me deixara, por assim dizer, de pernas e braços cortados.

— A respeito de Gerry?

— Sim. A carta de mamãe me deixara, por assim dizer, de braços e pernas cortados. Fazia questão de me certificar de que ela nada exagerava. Gerry e eu tínhamos tido, é certo, nossas desinteligências, mas eu não podia acreditar que ela me fôsse infiel. Não creio, ainda agora. Há pouco, quando a vi, bem de frente, tive a certeza de que minha confiança era justificada.

— É inútil você se atormentar a êsse propósito, meu velho. Gerry se conduziu tôlamente, digamos, mas sem malícia. Você tem que ser indulgente com ela. Ela precisa de todo crédito, de todo o amor de que você é capaz. Não... Não me peça explicações. Ela mesma se explicará. Continue, portanto, o que você tinha a me dizer. Imagino que, chegando a Frant House, você tenha encontrado Larking...?

— Sim. No "hall". Servia o jantar. Mas disse-me que, se eu quisesse esperá-lo no "court", êle não tardaria a ir encontrar-se comigo, lá mesmo. Não foi, talvez, muito delicado de minha parte, mas a verdade é que o crivei de perguntas. Falava-se...

— Sei, sei...

— Rod. O ciúme me cegava. Fiz Larking jurar que guardaria absoluto segrêdo de minha chegada e logo que me livrei dêle subi ao quarto de Gerry, com a idéia, mais ou menos confessada, de ali descobrir algum indício revelador, alguma carta... Abri uma ou duas gavetas e, bruscamente, encontrei o revólver que eu mesmo lhe havia dado. Pensei que Barry não era um dêsses indivíduos que sabem enfrentar a fôrça. Apanhei a arma e fui diretamente ao apartamento dêle, determinado a arrancar-lhe tôda a verdade, sôbre a natureza de suas relações com minha espôsa.

Sholto se interrompeu, um instante, para respirar.

— E depois?

— Prestes a entrar na casa, tive mêdo, sim... horror do que pudesse vir a saber. Esperei um instante, na rua. Finalmente, notando que era observado por um "chauffeur", subi. Barry foi de um atrevimento inacreditável. Teve o topete de me anunciar que amava Gerry... e que ela o amava e que haviam combinado entre si obter o meu consentimento para o divórcio, a fim de que êle a desposasse.

— Mentira!

— Foi, justamente, o que respondi ao miserável. Sem se impressionar com o têrmo e a brutalidade com que o pronunciei, êle continuou, relatando-me da maneira mais canalha que mamãe e êle tinham tido um romance, em sua juventude, e que, caso eu fizesse qualquer oposição aos seus planos, êle não recuaria mesmo diante de um escândalo que nos atingiria a todos.

— E você acreditou naquele miserável palhaço?

O rosto de Sholto se contraiu.

— Claro que não acreditei. Mostrei-lhe meu revólver, ameaçando matá-lo se não se retratasse no mesmo instante. Êle riu... atirando-me contra o peito uma carta que recebera naquela manhã de mamãe.

Sholto olhava fixamente para seu irmão.

— Uma carta insensata, Rod. Uma carta que só de pensar nela me causa náusea. Tão humilde, quando mamãe é tão orgulhosa! Suplicava ao miserável, que deixasse Gerry em paz. Fazendo alusão a uma ameaça, que adivinho, êle recusava acreditar que um homem fôsse bastante vil para cometer uma tal infâmia. Você conhece minha ternura por mamãe: pois bem, não consigo compreender que ela tenha escrito uma tal carta. A menos que... Vejamos... É verdade o que me disse Barry?

— Não, certamente, da maneira como êle contou a história, o miserável! A verdade é que, há alguns anos, muito antes de mamãe conhecer Chass, ela teve um romance com Barry. Coisa de uma semana, talvez. Depois disso não tornou mais a ver Barry, senão há dois anos, quando Chass o trouxe, em má hora, de New York.

— E eu que não sabia o que acreditar. Aquela carta me deixou liquidado. Fiquei doente. Rasguei-a, pouco depois, atirando os pedaços ao mar...

— Você esqueceu o revólver no apartamento de Barry?

— Sim. Pousei-o sôbre a cadeira, para ler a carta... e acabei esquecendo a arma. Só pensava em estar longe de tudo isso. Recordei-me de que havia em Saint-Pancras um trem noturno para Paris, via Dunquerque. Tratei de seguir para Saint-Pancras.

— E Larking?

— Eu o vi surgir, de improviso, na manhã seguinte à da minha chegada a Paris. Êle me seguira de perto, por Newhaven e Dieppe.

— Como sabia que você estava em Paris?

— Talvez eu lhe tivesse anunciado essa minha intenção de retornar ao estrangeiro. O que me afirmara Barry não me dava vontade de arrastar a vida em Londres. Eu estava no hotel Scriba, onde Larking sabe que sempre me hospedo. Tive por êle a primeira notícia do assassinato. Eu havia, no dia precedente, trocado passos por Paris, sem um rumo certo, sem pensar em comprar um jornal em qualquer quiosque. Larking estava convencido de que eu matara Barry.

— Eu bem desconfiava de que êle tentava encobrir alguém. Mas imaginava que fôsse Chass.

— Contou-me que, na noite do crime, voltando do correio, fôra fumar seu cachimbo na praça e, a seguir, voltara para casa, o que fêz cêrca de meia-noite. Fazia sua ronda habitual, a fim de verificar se tudo estava fechado, quando, à luz de sua lanterna elétrica, viu... Oh, Rod! Tudo isto me parece fantasia...

— Um painel aberto no paredão do tambor?... Eu sei... Explicarei isso depois. Continue.

— Avançou, para verificar o que era, quando o painel se fechou sôbre êle, que não o pôde mais abrir. Mas, procurando uma saída, descobriu, no fim de um corredor, um segundo painel, abrindo para o apartamento de Barry, no quarto de malas e coisas imprestáveis. Havia luz, no alto, no "living-room", que filtrava pela escada. Larking chamou por Barry, mas não obtendo resposta subiu. Barry estava deitado sôbre o tapête, morto. Larking, quando me vira em Frant House, notara a minha agitação. Não hesitou, portanto, em me atribuir o crime. Tanto mais que, logo a seguir, viu um revólver sôbre o tapête e reconheceu tratar-se da minha arma.

— Como pôde reconhecer?

— Pelas gravuras esculpidas no cabo... Você esqueceu êsse detalhe? Larking apanhou a arma e estava examinando a mesma quando ouviu soar a campainha da porta de entrada. Assustado, o velho idiota apagou as luzes e escondeu-se atrás do paravento. Foi então que você chegou. Êle se escondia na escada de serviço no instante em que você forçava a porta.

— E quando tratou de fugir para a rua, levava o revólver?

— Sim. Pensou que eu devia ter deixado impressões digitais na arma. Larking, como você sabe, estêve, há tempos, na prisão...

— Soube-o por Manderton.

— Isso era coisa que não se poderia deixar de saber, mais dia menos dia.

Caminhando pela avenida, os dois irmãos tinham chegado diante da porta principal da casa. Cox parecia esperá-los.

— Bom-dia, sr. Sholto — disse ela, com seu mais belo sorriso.

— Mamãe já está de pé? — perguntou Sholto.

— Eu vinha, justamente, perguntar ao sr. Rodney se devo despertar lady Júlia. Ela ficará certamente satisfeita de ver o senhor aqui. Estive ouvindo, há momentos, junto da porta do quarto, e não ouvi nenhum ruído.

— Sim, Cox — disse Rodney. — Pode preveni-la de que Sholto está aqui conosco.

— Muito bem, sr. Rodney.

A camareira se retirou. Sholto e Rodney recomeçaram seu passeio.

— Foi Larking, então, quem escondeu o revólver na "berlinda"?

— Sim. Murchie o surpreendeu, nesse momento. Mas sôbre isso você, creio, sabe tanto quanto eu...

— Por que êle fugiu?

— Tolice... Vertigem... Sei lá! Primeiro, êle soube que tinha sido visto, o que o encheu de mêdo. Êle usara o boné de Chass para ir ao correio e, em seguida, fôra escondê-lo na copa...

— Realmente. Foi lá que encontrei o boné.

— E êle assistiu a tudo. Estava no corredor e acompanhou você e Aline, a seguir até o gabinete de trabalho de Chass. Outro motivo de mêdo foi quando viu você esconder o revólver na gaveta de Murchie. Tratou imediatamente de tirar a arma de lá. Não podia implicar-me nesse crime sem que êle próprio ficasse implicado. Fugiu e tratou de ir solicitar meu conselho.

Estando os dois irmãos nessa altura da conversação, viram Cox se aproximar e caminharam ao seu encontro.

— Lady Júlia não está no dormitório — anunciou ela. Nem no banheiro. Talvez tenha saído para um ligeiro passeio, antes do primeiro almôço. Sempre gosta de ir até à beira do lago, pela manhã...

— Trate de encontrá-lo, Cox, e de anunciar-lhe minha chegada.

— Muito bem, sr. Sholto.

E a camareira atravessou a alamêda para descer na direção do lago.

Sholto olhou para o irmão. O rosto de Rodney revelava grande ansiedade.

— Que há, Rodney. Você não imagina que...?

A voz de Gerry os chamou, da porta.

Rod! — gritou ela. — Preciso de você.

Ela os aguardava no limiar. Tinha um ar misterioso e segurava numa das mãos uma carta.

— Rod... Encontrei isto sôbre a *coiffeuse* de lady Júlia... Está em seu nome.

Uma calma súbita desceu sôbre a fisionomia de Rodney. Tomou a carta, abriu o envelope e começou a ler. À medida que lia, o sangue voltava às suas faces. Voltou-se para Sholto e, silenciosamente, passou-lhe a fôlha de papel blasonado. Ao mesmo tempo Gerry perguntava, com um fiozinho de voz trêmulo de mêdo.

— Que quererá Giles?

Olhava na direção da pelouse. Todos se voltaram para seguir a direção de seu olhar. O "chauffeur" corria tão depressa como lhe permitiam as pernas. Estava em mangas de camisa e agitava os braços soltando gritos de desespêro.

— Sr. Rodney! Sr. Rodney!

Sholto conteve uma exclamação. Deixando a carta nas mãos de seu irmão, correu, tendo Gerry e Rodney em seu encalço, embora êste mais lentamente. Parecia que uma estranha letargia se apoderava do último.

Giles os encontrou no alto de uma ladeira. Estava sem fôlego, enquanto o

suor inundava seu rosto redondo. Redondos também estavam os seus olhos, cheios de horror.

— Madame! — gemeu êle. — Senhor Deus... Madame!

— Então? Que foi? — perguntou Sholto.

— Um acidente — gemeu o "chauffeur", esforçando-se por retomar o fôlego. — Ela tentou subir para o *skiff*. Um dos filhos do jardineiro a viu descer na direção do lago. Mal amanhecia — segundo êle contou. — Depois, há uma meia hora, estando eu procurando apanhar algum peixe para o almôço, vi o *skiff* flutuar, de quilha para cima!

O pobre Giles torcia as mãos.

— Eu bem que avisara Madame a respeito do *skiff*, que vira com facilidade.

— E... e minha mãe? — perguntou Sholto, com voz rouca.

— Nos renques de espinhos, da outra ribanceira... junto do moinho... Descobri Madame, indo atrás da embarcação, para a trazer de volta ao ancoradouro. Devia ter morrido horas antes, a coitada...

Sholto não o ouvia mais. Empurrando o "chauffeur", correu e Gerry com êle. Entre as árvores, dois homens acabavam de aparecer, sôbre o declive, que subiam com passo atento, carregando cada um por uma ponta, um objeto longo e estreito, coberto por um embrulho sombrio. Cox caminhava ao lado dêles, comprimindo o lenço contra o rosto e seus soluços se destacavam tràgicamente num silêncio de morte. Rodney não fazia um movimento, parecendo haver petrificado. Foi assim que Aline o encontrou, pouco depois, quando saiu de casa. De sua janela fôra ela a primeira a ver aproximar-se o pequeno cortejo e logo adivinhara o que significava a emoção do "chauffeur". Correu para junto de Rodney. Êste não parecia vê-la, tendo olhos ùnicamente para o cortejo que chegava. Ela se dispôs a reunir-se a Sholto e Gerry, quando viu, no chão, uma fôlha de papel que ninguém parecia haver notado. Apanhou-a. Uma linha, traçada a lápis, com uma letra firme e ousada, que lhe era familiar, dançou diante dos seus olhos.

"A provação era superior às minhas fôrças, Rod — leu ela. — Perdôe-me."

Nesse momento justo, um grande automóvel subia a avenida. As rodas guincharam e o pesado veículo parou, dêle saindo o inspetor Manderton. Dois homens o seguiam e ficaram um pouco afastado, como que intimidados e numa atitude de expectativa. O inspetor passeou o olhar em redor. Viu Rodney imóvel, de costas voltadas para a casa. O infeliz parecia não ver outra coisa senão a aproximação dos que carregavam o precioso fardo, nem nada mais ouvir senão a respiração arquejante dos carregadores, o rangido de suas botas contra a areia da alamêda sublinhados pelos soluços da camareira. Mas Aline havia desde logo reconhecido o inspetor. Amarrotou a fôlha de papel entre os dedos, formando uma pelota que escondeu no corpinho. Os sapatos do inspetor esmagaram a areia. Aproximou-se de Rodney.

—Sr. Rossway — disse êle, com voz estridente. — Tenho algumas perguntas a fazer a lady Júlia. Quer ter a bondade de preveni-la de que...

Não terminou. Aline o tocara, de leve, num braço. Indicava-lhe, com um sinal, à distância de vinte passos, um ponto, à beira do caminho, no qual os carregadores acabavam de depositar seu fardo. Sholto caíra sôbre os joelhos. E, atrás dêle, Gerry, de pé, muda de horror, escondia o rosto entre as mãos.

O inspetor mudou de expressão.

— Então... ela?

Aline se inclinou, sem responder.

O policial se voltou para Rodney. Viu a fisionomia do filho, transtornada pela dor. Não pronunciou uma só palavra. Apenas, muito grave, avançou. O grupo se entreabriu para lhe dar passagem. Um olhar foi suficiente para que se convencesse. Recuou, então, tirando o chapéu.

Rodney, entretanto, permanecera no mesmo lugar, rígido e como que alucinado. Uma pequena mão se esgueirou, colando-se à sua. Mãozinha quente e tímida. Desesperadamente, seus dedos a envolveram, apertando-a, enquanto os carregadores prosseguiam na direção da casa.

— FIM —

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«Muitas vêzes a sintaxe dos escritores obedece mais à riqueza da imaginação que à lógica gramatical». — MÁRIO BARRETO

UM POUCO DE ANÁLISE E DE SINTAXE

Ensinam os compêndios que os verbos *ser, estar, parecer, ficar, permanecer* e *tornar-se* (chamados *verbos de ligação* ou *predicativos*) são seguidos de palavra ou expressão que, modificando o sujeito, através dêles, recebe o nome de *predicativo*: as casas são *belas*, as mercadorias parecem *boas*, as frases estão *corretas*.

Essa noção, que é a geral e comum, afasta a idéia da possibilidade de existir predicativo em frases outras, em que o verbo não seja um daqueles citados, mas em que o adjetivo realmente modifica o sujeito, atribuindo-lhe nome, estado ou qualidade. Isso pode acontecer com muitos outros verbos (*morrer, viver, andar, sair, partir, continuar*, etc.). Nas construções morrer *rico*, viver *tranquilo*, andar *satisfeito*, sair *vencedor*, partir *satisfeito*, continuar *feliz*, os adjetivos qualificativos são predicativos subjetivos (1).

Outros exemplos encontramos nos célebres versos de Camões:

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo desta vida *descontente*,
Repousa lá no céu eternamente,
E viva (2) eu cá na terra sempre *triste*.

Descontente e *triste* são predicativos, eis que modificam os sujeitos dos verbos *partir* e *viver* (*tu* partiste *descontente*, viva eu triste).

Inaceitável a proposta, de alguns, no sentido de considerar *descontente* e *triste* adjuntos adverbiais de modo, e isso porque se trata de adjetivos qualificativos, e não de advérbios, tanto que concordam com o sujeito. Diremos: *eu* vivo *tranquilo*, *ela* vive *tranquila*, *nós* vivemos *tranquilos*.

Acompanhando os verbos de ligação ser, estar...), o predicativo é *complemento*; acompanhando verbos intransitivos, é simples *adjunto*.

O predicativo subjetivo concorda com o sujeito em gênero e número: *a pretensão* é *ridícula*, *as pretensões* são *ridículas*, *êle* é *justo*, *ela* é *justa*, *nós* somos *justos*. Se os pronomes *nós* e *vós* se referem a uma só pessoa, o adjetivo vai para o singular, como nos seguintes exemplos: Antes sejamos *breve* que *prolixo* (João de Barros); Sois *injusto* comigo (Herculano).

CORRESPONDÊNCIA

F. R. L. (União dos Palmares) — Respondo:

1º — Não foi feita outra publicação oficial do Pequeno Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras (1943), cujo sistema está em vigor.

2º — O acôrdo de 1945, felizmente, jamais foi adotado no Brasil. Leia, a propósito, crítica que publicamos no EU SEI TUDO de maio de 1946.

3º — O trema (¨) é obrigatòriamente usado sôbre o *u* pronunciado dos grupos: *gue, gui, que, qui*: agüentar, ao lado de guerra; *argüir*, a lado de seguir; *freqüência* (ao lado de aquêle); tranqüilo, ao lado de aquilo). É facultativamente usado nos semiditongos: — *saüdade, saïmento*.

5º — Escreva, de acôrdo com o sistema atual, *quase*, com *e*. É certo que, em latim, o que existe é *quasi*, com *i*; mas êsse *i* evolveu para *e*. Também de *si* temos *se*.

E nada mais me foi perguntado.

JOSÉ RICARDO NETO

---

(1) **Predicativo subjetivo** é o que modifica o sujeito, como nos casos do texto; **predicativo objetivo** é o que modifica o objeto: julgo-o **inteligente**, considero-o **justo**.

(2) Exemplo de imperativo na primeira pessoa do singular.

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM JUNHO DE 1954

1 — TÊRÇA-FEIRA: — Regressa a Genebra o chanceler Molotov. — As autoridades peruanas prendem em seu próprio território cinco soldados equatorianos. — Londres procura obter com o govêrno brasileiro a estabilização do mercado do algodão. — Prossegue a crise política francesa, em razão da queda de Dien-Bien Phu. — A posição do sudoeste da Ásia preocupa os círculos ocidentais.

2 — QUARTA-FEIRA: — Remota a aprovação pela Assembléia Francesa do tratado que institui a comunidade européia de defesa. — A Grécia recebe a visita do marechal Tito, da Iugoslávia, com regozijo que destaca a nova amizade de duas nações que há apenas cinco anos eram acérrimas inimigas. — O ex-presidente de Cuba, Carlos Socarra, acusado de violação da lei de neutralidade americana por tentar contrabandear armas norte-americanas para Cuba. — A Índia adverte a Rússia de que qualquer nova tentativa de expansão territorial comunista no sudeste da Ásia significaria imediata perda da amizade dos povos independentes do sul do continente. — Instala-se em Genebra a 37ª Conferência Internacional do Trabalho.

3 — QUINTA-FEIRA: — O govêrno da Guatemala toma medidas severas para anular "uma vasta conspiração interna". — Um avião transporte belga é alvejado por um aparelho "Mig", ao sobrevoar as proximidades do território tchecoslovaco, morrendo um tripulante e ficando outros feridos. — Nomeado administrador do plano Salte o sr. Sebastião de Santana e Silva.

4 — SEXTA-FEIRA: — O sr. Foster Dulles declara que a situação da Indochina é grave, mas não desesperadora. — O Estado do Vietnam obtém a independência nominal e um pôsto de liberdade e igualdade dentro do império francês, a fim de que possa melhor resistir à agressão comunista. — A Iugoslávia declara consentir que Trieste passe ao poder da Itália, se esta ceder outro pôrto na mesma zona ao govêrno de Belgrado. — A França decidida a salvar pelas armas a Indochina.

5 — SÁBADO: — A China comunista propõe que a comissão neutra de armistício (Suíça, Suécia, Polônia e Tcheco-Eslováquia) controlem as eleições gerais em tôda a Coréia. — Eisenhower envia mensagem à Rússia, por motivo do 10º aniversário da invasão da Europa pelas tropas aliadas, convidando-a a que "re-



APARÊLHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhaume, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO





O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias

Laboratórios BINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo



Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

gresse à grande aliança" em busca da paz, da segurança e da liberdade". — Grécia, Turquia e Iugoslávia, anunciam um acôrdo político-militar, com a criação de uma Assembléia Consultiva Conjunta de Deputados. — Os Estados Unidos decidem aumentar o auxílio militar à Turquia.

6 — DOMINGO: — O generalíssimo Franco preconiza a necessidade de modificar as táticas aliadas contra o comunismo internacional, sugerindo entre outros recursos eficazes o embargo total do comércio com a Rússia. — Chega a Lisboa o cardeal D. Jaime Câmara.

7 — SEGUNDA-FEIRA: — Conferenciam os srs. Bidault e Molotov, procurando uma solução satisfatória para a Indochina. — Regressa a Belgrado o marechal Tito, revelando total satisfação pelos resultados das negociações turco-greco-iugoslavas. — Toma corpo na Guatemala o movimento revolucionário. —Prosseguem em Manilha as conversações no sentido da conclusão de um pacto defensivo entre as Filipinas e os Estados Unidos. — Em New York, o embaixador João Carlos Muniz recebe o diploma de Doutor em Direito Cível pela Universidade daquela cidade. — Empossado na presidência do Instituto Nacional de Imigração e Colonização o sr. Francisco Toledo Piza.

8 — TÊRÇA-FEIRA: — Os Estados Unidos ameaçam abandonar a conferência sôbre a Indochina "a menos que surja um programa rápido para sua solução" e adiantam que reagirão caso a China Comunista intervenha na guerra. — Suspensas as garantias constitucionais, na Guatemala. — Fôrças aéreas e terrestres francesas atacam violentamente a região do Delta, visando atrapalhar a anunciada nova ofensiva comunista na Indochina.

9 — QUARTA-FEIRA: — Preocupa a comunidade americana a situação da Guatemala, falando-se numa próxima reunião de chanceleres, a fim de resolver o grave problema. — Por sua vez, Sigman Rhee, presidente da Coréia do Sul ameaça ordenar a suas tropas que avancem para o norte. — Situação caótica em Bogotá, ocupada pelos tanques do exército. — O Equador rechaça o protesto do Peru sôbre supostas violações do seu território e exige que êste país dê imediata liberdade aos cinco soldados equatorianos aprisionados há dias. Regressa de Roma o cardeal D. Jaime Câmara.

10 — QUINTA-FEIRA: — Cresce a possibilidade de intervenção direta dos Estados Unidos na guerra da Indochina. Enquanto isso, os franceses perdem um pôrto no delta do Rio Vermelho. — O govêrno da Guatemala revela que "há uma conspiração internacional contra sua

soberania". — Honduras recusa a oferta da Guatemala no sentido da assinatura, entre os dois países, de um pacto de não-agressão. — Nesta capital, falece o deputado Edson Passos.

11 — SEXTA-FEIRA: — Desanimados os representantes dos países ocidentais de qualquer êxito da conferência de Genebra. — Os rebeldes vietnameses se encontram a 120 quilômetros de Hanoi. — Centenas de prisões em Bogotá, onde o exército domina a situação. — Nova crise ameaça o govêrno francês, sendo bem fraca a posição do sr. Laniel. — Chega a esta capital a fragata britânica "Bigbury Bay".

12 — SÁBADO: — Conforme era previsto, cai o govêrno Laniel, vencido por uma negativa de voto de confiança. — O "Kominform" envia instruções ao partido comunista do Chile para agir contra o presidente Ibañes, segundo anuncia o ministro do Chile na Turquia. — Para o sr. Clement Attlee, ex-"premier" britânico, a Terceira Guerra Mundial está agora muito provável. — Duas emprêsas norte-americanas propõem ao presidente Perón a exploração das jazidas de petróleo da Argentina. — A 30 quilômetros ao norte de Hanoi, é travada violenta batalha entre comunistas e franceses. — Parte em viagem de circunavegação o navio-escola "Almirante Saldanha".







13 — DOMINGO: — A Inglaterra propõe a imediata cessação da conferência de Genebra "ante a intransigência do bloco comunista". — O líder socialista Pierre Mendes-France é designado para organizar o novo gabinete francês. — Apreendido, na zona norte-americana da Alemanha, um carregamento de armas destinado à Guatemala.

14 — SEGUNDA-FEIRA: — O novo "premier" francês faz emocionantes revelações sôbre a guerra franco-vietnamista. — Um comunicado da O.N.U. revela que, econômicamente, o ano de 1953 foi o





"Era"... mas acontece que passei a fazer o regime Eno diariamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar. A irritabilidade e o nervosismo provindos de má digestão, de prisão de ventre, de acidez, cessaram. Hoje posso dar e vender bom humor. Não seja "do contra" tome ENO laxante, antiácido e estomacal.

"Sal de Fructa"

ENO

mais satisfatório após a guerra. — A rainha Elizabeth II, no castelo de Windsor, entrega as insígnias de Cavalheiro da Ordem da Jarreteira ao primeiro ministro Churchill.

15 — TÊRÇA-FEIRA: — Confirmada a viagem de Churchill e Eden a Washington, no próximo dia 25. — Declarados encerrados os trabalhos da Conferência de Genebra, que se reuniu para encontrar uma solução para o caso coreano. — Telegramas de New York revelam que a Guatemala se encontra sob o regime do terror e que a qualquer momento haverá luta armada no país. — Aprovada pela Câmara dos Representantes norte-americanos a venda de 12 navios mercantes ao Brasil.

16 — QUARTA-FEIRA: — Tôdas as nações americanas acompanham com ansiedade a situação interna da Guatemala. — Revela-se que Montevidéu foi escolhida para sede da conferência americana, a fim de estudar a situação da Guatemala, sob regime comunista. A Coréia do sul declara não se sentir mais obrigada a cumprir as condições do armistício coreano, o que vem aumentar as dores de cabeça das potências ocidentais. As fôrças francesas abandonam mais duas posições na Indochina, tratando de reduzir a sua zona de defesa contra a esperada ofensiva geral dos rebeldes. — Em São Paulo, falece o jornalista e escritor José Maria dos Santos.

17 — QUINTA-FEIRA: — Apoiando sugestão da Tailândia, o delegado do Brasil declara que a ONU deve intervir no conflito franco-vietnamita. — Graves conflitos na zona ocidental de Berlim, provocados pelos comunistas.

18 — SEXTA-FEIRA: — Graves levantes ocorrem na Guatemala, em Puerto Barrios, Quetzaitenango e Zacaba. — A Rússia veta a sugestão de ser confiada à ONU a solução do conflito franco-vietnamita.

19 — SÁBADO: — O exército anticomunista que invadiu a Guatemala já ocupou um têrço do país em menos de

24 horas, tendo capturado um pôrto e duas cidades, sob o comando do coronel Castillo Armas, líder guatemalteco exilado em Honduras.

20 — DOMINGO: — Exigida pelos rebeldes da Guatemala a rendição incondicional do govêrno. — Êste, porém, emite comunicado afirmando continuar controlando a situação. — Washington repele acusações do govêrno da Guatemala de haver arranjado a invasão dêste país.

21 — SEGUNDA-FEIRA: — Prosseguem vitoriosamente as fôrças invasoras da Guatemala. — Volta os norte-americanos a combater o consumo do café, fazendo intensa propaganda do chá. — A Inglaterra recusa aceitar qualquer revista em seus navios pelas autoridades norte-americanas nas águas guatemaltecas

22 — TÊRÇA-FEIRA: — Bombardeados o aeroporto e instalações militares da capital guatemalteca. — O govêrno da Guatemala acusa a Honduras e os Estados Unidos junto da Comissão Interamericana de Paz. — Decidido o govêrno francês a negociar a paz na Indochina diretamente com o Viet-Nam.

23 — QUARTA-FEIRA: — Progridem as fôrças libertadoras da Guatemala. — Eisenhower declara que é absolutamente imperativo para os Estados Unidos evitar que o Japão caia sob a influência da Rússia, o que converteria o Pacífico num lago comunista.

24 — QUINTA-FEIRA: — Sem novidade a situação da Guatemala, onde os invasores já não encontram grande resistência dos governistas. — Partem para Washington os srs. Churchill e Eden. — O novo "premier" francês espera conseguir a paz na Indochina nas três próximas semanas.

25 — SEXTA-FEIRA: — Bombardeada a cidade de Guatemala pelos aviões rebeldes. — Na Indochina os franceses perdem mais dois postos nas últimas 24 horas. — Os Estados Unidos advertem a Rússia de que deve desistir de qualquer interferência na política dos países americanos.

26 — SÁBADO: — Aprovados no Senado norte-americano resoluções com a finalidade de impedir movimentos comunistas no Hemisfério Ocidental. — Deixa Londres precipitadamente, com destino a Moscou o embaixador russo na Inglaterra. — Considera-se irremediàvelmente abatido o govêrno comunista da Guatemala, falando-se na renúncia do presidente comunista, que, por sua vez, anuncia a total derrota dos invasores.

27 — DOMINGO: — O govêrno da Guatemala resolve aceitar a proposta da Comissão Interamericana de Paz no sentido de proceder a uma investigação naquele país. — A aviação rebelde ataca um navio britânico, cargueiro, afundando-o. — Noticia-se a renúncia do presidente Albenz e da formação de uma junta governativa, chefiada pelo coronel Enrique Diaz, chefe das fôrças armadas.

28 — SEGUNDA-FEIRA: — As fôrças rebeldes guatemaltecas avançam novamente na direção da capital, onde o govêrno ainda não está definitivamente formado, após a renúncia do presidente Albenz. — Em Washington, Churchill, Eden e Eisenhower dão início às conversações sôbre a situação geral do mundo. — Os Estados Unidos propõem a realização de uma Conferência dos Chanceleres Americanos a instalar-se em 7 de julho.

29 — TÊRÇA-FEIRA: — Esforçam-se Churchill, Eden e Eisenhower no sentido de encontrar os meios de assegurar a paz baseada nos princípios da Carta do Atlântico. — Churchill e Eden seguem para Ottawa. — Renuncia a Junta Governativa, chefiada pelo coronel Enrique Diaz, da Guatemala, assumindo o govêrno outra Junta sob a presidência do coronel Monzor. — Empossado no Ministério da Agricultura o sr. Apolônio Sales. — Segue para Roma o cardeal D. Jaime de Barros Câmara.

30 — QUARTA-FEIRA: — Asilados na Embaixada do México o ex-presidente Albenz e o ex-chanceler Toriello, da Guatemala. — Suspensa a reunião dos chanceleres americanos. — A Comissão de Energia Atômica proíbe o cientista Oppenheimer de acesso aos segredos atômicos. — Negada, pela Câmara, licença para processar pela Justiça Criminal os deputados Lutero Vargas, Euvaldo Lodi, Raimundo Padilha e Tenório Cavalcânti.

COBAIAS HUMANAS

(*Continuação da página* 86)

campo da experimentação não se sabe onde parar."

Quando Charles Nicolle deu como pronta sua vacina contra o tifo, experimentou-a primeiramente em seu próprio corpo. Depois é que ousa vacinar outras pessoas. Seis crianças da Tunísia, dentre as dez nas quais inoculou sua vacina, contraíram tifo sob forma benigna.

Os médicos escrupulosos se oferecem, êles mesmos, em holocausto. As auto-experiências de Purkinje e Pierre Curie ficaram célebres. Pattenkofer engole, voluntàriamente, bacilos de cólera. Os doutôres Carold e Lazare morreram após se fazerem picar por mosquitos portadores do germe da febre amarela.

Recentemente, o doutor Giavani Pauletta, diretor d olaboratório de pesquisas de um dos maiores estabelecimentos de produtos farmacêuticos italianos, morreu depois de injetar em si mesmo um novo antibiótico de sua invenção, que êle já havia inoculado em cobaias com muito sucesso.

Metchnikoff absorve culturas puras do micróbio da cólera e Danielsen inocula a lepra em seu corpo. O inglês Patrick Manson fêz picar seu filho por mosquitos infeccionados para demonstrar que êles eram, realmente, os transmissores do paludismo. O dr. Mac Donald, em 1933, pincelou a garganta de seus filhos com diversas secreções de atacados de coqueluche, para provar, como provou, a responsabilidade do bacilo.

A CARTA DE NUREMBERG

Em 1947, o Tribunal de Nuremberg definiu os princípios fundamentais que podem autorizar a experiência no homem em medicina:

"A experiência — diz essa carta — se fôr necessária, deve ser preparada por experiências animais, evitando-se todo sofrimento e qualquer dano, sem pressupor a morte ou a invalidez do paciente; êstes riscos não devem exceder o valor eficaz real, etc."

O dr. Dubost escreveu nos "Cahiers de Laennec":

"O primeiro menino operado de tetralogia de Fallot, sempre mortal, suportou perfeitamente a intervenção que o salvou. Claro que Helen Taussig havia preparado a técnica minuciosamente e o dr. Blalock tinha feito experimentos em dezenas de cães antes de operar seu primeiro "enfant bleu"; mas isto não dava nenhuma certeza quanto à maneira pela qual reagiria o pequeno organismo. Milhares de pessoas vivem, hoje, entretanto, graças à audácia dos "experimentadores'.

O dr. Dubost não hesitou, há alguns meses, em tentar uma das mais atrevidas operações: a transplantação de um órgão inteiro. Enxertou numa mulher que morria de nefrite um rim extraído de um sentenciado à morte pela guilhotina, imediatamente após a execução. Se a operação fôra coberta de êxito, já com a operada não se dera o mesmo. O enxêrto causou um choque fisiológico e a doente morreu.

"Fui levado a praticar dois outros enxertos de rins — escreve ainda o doutor Dubost — em dois casos desesperadores. Ambos foram igualmente perdidos.'

Mas um dia a experiência obterá êxito, serão salvos no futuro milhares de doentes. E ninguém pensará mesmo em indagar dos experimentadores atuais, se êles têm razão de tomar alguns de seus pacientes como cobaia.

(De uma "enquête" de Luce Michel)



UM RELÓGIO ATÔMICO FIXA A DATA DAS ESCRITURAS

INFORMA James T. Howard, em recente edição do «Popular Science Monthly», que a ciência atômica muito auxiliou os investigadores bíblicos. Em 1947, alguns beduínos encontraram os já famosos «pergaminhos do Mar Morto», numa cova da Palestina. Entre êles havia uma cópia do «Livro de Isaias». Pese a provas quase incontrastáveis, muitos eruditos puseram em dúvida a antiguidade do manuscrito. Resolveu-se chamar o dr. Libby. Seu contador de carbono 14 demonstrou que o pano em que estavam enrolados os pergaminhos tinha sido feito de linho que havia crescido 1917 anos atrás. Assim ficou resolvida a disputa, demonstrando que os pergaminhos existiam já quando Nosso Senhor estava na Terra.

TODOS SOMOS HOMEM E... MULHER

(*Cont. da página* 70)

minação bastante acentuada, desde o início. As galinhas se tornam realmente galinhas sob a ação de hormônios fêmeos; mas, ao fim de algumas semanas, a crista e a plumagem da cauda começam a crescer e se tornam galos, exteriormente, porém estéreis. Os batráquios, ao contrário, são mais maleáveis. Todavia, foram necessários oito anos a um especialista francês para encontrar uma certa variedade com cadência de reprodução bastante rápida para seguir cômodamente sua evolução. Opera-se sôbre as larvas, deitando hormônios na água dos tanques em que vivem.

Dessa forma, graças aos hormônios fêmeos, as larvas se tornam fêmeas. E foi possível, após fecundadas por outros machos, fazer com que deitassem ovos que redundaram em outras muitas crias.

E isso é mais uma demonstração de uma propriedade espantosa de tôdas as células vivas: sejam quais forem as transformações radicais que se faça sofrer um organismo (por exemplo: o fato da troca dos sexos), cada uma de suas células conserva o sexo que tinha inicialmente, o sexo da primeira célula única, de onde partiu o embrião.

Dessa forma, êsse macho, convertido pela ação dos hormônios em fêmea, só engendra filhos. Por quê? Porque, por maior assombro que possa causar, trata-se, na realidade, da junção de dois machos. O fato de que essa intervenção artificial tenha transformado os órgãos genitais machos de um dêles em órgãos femininos, nada muda em sua natureza profunda e constitucional: *fisiològicamente*, é claro, tornou-se fêmea; mas, *genèticamente*, para a essência profunda da raça, é e continuará a ser um macho.

É essa permanência da célula em suas características profundas que planta um angustiante caso de consciência aos médicos e aos sociólogos diante de um hermafrodita.

TODOS SOMOS HOMEM E MULHER — Nenhum de nós é masculino ou feminino 100 por cento. Num litro de urina de homem, encontramos 13 miligramas de hormônio masculino; num litro de urina de mulher, são encontrados 9 miligramas. Da mesma forma, um homem normal secreta uma quantidade de foliculina inferior de 15 por cento apenas à dose secretada por uma mulher. Desta forma, tôdas essas diferenças fundamentais radicais entre homem e mulher se baseam em relações de proporções muito fracas.

Assim concebemos fàcilmente que a mais ligeira perturbação pode provocar um desarranjo completo.

Como chegamos a perceber que um ser humano é vítima dêsse drama? Raramente, por seu aspecto exterior na rua: barba, tórax, timbre de voz, etc., são apenas indicações muito aproximativas e mesmo um exame médico (que o indivíduo em geral procura retardar, por vergonha) possìvelmente nada revelará, se o aspecto exterior corresponder sensìvelmente ao de um sexo normal.

Por exemplo, a aparência de um rapaz pouco desenvolvido poderá esconder que o mesmo possui... ovários.

Na realidade, a maior parte do tempo, êsses sêres possuem órgãos incompletamente amadurecidos de um e outro sexo. O hermafrodita verdadeiramente total, capaz, à sua escolha, de ser pai e mãe, não existe pràticamente jamais na espécie humana: o crescimento de um dos dois impede fatalmente o desenvolvimento completo do outro.

Depende do acaso de um exame mais profundo ou graças à sua confissão voluntária, a revelação do seu caso. O dever dos homens é o de ajudá-lo, então, a optar por uma operação que torne a sua vida normal.

UMA ESCOLHA DELICADA — Escolha difícil. O chefe do serviço de endocrinologia de um grande hospital parisiense conta esta desoladora história: Há alguns anos suprimiram de um intersexuado os ovários... que uma simples operação teria tornado utilizáveis; a seguir tentaram estimular as glândulas masculinas pràticamente degeneradas. Assim transformaram, a fôrça, uma quase-mulher em um falso-

homem, que, incapaz de encontrar o sentido profundo de sua personalidade, entregou-se ao álcool.

Atualmente, os cirurgiões se esforçam por cercar tais operações de um máximo de garantia: exames múltiplos, análises de sangue, radiofrafias, etc. Além dessas precauções clínicas, uma série de testes psicológicos permitem descobrir a tendência feminina ou masculina da mentalidade.

Sòmente então começa a intervenção. Trata-se, de uma parte, de extirpar as glândulas consideradas indesejáveis e suas anexas. A seguir, de completar a estrutura das glândulas do gênero sexual escolhido; a estas, quase sempre, falta uma parte dos seus canais excretores (canais *deferentes*, etc.). Também, muitas vêzes, é preciso melhorar o aspecto exterior. Mas se o ser está condenado a permanecer estéril, o cirurgião procura dar ao mesmo o benefício das secreções internas, necessárias ao seu equilíbrio orgânico e também a possibilidade de se unir a uma pessoa do sexo oposto.

Há em tudo isso uma série de operações de cirurgia plástica, tôdas bastante longas, delicadas e múltiplas, que devem ser completadas por centenas e às vêzes milhares de injeções de hormônios, destinadas a movimentar o mecanismo funcional.

Por tudo isso se verifica que, no estado atual da ciência, se não é possível trocar o sexo de um embrião humano nem mesmo de um adulto — e nada permite pensar que tal coisa seja jamais desejável — pelo menos as espantosas descobertas biológicas em curso permitem reparar certos erros da natureza. E, mais ainda, permitem penetrar cada dia mais profundamente no estudo dêste milagre que é a vida. (Segundo os trabalhos de Constantin Brive e Jean-Claude Soum, Mme. Vera Dantchakoff (Le Sexe), Etienne Wolff, professor de Embriologia Experimental da Universidade de Strasburg (Les changements de sexe) drs. Sainton, Simonnet e Brouha (Endocrinologia clínica, terapêutica e experimental), Hans Selye (Text Book of Endrocrinology).

ESCOLA TÉCNICA PROFISSIONAL

Procura pessoas diplomadas ou não diplomadas em Contabilidade e Corte e Costura para criação de filial em sua cidade. Condições vantajosíssimas. Ensina por correspondência: Auxiliar de Escritório, Correspondência Comercial, Beleza Feminina, Cultura Geral, Profª de Corte e Costura, etc. Peça informações em FEIRA GRANDE — ALAGOAS



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página 60)

Ràpidamente, molhou uma esponja e ensaboou o lado interno das vitrinas. Depois, com o dedo, traçou as palavras: PARA ALUGAR. Barricando a porta, sentou-se, nervosamente. Daí a poucos instantes, ouviu os assaltantes que se aproximavam... e passavam adiante, desinteressados pela loja vazia.



BANCO DO COMÉRCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O MAIS ANTIGO DO RIO DE JANEIRO

Capital	Cr$ 90.000.000,00
Reservas	Cr$ 80.583.748,70

Matriz:
RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Tel. 43-8966

AGÊNCIAS:

Distrito Federal:

COPACABANA	— Av. Copacabana, 1.155
MÉIER	— Rua 24 de Maio, 1.355
S. CRISTÓVÃO	— Rua S. Luís Gonzaga, 45
TIJUCA	— Praça Saenz Peña, 9
URUGUAIANA	— Rua Uruguaiana, 7
RIACHUELO	— Rua Riachuelo, 387

Estado de S. Paulo: S. PAULO — CAPITAL

TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
INCLUSIVE CÂMBIO

SEÇÕES ESPECIALIZADAS PARA
GUARDA DE TÍTULOS E VALORES

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: Dr. LAVRUD — Secretário DABLIÚ — Ano XXXVIII — N.º 3 — agôsto — 1954
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyrassu, Monossílabos Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção

3.º TORNEIO
JULHO A SETEMBRO

ENIGMAS

— 55 —

Se na casa do Agenor
Eu **Auxílio** encontrar
É certo que nós dois vamos
Em seguida, farrear - 8 letras

Cydar

— 56 —

Estava eu com Maria
Quando sua prima Vera,
Com um pau, se divertia
Batendo numa pantera

Maria, branca de mêdo,
Gritou ao notar a fera
Irritada com o brinquedo:
Onde está a "**primavera**"?

Tonnew (Rio)

— 57 —

Lá em apartado canto
Onde formei o meu ninho
Verti copioso pranto
Pela perda dum carinho
Hoje, sòzinho, sem sorte
Não desejo outro **dote**

Mavícaro

— 58 —

Foi "Zé-Pescado" quem disse:
— Cação, robalo e tainha
Não se comparam à sardinha!
Onde se viu tal tolice?
"Zé-Pescado" quis dar gôzo
Sem exame **rigoroso**.
Onde?

Alô **Tropina** C.E.C. (Rio)

— 59 —

Entrou no bonde da Lapa,
Uma "dona" bem vestida
Com a **soberba** estampada
Na cara já conhecida.

Uedath (Fonseca-Niterói)

CHARADAS CASAIS

60 — Três — O **indivíduo** velhaco vem montado numa égua pequena, mas **forte**.

Anchieta R. P. (São Paulo)

61 — Três — Ela foi **envolvida** num caso **complicado**.

Bisilva (Manaus)

— 62 — Três
Morre um homem obscuro...
Não há chôro nem carpido;
Lançado no fôsso escuro,
É para sempre **esquecido**.

Bereco G.C.N. (Recife)

63 — Três — Para **mulher** esquisita, homem **cruel**.

Anchieta R. P. (São Paulo)

64 — Três — Prisão não é castigo para um **predestinado**.

Cysneirense (Muriaé)

65 — Três — Com um pau que não é tôrto impedi a passagem do gado pelo **caminho estreito**.

Cysneirense Jr.

66 — Três — Quem **desce** de **um bonde em movimento** é **soldado de ronda noturna**.

Dr. Legnar (Urupés S. P.)

67 — Duas — **Murro** de mestre foi o daquele "boxeur", acertando em cheio a **cabeça** do adversário.

De Souza G. T. (Rio)

68 — Duas — Quem não **acha graça em um caçador inexperiente?**

Edur G. Monteiro (Cuiabá)

69 — Quatro — Desta **vez** o assunto foi **resolvido** a contento de todos.

Gil Virio (Andradina)

70 — Três — Pelo **bom comportamento** não se **tortura** ninguém.

Malba Tantan P. S. (Santos)

71 — Três — **Estrangeiro** em **geral** que vem para o Brasil sempre fica **rico**.

Mavícaro

72 — Quatro — Aquêle que se **intitula** sabido é o tal que tem **cognome**.

P. Del Debbio C.E.P. (S. Paulo)



INSUFICIÊNCIA RENAL

Para uma boa saúde, é indispensável que tenhamos os rins em perfeito funcionamento. Quando isso não acontece, as impurezas e toxinas que deviam ser por êles eliminadas pela urina, permanecem no organismo, causando-nos sérias dores.

É por esse motivo que as Pílulas De Witt, altamente recomendáveis no tratamento dos rins, normalizando o seu funcionamento, facilitando, também, o trabalho do aparelho urinário, são de comprovada eficiência, nos distúrbios provenientes do mau funcionamento dos rins e irregularidades urinárias.

Pilulas DEWITT
Para os Rins e a Bexiga

73 — Três — Às vêzes adorno o meu altar com bonina, olga, cravo e muitas rosas.

Roama (Guapiaçu)

---

74 — Sete — Esta matrona supersticiosa tem um filho dado a etiquêtas diplomáticas.

Tonnew (Rio)

---

75 — Três — Ladrão ágil não perde oportunidade.

Uedath (Niterói)

LOGOGRIFOS

— 76 —

Você prova o que alega
5-1-2-3-1-5
Resolvendo êste embaraço;
5-4-5-8-9-10
Quebre a cabeça, colega,
2-3-1-5-8-2
Faça "Fôrça" (*), como eu faço.
6-7-10-8-5

Não dê cavaco, use o tino,
2-3-4-7-8-9-5
É só isto que lhe peço,
2-3-4-7-8-9-5
Pois em trama de menino
Nem querendo eu tropeço.
(*) verbo

Bereco G.C.N. (Recife)

— 77 —

NÃO SOU CANTORA...

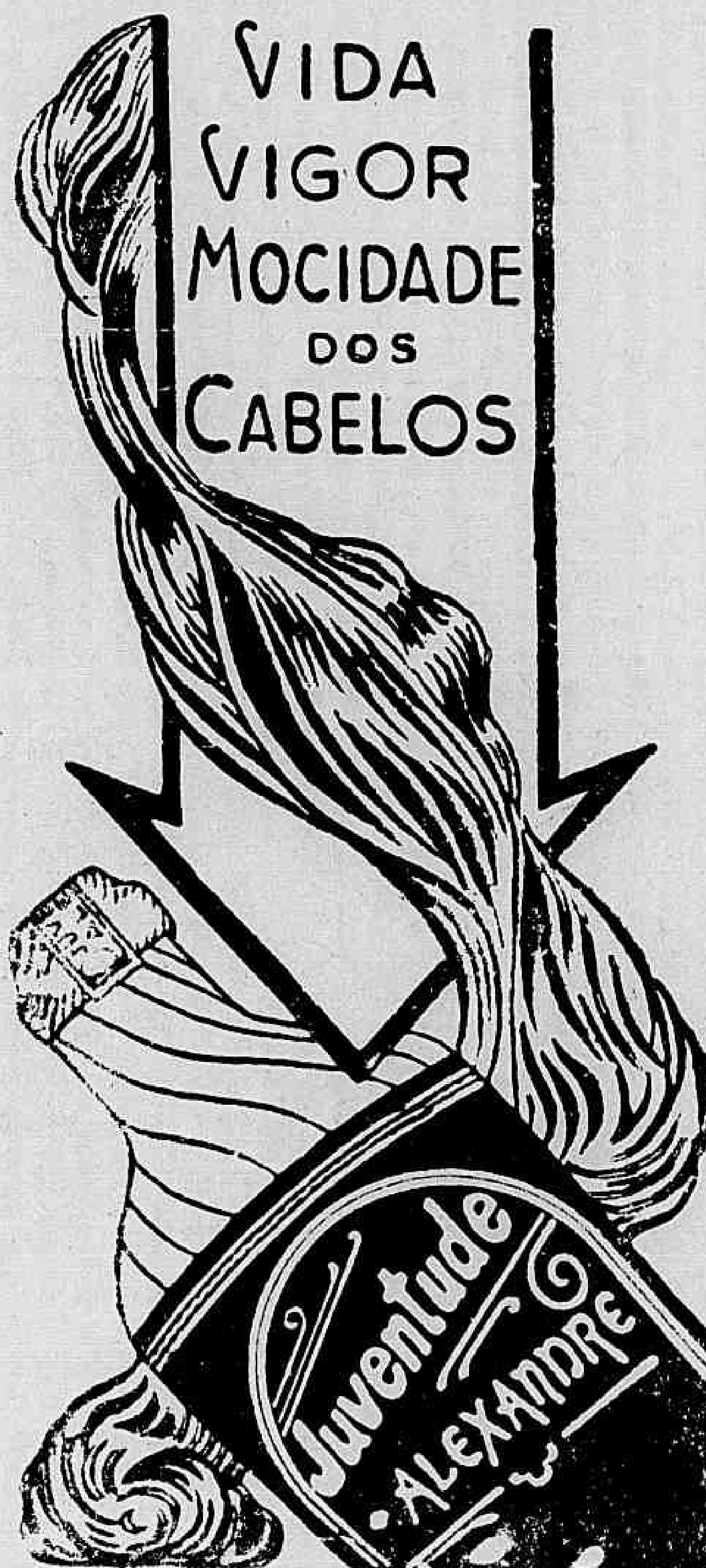
Não sou cantora, mas, se fôsse, [um dia,
Um poema de amor eu cantaria, 2, 1, 2
A figueira da tua adoração!
Cantaria seus dotes de beleza,
E êsse talhe sublime de Nobreza, 10, 4
Que a fêz rainha do teu Coração 7, 10

Quando ouvisses de tarde a pas- [sarada,
Trinando num vaivém, alvoro- [çada,
Entre a folhagem da figueira [amiga, 3, 5, 6, 8, 9, 10
"Junto" ao canto feliz de ala- [cridade, 10, 9
Numa voz repassada de saudade,
Ouvirias também minha cantiga.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)



JUVENTUDE
ALEXANDRE



CHARADAS SINCOPADAS

78 — Três (duas) — É necessário ter ânimo, ter energia para lutar contra a adversidade.

Beatriz Cardoso (S. Paulo)

---

79 — Três (duas) — Viajando, não me preocupa a bagagem.

Cysneirense Jr. (Muriaé)

---

80 — Três (duas) — Por ser belicosa a mulher entrou na luta.

Anchieta R. P. (São Paulo)

---

81 — Três (duas) — Caçador que se perde num capinzal é um basbaque.

Bereco (Recife)

---

82 — Três (duas) — Um sujeito sabido logrou o pobre parvo.

Beatriz Cardoso (S. Paulo)

---

83 — Três (duas) — Usar roupa fora da moda é tolice.

Cysneirense

---

84 — Três (duas) — A malícia é dura como a rocha.

Dr. Legnar (Urupés-S. P.)

---

85 — Três (duas) — Desmemoriada pela velhice aquela senhora não mais conhece as cartas que joga.

De Souza T. G. (Rio)

Ao velho amigo Bisilva

86 — Três (duas) — O brigadeiro irá falar hoje sôbre a primeira viagem que realiza sòzinho o aluno de pilotagem aérea.

El Príncipe (Uberaba)

---

87 — Três (duas) — A semente da uva é agradável.

Emidlej A.C.C.B. (P. Alegre)

---

88 — Três (duas) — Os cidadãos romanos eram livres porque defendiam o direito.

Plapece (Salvador)

---

89 — Três (duas) — Diz o padeiro que lhe dá um lucro compensador o fabrico de pão de milho e centeio.

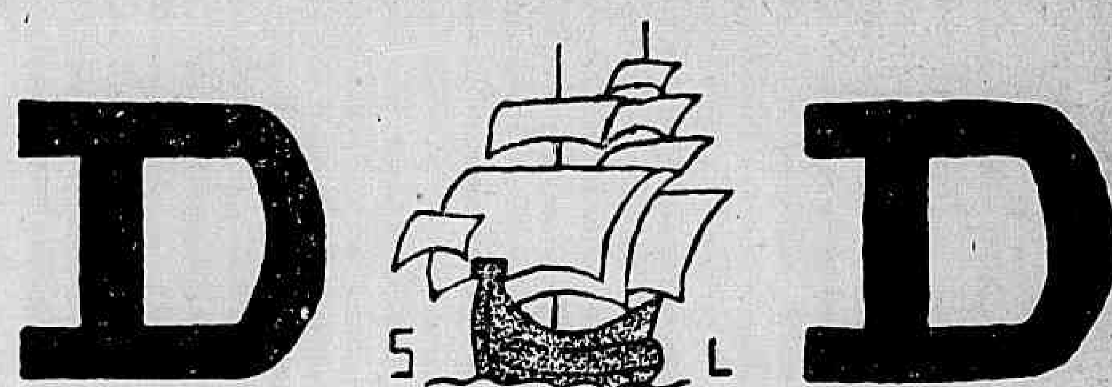
Farani A.C.C.B. (Salvador)

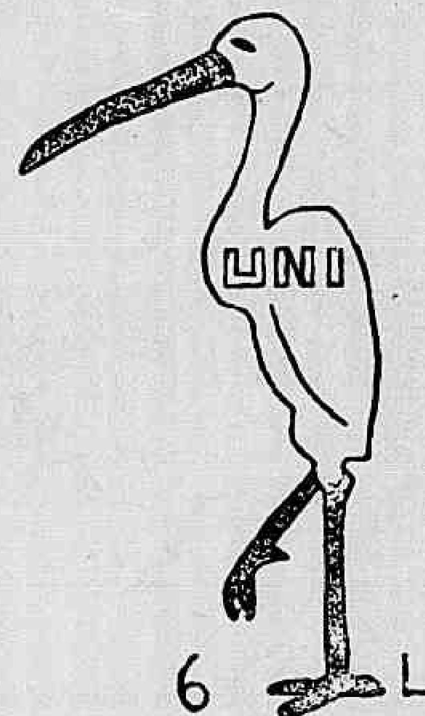
ENIGMA FIGURADO — 108



Roama (Guapiaçu)

ENIGMA PITORESCO — 109





Radge G.C.N. (Recife)

90 — Três (duas) — A raivosa sofre de ira.

Fiote (Cuiabá)

91 — Três (duas) — Dentro de quarenta dias pagarei a minha prestação.

Gil Vírio (Andradina)

92 — Três (duas) — A prudência e a coragem afugentam o terror.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

93 — Três (duas) — Atravesse na faixa, não se constranja.

Jovaniro (Rio)

94 — Três (duas) — Pela amizade de parente muito próximo sempre sofro prejuízo de dinheiro.

Ismênia (Recife)

CHARADAS ANTIGAS

— 95 —

Diante da declaração - 2
Dessa mulher sem recato
Não se exalte; talvez não - 2
Passe de simples boato.

Gomes Júnior C.E.C. (Maceió)

— 96 —

Eu que pouco namorei,
Diz o Rui - não me escapei - 3
De casar, isto é da vida.
Mas tenho mulher sincera
Que em mim confia e venera - 1
Nosso lar. É decidida!

Jovaniro (Rio)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

97 — Duas — duas — Eu furto, acredite, e depois fujo pela trilha através da caatinga.

Cydar



É TÃO FÁCIL GANHAR CR$ 1.000,00

Não deixando de ter em casa o melhor para os móveis

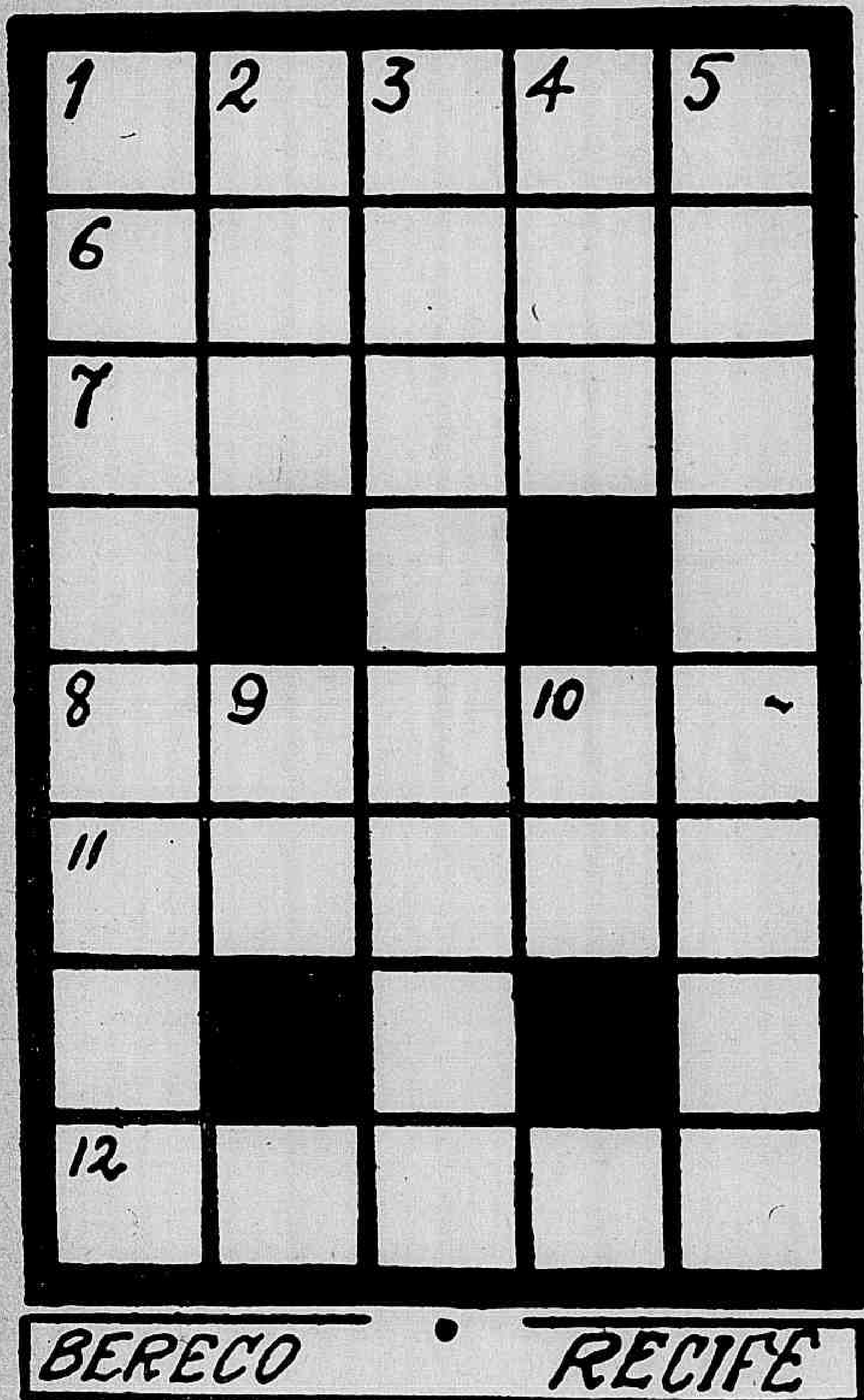
Óleo de Cedro

Se a senhora ainda não experimentou êste produto, experimente-o que jamais deixará de usá-lo, estamos absolutamente certos.

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA» TODOS OS DOMINGOS NO «RADICAL» E AS SEGUNDAS-FEIRAS NO «CORREIO DA NOITE»

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 3

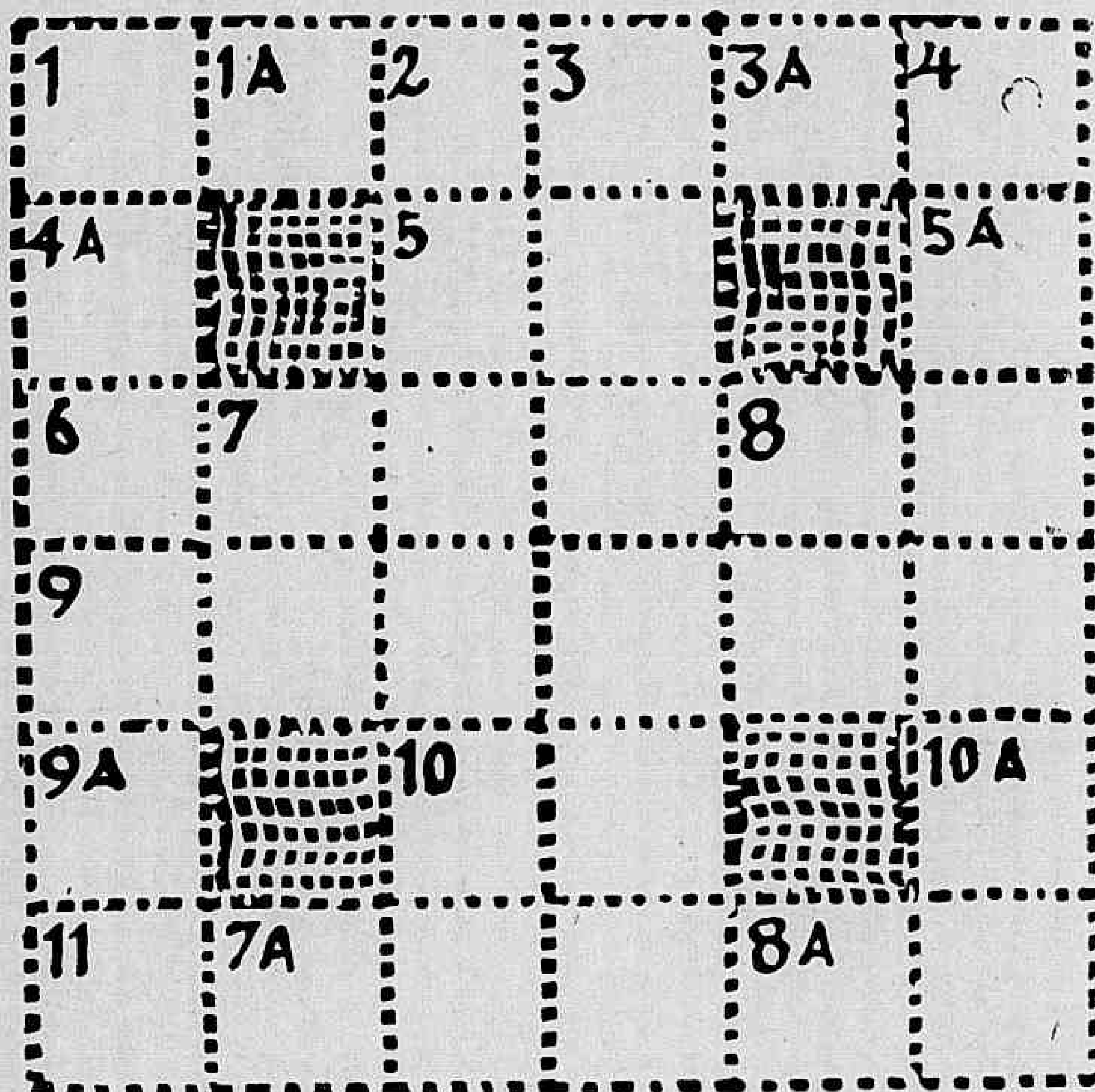


Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

Horizontais — 1 — Nome de duas árvores da família das leguminosas; 4A — Primeira; 5 — Viração; 5A — 160 entre os romanos; 6 — Que tem rabo; 9 — Causaram pena; 9A — Lá; 10 — Porque; a que; 10A — Na notação gregoriana representava o si; 11 — Decisão eivada de absolutismo.

Verticais — 1 — Antiga moeda da Índia Portuguêsa; 1A — O mesmo que "an"; 2 — Violino; 3 — Animal carnívoro da família dos mustelídeos (pl); 3A — Partícula protética expletiva; 4 — Relacione; 7 — Contração; 7-A — Terceiro; 8 — Bate; 8A — Êsse.

PROBLEMA N.º 4



Bereco (Recife)

Horizontais: — 1 — Fim, têrmo; 6 — O mesmo que ousio (pl); 7 — Nome de mulher (pl); 8 — Gotejais; 11 — Tecidos; 12 — Emendar.

Verticais — 1 — Diálogo entre marido e mulher (pl); 2 — Muito; 3 — Dar muitos estatos; **4 — Cidade da Índia Portuguêsa**; 5 — Assistente; 9 — Int. exprime espanto, admiração; 10 — vogava.

---

98 — Duas — uma — Um **mulato** me vendeu **com** muita má vontade um **filhote de pirarucu**.

Beatriz Cardoso (S. Paulo)

---

99 — Duas — duas — Devido ao vento a **vara que ao podar** se deixa rente à terra, não é **mentira**, ficou em constante **vaivém**.

Cydar

Ao meu pai Cysneirense

100 — Uma — uma — uma — **Se não** entregar-me o **anel**, direi ao **anjo custódio**.

Cysneirense Jr (Muriaé)

---

101 — Duas — duas — Achei um **relógio ordinário** de "**mulher**" no **vale entre duas coxilhas**.

El Príncipe (Uberaba)

102 — Duas — uma — É uma coisa **medonha** lidar com **homem velhaco** e aturar a sua **impertinência**.

Emidlej A.C.C.B. (P. Alegre)

---

103 — Uma — uma — **Depois** de **escrever** a composição literária fui obrigado a **adiar** a sua publicidade.

Farani A.C.C.B. (Salvador)

104 — Uma — três — Ora pois, a **trigueira** levou uma **repreensão severa**.

Fiote (Cuiabá)

---

105 — Uma — duas — Sem coragem para fazer o **curativo** fiquei **perplexo**.

Gomes Júnior C.E.C. (Maceió)

---

106 — Uma — três — Com castigo **corporal** foi **atirado** às grades por ser **pessoa servil**.

Joleno (S. Paulo)

---

107 — Uma — três — Com enrêdo e **intriga** ninguém alcança boa **reputação**.

Jofralo E.E. (Lisboa)

Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

3.º TORNEIO DE 1953

DECIFRADORES

Totalistas: Janota, Julião Riminot, Seamva, El Príncipe, Sertanejo II, Gil Vírio, Malba Tantan, Ronega, Buridan, Mr. Trinquesse, Anchieta, Gorgonhe, Santorum, Coringa, Emidlej, Farani, Odnanref, Ziul, Oicaroh, Dom Roal Durmel, P. Del Debbio, Cysneirense, Cysneirense Júnior, Milon, Dr. Zinho, Asclepios, O Sineiro, Nostradamus, Cantagalo, Breque, Agagêcê, Pompeu Júnior, Sefton, Pati, Bigi Neto, Alguém Édipo, Envergonhado, Jocati, Lujoca, Varetas, Ruvina Ordisi, Asil, R. Said, Violeta, Donatila Borba, Plá, Lutércio, Nilva, Agabê, Arpetra, Katia, Lerocha, Lupe, Oidaleh, Thelma, Alô Tropina, Jasbar, Zigomar, Jota, Latônio, D'Avila, Valério, Vasco, Marcos, Botucarahy, Juca Pirolito, O. Janz, Gomes Júnior, K. Nivete, Dr. Barreto Cardoso, Ecebê, Alvasco, Dopasso, Bisilva, Jayreis, Conde de la Fère, Cartos, De Souza, Lidaci, Paraná, Sinhô, Mardel, Yvelise, Debrito, Segon, Paulistinha, Eva Dio, Iza Abel, Heron Silpes; Sérgio Patrício, Roama 154; Nomísio Nuno Marcimento 153; Iris 109.

PALAVRAS CRUZADAS

Não concorrem: **Oicaroh, Durmel** e **Don Roal**.

Mme. Paulette — Só palavras cruzadas.

DESEMPATE DOS LUGARES

3.º Torneio de 1952

1.º lugar — Nami (Santos); 2.º — Roama (Guapiaçu); 3.º — Dr. Barreto Cardoso (Maceió); 4.º — Íris (Teófilo Otoni).

Palavras Cruzadas — 1.º lugar — Édipo (Lisboa); 2.º — Bigi Neto (Rio).

4.º Torneio de 1952

1.º lugar — Sertanejo II (Lavras); 2.º — Dacosta (Pompeu-Minas); 3.º — Sertaneja (Rio).

Palavras Cruzadas — 1.º lugar — Acobar (Maceió); 2.º — Farani (Salvador).

ALMANAQUE EU SEI TUDO de 1953

1.º lugar — Conde de la Fère (Salvador); 2.º — Valério Vasco (Pará de Minas); 3.º — Carsioli (Angico de Mairé - Bahia).

Palavras Cruzadas — 1.º lugar — Gumercindo Leite (João Pessoa Pa); 2.º — Oarcim (Rio).

1.º Torneio de 1953

1.º lugar — Milon (Recife); 2.º — P. Del Debbio (S. P.). **Palavras Cruzadas:** 1.º lugar — Lutércio (Rio); 2.º — Ordise (Lisboa).

2.º Torneio de 1953

1.º lugar — Lord (Goiânia); 2.º — Ralvo Ilvas (Cabo Frio); 3.º — Tencel (Rio).

Palavras Cruzadas: 1.º lugar — Yvelise (Rio); 2.º — Mme. Paulette (Rio).

3.º Torneio de 1953

1.º lugar — Donatila Borba (Creciúma, S. Cat.); 2.º — Marcimento (S. Paulo).

Palavras Cruzadas: — 1.º lugar — Paraná (Rio); 2.º — Asil (Salvador).

CORRESPONDÊNCIA

Mavicaro (Recife) — Será feita a sua vontade.

J. D. Mingo (Senhor do Bomfim, Bahia). Gratos pela colaboração.

Uedath (Niterói) — O bom filho à casa torna. A sua ótima colaboração bem mostra que o confrade-amigo está sempre em forma.

Conselheiro (S. José de Mipibu) — Acabou-se o estoque.

Dr. Barreto Cardoso (Maceió) — Mande colaboração.

José Coelho Vieira (Maceió); **Eduardo Beloti Filho** (Franca, S. Paulo). Inscritos para todos os efeitos.

Don Ruy (S. Paulo) — Idem, idem na mesma data. O figurado está ótimo.

Telefone (Juiz de Fora) — Escrevemos a Tertúlia Edepica, de Lisboa sôbre o dicionário de sinônimos. Aguardemos.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor.

DR. LAVRUD

CARTA DE UMA FÃ

(*Continuação da página* 11)

E se lembrou do aforisma: "Nunca mostre aos outros que está ansioso". Se não aprendeu isto em Hollywood, aprenda-o agora.

Mas a verdade era que êle tinha que fazer alguma coisa e devia ser sem demora. Em face de qualquer fato sensacional, como um milagre, a gente o celebra a champanha, dança, joga coisas pela janela, dá tiros para o ar... Enfim, celebra-se o acontecimento. Não havia dúvida que a coisa era divertida. Não havia nenhuma champanha a encher as taças; mas o assunto interessava tanto a êle quanto a Carol. Teria que escrever-lhe agradecendo, e ela podia registrar o caso em seu diário. Tomou a decisão de telefonar.

Owen apanhou o catálogo telefônico e procurou o nome e o endereço da fã inesperada. Estava nervoso ao discar o número.

— Sim... — disse uma voz feminina.

— Miss Carol Vaughn? — perguntou êle, procurando falar com voz bem clara.

— Ela mesma. Quem fala, por favor?

Owen sentiu que falava com uma jovem que tomava lições de arte dramática.

— Aqui é Owen Thatcher — respondeu.

Owen não fêz nenhuma idéia do que de enfado, gesto de incredulidade ou qualquer coisa semelhante? Mas a jovem continuou:

— Penso que isso se relaciona com aquela carta, não é? É com prazer que vejo ter a mesma chegado ao seu poder. Confirmo sinceramente o que disse na mesma.

Owen se mostrou muito lisonjeado e apresentou seus agradecimentos e se mostrou desejoso de significar-lhe seu reconhecimento pela gentileza da moça. Olhou o relógio e lhe falou:

— São seis da tarde agora. Se não tem compromissos para esta noite e pode dar-me o prazer de ser minha convidada, poderei telefonar-lhe às oito, para irmos a um teatro, jantar e, se possível, até dançar. Isto — esclareceu êle, cautelosamente — se seus pais concordarem.

— Sem dúvida, que êles concordarão — respondeu ela, alegremente.

Nesse instante, Owen percebeu que ela dizia, falando à parte: "Oh! Mamãe! Por favor!" — E então tornou ela a falar-lhe: Meus pais não põem obstáculos e o esperaremos aqui.

— Bem, ouça... — tornou Owen, exaltado.

Mas a jovem lhe cortou a frase, dizendo:

— Isso é puramente formal, sem dúvida, não é, Mr. Thatcher? O senhor sabe, eu nunca usei meu vestido de noite no meio da semana. Acho isso fabuloso!

E êle a insistir:

— Bem, ouça... — e chegou a rir. — Também penso assim. Irei vê-la às oito.

Pôs o fone no gancho e respirou fundamente. Agora, tinha êle que providenciar uma série de coisas, a começar pelas entradas do teatro. Telefonou ao seu agente de negócios e pediu duas poltronas para o "Twilight Time". O agente estourou:

— Mas Owen, se eu pudesse obter cadeiras para "Twilight Time", eu as trocaria por urânio! As sessões estão vendidas por vinte anos, Owen! Você sabe que o que posso fazer, faço. Mas, isto é impossível!

Owen repetiu:

— Quero duas cadeiras para esta noite. E primeira fila, ao centro. Recebê-las-ei na minha caixa do escritório.

— Espero que faça um cálculo do quanto lhe vão custar, Owen!

— Não quero saber disso! Obtenha as entradas!

O agente suspirou: "Você deve ter encontrado coisa muito boa, para estar assim tão disposto, meu amigo!"

— Muito boa — respondeu êle. — A melhor do mundo!

Imediatamente telefonou a uma garagem e pediu um *Cadillac* para as sete e meia. Passou, em seguida, a rever uma lista dos melhores restaurantes, escolhendo o *Philippe's*, o mais luxuoso da cidade, ao qual telefonou mandando reservar mesa para duas pessoas, após o teatro. Quanto à dança, não era isto nenhum problema. Êle e Fay desde muito frequentavam o *Opal Room*, em St. Stephen, centro muito bom e elegante.

Ao lembrar-se de Fay, bateu com a mão na testa, como se houvesse algo errado.

Teria êle marcado encontro com ela para aquela mesma noite? Não tinha nenhum compromisso com ela. Fay era viúva, alguns anos mais nova do que Owen. Conheceu-a quando da morte de seu marido, que deixara um seguro de vida, apólice que Owen liquidara em ordem e com presteza. Muito simpatizou com ela; mas, sem maiores interêsses. Residia ela em bela casa de estilo antigo nos arredores de Queens, cuidava do jardim e ia sempre em visitas a uma filha recém-casada, além de cuidar de um filho menor matriculado num colégio. Era ainda conservada e atraente em casa, num "court" de tênis ou num salão de dança. Entretanto, às vêzes, Owen pensava em casar-se com ela. Sabia que Fay não o desdenhava e o receberia por espôso. Se assim fizesse, passaria a ser um velhote arquivado num casarão suburbano, a engordar e a tratar do jardim e da horta.

Para evitar surprêsas, Owen telefonou a Fay, dizendo-lhe que naquela noite não podia sair de casa. No dia seguinte a veria. Sentiu uma certa vergonha ao proceder assim. Mas Fay compreendia bem. Além do mais, ela ia jogar *bridge* com os Nelsons. Foi até boa previdência dêle comunicar-se com ela. O ligeiro remorso que sentira ao praticar aquela ação se esvaíra, ao pensar no encontro daquela noite.

Ao tomar o carro para o apartamento de Carol, começou a pensar numa possível decepção. Quem sabe se essa moça não era uma dessas colegiais feias, desajeitadas, com cara de homem, vestida com roupas da mãe? Ou, por outro lado, uma pessoa sem qualidades espirituais, que não sabe conversar, incapaz de fazer companhia a quem quer que fôsse? Um tanto impressionado por êstes pensamentos, tocou a campainha do apartamento da família Vaughn. Então uma senhora de pequena estatura, já com alguns cabelos brancos, olhar de curiosidade, abriu a porta.

— Oh! Sim... — disse ela, alegremente. — Tenha a bondade de entrar, Mr. Thatcher.

No interior, um cidadão nédio acompanhava programa de televisão. Ergueu-se molemente e apertou a mão de Owen com certa frieza.

— Muito bem — disse êle. — Lembro-me do senhor, desde os tempos em que eu e minha mulher frequentávamos o Tivoli. E riu. O senhor fêz grandes filmes. Excelentes filmes. Não fazem nada hoje, como os seus filmes, não acha?

Owen sentiu um certo rubor agradável.

— Não... Podem fazer, sim — respondeu, modestamente.

— Pois eu repito: não fazem!

E o sr. Vaughn sacudiu a cabeça como que para reforçar a opinião: "Não. Não podem fazer".

Depois, retemperando a garganta para melhorar seu timbre de voz, olhou o visitante como se desejasse estudá-lo melhor. Em seguida foi diretamente ao assunto:

— O que desejo saber do senhor, é sôbre êste convite a Carol. Eu não vejo...

Mas, a mulher interrompeu:

— Walter!

E êle repetindo:

— Eu não sei...

Pelo que parecia a Owen, Carol não iria aparecer tão cedo. Havia coisas a acertar com o velhote. Contudo, a situação ia definir-se naquele instante.

Miss Carol surgiu na sala, trajando belo vestido rosa e cinza, cabelos negros muito bem penteados, rosto altivo e uns belos olhos. Sua estatura é alta e bem disposta, como a de um atleta em boa forma. Havia um halo de luz em seu todo, essa luz da juventude, o que fêz Owen pensar na idade que já tinha diante de tão aprazível adolescente.

Então, de surprêsa em surprêsa, Carol atirou-se à sua mãe, beijando-a, depois beijou o pai, e, com estouvamento, lançou-se a Owen, enlaçou-o com um braço e arrastou-o para a porta de saída com tanta sofreguidão, que chegou a tropeçar nos próprios pés.

— Carol! — bradou o sr. Vaughn quando já a porta se fechava às costas do par que saía.

— Depressa! — disse ela, puxando Owen e descendo ambos ràpidamente as escadas.

O astro do cinema silencioso se sentia como se fôsse algum criminoso arrastado pela polícia. Logo que chegaram ao carro, entraram e êste se pôs em movimento.

Carol respirou mais aliviada e fitou Owen com um pálido sorriso.

— Eu convenci a mamãe, disse ela; mas não sei se consegui o mesmo do papai. Creio que êle ia submetê-lo a longo interrogatório, estabelecendo-se então um testa a testa completo. Não tolero tais tais conversas. Você aguenta isso? Eu sei o que ia êle dizer, pois estou habituada a ouvir isso sempre.

— Sôbre o quê?

— Oh! Sôbre coisas impulsivas, as mais das vêzes. Sou terrìvelmente impulsiva, e meu pai é muito enérgico nessa coisa de *loucuras de anjinhos de idéias que não deixam rastro...*

Carol se estendeu em considerações filosóficas de uma pessoa normal, porém cheia de idéias complicadas. E terminou as considerações com esta pergunta:

— É terrìvelmente irônico, não acha?

Owen sentiu que tinha diante de si um caso sério, mas que o tempo não seria perdido.

"Twilight Time" era a peça mais aplaudida pelos críticos.

Carol assistiu ao desenrolar dos atos com muita atenção e comentou tudo, no intervalo, com inteligência e bom-senso. Quando voltaram às poltronas, ela lhe disse: "Muita gente aqui o conhece, não é mesmo?" — E continuou: "Penso isso pela maneira por que muitos olham para você, como se quisessem cumprimentá-lo, mas receassem fazê-lo, por suspeitar que não seriam correspondidos".

Owen respondeu:

— Muita gente procura recordar-se de mim, lembrar-se em que lugar me viram, quem sou mesmo, e esperam que eu tome a iniciativa de falar-lhes.

Mas, pensou, triunfantemente, consigo mesmo: "Mas brevemente se surpreenderão comigo, se o Riordan contratar-me brevemente".

— Suponho — voltou Carol — que isso sucede a qualquer astro famoso que se retira da cena por muito tempo. E isso não deixa de ser até encantador, isto é, traz uma espécie de clarão memorativo, de maneira que estamos sempre sob o foco de observação do povo. Penso que também caminharei para isso.

— Depois que você terminar sua carreira como artista — disse Owen, gravemente.

Ela o mirou com delícia:

— Como sabe que eu desejo ser uma artista?

— Oh! Fàcilmente. Há muitos meios de saber-se uma coisa.

Quando chegaram ao *Philippe's*, Owen lhe afirmou que, se ela se dedicasse com afinco à arte, chegaria a ser uma grande artista.

Carol respondeu que estava disposta a isso. O seu curso secundário terminava naquele mesmo ano, mas, em seguida ia cursar a Academia de Arte Dramática, a dança, não vendo como poder terminar aquilo. Não acho que seja necessário tanto estudo.

— Não é.

— Você praticou antes no palco?

— Não. Comecei logo nos estúdios de Hollywood. Meus pais tinham sua residência a uns cinco minutos de Hollywood. Eu entrei no cinema porque estava interessado nisso.

Carol colocou os cotovelos sôbre a mesa e apoiou o queixo nas mãos.

— Como foi o comêço no cinema?

— Árduo. Muito árduo. Trabalhei duramente. Primeiramente fazendo pontinhas, fôsse para que filme fôsse. Sofri muito, suportanto papéis duríssimos. Mas o que eu desejava era mostrar aos produtores que eu estava mesmo disposto a lutar. Muitas vêzes trabalhei doente, mas desempenhava o papel com exatidão, e só deixava o serviço quando tudo estava realizado. Depois tudo se tornou muito bom; mas, durante muito tempo, eu não sabia se conseguiria vitória.

— Mas, por fim saiu triunfante — disse Carol.

O garção colocou diante dela uma travessa cheia de ótimos acepipes, enquanto punha diante de Owen um prato de salada bastante modesto.

— Só é isso que vai comer? — perguntou ela, com inflexão de voz cheia de surprêsa.

Owen olhou a salada com ares de quem não está com apetite e respondeu:

— Só.

E Owen, como que à espera daquele instante para revelar a grande notícia, a *bomba* que guardava oculta, lhe disse:

— Como sabe, o estúdio prefere assim. Eu estou a caminho de Hollywood para voltar a filmar.

Carol fixou-o com surprêsa, o garfo no ar.

— Volta a filmar?

— Sim — respondeu êle. — E foi a sua carta que motivou isso. Por seu intermédio um amigo meu do estúdio se lembrou de mim e me escreveu sôbre minha volta à tela. Por isso eu desejei agradecer a você êsse milagre.

A jovem baixou lentamente o garfo até à mesa.

— Mas... por que deseja voltar ao cinema? É um importante papel?

— Não — disse êle, algo desconcertado. — Não é. Realmente, terei que recomeçar tudo novamente.

— Então você não pensa bem — disse ela, corajosamente. — E acho mesmo que você vai cometer um grande êrro.

Carol era uma criança para a idade de Owen. Ela não podia comprender aquilo, pensou êle com seus botões. Mas não pôde evitar que uma onda de calor lhe subisse às orelhas, e suas mãos passaram a tremer tanto, que êle teve que cerrar os punhos para ocultá-lo.

— Acha isso? — perguntou êle, fazendo esfôrço para pronunciar estas palavras.

— Sim, porque isso é a mesma coisa como sucede a meu pai em futebol. Êle jogou no colégio. Tornou-se astro. Experimentamos grandes contentamentos; êle conquistou medalhas e troféus. Foi aclamado. Tudo muito bem. Mas, algumas vêzes, quando no outono êle vai ao parque e treina com alguns jovens, é uma decepção. Já não pode fazer jogos como realizava debates, e com isso fica irritado. E ninguém se atreve a explicar-lhe por que isso se dá: está velho.

— Mas eu julgo que se poderá dizer-lhe a coisa certa — respondeu Owen, imparcialmente. — Mas — continuou — se você julga que a arte de representar é uma forma de exercitar-se em futebol, precisa ler muito ainda sôbre arte de representar.

Ela o fitou com espanto e enrubesceu.

— Eu não tive intenção de dizer isso. Vejo que cometi deplorável engano. Desculpe-me.

Owen insistiu:

— Tem você a impressão de que a arte de representar é o mesmo que jogar futebol?

Carol sacudiu a cabeça negativamente.

— Claro que não. Mas não vê, sr. Thatcher — e ela reuniu tôda a sua energia para dizer isso — que o que fêz naqueles filmes não era, realmente, uma *representação*?

— Oh! — exclamou êle, perplexo.

— Não, não era — prosseguiu ela, desafiadoramente. — Quando eu o vi naqueles filmes, achei-o mais *pessoal* do que intérprete. Você era você mesmo. Alegre, temerário e forte, capaz de empolgar a todo mundo. E não sei se haverá alguém que possa ser o que você foi naqueles filmes.

— Obrigado.

— Isso é o mesmo que se dá com um herói do futebol — falou Carol, com muita coragem. — É alguma coisa que você não poderá mais fazer por tôda a sua vida.

Êle estava com uma resposta pronta e decisiva para aquela jovem de convicções francas. Mas uma coisa o desarmou. Havia um espelho por trás de Carol e Owen se refletia nêle. Também havia um em seu *living-room,* diante do qual a carta de Riordan o levou para julgar-se, havia pouco.

Owen mirou-se naquele espelho. Com a velha espada cinematográfica na mão, êle a esgrimiu, lançando golpes como um Don Quixote em busca de triunfos. Em busca de quê? Em busca de sua mocidade. Em busca de certificar-se de que o tempo não o havia atingido, que nada tinha mudado, que êle continuava a ser o que fôra há tantos e tantos anos! E êle encontrara essa certeza, porque no seu espelho, só enxergava o que desejava ver.

Mas êsse espelho estava sendo desmantelado por miss Vaughn e passava a mostrá-lo como ela o via. Não como ator. Um audaz que já perdera sua audácia. Um cidadão envelhecido, com ares de paternidade e que mastigava sua saladinha com intenção de manter sua forma elegante. Um próspero homem de negócios,

que desfrutaria melhor seu trabalho se não fôsse obcecado por uma idéia de reviver sonhos de vinte-e-três anos passados.

Êle viu tudo isso; viu o seu sonho despedaçar-se, como as peças frágeis dos *sets* armados nos estúdios, cujos fragmentos não chegam a encher uma mão. Owen olhou-a com outros olhos e a expressão de sua fisionomia era tão diferente e estranha, que êle se surpreendeu com o espanto da moça. Sorriu. Riu de tudo o que estava a pensar.

— Que é que há? — perguntou ela.

— Está com um ar tão esquisito!

— Oh! Estou muito bem!

— Mas êsse ar com que me fitou...

— Sei. E prosseguiu com voz pausada: Eu devo estar com muita fome. O remédio é pedir algo mais substancial e nutritivo, assim como você o fêz. Foi o que sempre comi aqui no *Philippe's*.

— Mas você disse...

— É exato. Mas mudei de idéia. Ou melhor, você a mudou por mim. Nada de Hollywood. Nem uma pitadinha só.

Carol sentiu hesitação. Sua opinião lhe pareceu culposa.

— Oh! Não! — gemeu ela. — Não deve renunciar por minha causa! É uma decisão irrefletida!

— Mas o fato é que já o decidi — afirmou o astro e concluiu com muita satisfação: E estou contentíssimo com isso.

E, na verdade, Owen estava satisfeitíssimo. Sentia-se como que iluminado espiritualmente e livre daquele pesadelo para o qual encontrara a necessária fuga. Que uma jovem como Carol o admirasse nas velhas perfórmances; que tantas outras moças e mulheres o aplaudissem. Não seria isso motivo para sonhos impossíveis. E passou a comer do que bem quisesse e gostasse; a beber quando lhe apetecesse; a fazer passeios a cavalo quando lhe dava na telha; a dar longas caminhadas se as pernas lhe não doessem; a fazer o que bem quisesse, de dia ou de noite. E o que era mais interessante: podia olhar-se ao espelho sem nenhuma sombra de mêdo. Se quisesse usaria óculos fora de casa, sem dar satisfações ao mundo.

E quando chegava à solene mansão da viúva de Queens, sentia-se como se estivesse em seu próprio lar.



VISÃO MUNDIAL — OS POVOS SE MOBILIZAM PARA O GENOCÍDIO — OS DILEMAS DA GUERRA

(*Continuação da pág.* 28)

empenham em conquistas exterminativas. O seu pensamento pode ser interpretado neste princípio doutrinário: "A guerra é o estado habitual do gênero humano. Para cada nação, a paz não é mais do que a expectativa". A filosofia viciosa, que acompanha a formação do espírito militar, abrange todos os aspectos morais. Assim, Alfred Moulin desaconselha o desarmamento da Europa, porque sem a artilharia e o fogo, o mundo europeu jamais poderá subsistir. Dupont White traspassa os limites da calma e da expectativa, diante dos busilis internacionais e manda desconfiar de tôda sabedoria, que propõe a deposição das armas, sob o pretexto de um direito novo entre os povos.

ESCRAVIZADAS PELO TEMOR, AS NAÇÕES NÃO OUSAM DEPOR AS ARMAS

A patologia ocidental evoluiu com a deformação da idéia do Estado, cuja vida se tornou inseparável dos armamentos. Pensadores de tôdas as categorias opinaram sôbre o tema das fôrças armadas. A idéia de suprimir os exércitos, formulada por alguns idealistas da fraternidade universal, só inspirou diátribes e sarcasmos dos peritos em história internacional.

Francisco Bouquet considera os exércitos como elementos sociais, cuja supressão importaria em mutilar o corpo social. A idéia da Europa desarmada, sem tanques e sem monstros navais, sugeriu a Alfred Moulin imaginosa visão, divertida e pa-

tética do panorama mundial. "Não percebeis a mesquinha China se tornar arrogante? Não ouvis o canhão dos Estados Unidos forçar a Inglaterra por antecipação a evacuar o mundo? Eis os negros armados, também êles que nos caçam da África e em tôda a parte corre o sangue de milhões de europeus, como imensas vesperais sicilianas! O embaixador do Japão dita lei em Paris e o do Chile insulta o orgulho espanhol! Os direitos da Alemanha são violados pelo todo-poderoso Brasil e se tentarmos sair dêste aviltamento, a coalição de quatro continentes nos esmaga e nos escarnece!".

Ninguém comprende dentro dos Balcãs, na Ásia ou na América, na Europa Central, no Canal do Panamá ou no Estreito de Gibraltar, uma civilização sem armas, porque suas culturas deformadas pelo espantalho das guerras não consegue se libertar do fetiche das batalhas. Através dos tratados internacionais, as potências se receiam, desconfiadas das suas ambições geográficas e dos seus vorazes imperialismos econômicos. Escravizadas pela desconfiança e pelo temor, as nações não ousam depor as armas e a guerra devasta o progresso.

O filósofo germânico Friedrich Wilhelm Nietzsche, cujo lirismo viril idealizou o símbolo do super-homem desumano, aceitava a luta pela existência como um fato irrevogável. "Atualmente, todos os Estados falam de legítima defesa, denunciou com rara penetração Nietzsche, admitem maus intuitos no vizinho e se vangloriam de boas intenções. Mas aí está uma desumanidade tão nefasta e ainda pior do que a guerra". Numa hora de clarividência, queria Friedrich Nietzsche que todos renegassem a doutrina do exército como meio de defesa tão categòricamente como os desejos de conquista. Nietzsche preferia antes "perecer do que odiar e temer, antes perecer duas vêzes do que se deixar odiar e temer". Nenhuma potência seguiria tal doutrina com o pavor do suicídio nacional e todos os estrategistas se voltam para a doutrina de que a necessidade supera o dever, anunciada pelo historiador Heinrich von Treitschke.

Eis a psicologia da mentalidade da guerra como estado natural do gênero humano e que explica os fracassos das conferências de desarmamento. O vício da especulação histórica propagou-se pelos povos de todo o globo, semeando a inquietação e a hostilidade universais. Hoje, nem as raças européias nem as raças asiáticas, nem os povos americanos saberiam depor as metralhadoras, renunciar aos foguetes atômicos, os gases asfixiantes, porque se desconfiam e porque se temem, mesmo no interior dos seus continentes. A perfeição do mundo civilizado provém da sua civilização homicida.

Na Conferência de Paz de Genebra, os estadistas incriminam-se sôbre as suas ganâncias econômicas e seus ideais estratégicos, enquanto nos arsenais se amontoam as bombas atômicas e bombas de hidrogênio, fórmulas de gases atacantes do sistema nervoso, foguetes orientados pelo radar, explosivos de gasolina gelatinosa, instrumentos de morte bacteriológica.

Reconhece o marechal Bernard Montgomery que a bomba atômica e a bomba de hidrogênio impõem a reorganização das fôrças terrestres e o reajustamento das soluções políticas. John Forter Dulles reaproxima-se do conceito rearmamento de Truman e o general Ridgway, apoiado nos cálculos do Pentágono, exige um orçamento de dez bilhões de dólares para as fôrças norte-americanas. Os Estados Unidos edificaram em Tule, a noroeste da Groenlândia, uma enorme base aérea e a União Soviética executa perfurações para instalar uma réplica de Tule, nas proximidades da Terra de Francisco José, ou em algum ponto obscuro da Sibéria. Bombardeiros com explosivos atômicos e de hidrogênio atravessarão o Pólo Norte, das bases groenlandesas e siberianas para decidir pelo morticínio global, a rutura de equilíbrio entre as potências, agora reunidas no Palácio das Nações em Genebra. Com os novos armamentos nucleares, as batalhas passarão a massacres coletivos e a Terceira Guerra Mundial anunciará o genocídio dos povos. Metrópoles que levaram séculos para se formar, poderão ser pulverizadas num segundo — o segundo da morte atômica.

EU SEI TUDO

Nº 447 — Ano XXXVIII Nº 3 — Agôsto de 1954

S U M Á R I O :

Carta de Uma Fã (Conto) 7
Nem Tudo Era Mau 12
Muito Trabalho 12
Aceita Um Cheque? 12
Vem da Vitamina a Salvação dos Fumantes 13
O Incorrigível Churchill 18
Veja-se... Como é Vista pelos Outros 19
Uma "Vovó" Como Poucas (Conto) 20
A Coisa, Agorá, Era Outra 22
Visão Mundial. Os Povos se Mobilizam Para o Genocídio 23
Esteja em Dia com o Mundo 29
Uma Arte Insigne que Retorna: O Guinhol e as Marionetes 30
Chapéus de Senhoras 35
Sim; Você Tem Colesterol... (Mas não se assuste!) 36
A Fôrça de Um Juramento (Romance, continuação) 39
O Colibri, Ave Americana (Policromia) 47
Eletricidade (Luz elétrica, só com esfregar — Faça um magneto — Uma bússola em um minuto — Magnetismo molecular — Volta, "volts" e... uma moeda — autógrafos AC e DC — Detetor "Sabido" — Armadilha Elétrica) 54
Descendente da Que Tragou o Profeta 59
Armas de Guerra 59
Um Carregador em Tóquio 59
Como Você Resolveria Isto? 60
Conselhos de Uma Quituteira 60
Estampas Norte-Americanas: O Trabalho e o "Hobby" 61
Todos Somos Homem e... Mulher (Os biologistas aprimoram a mudança de sexo artificial — Por que nascem meninos ou meninas? — Cada célula revela o sexo — Hormônios e sensualidade — Um acidente pré-natal — Intersexualidade provocada Um embrião nasce de pais... masculinos — Casos recentes e surpreendentes perturbaram a opinião pública e puseram em foco um problema tão velho como a própria vida — Uma escolha que nos parece muito delicada) 66
A Lei das Selvas e a Lei dos Homens (Os métodos de combate das feras) 71
Tratamento Completo (Conto) 78
Os Limites dos Direitos da Ciência Médica: Cobaias Humanas — Um problema angustiante 82
Por Trás da Porta Amarela (Romance, conclusão) 87
Nos Domínios da Gramática 98
Pequena Enciclopédia Popular — Olhando o mundo há 60 dias — Memento EU SEI TUDO — Junho de 1954 99
Charadas — Quebra-Cabeças 107



★

PUBLICIDADE PARA ESTA REVISTA EM S. PAULO: Tratar com W. Farinello, Rua S. Bento n. 220, 3º andar — Telefone: 32-1512.

CORRESPONDÊNCIA

Cosme Macedo (Sobral, Ceará) — O seu pedido será atendido pela gerência. Gratos pelas fotografias.

Ruy Santiago da Silveira (Campos, E. do Rio) — Já foi publicado em fascículos para ser formado em livro. É assunto ainda não resolvido pela administração, embora muito provável.

Luís Miguel Costa (Distrito Federal) — Vamos ler o seu trabalho. Não poderá ser aproveitado imediatamente, como deseja o amigo, pois que êste magazine é feito com grande antecipação e, portanto, na melhor das hipóteses, só mesmo para setembro ou outubro. Gratos por seu interêsse.

Olívia Alves (Jundiaí, S. Paulo) — Ao publicarmos artigos dêsse gênero, desejamos apenas divulgar os últimos avanços da medicina, firmados no que revelam os médicos e as sociedades médicas. No seu caso, conviria — antes — consultar um médico. De acôrdo.

Dr. Antônio Carlos Martins (Goiânia, Goiás) — O assunto, indiscutìvelmente, é de grande interêsse. Há alguns meses publicamos artigo a respeito em EU SEI TUDO, como já havíamos publicado no "Almanaque EU SEI TUDO" para 1954, embora sob aspecto diferente. Apesar de tudo, como o tema se desenvolve à proporção que avançam os descobrimentos, vamos estudar o seu trabalho com atenção, a fim de aproveitá-lo em próxima edição.

A CAPA: O Guinhol! As Marionetes! Eis uma arte insigne, que retorna, para alegria dos pequeninos — e já agora também dos adultos. Suas origens? Muito antigas e curiosas. Vejam o artigo à página trinta da presente edição.